



**unioeste**

**Universidade Estadual do Oeste do Paraná**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - *CAMPUS* DE CASCAVEL  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE  
MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE

ANELÍ DIVINA FUNGUETO

**ATITUDES LINGUÍSTICAS: UM ESTUDO NA LOCALIDADE PARANAENSE DE  
GUAÍRA**

CASCAVEL – PR  
2021

ANELÍ DIVINA FUNGUETO

**ATITUDES LINGUÍSTICAS: UM ESTUDO NA LOCALIDADE PARANAENSE DE  
GUAÍRA**

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Doutora em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração: Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Feola Sella

CASCAVEL – PR  
2021

ANELÍ DIVINA FUNGUETO

**ATITUDES LINGUÍSTICAS: UM ESTUDO NA LOCALIDADE PARANAENSE DE  
GUAÍRA**

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração: Linguagem e Sociedade.

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Aparecida Feola Sella (UNIOESTE)  
Orientadora

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera (UEL)  
Examinadora Externa

Profa. Dra. Márcia Sipavicius Seide  
Examinadora Interna

Profa. Dra. Valdeci Batista de Melo Oliveira (UNIOESTE)  
Examinadora Interna

Profa. Dra. Clarice Cristina Corbari (UNIOESTE)  
Examinadora Interna

Cascavel, 06 de agosto de 2021

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Fungueto, Aneli Divina  
Atitudes linguísticas: um estudo na localidade paranaense de Guaira / Aneli Divina Fungueto; orientadora Aparecida Feola Sella. -- Cascavel, 2021.  
203 p.

Tese (Doutorado Campus de Cascavel) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021.

1. Atitudes linguísticas. 2. Variedades linguísticas. 3. Faixas etárias. 4. Guaira. I. Sella, Aparecida Feola, orient. II. Título.

Cada "lengua es lo que sus hablantes quieren que sea".  
Alvar López (1986, p. 91)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que de uma maneira ou outra contribuíram para a realização desta tese. Em especial, agradeço:

À professora Aparecida Feola Sella, pelas cuidadosas leituras dos meus escritos e pela dedicada orientação.

Às professoras Vanderci de Andrade Aguilera, Valdeci Batista de Melo Oliveira Márcia Sipavicius Seide, Clarice Cristina Corbari, pelos valiosos apontamentos e sugestões no Exame de Qualificação, os quais ajudaram na complementação desta pesquisa.

Ao grupo responsável pela organização e coleta de dados do “Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato”, que forneceram o material para a análise e desenvolvimento desta tese.

Aos professores, colegas e responsáveis pelas leituras, correção e compilação final do texto desta tese.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Paraná pela organização.

Aos meus filhos, André e Larissa, que sempre participaram com entusiasmo e apoio na elaboração dos textos que compõem esta tese.

A Deus, de maneira muito especial, pela proteção, força e inspiração durante as longas horas de estudos.

## RESUMO

A tese *Atitudes linguísticas: um estudo na localidade paranaense de Guaíra* faz parte de um conjunto de pesquisas de caráter sociolinguístico e dialetológico, desenvolvidas a partir da temática crenças e atitudes linguísticas. Nesta pesquisa, desenvolve-se uma investigação sobre as manifestações linguísticas de falantes masculinos da cidade de Guaíra, região Oeste do Estado do Paraná, Brasil. A localidade investigada tem uma realidade sócio-histórica e geográfica que facilitou o contato entre diferentes línguas. O povoamento da região por levas de imigrantes de diversas etnias, a divisa com localidade mato-grossense e cidades paranaenses e a fronteira com o Paraguai, país vizinho, propiciaram o desenvolvimento de um multilinguismo peculiar, ensejando um estudo envolvendo crenças e atitudes linguísticas, e fornecendo, assim, um retrato de como se constituiu um contexto de línguas em contato. Partindo do pressuposto de que língua e faixas etárias estão relacionadas, buscaram-se, como embasamento teórico-metodológico, estudos desenvolvidos nos campos da Sociolinguística, da Psicologia Social, da Etnografia da Comunicação e Sociologia da Linguagem. O *corpus* foi coletado pelo *Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato (CAL)* (AGUILERA, 2009), a partir de entrevistas dirigidas a 18 informantes, selecionados pelas variáveis: a) faixas etárias: 18 a 30 anos, 31 a 50 anos, 51 a 70 anos; b) níveis de escolaridade: fundamental, médio e superior; e c) sexo masculino e feminino. O questionário elaborado para a coleta continha perguntas adaptadas à realidade sociolinguística e cultural da comunidade investigada, com o objetivo de avaliar as atitudes linguísticas no desempenho dos falantes em relação às línguas em contato. Para a presente pesquisa foram selecionadas dezesseis questões extraídas do projeto CAL e dirigidas a seis informantes masculinos da Faixa etária 1 e Faixa etária 3. A análise do *corpus* segue a abordagem mentalista, que entende a atitude como uma conduta humana formada pelos componentes: cognoscitivo, afetivo e conativo. Os resultados mostraram que os informantes manifestaram preconceitos ou apreços influenciados pelos fatores geográficos e sócio-históricos.

**Palavras-chave:** Atitudes linguísticas. Variedades linguísticas. Faixas etárias.

## ABSTRACT

The thesis “Linguistic attitudes: a study in the city of Guaíra in Paraná” is part of a set of sociolinguistic and dialectological research developed based on the theme of beliefs and linguistic attitudes. In this research, an investigation is carried out on the linguistic manifestations of male speakers from the city of Guaíra, western region of the State of Paraná, Brazil. The investigated location has a socio-historical and geographic reality that facilitated contact between different languages. The population of the region by waves of immigrants of different ethnicities, the border with Mato Grosso and cities in Paraná and the border with Paraguay, a neighboring country, allowed for the development of a peculiar multilingualism, giving rise to a study involving beliefs and linguistic attitudes, thus providing a portrait of how a context of languages in contact was constituted. Based on the assumption that language and age groups are related, studies developed in the fields of Sociolinguistics, Social Psychology, Ethnography of Communication and Sociology of Language were sought as a theoretical and methodological basis. The corpus was collected by the Linguistic Beliefs and Attitudes Project: a study of the relationship between Portuguese and contact languages (Aguilera, 2009) from interviews with 18 informants, selected from the variables: a) age groups: 18 to 30 years, 31 to 50 years, 51 to 70 years; b) education levels: elementary, middle and higher; and c) male and female sex. The quiz elaborated for the collect contained questions adapted to the sociolinguistic and cultural reality of the investigated community, with the objective of evaluating the linguistic attitudes in the performance of the speakers in relation to the languages in contact. For this research, sixteen questions were selected from the CAL project and addressed to six male informants from Age Group 1 and Age Group 3. The analysis of the corpus follows the mentalist approach that understands attitude as a human behavior formed by the components: cognitive, affective and conative. The results showed that the informants manifested prejudices or appreciations influenced by geographic and socio-historical factors.

**Keywords:** Language attitudes. Language varieties. Age groups.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Esboço do Caminho de Peabiru na América do Sul.....	23
<b>Figura 2:</b> Guaíra-PR.....	30
<b>Figura 3:</b> Igreja de pedra Nuestro Señor del Perdón.....	33
<b>Figura 4:</b> Museu Sete Quedas.....	34
<b>Figura 5:</b> Cine Teatro Sete Quedas.....	34
<b>Figura 6:</b> Locomotiva.....	35
<b>Figura 7:</b> Rio Paraná.....	36
<b>Figura 8:</b> Lago de Itaipu.....	36
<b>Figura 9:</b> Ponte Ayrton Senna.....	37
<b>Figura 10:</b> Atelier Frei Pacífico.....	38
<b>Figura 11:</b> Cruzeiro das Américas.....	38
<b>Figura 12:</b> Centro Náutico Recreativo.....	39
<b>Figura 13:</b> Lagoa Saraiva.....	40

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Língua falada pelo informante .....	96
<b>Tabela 2:</b> Língua usada pelos pais ao dirigir-se ao informante, na infância .....	97
<b>Tabela 3:</b> Língua usada pelos avós ao dirigir-se ao informante, na infância .....	98
<b>Tabela 4:</b> Língua usada pelo informante ao dirigir-se aos pais e avós, na infância..	99
<b>Tabela 5:</b> Diferentes línguas faladas em Guaíra.....	100
<b>Tabela 6:</b> Diferentes línguas faladas em Guaíra.....	101
<b>Tabela 7:</b> Comparando as línguas estrangeiras .....	103
<b>Tabela 8:</b> Quem fala pior .....	105
<b>Tabela 9:</b> Quem fala melhor .....	106
<b>Tabela 10:</b> Comparando línguas: feias ou bonitas.....	107
<b>Tabela 11:</b> Quanto à interação com falantes de outras culturas.....	108
<b>Tabela 12:</b> Quanto à amizade ser sincera .....	108
<b>Tabela 13:</b> Quanto à amizade ser falsa .....	109
<b>Tabela 14:</b> Quanto ao uso de línguas estrangeiras .....	110
<b>Tabela 15:</b> Quanto ao ensino de línguas estrangeiras .....	111
<b>Tabela 16:</b> Quanto à aprendizagem de línguas estrangeiras .....	112

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Dissertações e teses de 2010-2020 Projeto CAL .....	80
<b>Quadro 2:</b> Informantes de Guaíra.....	87
<b>Quadro 3:</b> Informantes selecionados para esta pesquisa .....	88
<b>Quadro 4:</b> Organização das questões por temática .....	188
<b>Quadro 5:</b> Respostas apresentadas pelos informantes.....	190

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>1</b>	<b>TRAJETÓRIA SÓCIO-HISTÓRICA DA REGIÃO SOB ESTUDO..... 19</b>
1.1	O TERRITÓRIO DO PARANÁ..... 19
1.2	UM POUCO DO HISTÓRICO DO OESTE DO PARANÁ ..... 26
1.3	UM OLHAR PARA A HISTÓRIA DE GUAÍRA ..... 28
1.4	GUAÍRA: RETRATOS ATUAIS..... 32
1.5	SOBRE O FALAR GUAIRENSE..... 40
<b>2</b>	<b>CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS: PERSPECTIVAS TEÓRICAS ..44</b>
2.1	LÍNGUA, DIALETO, VARIEDADE ..... 44
2.2	CONCEPÇÃO DE LÍNGUA COMO FATO SOCIAL..... 49
2.3	COMUNIDADE DE LÍNGUA E COMUNIDADE DE FALA ..... 52
2.4	CONTATO LINGÜÍSTICO: BILINGÜISMO E DIGLOSSIA ..... 55
2.5	ATITUDES LINGÜÍSTICAS ..... 60
2.6	ESTEREÓTIPO, PRECONCEITO E ESTIGMA..... 69
2.7	LINGUAGEM E FAIXAS ETÁRIAS..... 73
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....77</b>
3.1	HISTÓRICO DO PROJETO CAL..... 77
3.1.1	<b>Número e perfil dos informantes..... 78</b>
3.1.2	<b>Instrumento para a coleta de dados ..... 78</b>
3.1.3	<b>Tratamento dos dados ..... 79</b>
3.1.4	<b>Pesquisas realizadas a partir do <i>corpus</i> do Projeto CAL ..... 79</b>
3.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DESTA PESQUISA..... 85
3.2.1	<b>A localidade selecionada ..... 85</b>
3.2.2	<b>Número e perfil dos informantes..... 85</b>
3.2.3	<b>Instrumento da coleta de dados ..... 89</b>
3.2.4	<b><i>Corpus</i> da pesquisa ..... 90</b>
3.2.5	<b>Apresentação dos dados ..... 90</b>
<b>4</b>	<b>DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....91</b>

4.1	TRATAMENTO DOS DADOS .....	91
4.1.1	<b>Reflexão sobre as abordagens quantitativa e qualitativa .....</b>	<b>91</b>
4.1.2	<b>Primeira visão dos dados .....</b>	<b>93</b>
4.1.2.1	Temática 1 - Língua ou línguas de aquisição e de uso do informante.....	94
4.1.2.2	Temática 2 - Percepção da diversidade de línguas ou dialetos na comunidade .....	99
4.1.2.3	Temática 3 - Identificação e avaliação de contatos e interferências entre línguas e dialetos da comunidade .....	102
4.1.2.4	Temática 4 - O posicionamento do informante com relação ao uso das diferentes línguas em lugares públicos ou à sua aprendizagem na escola	109
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>113</b>
5.1	TEMÁTICA 1 - LÍNGUA OU LÍNGUAS DE AQUISIÇÃO E DE USO DO INFORMANTE.....	114
5.1.1	<b>Questão (001) Que língua você fala? .....</b>	<b>115</b>
5.1.1.1	Faixa etária 1 .....	115
5.1.1.2	Faixa etária 3 .....	116
5.1.2	<b>Questão (002) Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você? .....</b>	<b>121</b>
5.1.2.1	Faixa etária 1 .....	121
5.1.2.2	Faixa etária 3 .....	121
5.1.3	<b>Questão (003) Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?.....</b>	<b>123</b>
5.1.3.1	Faixa etária 1 .....	123
5.1.3.2	Faixa etária 3 .....	123
5.1.4	<b>Questão (004) Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós? .....</b>	<b>124</b>
5.1.4.1	Faixa etária 1 .....	124
5.1.4.2	Faixa etária 3 .....	125
5.2	TEMÁTICA 2 – PERCEPÇÃO DA DIVERSIDADE DE LÍNGUAS OU DIALETOS NA COMUNIDADE .....	127
5.2.1	<b>Questão (005) Aqui em Guaira existem pessoas que falam diferente de você? .....</b>	<b>127</b>
5.2.1.1	Faixa etária 1 .....	127

5.2.1.2 Faixa etária 3.....	128
<b>5.2.2 Questão (006) Que língua(s) ele(s) fala(m) os que falam diferente aqui?</b> .....	<b>132</b>
5.2.2.1 Faixa etária 1.....	132
5.2.2.2 Faixa etária 3.....	134
<b>5.3 TEMÁTICA 3 - PENSAMENTOS E CRENÇAS SOBRE O COMPORTAMENTO SOCIAL DOS FALANTES.....</b>	<b>136</b>
<b>5.3.1 Questão (012) “Comparando essas línguas: espanhol paraguaio, árabe, japonês, guarani, italiano, alemão, quem fala melhor? Por quê?” .....</b>	<b>136</b>
5.3.1.1 Faixa etária 1.....	136
5.3.1.2 Faixa etária 3.....	138
<b>5.3.2 Questão (013) E quem fala pior? Por quê? .....</b>	<b>140</b>
5.3.2.1 Faixa etária 1.....	140
5.3.2.2 Faixa etária 3.....	141
<b>5.3.3 Questão (020) Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas de que falamos? Por quê? .....</b>	<b>143</b>
5.3.3.1 Faixa etária 1.....	143
5.3.3.2 Faixa etária 3.....	144
<b>5.3.4 Questão (021) Essas línguas são feias ou bonitas?.....</b>	<b>145</b>
5.3.4.1 Faixa etária 1.....	145
5.3.4.2 Faixa etária 3.....	146
<b>5.3.5 Questão (039) Dessas culturas que a gente já falou aqui, tem algum desses daí que você teve algum desentendimento? .....</b>	<b>147</b>
5.3.5.1 Faixa etária 1.....	147
5.3.5.2 Faixa etária 3.....	147
<b>5.3.6 Questão (040) Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê? .....</b>	<b>148</b>
5.3.6.1 Faixa etária 1.....	148
5.3.6.2 Faixa etária 3.....	149
<b>5.3.7 Questão (041) Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?.....</b>	<b>150</b>
5.3.7.1 Faixa etária 1.....	150
5.3.7.2 Faixa etária 3.....	150

<b>5.3.8</b>	<b>Maneira de ser, cultura religiosa, história de imigração e formação de grupos .....</b>	<b>151</b>
5.3.8.1	Faixa etária 1 .....	151
5.3.8.2	Faixa etária 3 .....	153
5.4	<b>TEMÁTICA 4 - O POSICIONAMENTO DO INFORMANTE COM RELAÇÃO AO USO DAS DIFERENTES LÍNGUAS EM LUGARES PÚBLICOS OU À SUA APRENDIZAGEM NA ESCOLA .....</b>	<b>161</b>
<b>5.4.1</b>	<b>Questão (025) Na igreja, no templo religioso, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)? .....</b>	<b>161</b>
5.4.1.1	Faixa etária 1 .....	161
5.4.1.2	Faixa etária 3 .....	162
<b>5.4.2</b>	<b>Questão (026) A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê? .....</b>	<b>165</b>
5.4.2.1	Faixa etária 1 .....	165
5.4.2.2	Faixa etária 3 .....	166
<b>5.4.3</b>	<b>Questão (027) Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê? .....</b>	<b>168</b>
5.4.3.1	Faixa etária 1 .....	168
5.4.3.2	Faixa etária 3 .....	169
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>171</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>177</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>188</b>
	<b>ANEXO 01 - ORGANIZAÇÃO DAS QUESTÕES .....</b>	<b>188</b>
	<b>ANEXO 02 - APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS .....</b>	<b>190</b>

## INTRODUÇÃO

Por meio desta tese, investigam-se as crenças e atitudes linguísticas de informantes da comunidade de Guaíra, localizada na região Oeste do Paraná. O povoamento, a divisa com localidade mato-grossense e cidades paranaenses e a fronteira com o Paraguai, país vizinho, propiciaram o desenvolvimento de um multilinguismo peculiar nessa região, de modo que o estudo das crenças e atitudes linguísticas e suas motivações pode servir para retratar como se constituiu um contexto de línguas em contato.

Norteia a investigação o Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo do português com línguas de contato* (doravante Projeto CAL) (AGUILERA, 2009), com participação interinstitucional, coordenado pela professora Dra. Vanderci de Andrade Aguilera (Universidade Estadual de Londrina), com a colaboração da professora Dra. Aparecida Feola Sella (Universidade Estadual do Oeste do Paraná). O projeto coletou dados em localidades paranaenses fronteiriças e/ou ocupadas por populações multiétnicas. As pesquisadoras escolheram oito localidades para coleta dos *corpora*: Ponta Grossa, Irati, Guaíra, Marechal Cândido Rondon, Foz do Iguaçu, Capanema, Pranchita e Santo Antônio do Sudoeste. O material colhido por meio do Projeto CAL constitui-se de respostas dadas a perguntas dirigidas a dezoito informantes de cada localidade (em Foz do Iguaçu, participaram 36 informantes, em virtude da grande variedade de grupos étnicos que lá se instalaram e, conseqüentemente, de línguas faladas por esses grupos), selecionados a partir de três variáveis extralinguísticas: nível de escolaridade, faixa etária e sexo.

Nesta tese, buscou-se verificar as crenças e atitudes linguísticas de homens residentes na cidade de Guaíra, selecionados por faixas etárias. Foram escolhidos depoimentos de três informantes pertencentes à Faixa 1 (de 18 a 30 anos) e três informantes pertencentes à Faixa 3 (de 51 a 70 anos), com nível de instrução fundamental, médio ou superior, respectivamente. Selecionaram-se dezesseis questões classificadas em quatro temáticas, que envolvem: a língua aprendida na infância (quatro questões); a consciência das diferentes línguas utilizadas na comunidade (duas questões); a comparação entre as línguas identificadas na comunidade (sete questões); e a avaliação do uso e o ensino dessas línguas nas escolas (três questões).

O Paraná, em sua grande extensão geográfica, abriga inúmeras línguas trazidas por falantes europeus que emigraram para o Estado no início da história do continente; abriga, também, línguas faladas por históricas comunidades indígenas espalhadas ao longo do território, além das línguas hispano-americanas utilizadas por falantes de países fronteiriços. Esse fato transforma o Estado do Paraná em um importante depositário de dados etnolinguísticos para estudos.

Diferentes modalidades de fala já vêm sendo descritas por pesquisadores. Esses trabalhos investigam o resultado linguístico do contato entre os estrangeiros que imigraram para o Estado e os povos nativos dessa região. Esses dados têm servido para o desenvolvimento de dissertações e teses, que se atêm ora a dados de uma única localidade, ora à comparação de dados de mais de uma localidade.

Esta tese, servindo-se de dados do *corpus* obtido na cidade de Guaíra, faz uma análise comparando as atitudes linguísticas de falantes do sexo masculino pertencentes às faixas 1 e 3. Segundo Moreno Fernández (1998), entre os fatores sociais que mostram uma grande capacidade de influência sobre a variação linguística estão a variável sexo e a variável idade. Para Labov (2008), a diferenciação sexual depende de padrões de interação social na vida diária. Essa afirmação justifica a escolha por informantes do sexo masculino, cujas atividades favorecem deslocamentos e, conseqüentemente, diferentes contatos, levando o falante a externar diferentes atitudes linguísticas. Segundo Moreno Fernández (1998), a variável idade é também um fator determinante na modificação dos hábitos linguísticos, por isso, é possível distinguir etapas na vida linguística de um indivíduo.

A escolha dos informantes citados, levando em conta as variáveis sexo e idade, pretende contribuir para fortalecer a identidade linguística da comunidade guairense.

A abordagem que orienta esta tese está voltada ao estudo das crenças e atitudes linguísticas desenvolvidas por Gómez Molina (1998), Moreno Fernández (1998), Blanco Canales (2004) e Aguilera (2008), que destacam a importância das crenças e atitudes linguísticas que permitem acesso à compreensão da consciência linguística do falante.

A partir das características da localidade, os questionamentos que orientam o trabalho podem ser assim definidos: a) há diferença nas crenças e atitudes linguísticas de sujeitos do sexo masculino pertencentes a diferentes faixas etárias; e b) como essas crenças e atitudes se manifestam?

A partir dos questionamentos, apresentam-se as seguintes hipóteses: a) os informantes masculinos das Faixas 1 e 3 acenam para a consciência linguística com relação ao contato linguístico em Guaíra; e b) ocorrem atitudes estigmatizantes em relação às diversas línguas e variedades faladas na localidade, criando conflitos linguísticos e identitários.

Desse modo, apresenta-se como objetivo geral analisar as falas dos sujeitos do sexo masculino pertencentes às Faixas 1 e 3 com relação às crenças e atitudes linguísticas na comunidade; e como objetivos específicos: a) avaliar o comportamento linguístico de preconceito ou aceitação em relação às variantes locais; b) verificar a relação que existe entre língua de herança e língua de fronteira; c) analisar as falas dos informantes a partir da visão tridimensional da atitude linguística.

A tese será organizada em seis seções: a seção 1 apresenta um panorama sobre a trajetória sócio-histórica do Paraná, do Oeste paranaense, de Guaíra (história, retratos atuais e falar guairense); a seção 2 organiza os pressupostos teóricos que orientarão as análises dos dados; a seção 3 apresenta os procedimentos metodológicos desta pesquisa, inclusive o histórico do Projeto CAL; na seção 4, procede-se à descrição e análise dos dados obtidos em Guaíra; na seção 5, apresenta-se análise dos resultados obtidos; e, finalmente, inserem-se as considerações finais.

## 1 TRAJETÓRIA SÓCIO-HISTÓRICA DA REGIÃO SOB ESTUDO

### 1.1 O TERRITÓRIO DO PARANÁ

Os pesquisadores Nádia Moreira Chagas e Lúcio Tadeu Mota (2010) investigaram a presença do europeu em território do Paraná. Esses historiadores paranaenses, juntamente com autores paraguaios, argentinos e outros historiadores brasileiros, buscaram compreender o impacto da chegada dos europeus e a formação de vilas e povoações em regiões que eram conhecidas nos séculos XVI e XVII como Guairá.

Alguns historiadores do período colonial, segundo Chagas e Mota (2010), descrevem o povoamento pretendido pelos europeus:

como um ato de formação de vilas e povoações em regiões consideradas como despovoadas, prontas para serem ocupadas, não contando com a presença do indígena, justificando assim, a prática da conquista dos territórios empreendida pelos europeus (CHAGAS; MOTA, 2010, p. 2).

Havia uma tentativa de omitir a presença de habitantes, o que justificaria a tentativa de conquistar e dominar o espaço.

Historiadores mais recentes, entretanto, compreendem que se deve destacar que a presença do indígena é fato importante para a história da região. Para Chagas e Mota (2010):

É possível, por meio do estudo, demonstrar que havia grande interesse dos europeus em dominar este espaço a qualquer custo, lugar que para eles estava pronto para ser conquistado e explorado. Os estudos arqueológicos sobre a ocupação humana no Brasil e nas Américas como tendo ocorrido pelo menos há 12000 anos, com evidências de inúmeros períodos de presença humana, é anterior à colonização europeia, e deixam claro que essa conquista se dará por meio de muitos conflitos e destruição (CHAGAS; MOTA, 2010, p. 3).

Entre os séculos XVI e XVII, de acordo com Chagas e Mota (2010), grande parte do atual Estado do Paraná era conhecida como Província do Guairá. Essa província pertencia aos espanhóis e era governada por Assunção, no Paraguai. Seus limites apresentavam-se assim: ao Norte, pelo rio Tietê; ao Sul, pelo rio Iguaçu; ao Oeste, pelo rio Paraná; e ao Leste, pela linha demarcatória do Tratado de Tordesilhas.

O território compreendido entre o rio Paranapanema até o rio Iguaçu, e do rio Paraná ao Tibagi, com pretensão de prolongar-se até o litoral atlântico, que pertencia, até 1617, à Província do rio da Prata, era conhecido como Guairá. Hoje, é o Estado do Paraná (CHAGAS; MOTA, 2010, p. 13).

Segundo Chagas e Mota (2010), desde a república dos jesuítas, o nome Guairá caracterizou a região até os limites territoriais estabelecidos no Tratado de Tordesilhas. Para os autores:

Em 1608, como medida para conter o avanço dos portugueses, o rei da Espanha criou a Província del Guairá, que abrangia os territórios indígenas a leste do rio Paraná. Também existiu a República Teocrática del Guairá, fundada por espanhóis no século XVI, com jurisdição sobre as tribos nesse local. Nessa república estavam estabelecidas as povoações muito citadas, que chegaram a ter 100.000 índios (CHAGAS; MOTA, 2010, p. 13).

Chagas e Mota (2010) descrevem que o principal interesse dos exploradores-navegantes era alcançar o Peru em busca de riquezas:

O atual território do Paraná recebeu os primeiros contatos com os europeus a partir do século XVI, por meio dos exploradores-navegantes, tanto espanhóis como portugueses. O principal objetivo desses exploradores era chegar ao Império Inca (Peru), e para isso, precisavam atravessar o território paranaense (CHAGAS; MOTA, 2010, p. 9).

Como se pode concluir, a conquista dos territórios indígenas inicia uma relação de poder e conquista. Nessa região, ocorreram as primeiras relações interculturais. As grandes andanças pelo território resultaram no encontro de europeus (espanhóis e portugueses) com a população que vivia na região, composta de diferentes comunidades indígenas. De acordo com Chagas e Mota (2010, p. 10), “esses navegadores [europeus] fazem contato com os carijós (como os guarani eram chamados) e também nestes encontros, as trocas comerciais e culturais foram feitas, além de deixarem no litoral, os ‘desterrados ou naufragos’”.

A fama das vultosas riquezas chegava até os exploradores europeus por meio de relatos indígenas. Sérgio Buarque de Holanda, em seu livro *Visão do paraíso*, descreve as riquezas do império do poente, cujos relatos eram correntes entre os indígenas. Holanda (1969), em um de seus escritos, expressa o seguinte sobre a fala

dos indígenas: “Além de resplandecente era a serra de cor amarelada e despejava ao rio pedras dessa mesma cor que se conheciam pelo nome de ‘pedaços de ouro’” (HOLANDA, 1969, p. 45).

Quando chegaram os europeus, o território brasileiro era recoberto por densas matas. Diversas populações indígenas povoavam a região hoje conhecida como Paraná. Entre os rios Paranapanema, Tibagi, Ivaí e Piquiri, viviam grupos pertencentes a diferentes etnias, dentre as quais, as mais conhecidas eram: os guarani, os xetá, os kaingang e os xokleng.

A população guarani chegara de diversos Estados, falava a língua guarani e trouxera para o território de Guairá seus costumes e sua cultura:

Eles vieram das bacias do rio Madeira e Guaporé, ocupando as bacias dos rios Paraguai e Paraná, até Buenos Aires. Chegaram aos atuais Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, indo até o Uruguai e o Paraguai. Nas primeiras regiões estão desde há 2000 anos. Seu padrão de ocupação mostra que suas aldeias estavam em áreas de florestas. Na expansão que empreenderam para o sul, trouxeram da Amazônia suas casas, vasilhas cerâmicas, espécies vegetais. Suas aldeias podiam ter até mais de 1000 pessoas (CHAGAS; MOTA, 2010, p. 7).

Os xetá falavam a língua xetá e tiveram seu primeiro contato com o homem branco no século XVI.

Estas populações foram contatadas na década de 1840 por Joaquim Francisco Lopes e John H. Elliot na foz do rio Corumbataí, no Ivaí (hoje, São Pedro do Ivaí, Fênix e São João do Ivaí). Um pequeno grupo foi capturado em 1872, pelo engenheiro inglês Thomas Bigg-Whiter, que fazia parte de uma expedição de reconhecimento da região. Entre 1955-56 houve o contato com 18 pessoas na Serra dos Dourados. Estas populações quase desapareceram em seguida. (CHAGAS; MOTA, 2010, p. 7).

Segundo Noelli e Mota (1999, p. 19), “restam menos de 10 remanescentes espalhados pelo Paraná”.

Os kaingang, provavelmente a mais antiga população a habitar o Guairá, falam o kaingang e são conhecidos pelos arqueólogos como “Tradição Casa de Pedra e Tradição Itararé” (NOELLI; MOTA, 1999, p. 15):

Seus antepassados pré-históricos são pouco conhecidos, mas, os estudos arqueológicos e linguísticos concordam que o Brasil central é

a região de origem dos Kaingang, que passaram a ocupar a região sul do Brasil. Podem ter chegado antes que os Guarani ao Paraná. Foram empurrados pelos Guarani (quando estes chegaram), para o centro-sul, e territórios interfluviais (CHAGAS; MOTA, 2010, p. 7).

Os xokleng são os menos conhecidos pelos pesquisadores. Eles falam o xokleng e são conhecidos como “Tradição Itararé”. Segundo Chagas e Mota (2010), os xokleng:

Como os Kaingang, podem ter chegado ao Paraná antes dos Guarani. No decorrer do tempo foram empurrados pelos Guarani para a Serra Geral no litoral Atlântico. Os Xokleng e os Kaingang tiveram contato com a Tradição Humaitá. A ocupação do litoral era em determinadas épocas. Segundo Noelli e Mota (1999, p. 18) “os ascendentes dos Xokleng devem ter sido empurrados para fora do oeste paranaense na época da chegada e das primeiras expansões Guarani, ao redor de 2000 anos atrás”. Suas aldeias eram pequenas, com poucos habitantes, e localizavam-se nas florestas. Como os Kaingang, também habitavam em casas semi-subterrâneas. A cerâmica era semelhante às dos Kaingang (CHAGAS; MOTA, 2010, p. 7).

Essas constatações mostram que grupos de indígenas com línguas e culturas distintas ocuparam as terras do Paraná. Na chegada ao Guairá, os europeus organizaram expedições com a ajuda de indígenas. Para essa empreitada, foi preciso o auxílio dos guarani, que conheciam o território e podiam ajudar a indicar uma rota terrestre entre o litoral Sul do Brasil até a cidade de Assunção, no Paraguai.

As viagens realizadas pelos exploradores no Guairá, como se pode ver, ocorreram numa interação entre europeus e populações indígenas, embora os interesses para cada grupo fossem diferentes.

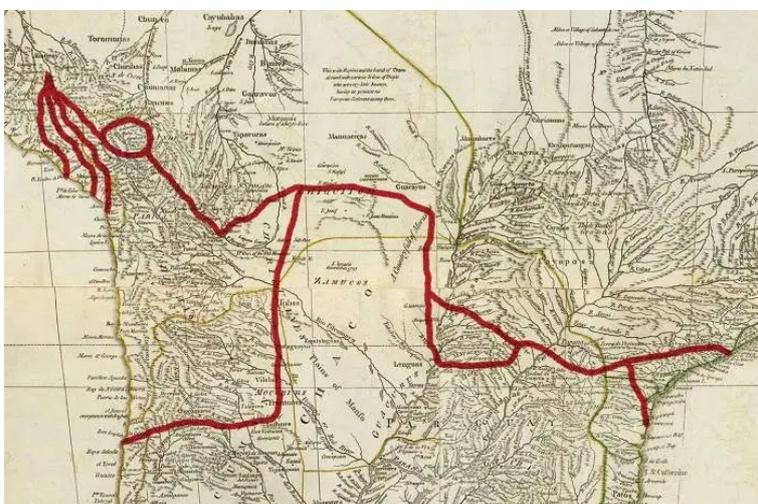
Por ocasião da expansão marítima, Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Tordesilhas (1494), de modo que as terras descobertas e a descobrir separaram-se por uma linha imaginária de Norte a Sul. As terras do Leste da linha pertenceriam a Portugal e as de Oeste, à Espanha. O território do atual Paraná estava localizado no ocidente dessa linha. Entretanto, não havia concordância entre espanhóis e portugueses e a discussão sobre os limites avançariam pelos séculos XVII e XVIII, quando se estabeleceriam as fronteiras entre as nações.

O atual território do Paraná recebeu os primeiros europeus a partir do século XVI, quando ocorreram as primeiras expedições e os primeiros contatos entre

europeus e indígenas. Algumas expedições e seus responsáveis foram registrados por meio de relatos escritos por viajantes desbravadores.

À época da conquista, existia um Sistema de caminhos há muito instaurado pelos índios – o chamado Peabiru, que atravessava a região correspondente ao atual Estado do Paraná. Era uma vasta rede, que cortava o território em várias direções; partindo de São Vicente, no Atlântico, contava com inúmeros ramais no sentido Leste-Oeste e Norte-Sul, e terminava na costa do Pacífico, cobrindo uma extensão de 1400 quilômetros, conforme se pode visualizar na Figura 1.

**Figura 1:** Esboço do Caminho de Peabiru na América do Sul



Fonte: Adaptado de Bond e Finco (2004). Organizado por Ana Paula Colavite

O Caminho de Peabiru possui cerca de quatro mil quilômetros. No litoral, tinha duas entradas, uma no litoral Norte de Santa Catarina e outra em Cananeia-SP. Os dois ramais se encontravam no Norte do Paraná, formando um único caminho que rumava em direção a Guaíra. Este seguia pela região fronteira e adentrava a Bolívia até Santa Cruz, dividindo-se depois em ramais para Cusco e para a região Norte do Chile.

Um dos ramais passava por Foz do Iguaçu, pelo qual passou Cabeza de Vaca em 1542, quando os guarani mostraram a ele a existência das Cataratas. No Paraná, segundo Buche (2017), o caminho passava por cidades como Francisco Beltrão, Maringá, Campo Mourão, Foz do Iguaçu e, ainda, o município de Peabiru.

O português Aleixo Garcia foi o personagem central de uma aventura que teria conduzido um grande grupo, pelo Caminho de Peabiru, no encalço das riquezas ambicionadas. Segundo Noelli e Mota (1999):

Aleixo Garcia fez a primeira viagem por terra pela região, com 2000 guarani, em 1522, com o objetivo de fazer o reconhecimento e descobrir a origem do ouro na costa de Santa Catarina. Em três anos, do litoral de Santa Catarina, interior do Paraná, Paraguai e Bolívia, até próximo do Peru; na volta, em 1525 foi morto pelos Guarani na região da Foz do Iguaçu (NOELLI; MOTA, 1999, p. 11).

Os autores observam que a segunda expedição também partiu em busca de riquezas e pode ter seguido o mesmo roteiro de Aleixo Garcia:

Francisco de Chaves e Pero Lobo – expedição enviada por Martim Afonso de Souza, com 80 homens, de Cananéia rumo ao interior do Paraná, por terra, para buscar riquezas. Foram trucidados pelos índios no território do Paraná, entre os rios Iguaçu e Paraná (provavelmente em 1531) (NOELLI; MOTA, 1999, p. 11).

Dessa expedição, comentam Noelli e Mota (1999), apenas um bergantim alcançou o estuário do Rio da Prata. Em 1541, D. Álvaro Nunez Cabeza de Vaca assume o governo do Paraguai. Passa pelo interior do Paraná, vindo de Santa Catarina, em direção ao Paraguai. Cabeza de Vaca, com 250 homens e 26 cavalos, levou quatro meses para chegar ao destino.

Este foi o trajeto de Cabeza de Vaca:

passou pelo rio Iguaçu, pelos campos de Curitiba, pelos caminhos do Peabiru, chegando ao rio Tibagi, o Piquiri e novamente o Iguaçu. O que chama a atenção, é que sua expedição foi acompanhada por centenas de guarani que recebiam em troca da ajuda, machados, contas, etc. Outro ponto interessante é que contornaram o território dos índios Kaingang, denotando com isso, que entre indígenas de etnias diferentes havia provavelmente guerras e disputas. Segundo o que consta dessa expedição, houve contato e a entrada dos europeus em determinados territórios dominados pelo Guarani. Além disso, foi o “primeiro documento a informar que quase todo o interior do Paraná estava habitado (NOELLI; MOTA, 1999, p. 25).

Assim, a história apresenta outros viajantes, todos com os mesmos objetivos, em busca de riquezas e pedrarias:

Em 1544, Domingos Martínez de Irala saiu de Assunção e veio ao Guairá apresar índios para as encomendas. Fundou a cidade de Ontiveros junto ao rio Paraná, pouco acima da foz do Iguazu. No início da década seguinte, 1551, Diego de Sanabria viajou pelo mesmo itinerário de Cabeza de Vaca. Ainda nesse ano, Cristoval de Saavedra atravessou a região vindo do Paraguai até o porto de São Vicente em São Paulo. No ano seguinte Hernando de Salazar, também fez o mesmo roteiro de Assunção no Paraguai até o porto de São Vicente em São Paulo. Esse roteiro também foi o percorrido por Ulrich Schmidl, nesse mesmo ano. Ele partiu de Assunção em 1552, acompanhado de 20 Índios Carijós com destino ao porto de Santos, onde chegou em 1553 (NOELLI; MOTA, 1999, p. 25).

Expedições exploradoras portuguesas e espanholas, assim como viajantes e aventureiros de diferentes origens, palmilhavam os trajetos do Peabiru, todos em busca do ouro, da prata e das riquezas que supunham existir no interior das matas. Além das entradas, os caminhos de Peabiru seriam amplamente utilizados também pelas bandeiras, para a caça aos índios.

A fundação das cidades espanholas Ciudad Real del Guayrá, em 1557, e Villa Rica del Espíritu Santo, em 1576, vem ao encontro da necessidade da ocupação efetiva das terras em disputa, e foi precedida por expedições de seu fundador, Fiuy Días Melgarejo, na região do Guayrá, pelos caminhos do Peabiru. Após a carta régia de criação da Província del Guayrá, de 1608, a Espanha inicia a colonização dos índios pelos jesuítas. Antes, em 1588, os jesuítas Ortega e Filds, em viagem de reconhecimento, estimaram em 200 mil habitantes o número de indígenas da região.

Estudos publicados por Mota e Noelli (1999) sobre a região do Guairá tratam da existência de trilhas entre as aldeias por meio das quais se podia transitar. Além disso, os habitantes das reduções podiam comunicar-se viajando pelas margens do rio Paranapanema, subindo o rio Pirapó, passando pelos ribeirões Maringá - Mandacaru, Morangueira ou Sarandi, e chegar à região onde está Maringá. Depois, podiam descer pelos córregos Borba Gato, Cleópatra e Mascado até o ribeirão Pinguim e, por este, até o rio Ivaí. Daí, chegar à Vila Rica do Espírito Santo e às reduções do Ivaí e Corumbataí. Outra rota era subir o rio Pirapó até o rio Dourados, alcançar a região onde está Mandaguari e chegar ao Ivaí.

Os indígenas conheciam muito bem essas rotas e trilhas abertas entre as aldeias, e os jesuítas também delas se beneficiaram. Seguindo a rota dessas trilhas, podia-se chegar ao Paraguai, e, seguindo mais um pouco ainda, chegar à Cordilheira

dos Andes. Outro grupo que delas se beneficiou foi o dos bandeirantes, que caminharam por essas rotas e trilhas até a destruição das reduções, em 1632.

Os motivos das expedições eram diversos e incomodavam ambos os lados – portugueses e espanhóis. Por essa razão, o rei da Espanha criou, em 1608, a Província del Guairá, com o objetivo de conter as investidas dos portugueses na região, que, pelo Tratado de Tordesilhas, pertencia aos espanhóis, abrangendo os territórios indígenas a Leste do rio Paraná.

Hoje, transitar pelo território paranaense é fácil, muito diferente das dificuldades encontradas nos séculos XVI e XVII. Os caminhos percorridos pelos europeus entravam por matas e florestas, e as distâncias de um lugar para o outro eram longas e desconhecidas. Além disso, nesse território, a dificuldade para encontrar alimento e água para sobrevivência aumentava os problemas.

A comunicação pelo interior do Paraná realizava-se por diversos caminhos, que começaram a ser percorridos pelos viajantes e exploradores, desde o início do século XVI, mas foram formados pelos habitantes que viviam na região – os indígenas – desde tempos muito remotos. Esses caminhos ligavam o litoral ao planalto. Mas existiam outras rotas terrestres que se estendiam dos territórios hoje chamados de Rio Grande do Sul, passando por Santa Catarina e pelo Paraná. As penetrações para o interior do território foram feitas pelos vales dos grandes rios (Iguaçu, Tibagi, Ivaí etc.). As vias de comunicação que hoje são chamadas de “Caminhos históricos” (PADIS, 1970) eram de difícil trânsito, e é por onde também passaram tropas de gado bovino e muar. Esses caminhos tiveram muita importância na ocupação dos territórios do atual Paraná.

## 1.2 UM POUCO DO HISTÓRICO DO OESTE DO PARANÁ

O Oeste do Paraná, compreendido entre as microrregiões de Toledo, Foz do Iguaçu e Cascavel, já foi ocupado por indígenas, e por espanhóis, pertenceu à Capitania de São Paulo, e formou o Território Federal do Iguaçu. Esse território foi anexado ao Brasil após vários tratados com a Espanha, passando então a pertencer à província de São Paulo. Em 1853, a região Oeste conseguiu sua emancipação política. Após se tornar parte integrante da Província do Paraná, acomodou imigrantes europeus, sobretudo eslavos, poloneses, ucranianos, alemães e italianos (PRIORI *et al.*, 2012). A região já era habitada no século XVI, quando D. Álvaro Nunes Cabeza de

Vaca percorreu o território indo ao Paraguai para assumir o governo em nome do rei da Espanha.

O processo da ocupação da região Oeste, segundo historiadores (GREGORY, 2002; MOTA, 2005), ocorreu em quatro etapas. A primeira foi realizada por indígenas; a segunda, pelos padres jesuítas espanhóis; a terceira, no período entre 1881 e 1930, pela introdução do sistema de Obrages, cujo objetivo era a exploração extrativista da erva-mate e da madeira; e a quarta, pela atuação das empresas colonizadoras (PRIORI *et al.*, 2012).

O aumento demográfico da região Oeste paranaense foi significativo no início do século XX, influenciado pelo deslocamento de populações de outras regiões do país em direção ao Paraná. Os imigrantes alemães e italianos que se dirigiram para o Oeste paranaense se estabeleceram em pequenas propriedades familiares rurais, como era característico em seus Estados de origem. Esses deslocamentos ficaram conhecidos como “marcha para o Oeste”. Essa marcha em direção a um novo local ocorreu devido à cultura do “vazio demográfico”, propalada pelas autoridades, com o objetivo de incentivar a colonização pioneira na região Oeste.

Escritos de historiadores da época relatam a preocupação dos governantes em povoar a região. Para Martins (1995):

A província era nesse momento, do ponto de vista humano, um ilimitado deserto, interrompido irregularmente por dezenove pequenos oásis, situados a distâncias imensas um dos outros – e distâncias literalmente intransponíveis [...]. Em compensação, na maior parte do território o vazio era absoluto: eram os ‘campos gerais’, era a floresta, era a Serra do Mar (MARTINS, 1995, p. 71).

A ocupação e colonização do território paranaense foi descrita por muitos pesquisadores e as tentativas de demonstrar o “vazio demográfico” era recorrente. Mota (2005) informa que a expressão “vazio demográfico” tornou-se ponto inicial para abordar o sistema de colonização da região a partir dos anos 1930. No entanto, essa versão ignora a existência de populações tradicionais em todas as regiões do Paraná. A busca do desenvolvimento e progresso do país era o ideal na perspectiva de governantes. Era uma decisão política e econômica do Estado e por isso começou a tomar amplas dimensões no início do século XX.

A “marcha para o Oeste”, política pública com a finalidade de desenvolver e integrar as regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil, desenvolvida no governo de

Getúlio Vargas, foi uma campanha de forte apelo nos meios de comunicação, sempre com conotação de exaltação do sentimento de brasilidade e do resgate do valor do “sertão”, que anteriormente fora explorado pelos bandeirantes e depois esquecido. Nessa campanha, circulava o desejo de incentivar as pessoas a se deslocarem para o Oeste. Ignoravam-se, no entanto, as populações tradicionais que residiam nesses locais, pois a região era “considerada vazia”, “isolada”, abandonada. Os governos do Estado distribuíam terras de modo a beneficiar grandes empresas. Os caboclos pioneiros, ou pequenos proprietários, ocupantes e interessados na posse de terras sempre foram deixados para segundo plano (PRIORI *et al.*, 2012).

Segundo Piori *et al.* (2012), desde o final do século XIX e início do século XX, o governo fez concessões a empresas estrangeiras para a exploração de erva-mate, de madeira e para a colonização da região Oeste. Essas empresas tinham trabalhadores paraguaios, argentinos e indígenas guaranis miscigenados no Paraguai. As embarcações estrangeiras podiam navegar até as sete quedas do rio Paraná e as empresas podiam comprar terras do governo paranaense, formando povoados. Os autores expõem:

O governo imperial em meados do século XVIII havia assinado um acordo de navegação com a Argentina e com o Paraguai. Esse documento garantiu o acesso à província do Mato Grosso com entrada pela foz do rio da Prata até o rio Paraná. Na outra parte do acordo a Argentina tinha assegurado o direito de navegar pelo rio da Prata, desde o Iguaçu até a distância das Sete Quedas. Essas resoluções tornaram propícia a atividade de contrabando da erva-mate, muito consumida pela população platina, e da madeira, que, além de utilizada pelos argentinos, era também exportada para o Canadá e Estados Unidos (PRIORI *et al.*, 2012, p. 80).

No início da década de 1950, a região Oeste do Paraná apresentou um crescimento importante, passando a integrar Foz do Iguaçu, Guaíra, Toledo, Cascavel e Guaraniaçu. Esses municípios possuíam extensa área, caminhos e comunicação, o que facilitava o acesso a outros centros políticos (COLODEL, 2008).

### 1.3 UM OLHAR PARA A HISTÓRIA DE GUAÍRA

Parte dos comentários constantes desta subseção deriva de pesquisa *in loco* realizada nos meses de março e abril de 2019. Foi uma experiência importante, pois

estas visitas oportunizaram um convívio com falantes da cidade e o conhecimento de pontos de importância turística do local.

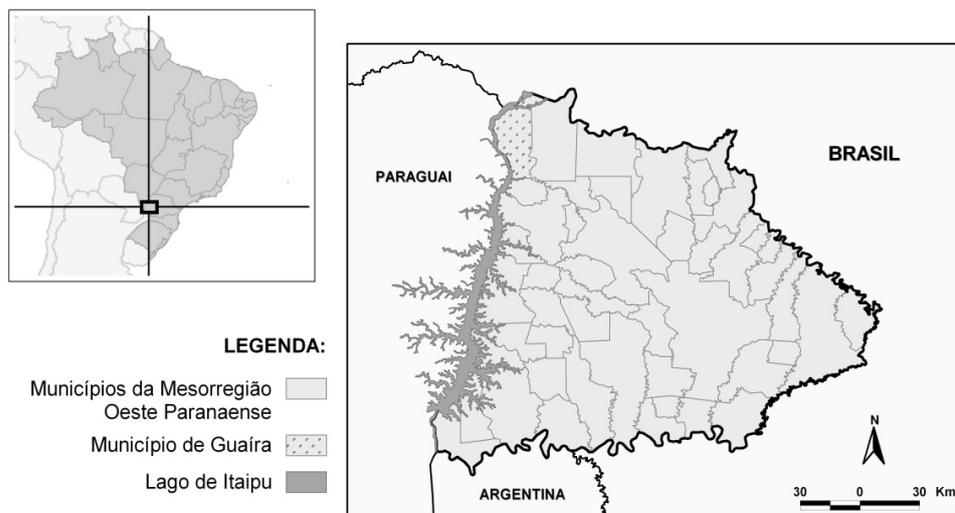
A História de Guaíra começa no século XVI, quando pertencia ao Paraguai. Nesse período, estava sob domínio espanhol e seus habitantes eram nativos de várias tribos. No início do século XVII, a Província Del Guayrá passou ao domínio português. Bandeirantes e padres jesuítas se estabeleceram nessas terras, construindo reduções, agrupamentos que posteriormente foram abandonados e destruídos. Altino (2012) descreve a história da província nestes termos:

Guaíra, já pertenceu ao Paraguai (século XVI) sob domínio espanhol e teve como primeiros habitantes nativos de várias tribos. No início do século XVII, a Província Del Guayrá passa ao domínio português. Cruzaram por essas terras bandeirantes e padres jesuítas estabelecidos nas reduções, posteriormente abandonadas e destruídas (ALTINO, 2012, p. 826).

Hoje, a cidade tem sua história que começou bem antes da data oficial de sua municipalização, em 1953. As primeiras expedições espanholas já registravam a existência de Guayrá quando excursionavam por esses rincões. Para Silva (2011):

Os espanhóis que, ao perceberem a importância estratégica da região, empreenderam a partir de 1533, intensa atividade colonizadora às margens do rio Paraná, fundando vários núcleos de povoamento, como Ontiveros, entre a foz do rio Iguaçu e o rio Piquiri, próximo às Sete quedas, ano de 1554; Ciudad Real do Guaira, confluência do rio Piquiri com o Paraná, a alguns quilômetros de Guaíra, ano de 1557; e Vila Rica do Espírito Santo, confluência dos rios Ivaí e Corumbataí, em 1476. A dominação espanhola prossegue no século seguinte e com a ajuda dos jesuítas e suas Missões, conseguiu controlar boa parte das nações indígenas que povoavam o oeste paranaense congregando-os num amplo território sob seu domínio. Essa possessão em território brasileiro foi denominada de Província do Guairá (SILVA, 2011, p. 17).

Guaíra é um município localizado na região extremo Oeste do Estado do Paraná, e compreende uma área de aproximadamente 560 km<sup>2</sup>. A cidade é localizada à margem esquerda do Rio Paraná, e o trecho ostenta o título de Maior Arquipélago da América do Sul. O município tem suas divisas ao Norte com o Estado do Mato Grosso do Sul; ao Sul com Mercedes-PR; a Leste com Terra Roxa-PR; e a Oeste com a República do Paraguai, separada pelo leito do rio Paraná.

**Figura 2: Guaíra-PR**

Fonte: IBGE (2001; 2003)

O contingente populacional de Guaíra é formado por indivíduos de diferentes origens. Do Brasil, a cidade tem uma população proveniente do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Pernambuco. Os estrangeiros que se estabeleceram em Guaíra vieram da Alemanha, Japão, Líbano, Palestina e Portugal. Além disso, Guaíra recebe diariamente um número expressivo de turistas com o intuito de fazer compras, e que acabam por interagir com a população e com a vida de Guaíra.

A localidade tem seu nome “Guaíra” ligado à presença indígena na região, especialmente da etnia guarani. Em razão disso, historiadores ligam seu nome a um famoso cacique Guarani, de grande influência, chamado Guayrá, que vivia na área entre os rios Paranapanema e Iguazu. Outro cacique, Guayracay, notório por sua resistência aos conquistadores, cujo nome também poderia ter dado origem a Guaíra. Ainda, o termo “guairá”, com significado de “intransponível” na língua guarani, teria dado origem ao nome da cidade (GREGORY; SCHALLEMBERGER, 2008).

O nome “Guaíra” foi registrado pela primeira vez em 1909, escrito no mapa oficial do Estado do Paraná, citado como “Porto Guaíra”. A região foi conhecida, também, como “Sete Quedas”, em 1872, aparecendo no Tratado de Limites por ocasião do pós-guerra, assinado entre Brasil e Paraguai. Mesmo já sendo nominada, a região é descrita como desabitada, visitada apenas por aventureiros (ALEKSIEJUK, 2008). Somente em 1953, informações mais específicas sobre o município apareceram no mapa oficial de Guaíra (GREGORY; SCHALLEMBERGER, 2008).

Segundo Aleksiejuk (2008), as disputas entre espanhóis e portugueses pela região de Guaíra, por volta do século XVI, indicam que esta terra não é tão jovem. Os conflitos dos colonizadores entre si contra os nativos atestam, já a partir de 1551, que o vazio demográfico é mito, porque ocorreram diversas iniciativas para implantar núcleos de povoamento, com início por um Porto à margem direita do Rio Paraná, fundam a Fortificação de Ciudad Real del Guairá, na foz do Rio Piquiri. Outros núcleos urbanos foram fundados, como Assunção, Cidade Real do Guairá e Vila Rica do Espírito Santo (ALEKSIEJUK, 2008).

No início, Guaíra era apenas uma vila localizada entre os rios Paranapanema, Iguaçu e Paraná, constituída basicamente pelos jesuítas e pelos indígenas. Entre os anos de 1610 e 1630, o local se constituiu em uma confluência colonial (ALEKSIEJUK, 2008).

Pela sua história de disputas, Guaíra é uma região de conflitos. Dois fatos históricos marcantes atestam isso: a Guerra do Paraguai, durante a qual brasileiros e paraguaios disputaram o território. E, mais recentemente, a construção da Usina de Itaipu, quando ribeirinhos e nativos indígenas também reivindicaram suas terras. No período compreendido entre esses fatos, diversos outros conflitos ocorreram, sempre na disputa por terra, e ainda perduram (SILVA, 2016). O maior de todos os conflitos ocorreu quando, em 1982, houve a inundação das Sete Quedas, recurso natural de grande importância turística para a cidade de Guaíra.

Em 1973, Brasil e Paraguai assinaram o Tratado de Itaipu, que aprovou o aproveitamento hidrelétrico do Rio Paraná. As Sete Quedas, de acordo com o projeto aprovado, seriam inundadas para a formação do reservatório de Itaipu (BRASIL, 1973). O Parque Nacional das Sete Quedas foi criado por lei, em 1961, pelo decreto nº 50.665, que foi assinado pelo presidente Jânio Quadros (BRASIL, 1961).

As Sete Quedas eram formadas:

por uma sucessão de quedas e saltos, tendo o maior deles 37 metros de altura. Calcula-se que a água do Rio Paraná levou cerca de 1 milhão de anos para cavar no basalto, rocha vulcânica dura, o caminho que percorria. Era a cachoeira mais caudalosa do mundo, escoando cerca de 75 mil metros cúbicos de água por segundo, numa velocidade de 150 km por hora. Segundo muitos, era um dos mais belos monumentos do planeta (RODRIGUES, 1982, p. 29).

O Salto de Sete Quedas ou *Saltos del Guairá* (em espanhol) foram as maiores cachoeiras do mundo em volume de água. Apesar de o nome ser Sete Quedas, eram constituídas por dezenove saltos, cujas quedas eram agrupadas em sete grupos. As Quedas eram o principal atrativo turístico de Guaíra. A cidade chegou a ser a cidade turística mais visitada do Brasil. Em 1966, por meio da Ata do Iguaçu, foi decretada a submersão do Salto das Sete Quedas para a formação do lago da Usina Hidrelétrica de Itaipu. O governo havia decretado que a construção da Usina de Itaipu alagaria as Sete Quedas, uma área em litígio entre Brasil e Paraguai devido a uma demarcação territorial sob a serra de Maracaju (SOUZA; SILVA, 2007).

#### 1.4 GUAÍRA: RETRATOS ATUAIS

Depois da construção da Usina de Itaipu, Guaíra ressentiu-se da perda de suas belezas turísticas. Com o desaparecimento das Sete Quedas, a população se uniu e outros pontos turísticos foram pensados para atrair os visitantes, afinal, sua vocação era o turismo. Em visita à cidade de Guaíra, em 2019, identificaram-se construções revitalizadas ou mesmo locais construídos, com a finalidade de servir de atração turística. Foi possível visitar e fotografar esses locais para apresentá-los nesta pesquisa. Além dos pontos turísticos, Guaíra chama a atenção por inúmeras paisagens de grande beleza natural.

Entre os atrativos da cidade, consta a pequena igreja de pedra *Nuestro Señor del Perdón*, que reúne traços da arquitetura e da cultura jesuítica. A igreja começou a ser erguida em 1933 e foi inaugurada no ano seguinte.

Pedras brutas, trazidas da região das Sete Quedas, formaram a estrutura principal da capela. As pedras foram encaixadas em estilo normando e vitrais em estilo espanhol de origem hispano-argentino completaram o visual da construção. As telhas originais foram levadas das ruínas da *Ciudad Real Del Guayrá*. Seus vitrais retratam a catequese praticada aos índios pelos padres jesuítas. Sua originalidade está nos santos retratados com feições, armas e utensílios indígenas, fatos inéditos na América do Sul. A primeira missa da igreja foi oficiada pelo Monsenhor Guilherme Maria Ehiletzeck, no dia 11 de novembro de 1934, dia de San Martin de Tours, um santo francês padroeiro dos turistas de todo o mundo (IBGE, 2017).

Na sequência, constam fotos tiradas em 2019, de diversos locais de importância turística na cidade de Guaíra.

**Figura 3:** Igreja de pedra Nuestro Señor del Perdón



Fonte: Acervo da autora

O Museu Histórico Sete Quedas foi fundado no ano de 1956 pela família Matsuyama. Em seu acervo, são encontradas as principais espécies da fauna da região, além de peças datadas de aproximadamente dois mil anos, que denunciam a presença do homem primitivo que habitou a região, bem como objetos que atestam a cultura dos colonizadores e dos nativos. Os artefatos indígenas, animais taxidermizados e fotos de época presentes no museu retratam a história e cultura local. O prédio com mais de um século já foi sede da Companhia Mate Laranjeira, e alguns utensílios da indústria também estão presentes no acervo do museu. Em 2006, foi transferido para o prédio da antiga Companhia Mate Laranjeira, o qual foi reformado, priorizando a arquitetura histórica que marcou a colonização da região. Nessa ocasião, o acervo particular foi repassado para o município. O museu passou então a se chamar Museu Sete Quedas. Nele, encontram-se peças de grande valor, como a Cruz de Lorena/Caravaggio, fundida no local de Ciudad Real Del Guayrá, no século XVI, com mais de 400 anos, e que é símbolo das Missões. Também são encontradas as vestes do Monsenhor e de coroinhas que rezaram a primeira Missa na capela (IBGE, 2017).

**Figura 4:** Museu Sete Quedas



Fonte: Acervo da autora

O Cine Teatro Sete Quedas funciona no antigo depósito da Companhia Matte Laranjeira, construído em 1905. Na década de 1940, o local foi transformado em centro cultural e passou a ter incorporado um novo edifício ao prédio original.

Característico por suas paredes de tijolos à vista, o espaço suporta até duas plateias distintas, uma interna e outra externa, ao ar livre, de acordo com o evento. O local tem capacidade para 164 pessoas, sendo constantemente usado para exibição de filmes, peças teatrais, shows e apresentações artísticas (IBGE, 2017).

**Figura 5:** Cine Teatro Sete Quedas



Fonte: Acervo da autora

A antiga Locomotiva, que foi utilizada pela Companhia Mate Laranjeira entre 1909 e 1951, encontra-se exposta na Praça Eurico Gaspar Dutra, e remete à primeira ferrovia do Oeste e Noroeste paranaense, que ligava o município de Guaíra ao distrito de Porto Mendes. Ela foi construída em 1917 pela Companhia Mate Laranjeira, com o propósito inicial de transportar erva-mate e madeiras de lei. Mais tarde, serviu como transporte dos turistas que desejavam conhecer as Sete Quedas (IBGE, 2017).

**Figura 6:** Locomotiva



Fonte: Acervo da autora

Segundo dados do IBGE (2017), o Rio Paraná é o maior do sistema hidrográfico da Bacia do Prata. De sua nascente, no planalto central, até a foz, no estuário do Prata, percorre 4.695 km, o que lhe rendeu o posto de nono rio mais extenso do mundo e quarto em área de drenagem. Estabelece divisa entre os estados brasileiros Paraná e Mato Grosso do Sul e a República do Paraguai, desde a embocadura do rio Paranapanema até a cidade de Foz do Iguaçu, numa extensão de 400 km. É navegável em grande parte, constituindo-se como uma opção de turismo. Possui diversas ilhas, formando o Parque Nacional da Ilha Grande, que desempenha importante papel no equilíbrio do meio ambiente.

**Figura 7:** Rio Paraná



Fonte: Acervo da autora

O Lago de Itaipu é formado pelo represamento do rio Paraná, pela Usina Hidrelétrica de Itaipu. Com uma área de 1350 km<sup>2</sup> e uma extensão de 160 km, o Lago é explorado turisticamente por lanchas e barcos que fazem passeios nas ilhas e nas praias existentes (IBGE, 2017).

**Figura 8:** Lago de Itaipu



Fonte: Acervo da autora

A Ponte Ayrton Senna, a maior ponte fluvial do Brasil, inaugurada em 24 de janeiro de 1998, foi construída sobre o rio Paraná. Localizada entre as cidades de Guaíra, no Paraná, e Mundo Novo, em Mato Grosso do Sul, a ponte perfaz um total

de 3.598,6 metros de extensão, sendo um prolongamento da rodovia BR-163. Sua pista possui 7,20 m de largura, mais 2,80 m de acostamento. A ponte foi construída sobre 98 colunas concretadas dentro do rio, com vãos de 32, 42 e 52 metros, e altura máxima no canal de navegação de 13 metros. Para a construção, foram escavados cerca de 263 m<sup>3</sup> de rocha, utilizadas 536 toneladas de aço, 2.893.733 kg de vergalhões CA50/CB e 23.239 m<sup>3</sup> em concreto. A Ponte Ayrton Senna tem capacidade de suportar até 45 toneladas de peso por vão (IBGE, 2017).

Sua construção foi responsável pela integração das regiões Norte e Centro-Oeste com a região Sul do país. A construção também facilitou o acesso de turistas a Salto del Guayrá, no Paraguai.

**Figura 9:** Ponte Ayrton Senna



Fonte: Acervo da autora

O acervo do Atelier Frei Pacífico compõe-se de peças que contam a história dos povos indígenas, retratando temas da mitologia, da astrologia e do conhecimento da região.

Dedicado à preservação da fauna e flora, o ex-frei franciscano foi responsável pelo reflorestamento da Ilha São Francisco, no Rio Paraná. O acervo conta com aproximadamente 300 peças feitas em madeira e cerâmica, que remetem às belezas da natureza e cultura indígena (IBGE, 2017).

**Figura 10:** Atelier Frei Pacífico



<http://www.viajeparana.com/Galeria-de-Imagens/Guaira>

Segundo o IBGE (2017), o Cruzeiro das Américas talvez seja a marca mais antiga da presença dos espanhóis em terras brasileiras, que vieram para o país em 1556. Trata-se de uma Grande Cruz de Madeira, com dez metros de altura, construída de um Ipê e que homenageia os 500 anos do Descobrimento da América. Sua inauguração aconteceu em 12 de outubro de 1992, quando foi celebrada uma Missa em Guarany, por um padre Jesuíta. Sua posição direciona-se para o Norte, caminho que o padre Montoya fazia quando ia de Asunción para a Ciudad Real. A grande cruz foi cravada nas rochas de uma pedreira localizada no Centro Náutico. Essa cruz lembra o modelo utilizado nas celebrações das missas pelos padres espanhóis. O Cruzeiro das Américas é um marco da luta do povo da região por preservar sua natureza e suas tradições (IBGE, 2017).

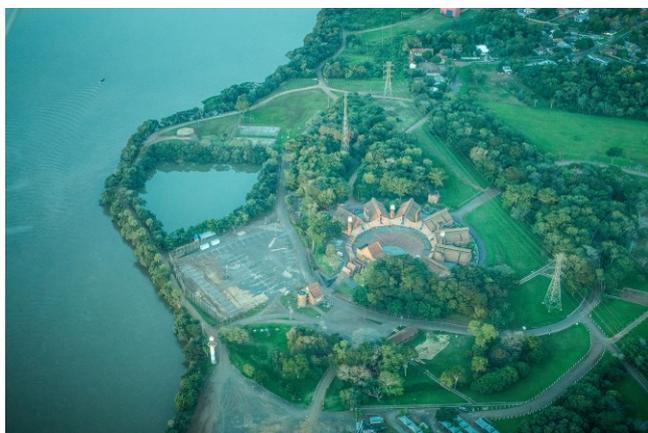
**Figura 11:** Cruzeiro das Américas



Fonte: Acervo da autora

O Centro Náutico Recreativo ocupa uma área de 14 alqueires, às margens do rio Paraná. A construção foi realizada pela Itaipu Binacional, como um “ressarcimento” à cidade de Guaíra pela perda das cachoeiras que formavam as Sete Quedas, em virtude do represamento para formação do Lago de Itaipu, em 1982. O centro recreativo oferece: sete pavilhões com 450 m<sup>2</sup> cada, dispostos em círculos, imitando uma aldeia indígena, todos voltados para um teatro e anfiteatro com capacidade para 5.000 pessoas. Nele, existe uma infraestrutura completa para a realização de feiras, congressos, exposições, eventos culturais e artísticos, com possibilidade de utilização simultânea ou individual de cada pavilhão. O Centro Náutico oferece, ainda, área livre para a realização de eventos periódicos, parques de estacionamento para 600 veículos e área de lazer e esporte. Dispõe de canchas de futebol suíço, cancha de bocha, canchas polivalentes, *playground*, churrasqueira, lago interno para equipamentos de lazer, com aproximadamente 100 m<sup>2</sup>; atracadouro, marinas e hangar. Dos espaços disponíveis, destaca-se a área ecológica, com bosque natural que contorna todo o Centro Náutico, e é ideal para caminhadas (IBGE, 2017).

**Figura 12:** Centro Náutico Recreativo



Fonte: Candia; Prefeitura de Guaíra

A Lagoa Saraiva é uma lagoa natural formada dentro do rio Paraná, localizada na Ilha Grande. Possui cerca de 28.000 metros de comprimento. Suas águas são escuras, mornas e limpas. Proporciona uma bonita paisagem, e, além de ser um refúgio biológico, é um local de reprodução de peixes. Assume importante papel no equilíbrio do meio ambiente (IBGE, 2017).

**Figura 13:** Lagoa Saraiva



[https://pt.wikipedia.org/wiki/Parque\\_Nacional\\_de\\_Ilha\\_Grande](https://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_Nacional_de_Ilha_Grande)

Hoje, a população de Guaíra convive com uma miscigenação de etnias, culturas e línguas. Essa nova fisionomia da cidade, que é na verdade antiga, imprime a esse povo uma característica muito particular.

### 1.5 SOBRE O FALAR GUAIRENSE

Para entender o falar dos habitantes de uma região, torna-se importante identificar e marcar geográfica e socialmente seus usuários. Ao descrever os falares paranaenses, sociolinguistas delimitam o espaço geográfico, ligando-o à cultura do grupo de falantes. Rodrigues (2007) comenta que existem, no Estado, “áreas lexicais estreitamente ligadas ao povoamento [...] e que essas áreas são fruto da diferenciação cultural paranaense, nascida, por sua vez, da diversidade de indivíduos que aportaram no Estado” (RODRIGUES, 2007, p. 22).

O trabalho de Rodrigues (2007) compara e interpreta obras que tratam da fala paranaense, que resultou no delineamento de três grandes áreas lexicais, Norte, Sul e Centro-Norte:

O Norte do Estado possui suas próprias características léxicas, com um vocabulário oriundo em parte de mineiros, paulistas e nordestinos que, a partir do século XX, desenvolveram a região. O Sul possui também características próprias e as variantes que nela ocorrem resultam em boa parte do contato com indivíduos da Região Sul, catarinenses e gaúchos que povoaram a região também a partir do século XX. No Centro Norte do Estado localiza-se uma área de transição na qual as variantes coocorrem (RODRIGUES, 2007, p. 345).

Estudos desenvolvidos por Altino (2007) apresentam um inventário lexical dos diversos grupos paranaenses por regiões demarcadas geograficamente, seguindo períodos históricos do povoamento e percorrendo o desenvolvimento econômico e cultural do grupo. Tem-se, assim, o elemento geográfico norteando a divisão, mas também o elemento da história especificando a economia de sobrevivência dos grupos. A divisão é apresentada em dois momentos, que são caracterizados por dois tipos de economia de sobrevivência. Partindo dessa visão, um linguajar típico marca as comunidades paranaenses espalhadas pelo Estado. Segundo Altino (2007):

O Paraná Tradicional, com povoamento iniciado no século XVII e estendido até o século XIX, tem sua economia baseada, inicialmente, na agropecuária e foi percorrido por indivíduos isoladamente, por bandeiras e por portugueses. O Paraná Moderno subdivide-se em duas regiões: o Norte, no início do século XX, foi ocupado por migrantes paulistas e mineiros e imigrantes europeus atraídos pela atividade cafeeira; o Sudoeste e o Oeste, povoados por migrantes gaúchos e catarinenses em meados do século XX, com economia centrada na plantação de cereais e na criação de suínos. Os aspectos apresentados sobre a colonização apontam para a possibilidade da diversidade linguística do Estado (ALTINO, 2007, p. 822).

Os organizadores da obra *O falar paranaense* destacam que não é possível, diante dos estudos dialetais realizados até então, falar em uma linguagem característica do paranaense.

Primeiramente, é preciso esclarecer que não existe o dialeto paranaense: o estado tem pelo menos três grandes áreas dialetais. O falar paranaense tradicional corresponde à ocupação histórica vicentina: centro-sul-litoral; a segunda área se formou com a vinda de migrantes gaúchos e catarinenses, à cata de terras mais baratas, desbravando as matas do sudoeste e do oeste do Paraná, transformando-as em áreas agricultáveis. A terceira área linguística corresponde ao norte e noroeste do estado, colonizados por migrantes mineiros e paulistas, que vieram explorar a cultura do café na rica terra roxa (FAGUNDES; LOREGIAN-PENKAL; MENON, 2015, p. 11).

Diante desses pontos de vista, o mais viável é ouvir o que dizem os moradores sobre o modo de falar em suas regiões. A sociolinguista Schlieben-Lange (1993) aponta:

Os falantes de uma língua sabem muito sobre ela e são capazes de explicitar esse saber até um determinado grau: eles podem dizer quais os elementos que fazem parte de sua língua e quais são estranhos; podem dizer quais são os elementos antigos e quais são surpreendentemente novos (baseando-se num saber sobre as possibilidades sistemáticas de sua língua e sobre aquilo que normalmente é realizado nela); podem, até um determinado grau, identificar as variantes geográficas, estilísticas e sociais de sua língua. Também podem relatar com quem e em que situações eles se comunicaram com sucesso em sua língua e quem, além deles, a fala (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 94).

Partindo dessas reflexões, buscou-se analisar a linguagem dos moradores de Guaíra e verificar o que eles dizem sobre o seu modo de falar. As falas aqui analisadas são excertos dos inquéritos coletados pelo Projeto *Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*, desenvolvido por Aguilera (2009).

Essa comunidade apresenta uma característica peculiar, considerando a localização geográfica: o município tem suas divisas ao Norte com o Estado do Mato Grosso do Sul; ao Sul com Mercedes-PR; a Leste com Terra Roxa-PR; e a Oeste com a República do Paraguai, separada pelo leito do rio Paraná, cuja história de desenvolvimento está ligada ao comércio. Tal situação favoreceu o contato entre falantes de diferentes localidades pertencentes a diversas etnias, como é possível verificar nos inquéritos analisados. Todos esses itens e circunstâncias exerceram grande influência no modo de falar do guairense.

Para os informantes desta tese, no que se refere à linguagem, eles reconhecem que os falantes de Guaíra têm “uma língua diferente, uma palavra mais puxada”, ou “um português meio arrastadinho”. Alguns informantes, recordando a história da formação da comunidade, lembram que, ao chegarem ao local, estranharam o linguajar dos habitantes, que descrevem como “tendo um sotaque muito carregado na língua portuguesa” e concluem que deve ser por influência dos “descendentes de paraguaios”. Sabe-se, e os guairenses confirmam, que a região se caracteriza por uma “miscelânea de gente de todos os lugares do Brasil – gente de todas as regiões do Nordeste, de Minas”, além de “portugueses, japoneses, alemães”. Todos esses grupos étnicos concorreram para produzir uma variante própria que caracteriza o falar do lugar, identificado como tendo “um sotaque carregado”, especialmente na realização fonética do /r/ na posição de travamento de sílaba, articulado de modo retroflexo, como na palavra “porta”, e comparam que é diferente do falar de “alguém

de Rondon”, por exemplo. O informante completa: “Guaíra deve ter, assim, um estilo próprio que a gente ainda não definiu por causa dessa mistura toda”.

Assim, conclui-se que o guairense analisa a sua variante a partir dos fenômenos fonológicos e percebe que isso se deve às variantes usadas por pessoas de diferentes regiões e diferentes etnias. Além das características fonológicas, os informantes fazem algumas considerações sobre o inventário lexical, consideram que utilizam “um linguajar misturado”, composto especialmente de palavras do espanhol, do guarani e de outras línguas. Eles observam que, quando começam a aprender na escola, os de origem paraguaia escrevem “uma palavra em português, quatro ou cinco em guarani”. Esse fato confirma que o guairense insere em seu falar vocábulos de outras origens, que vão se incorporando ao repertório sem que os falantes se deem conta.

A linguagem vai mudando, incorporando novos vocábulos, acompanhando a evolução no interior do grupo de falantes, impulsionado pelas andanças das (i)migrações e incentivado pela mídia e pelas tecnologias. Biderman (1987) lembra que a linguagem vai mudando e refletindo as transformações na sociedade, porque os conceitos se modificam de acordo com as mutações da sociedade.

## 2 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Como pressupostos teóricos, nesta seção constam noções básicas relacionadas a língua, dialeto e variedade; concepção de língua como fato social; comunidade linguística e comunidade de fala; contato linguístico: bilinguismo e diglossia; crenças e atitudes linguísticas; estereótipo, preconceito e estigma. Além desses estudos, buscou-se discorrer sobre a relação entre língua e faixas etárias e discutir as crenças e atitudes linguísticas de falantes de diferentes faixas etárias. Desenvolveu-se uma abordagem comparativa entre as Faixas 1 e 3 do material analisado nesta tese.

### 2.1 LÍNGUA, DIALETO, VARIEDADE

Labov (2008) procurou mostrar que a atitude dos indivíduos não é isolada com relação à atitude linguística de sua sociedade. As comunidades falantes se identificam com uma linguagem dentro do ambiente em que vivem. Para a sua comunicação, os falantes utilizam modalidades de linguagem ora de maior, ora de menor prestígio. Assim, surgem as classificações usadas de acordo com maior ou menor prestígio: língua e dialeto.

A conceituação de dialetos é melhor entendida a partir da definição de língua. Língua pode ser definida como um sistema de oposições funcionais, que serve de instrumento de comunicação para determinado grupo social. A língua é sempre vista como uma unidade, um todo indivisível. No entanto, essa unidade é composta de infinitas variações – regionais, grupais ou individuais –, que podem ser estudadas a partir dos níveis de análise fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico. Cada língua, ou sistema linguístico, é constituído de subsistemas que apresentam pontos de interseção e de disjunção. Esses subsistemas são os dialetos (ARAGÃO, 1983).

Bagno (2012), ao resumir o conceito de Língua para Saussure, assim a conceitua:

Língua é um sistema abstrato, homogêneo, composto de todas as realizações potenciais de expressão, formado por unidades que se opõem entre si, compartilhado por todos os falantes de um grupo

social; é invariável pois não pode ser alterado por nenhum falante individual (BAGNO, 2012, p. 45).

Na avaliação de Bagno (2012), para Saussure, o conceito de língua é apresentado como “uma entidade autônoma, um sistema fechado em si mesmo, que pode ser estudado sem se levar em conta qualquer interferência histórica, social, cultural etc.” (BAGNO, 2012, p. 46). É uma visão de língua “em si mesma e para si mesma”.(BAGNO, 2012, p. 46)

Graças a essa visão, foi possível delimitar as noções de fonema, morfema, sema e lexema, que são unidades abstratas que compõem esse sistema. Ao definir o conceito de língua, Saussure opera com certo número de filtros que distinguem os elementos internos e os externos.

Bloch e Trager (1942, p. 5) destacam: “Uma língua é um sistema de símbolos vocais arbitrários por meio dos quais um grupo social co-opera”. A definição dos autores salienta o papel da arbitrariedade e restringe o papel da investigação à língua falada.

Hall (1968, p. 158) aponta que a língua é “a instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais-auditivos habitualmente utilizados”. O autor trata a língua como instituição puramente humana, isto é, que pertence a determinada comunidade, e faz parte de determinada cultura.

Chomsky (1986) separa o que se processa na mente do falante e o que se expressa concretamente na fala, ou seja, faz uma separação entre conhecimento e experiência. Para o autor, a linguagem é uma faculdade inata, que está presente na própria composição genética.

Chomsky (1986), em sua obra *Syntactic Structures*, delinea seu pensamento:

A gramática universal pode ser considerada como uma caracterização da faculdade da linguagem geneticamente determinada. Podemos considerar essa faculdade como um mecanismo de aquisição da linguagem, como um componente inato à mente humana que nos capacita a adquirir uma língua particular através da interação com a experiência dada, como um mecanismo que converte a experiência num sistema de conhecimento alcançado: em conhecimento de uma ou de outra língua (CHOMSKY, 1986, p. 3).

Dito de outra maneira, Chomsky (1986) formula hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da linguagem: esta última, específica à espécie humana, repousa

sobre a existência de estruturas universais inatas (como a relação sujeito/predicado), que tornam possível a aquisição (a aprendizagem) pela criança de sistemas particulares que são as línguas. O contexto linguístico ativa essas estruturas inerentes à espécie, que subjazem ao funcionamento da linguagem. Tanto Saussure quanto Chomsky desconsideram completamente o sujeito, o falante como ser situado, membro de uma sociedade, participante de uma cultura, com vontade e capacidade de participação.

Língua e dialeto são termos ambíguos, fato que dificulta a enumeração de todas as línguas faladas no mundo. A ciência da linguagem tem usado alguns critérios para distingui-los, porém, muitos paradigmas utilizados chegam muitas vezes a resultados contraditórios. Isso se dá porque, segundo Mané (2007, p. 40), “língua e dialeto são duas denominações que se aplicam a aspectos diferentes, mas não opostos, do fenômeno extremamente complexo que é a comunicação humana”.

Para Vendryes (1966), os dialetos foram surgindo a partir de um jogo natural das ações linguísticas: “Les dialects se créent spontanément par le jeu naturel des actions linguistiques. Partout où de parlens contigus presentent des particularités communes et un air général de ressemblance sensible aux sujets parlants il y a dialecte”<sup>1</sup> (VENDRYES, 1966, p. 306).

Duarte (1976) reconhece que os limites são indecisos, que há dificuldades em diferenciar os dialetos de uma língua. O autor levanta alguns critérios para definir esses limites: variação de uma mesma língua; aspecto regional de uma língua; língua diferente em um mesmo país; idioma de um povo não politicamente livre. Ele entende que há um desenvolvimento natural dos elementos da linguagem.

Essa tarefa também se torna difícil porque, segundo Mané (2007):

A linguística moderna reconhece que o status de língua e dialeto não é somente determinado por critérios linguísticos, mas é também o resultado de um desenvolvimento histórico, geográfico e sócio-político, fatores levados em consideração para distinguirmos língua e dialeto (MANÉ, 2007, p. 41).

Língua e dialeto, compreendidos em uma perspectiva diacrônica, são termos resgatados por Haugen (1966), para quem representam uma complexa dicotomia.

---

<sup>1</sup> “Os dialetos são criados espontaneamente pelo jogo natural das ações linguísticas. Sempre que os discursos contíguos apresentam peculiaridades comuns e um ar geral de semelhança sensível aos assuntos falados, há um dialeto” (VENDRYES, 1966, p. 306, tradução nossa).

They represent a simple dichotomy in a situation that is almost infinitely complex. Hence they have come to be used to distinguish phenomena in several different dimensions, with resultant confusion and overlapping. The use of these terms has imposed a division in what is often a continuum, giving what appears to be a neat opposition when in fact the edges are extremely ragged and uncertain<sup>2</sup> (HAUGEN, 1964, p. 1).

Segundo estudos desenvolvidos por Haugen (1964), o termo dialeto era usado na Grécia antiga para se referir aos dialetos literários. Já o termo língua mantinha uma posição de prevalência, superordenado, em relação a dialeto, subordinado. Essa categorização se refere mais a questões sociais do que a questões linguísticas. Conforme Haugen (1964, p. 2), “The Greek situation has provided the model for all later usage of the two terms ‘language’ and ‘dialect’”<sup>3</sup>.

O fato de um dialeto estar sempre relacionado a uma língua em um status subordinado mostra em que estruturas sociais os termos são usados. Dialeto sempre é considerado com menor importância: “Since this historical process can be indefinitely repeated, the two terms are cyclically applicable, with ‘language’ always the superordinate and ‘dialect’ the subordinate term”<sup>4</sup> (HAUGEN, 1964, p. 2).

O dialeto é uma língua excluída das camadas cultas. Segundo Brun (1946), dialeto é uma língua que não alcançou sucesso. Para o autor, “As a social norm, then, a dialect is a language that is excluded from polite society”<sup>5</sup> (BRUN, 1946, p. 925). O termo dialeto, usado para descrever uma variedade da língua, possui uma grande carga de preconceito. Mané (2007) comenta que o dialeto, muitas vezes, sugere a fala informal, de grupos de classe baixa ou oriundos de área rural, como é o caso de dialeto rural do Brasil.

Se se considerarem as funções sociais de uma língua, o dialeto é uma forma de língua limitada a situações informais e de cunho oral. Em termos da distinção

---

<sup>2</sup> “Eles representam uma simples dicotomia em uma situação que é quase infinitamente complexa. Por isso, eles passaram a ser usados para distinguir fenômenos em várias dimensões diferentes, resultando em confusão e excesso de lapidação. O uso destes termos impôs uma divisão no que é frequentemente um continuum, dando o que parece ser uma clara oposição quando de fato as bordas são extremamente irregulares e incertas” (HAUGEN, 1964, p. 1, tradução nossa).

<sup>3</sup> “A situação grega forneceu o modelo para todo o uso posterior dos termos língua e dialeto” (HAUGEN, 1964, p. 2, tradução nossa).

<sup>4</sup> “Como esse processo histórico pode ser repetido indefinidamente, os dois termos são ciclicamente aplicáveis, tendo ‘língua’ como o termo superordenado e ‘dialeto’ o termo subordinado” (HAUGEN, 1964, p. 2, tradução nossa).

<sup>5</sup> “Como norma social, então, um dialeto é uma língua que é excluída da sociedade educada” (BRUN, 1946, p. 925, tradução nossa).

língua-dialeto, é possível afirmar que o dialeto serve a uma população em suas funções de menor prestígio. As concepções mostram uma atitude depreciativa em relação ao dialeto (HAUGEN, 1966).

Há, porém, usos completamente diferentes da palavra dialeto, em diferentes partes do mundo. Nos Estados Unidos, o termo dialeto designa toda forma local do inglês, não levando em consideração o maior ou menor prestígio. Os dialetos alemães e italianos são muito diferentes uns dos outros, dificultando a intercompreensão dentro do território nacional (MANÉ, 2007). Os dialetos franceses originaram-se no período da Idade Média, os “patois”, e foram alcunhados de maneira depreciativa, vistos como falares marginalizados. No período da Revolução Francesa, foram considerados ameaças à compreensão das leis e ao engajamento às formas de produção (SOUZA, 2011).

Do ponto de vista linguístico, a língua pode ser considerada a partir de uma perspectiva unitária, enquanto os dialetos são vistos como estruturas parciais superpostas. Quanto ao uso da língua, Haugen (1972) argumenta que ela possui duas dimensões claramente distintas: uma estrutural (formal), que se volta para a descrição da sua forma em si, e outra funcional, que descreve seus usos na comunicação. A dimensão formal vê a língua primeiramente como um fenômeno mental, enquanto a funcional vê a língua como um fenômeno social.

O que se viu até aqui é que existe uma grande dificuldade para se conceituar língua e dialeto. Por isso Fisiol (1972) sugere o emprego de um termo neutro para denominar tais categorias. O autor usa o termo variedade, que pode ser usado para nominar qualquer língua.

Bagno (2007) esclarece que a sociolinguística contemporânea evita o uso de dialeto e prefere o termo variedade porque, segundo o autor:

A vantagem de variedade é que a palavra pode se referir a um espectro muito mais amplo do que dialeto: além de designar um modo característico de falar a língua em dada região, ela também se aplica aos usos característicos de diferentes classes sociais, etnias, categorias profissionais, faixas etárias etc., segundo o interesse do pesquisador. Quanto mais variáveis sociais incluímos na pesquisa sociolinguística, mais profundamente conhecemos uma variedade linguística (BAGNO, 2007, p. 53).

Para Bagno (2007), o conceito de variedade segue uma lógica de funcionamento formada dentro de cada grupo linguístico. A delimitação é social e o

grupo utiliza a língua seguindo regras gramaticais eficientes que possibilitam a interação no grupo.

## 2.2 CONCEPÇÃO DE LÍNGUA COMO FATO SOCIAL

A visão de língua como um fato social é compartilhada por quase todos os linguistas, embora a preocupação com o contexto social seja diferente para uns e outros. A importância dos fatores sociais para a mudança linguística é uma questão antiga. No século XIX, Whitney (1901) já afirmava isso como um fato: “Speech is not a personal possession, but a social; it belongs not to the individual, but to the member of society”<sup>6</sup> (WHITNEY, 1901, p. 404).

Muitos outros linguistas compartilhavam a visão de Whitney (1901) sobre o contexto social da língua e suas funções sociais. Entre eles, estão: Meillet (1921), para quem a mudança linguística está atrelada à mudança social; Vendryes (1951), que considera que a língua deve o seu desenvolvimento ao desenvolvimento social; e Jespersen (1946), que postula que a língua reflete o conjunto de hábitos de uma nação.

Para Labov (2008), certas movimentações sociais interferem de maneira marcante na mudança linguística:

Portanto, há áreas de consenso em torno dos efeitos de certas mudanças sociais violentas sobre a língua. Ninguém negaria a importância de conquistas, invasões e imigração em massa, com a conseqüente extinção, superposição ou fusão de línguas inteiras (LABOV, 2008, p. 306).

Interferências como conquistas, invasões e imigração podem provocar mudanças linguísticas que podem acarretar transformações, tais como: a língua simplesmente desaparecer, a língua ser adotada pelo conquistador ou ocorrer miscigenação linguística.

Labov (2008) considera importantes três questões que devem ser respondidas por linguistas, que pretendem se “engajar num contexto social da evolução linguística” (LABOV, 2008, p. 313); quanto à primeira questão, “A **variação social** e estilística da

---

<sup>6</sup> “A fala não é uma posse pessoal, mas social; não pertence ao indivíduo, mas aos membros da sociedade” (WHITNEY, 1901, p. 404, tradução nossa).

língua desempenha um papel importante na mudança linguística?” (LABOV, 2008, p. 313, grifos do autor), o autor explica o que entende por “social” e “estilístico”: “por ‘social’ entendo aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea; e por ‘estilística’, as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala” (LABOV, 2008, p. 313). A variação social e estilística, conforme o autor, ocorre na expressão do falante e carrega a informação sobre seu estado mental e sua visão de mundo. A variação social e/ou estilística está no ato de dizer.

A segunda questão que o autor apresenta é: “**Regras fonológicas e gramaticais** abstratas, de alto nível, podem ser afetadas por fatores sociais?” (LABOV, 2008, p. 314, grifos do autor). O autor comenta ser difícil observar se fatores sociais influenciam na variação lexical, fonética e morfológica, uma vez que os falantes não têm consciência das regras gramaticais.

Com relação à terceira questão: “Existe alguma **função adaptativa** à diversidade linguística?” (LABOV, 2008, p. 315, grifos do autor), o autor considera “que não se pode argumentar em prol da radiação adaptativa em nenhuma área da língua” (LABOV, 2008, p. 316). Ainda conforme o autor, as línguas não sofrem interferências adaptativas, como as espécies biológicas defendidas por Darwin (1871). As línguas não parecem estar evoluindo e ficando cada vez melhores. O que existe é o desenvolvimento do vocabulário, mas isso não representa uma função adaptativa. Na fonética e na gramática, a diversificação se deve à analogia sistemática. As mudanças se operam da mesma maneira em diferentes etapas (LABOV, 2008).

O autor destaca: “Postulamos que as forças que operam para produzir a mudança linguística hoje são do mesmo tipo e ordem de grandeza das que operaram no passado, há cinco ou dez mil anos” (LABOV, 2008, p. 317). E ainda afirma que pesquisadores observaram a mudança considerando o tempo aparente, isto é, as faixas etárias.

Ele mesmo, no estudo sobre o sotaque dos habitantes da ilha de Martha’s Vineyard, localizada no estado de Massachusetts, na costa Leste dos Estados Unidos, obteve registros do Atlas Linguístico, de trinta anos antes, para realizar o estudo da mudança. Mas o autor lembra que não existe um conjunto uniforme e homogêneo de regras no comportamento linguístico e que, por isso, não se pode observar as regras mudarem de um momento para outro.

Ainda com relação às mudanças linguísticas atreladas ao contexto social, Labov (2008) argumenta ser difícil investigá-las, pois não se têm informações sobre o estado da sociedade em que ocorreram as mudanças. No entanto, o autor recorre ao “princípio da uniformidade”, que, segundo ele, explicaria a interação social sobre a gramática e a fonologia que operam hoje como operaram no passado. As mudanças que ocorrem hoje nas línguas acontecem da mesma forma que as mudanças que ocorreram na história da sua constituição. Assim, as mudanças passadas contribuem para a compreensão do estado atual de cada língua.

Labov (2008) observa ainda que existem duas possibilidades metodológicas para o estudo da mudança linguística: investigar uma comunidade específica e retornar a ela cerca de duas décadas depois (mudança em tempo real); ou comparar a fala das pessoas mais idosas com a das pessoas mais jovens (mudança em tempo aparente).

De acordo com Labov (1994, p. 156), “[...] we can learn about the mechanism of past sound changes by studying changes taking place around us”<sup>7</sup>. As mudanças que ocorrem hoje nas línguas guardam muitas semelhanças com as mudanças que ocorreram no passado. É o que se conhece como *princípio da uniformidade*. A história das línguas contribui para a compreensão do estado atual das línguas.

Para Labov (2008), os pesquisadores devem resolver pelo menos cinco problemas ao estudar a mudança linguística. Esses problemas se referem ao quadro linguístico interno da língua, como os “condicionamentos universais” sobre as mudanças linguísticas que são independentes de qualquer comunidade particular; a “transição” entre dois estágios é também um problema linguístico interno; o “encaixamento” tem a relação com mudança linguística e também com mudanças sociais; a “avaliação” mostra a reação de falantes frente à mudança; e o problema da “implementação” está relacionado a fatores sociais que questionam a mudança em determinado tempo e lugar.

As questões da mudança linguística foram retomadas por Weinreich, Labov e Herzog (2006), ao apresentarem o esboço de problemas para os quais uma teoria da mudança deveria fornecer respostas:

---

<sup>7</sup> “[...] podemos aprender sobre o mecanismo das mudanças sonoras do passado estudando as mudanças que ocorrem ao nosso redor” (LABOV, 1994, p. 156, tradução nossa).

a questão dos fatores condicionantes (mudanças e condicionantes possíveis); a questão da transição (os estágios intervenientes das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social); a questão do encaixamento (o entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social); a questão da avaliação (os efeitos da mudança sobre a estrutura e o uso da língua); a questão da implementação (razões para mudanças ocorrerem em certa língua numa dada época) (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 17).

Após a apresentação dos problemas que envolvem a mudança linguística, conclui-se que, para uma compreensão plena da variação, exigem-se estudos que envolvam tanto a estrutura linguística quanto o quadro social em que a mudança ocorre.

Aspectos do contexto envolvem o quadro social que estão vinculados mais estreitamente à mudança linguística e foram descritos por Hymes (1962). O autor considerou as relações entre interlocutores em diferentes eventos de fala dentro de grupos como igreja, escola, trabalho, família etc. Assim, Labov (2008) questiona se seria possível observar se as mudanças na língua refletiriam as mudanças nas relações entre os indivíduos participantes desses grupos. Seria possível correlacionar comportamento linguístico com *status* social, por exemplo? A cada momento, a linguagem dá informações sobre os interlocutores; são informações sobre filiação étnica e religiosa, casta, sexo, família, educação, renda, profissão e possivelmente pertencimento a grupos pares.

Portanto, “mudanças na língua podem estar correlacionadas com mudanças na posição dos subgrupos com os quais o falante se identifica” (LABOV, 2008, p. 327).

### 2.3 COMUNIDADE DE LÍNGUA E COMUNIDADE DE FALA

Para o estudo das atitudes linguísticas em comunidades, é importante que se analise a noção de comunidade, de comunidade linguística e de comunidade de fala, a partir de diversos autores e teorias.

A pesquisa sociolinguística tem por objeto de estudo o grupo de indivíduos, e não o indivíduo tomado isoladamente. Em virtude disso, compreende-se não só a importância de estudar a língua utilizada em uma comunidade, mas também as regras para o uso dela. Isso envolve o caráter social e linguístico no uso de uma língua.

Para Bloomfield (1970), a noção de comunidade ficava reduzida à noção de língua, ou seja, aqueles que falavam a mesma língua eram definidos como membros de uma mesma comunidade. Segundo o linguista, indivíduos em uma comunidade linguística falam de um modo semelhante e se compreendem.

Alguns autores fazem a distinção entre as expressões “comunidade linguística” e “comunidade de fala”. Moreno Fernández (1998), em sua obra *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*, afirma que “[...] los individuos que han utilizado, utilizan y utilizarán una lengua, como el español, en cualquiera de sus variedades geográficas, sociales y estilísticas, forman una comunidad idiomática”<sup>8</sup> (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 23).

Reforçando o conceito de comunidade de fala, Moreno Fernández (1998) explica que os falantes não apenas compartilham de uma mesma língua, como também valores de natureza sociolingüística:

Una comunidad de habla está formada por un conjunto de hablantes que comparten efectivamente, al menos una lengua, pero que, además, comparten un conjunto de normas y valores de naturaleza sociolingüística: comparten unas mismas actitudes lingüísticas, unas reglas de uso, un mismo criterio a la hora de valorar socialmente los hechos lingüísticos, unos mismos patrones sociolingüísticos<sup>9</sup> (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 23).

Gumperz (1971), analisando as várias características que fazem os indivíduos se sentirem membros da mesma comunidade, usa o termo “comunidade linguística” em vez de “comunidade de fala”, e passa a definir esse termo da seguinte maneira:

a social group which may be either monolingual or multilingual, held together by frequency of social interaction patterns and set off from the surrounding areas by weaknesses in the lines of communication. Linguistic communities may consist of small groups bound together by face-to-face contact or may cover large regions, depending on the level of abstraction we wish to achieve<sup>10</sup> (GUMPERZ, 1971, p. 101).

<sup>8</sup> “[...] os indivíduos que usaram, usam e usarão um idioma, como o espanhol, em qualquer uma de suas variedades geográficas, sociais e estilísticas, formam uma comunidade idiomática” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 19, tradução nossa).

<sup>9</sup> “Uma comunidade de fala é composta por um conjunto de falantes que realmente compartilham pelo menos uma língua, mas que também compartilham um conjunto de normas e valores de natureza sociolingüística: compartilham as mesmas atitudes linguísticas, regras de uso, os mesmos critérios quando se trata de avaliar socialmente fatos linguísticos, os mesmos padrões sociolingüísticos” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 23, tradução nossa).

<sup>10</sup> “um grupo social que pode ser monolíngue ou multilíngue, reunido por frequência dos padrões de interação social e partir das áreas circundantes debilidade nas linhas de comunicação. As comunidades linguísticas podem consistir em pequenos grupos ligados por contato pessoal ou podem abranger

Nesse sentido, as comunidades são definidas a partir de seus relacionamentos com outras comunidades. Uma comunidade deve apresentar certa coesão social e se encontrar isolada de outras comunidades. Os fatores que provocam coesão e diferenciação variam de ocasião para ocasião, e diferentes fatores influenciam o indivíduo a entender-se pertencente a determinada comunidade.

Gumperz (1971) oferece outra definição de comunidade de fala:

any human aggregate characterized by regular and frequent interaction by means of a shared body of verbal signs and set off from similar aggregates by significant differences in language usage. Most groups of any permanence, be they small bands bounded by face-to-face contact, modern nations divisible into smaller subregions, or even occupational associations or neighborhood gangs, may be treated as speech communities, provided they show linguistic peculiarities that warrant special study<sup>11</sup> (GUMPERZ, 1971, p. 114).

Os membros da comunidade de fala não só devem compartilhar um conjunto de regras, mas também deve haver relacionamentos regulares entre o uso da linguagem e a estrutura social; ou seja, deve haver normas que possam variar de acordo com o subgrupo e ambiente social.

Gumperz (1971) acrescenta:

Wherever the relationships between language choice and rules of social appropriateness can be formalized, they allow us to group relevant linguistic forms into distinct dialects, styles, and occupational or other special parlances. The sociolinguistic study of speech communities deals with the linguistic similarities and differences among these speech varieties<sup>12</sup> (GUMPERZ, 1971, p. 115).

---

grandes regiões, dependendo do nível de abstração que desejamos alcançar” (GUMPERZ, 1971, p. 101, tradução nossa).

<sup>11</sup> “qualquer agregado humano caracterizado por interação regular e frequente por meios de um corpo compartilhado de sinais verbais e partir de agregados semelhantes por diferenças no uso da linguagem. A maioria dos grupos de qualquer permanência, sejam pequenos grupos delimitados pelo contato pessoal, nações modernas divisíveis em sub-regiões menores, ou mesmo associações profissionais ou gangues de bairro, pode ser tratada como comunidades de fala, desde que mostrem peculiaridades linguísticas que justifiquem estudos especiais” (GUMPERZ, 1971, p. 114, tradução nossa).

<sup>12</sup> “Onde quer que as relações entre a escolha da língua e as regras de adequação social possam ser formalizadas, elas nos permitem agrupar formas linguísticas relevantes em dialetos, estilos e diálogos ocupacionais ou especiais. O estudo sociolinguístico das comunidades de fala lida com as semelhanças e diferenças linguísticas entre essas variedades de fala” (GUMPERZ, 1971, p. 115, tradução nossa).

A Sociolinguística, tratando da relação entre língua e sociedade, ocupa-se do conjunto de regras de uma e de outra no processo de adequação.

#### 2.4 CONTATO LINGUÍSTICO: BILINGUISMO E DIGLOSSIA

A pluralidade de línguas no mundo é um fato explorado por pesquisadores. Romaine (2006, p. 388) observa que “[...] o bilinguismo ou multilinguismo está presente em praticamente todos os países do mundo, seja ele oficialmente reconhecido ou não”. O mundo é plurilíngue, este é um aspecto típico da vida cotidiana de grande parte da população mundial. Embora não existam estatísticas sobre o número de pessoas que trabalham diariamente com vários idiomas, o fato de os quase 7.000 idiomas do mundo serem falados em aproximadamente 200 países sugere que o multilinguismo é uma característica de praticamente todas as regiões (ROMAINE, 1994; CALVET, 2002; CALVO, 2011).

A presença de múltiplas línguas em determinado ambiente enseja o contato entre línguas e inevitavelmente o intercâmbio e o conflito. A comunidade guairense, ora em estudo, é um desses grupos típicos, inserida em um contexto multilíngue, cujos membros estão diariamente em contato com mais de uma dezena de línguas. Pelas características laborais dessa comunidade, em que o comércio é a atividade mais desenvolvida, especialmente pelos indivíduos do sexo masculino, há uma interação diária com falantes de diversas outras línguas. O que ocorre com esses indivíduos é um conhecimento e às vezes até a necessidade de aprender alguns dos diferentes falares para desenvolver seus negócios.

Calvet (2002) alega que não existem países monolíngues, mas que podem existir várias formas de uma mesma língua. O autor acrescenta ainda que há duas formas de conceber o plurilinguismo: seja como fenômeno individual, quando o indivíduo é plurilíngue, porque nasceu em uma família bilíngue, ou como fenômeno coletivo, um indivíduo inserido em uma comunidade plurilíngue, na qual coexistem várias línguas.

Estudos sobre contatos linguísticos envolvem muitos conceitos e temas, mas os que serão abordados nesta pesquisa estão relacionados ao contato entre as várias línguas ou dialetos, ao bilinguismo, à diglossia, fatos vivenciados na análise dos dados coletados e analisados nesta pesquisa.

As situações de contato linguístico favorecem a geração de fenômenos linguísticos, como o bilinguismo e a diglossia. Neste último, são gerados efeitos sociais do bilinguismo, como a lealdade e deslealdade linguística, o conflito linguístico. A influência entre as línguas ou os efeitos linguísticos do bilinguismo levam à convergência, divergência, interferência e à alternância linguísticas.

O contato entre línguas ocorre em virtude das relações sociais instituídas dentro de determinado grupo. Essas relações, no entanto, nem sempre se estabelecem de maneira harmoniosa. Fishman (1972) reforça que os usos linguísticos são reflexo das relações socioculturais e demonstram também as relações de poder dentro de uma comunidade. Esse fato cria atitudes positivas ou negativas dentro dos grupos com relação à língua que se refletem na avaliação de variedades linguísticas quando estas recebem rótulos de feias ou bonitas. Alkimin (2001) argumenta que as variedades linguísticas de grupos em contato recebem a avaliação dos seus usuários:

Em qualquer comunidade de fala podemos observar a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas. Essa coexistência, entretanto, não se dá no vácuo, mas no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade. Na realidade objetiva da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso que reflete a hierarquia dos grupos sociais. Isto é: em todas as comunidades, existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores (ALKIMIN, 2001, p. 39).

Hamel (1988a) e Calvet (1995) mostram que a dominação linguística reflete as dominações sociais. Hamel (1988a) analisa situações em que as línguas indígenas são dominadas pela língua espanhola em comunidades indígenas do México, e Calvet (1995) analisa as relações de dominação de línguas africanas pela língua francesa em países africanos. O contato entre línguas é, na verdade, um contato entre falantes e, nessa relação, um juízo de valor está sempre presente. Essa é a razão de alguns autores abordarem o tema como conflito linguístico. Em situação de contato social em determinado espaço geográfico, portanto, é inevitável haver o contato entre línguas e, como consequência, as interferências, os empréstimos, as mesclas, os usos esporádicos em determinadas situações e, também, os conflitos. Os conflitos se refletem nas atitudes dos falantes ora em relação às línguas ou variedades, ora em relação aos próprios falantes.

As línguas utilizadas pela comunidade estudada nesta pesquisa podem ser classificadas da seguinte maneira: por um lado, uma língua dominante e as demais

línguas dominadas. A dominância ocorre justamente pelo poder social e econômico dos falantes. A língua dominante, o português, é partilhada por todos os falantes da comunidade em um contato com os demais falares dos diferentes grupos das diferentes etnias. Como resultado desse contato étnico-linguístico, ocorre a imposição da cultura da língua dominante, expressa linguisticamente. Disso resulta a diminuição do uso e quase a extinção das diferentes línguas, que é percebido pelos indivíduos da comunidade de falantes do português. Restam, no final, praticamente duas línguas concorrentes: o português e o espanhol. Corbari (2013, p. 38) considera que não existe “contato sem conflito, visto que há sempre uma relação assimétrica de poder, em maior ou menor grau, entre os grupos envolvidos”.

Cada língua que participa de um mesmo espaço sociolinguístico apresenta-se, segundo seu *status*, como dominante ou dominada. Para o desenvolvimento desta pesquisa, em um ambiente multilíngue, considerou-se, consoantes a Corbari (2013), o conceito de dominante para a língua de uso na educação, administração e mídia, e de dominada para a língua de uso em pequenas comunidades. Assim, a preocupação sobre o contato de línguas será compreender as dinâmicas e os poderes implicados nessa relação. São consideradas a língua dominante como a que goza de estatuto de oficialidade, e as línguas dominadas como as que têm função identitária, étnica, de lealdade à família e aos valores tradicionais.

Voltando ao assunto do contato entre línguas, discute-se sobre os conceitos de bilinguismo e diglossia, que estão ligados a contatos entre línguas e entendidos de diversas maneiras. De um modo geral, as primeiras definições tendiam a restringir o bilinguismo ao domínio igual de duas línguas, mas, nas pesquisas posteriores, o entendimento se ampliou para a competência de mais de duas línguas.

Bloomfield (1933), ao abordar o termo bilinguismo, define-o como “o controle nativo de duas línguas” (BLOOMFIELD, 1933, p. 56). Tal definição mostra-se bastante restritiva, uma vez que contempla apenas falantes com dupla proficiência. Essa visão mostra uma ideia pautada na linguística estrutural, cuja visão era de organizações binárias. Outro fato complicador nessa definição de Bloomfield é a não especificação sobre o que seja proficiência “semelhante à de um nativo”.

Weinreich (1953) foi o primeiro a publicar uma obra sobre bilinguismo, definiu-o como o uso alternativo de duas línguas. O autor também faz distinção entre o bilinguismo individual e o bilinguismo social. O primeiro se refere ao bilinguismo de um mesmo indivíduo, enquanto o bilinguismo societal abrange determinada

comunidade que se expressa em mais de uma língua. Segundo Romaine (1995), não é possível separar a definição de bilinguismo societal da definição de bilinguismo do indivíduo. Entende-se que a ação do indivíduo bilíngue no espaço social e a ação da sociedade no indivíduo são complementares.

Grosjean (2008) baseia seu conceito de bilinguismo na ideia de uso: bilíngues são pessoas que utilizam duas ou mais línguas ou dialetos no seu dia a dia. Segundo essa definição, incluem-se como bilíngues:

pessoas que vão desde o trabalhador migrante que fala com certa dificuldade a língua do país anfitrião (e que não a lê nem a escreve) até o intérprete profissional que é totalmente fluente nas duas línguas. Neste intervalo, encontra-se o cônjuge que interage com amigos na sua primeira língua, o cientista que lê e escreve artigos em uma segunda língua (mas que raramente a fala), o membro de uma minoria linguística que usa a língua minoritária somente em casa e a majoritária nos outros domínios de sua vida, a pessoa surda que usa a língua de sinais com os amigos, mas que usa outros tipos de sinais com uma pessoa ouvinte, etc. (GROSJEAN, 2008, p. 164).

Para o autor, o importante é que, para além da grande diversidade existente entre essas pessoas, todas elas compartilham algo em comum: levam suas vidas com duas ou mais línguas.

Weinreich (1953) também é um dos responsáveis por conceituar os diferentes tipos de bilinguismos. Em consonância com outros autores, Weinreich (1953) fez a distinção entre bilinguismo subordinado e coordenado, e acrescentou o bilinguismo composto. Essa classificação toma como base a relação entre léxico e sistemas conceituais das línguas. No bilinguismo coordenado, cada palavra em cada língua possui seu próprio significado, e o falante mantém os conceitos e as formas das palavras separadas na memória. No bilinguismo composto, um mesmo conceito pode ser expresso por meio de duas palavras distintas, uma em cada língua. No bilinguismo subordinado, as palavras na língua dominada seriam interpretadas a partir das palavras da língua dominante.

Grosjean (1982), ao retomar a discussão sobre os tipos de bilinguismo e reforçar a mesma conceituação, considera:

there are three types of bilinguals: coordinate bilinguals who have two sets of meaning units and two modes of expression, one for each language (this means that the words of the two languages are totally separate entities); compound bilinguals who have one set of meaning

units and two modes of expression (equivalent words in different languages have the same meaning); and subordinate bilinguals who have the meaning units of the first language and two modes of expression: that of the first language and that of the second, learned by means of the first (here the bilingual processes words of the weaker language through the words of the stronger language)<sup>13</sup> (GROSJEAN, 1982, p. 164).

Embora alguns pesquisadores, como Bloomfield (1933) e Thiery (1978), tenham definido como bilíngues aqueles que têm fluência nativa de duas ou mais línguas, a questão ainda não está definida, pois não abarca falantes que usam dois ou mais idiomas regularmente, mas que não têm fluência nativa. Esse fato levou os pesquisadores a propor outras definições de bilinguismo, como a capacidade de produzir enunciados em mais de uma língua tendo competência em, pelo menos, uma das habilidades linguísticas: leitura, escrita, fala, audição (GROSJEAN, 1982).

O termo diglossia tem sua origem no grego e significa dualidade de línguas. A noção de diglossia proposta por Jean Psichari, filólogo e escritor grego, denota “a coexistência, na mesma nação, de duas línguas rivais” (TABOURET-KELLER, 2006, p. 11).

A noção de diglossia descreve uma situação desigual de contato entre idiomas em que uma variedade parece dominar outra, e alerta sobre possíveis relacionamentos conflitantes a que esse fenômeno poderia levar.

Na época de sua publicação, em 1928, o termo denotava a rivalidade entre duas línguas. O termo foi usado pela primeira vez quando se fala da Grécia, onde o idioma dos puristas e o idioma popular colidem. Tabouret-Keller (2006) mostra como a questão de língua dominante e dominada é retratada por Psichari, o qual:

mostra claramente que o problema da diglossia [...] está ligado a uma situação de dominação [...] de uma variedade sobre outra, criada pela pressão do grupo falante numericamente minoritário, mas política e culturalmente em posição de força (TABOURET-KELLER, 2006, p. 11).

---

<sup>13</sup> “existem três tipos de bilíngues: bilíngues coordenados que possuem dois conjuntos de unidades de significado e dois modos de expressão, um para cada idioma (isso significa que as palavras dos dois idiomas são entidades totalmente separadas); bilíngues compostos que possuem um conjunto de unidades de significado e dois modos de expressão (palavras equivalentes em diferentes idiomas têm o mesmo significado); e bilíngues subordinados que possuem as unidades de significado da primeira língua e dois modos de expressão: a da primeira língua e a da segunda, aprendidas por meio da primeira (aqui o bilíngue processa palavras da língua mais fraca através das palavras da linguagem mais forte)” (GROSJEAN, 1982, p. 164, tradução nossa).

Ferguson (1959), em sua obra *Diglossia*, considera a existência de diglossia quando duas variedades da mesma língua são usadas em uma sociedade com funções socioculturais diferentes, mas perfeitamente complementares. Uma dessas variedades é considerada alta (“Alta”), portanto, valorizada, investida com prestígio pela comunidade: é usada principalmente por escrito (na literatura em particular) ou em situações de oralidade formal, e é ensinada. A outra, considerada baixa (“Baixa”) é o de comunicações comuns, da vida cotidiana, e reservada para a oralidade. Essa distribuição sociolinguística dos usos das duas variedades é, no modelo de Ferguson (1959), estável e perfeitamente aceita pela comunidade.

Para o autor, a diglossia emerge da distinção entre duas variedades geneticamente relacionadas em uso na mesma comunidade, um símbolo de prestígio, geralmente associado às funções nobres da forma escrita de uma língua, alta variedade, e outro, símbolo das funções práticas da vida cotidiana, uma baixa variedade, cada uma cumprindo sua parte na sociedade e na vida das pessoas. Ferguson (1959) ressalta que essas são funções complementares, em um relacionamento estável que pode ter durado séculos, como é o caso do Alcorão árabe em contraste com as muitas formas de dialeto falado do árabe. Este caso é um dos quatro propostos pelo autor para ilustrar a diglossia; os outros três são as relações entre alemão e alemão suíço na Suíça de língua alemã, francês e crioulo no Haiti, Khatarevusa e demótico na Grécia. Em um discurso muito bem argumentado, Ferguson (1959) aborda as áreas de uso nas quais a diglossia se manifesta – prestígio, patrimônio literário, aquisição, padronização, estabilidade, gramática, léxico e fonologia –, uma lista muito ampla, com critérios estritamente linguísticos, e outros sociológicos, até psicológicos. A alta variedade nunca é o idioma de entrada no idioma infantil.

## 2.5 ATITUDES LINGUÍSTICAS

A atitude linguística é um dos conceitos fundamentais para o desenvolvimento desta tese. Nesta parte, são apresentados diferentes conceitos e definições de terminologia relevantes para este trabalho, bem como o estudo da teoria em torno do assunto que ocupa a atitude linguística.

A atitude é uma avaliação dos objetos feita pelos indivíduos. Diversas ciências investigam essa avaliação analisando os impasses da atitude na realidade social.

Entre as ciências que se ocupam desse assunto, estão a Psicologia Social, a Sociolinguística, a Sociologia da Linguagem e a Etnografia da Comunicação. Essas ciências se ocupam primordialmente das atitudes linguísticas.

O conceito de atitude tem desempenhado papel importante na história da Psicologia Social, o que fez com que vários psicólogos chegassem a definir o campo da Psicologia Social como o estudo científico das atitudes (ALLPORT, 1935).

O conceito de atitude é um dos mais antigos e teve grande relevância no desenvolvimento das ciências sociais no último século.

A atitude filosófica como questionamento radical sobre o significado da realidade, além das aparências, opiniões e explicações convencionais, iniciou no círculo de estudantes de Platão.

Cubillos *et al.* (2001) explicam a atitude filosófica como um exercício do pensamento. Para eles:

La actitud filosófica es ante todo un ejercicio del pensamiento que se transforma gracias a ese mismo ejercicio del pensamiento que construye no la verdad, sino lo verdadero, sujeto a cambios inesperados, pero que al fin y al cabo es lo que conduce a la vida de cada sujeto, con la condición fundamental de tener la disposición de transformarse a sí mismo<sup>14</sup> (CUBILLOS *et al.*, 2001, p. 24).

Um dos primeiros teóricos a conceituar a atitude, Allport (1935, p. 8) define o termo como “um estudo neuromental de prontidão, organizado através da experiência diretiva ou dinâmica sobre a resposta do indivíduo para todos os objetos e situações com as quais está relacionado”. A partir desse ponto de vista, atitude é uma avaliação mais ou menos emocional que leva o indivíduo a decidir como agir. A atitude não é inata, mas desenvolve-se, organiza-se a partir de experiências.

Para Allport (1935), psicólogo americano, o conceito de atitude é indispensável para a psicologia social. Esse psicólogo tem sido um dos mais importantes estudiosos sobre atitude.

Lambert e Lambert (1975) definem atitude como

uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, mais genericamente, a

---

<sup>14</sup> “A atitude filosófica é antes de tudo um exercício de pensamento que se transforma graças ao mesmo exercício de pensamento, que constrói não a verdade, mas o verdadeiro, sujeito a alterações inesperadas, mas que em última análise é o que leva à vida de cada sujeito, com a condição fundamental de ter a disposição de se transformar” (CUBILLOS *et al.*, 2001, p. 24, tradução nossa).

qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 100).

Sarnoff (1970) corrobora os autores e argumenta que atitude é “uma disposição para reagir favorável ou desfavoravelmente a uma classe de objetos” (SARNOFF, 1970, p. 279). As atitudes desempenham uma função essencial na determinação do comportamento; podem afetar julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com que há associação, a escolha das profissões e até as filosofias à sombra das quais se vive (LAMBERT; LAMBERT, 1975).

Baker (1992) lembra que as atitudes não podem ser observadas diretamente, uma vez que “‘attitudes are latent, inferred from the direction and persistence of external behavior’. Implicit attitudes differ from explicit attitudes in that the former reflect unconscious (rather than conscious) attitudes”<sup>15</sup> (BAKER, 1992, p. 11).

Allport (1935) complementa que os pensamentos e sentimentos estão ocultos, aparecendo somente por meio da ação. O autor considera que o conceito de atitude tem sido sistematicamente estudado, apesar das críticas e discussões:

It is undeniable that the concept of ‘attitude’ has become something of a factotum for both psychologists and sociologists. But, in spite of all the animadversions of critics, the term is now in nearly universal use and plays a central role in most of the recent systematic studies in social psychology<sup>16</sup> (ALLPORT, 1935, p. 798).

O conceito de atitude, contudo, nem sempre é facilmente delineado e suas definições variam de acordo com o grau de elaboração e com o peso dado a diferentes traços de atitudes.

Segundo Allport (1935), o uso original do termo atitude incorporava algo diferente do seu significado atual. Originariamente, o termo atitude significava uma postura ou pose na pintura ou na representação teatral.

Allport (1935) explica a origem e significado primitivo do termo atitude: “Derived from the Latin word ‘aptitude’ and the Italian ‘atto’ (Latin = actus), its root meaning,

---

<sup>15</sup> “As atitudes são latentes, inferidas a partir da direção e persistência do comportamento externo’. Atitudes implícitas diferem de atitudes explícitas, pois as primeiras refletem atitudes inconscientes (ao invés de conscientes)” (BAKER, 1992, p. 11, tradução nossa).

<sup>16</sup> “É inegável que o conceito de ‘atitude’ se tornou um fato tanto para psicólogos quanto para sociólogos. Mas, apesar de todas as animações dos críticos, o termo agora é de uso quase universal e desempenha um papel central na maioria dos estudos sistemáticos recentes em psicologia social” (ALLPORT, 1935, p. 798, tradução nossa).

however, appears to be 'aptitude for action'. That is, having a tendency towards certain actions"<sup>17</sup> (ALLPORT, 1935, p. 798).

Tendo o significado de aptidão ou adaptação, conota um estado subjetivo ou mental de preparação para a ação. A partir do seu uso no campo da arte, no entanto, o termo passou a ter um significado externo, referia-se ao exterior ou à postura visível (a postura corporal) de uma estátua ou de uma pintura. "Thought its use in the field of art, however, the term came to have a quite independent meaning; it referred to the outward or visible posture (the bodily position) of a figure in statuary or painting"<sup>18</sup> (ALLPORT, 1935, p. 798).

Assim, de acordo com Allport (1935), a atitude é algo abstrato e mental, mas também visível quando se manifesta por meio das atitudes em relação aos outros. Pode ser também entendida como um sentimento, mais relacionado à vontade, direcionado a determinado objeto, ideologia, pessoa ou qualquer outra coisa que leve a ter uma opinião.

Allport (1935), ainda especificando atitude, afirma: "is a mental ou neural state of readiness, organized thought experience to all objects and situations with which it is related"<sup>19</sup> (ALLPORT, 1935, p. 810).

Através dos anos, os conceitos de atitude tornam-se cada vez mais elaborados, sendo adotados pela maioria dos cientistas. Ao final da década de 1950, passa-se a ter uma visão tridimensional de atitude, que abrange as crenças (elemento cognitivo), os sentimentos (elemento afetivo) e tendências para ação (elemento conativo), de uma pessoa, em relação a determinado objeto (ROSENBERG; HOVLAND, 1960).

Para Lambert (1975), citado por Moreno Fernández (1998), a atitude se constitui de três componentes colocados no mesmo nível: o saber ou crença (componente cognoscitivo); a valoração (componente afetivo); e a conduta (componente conativo). Assim, pode-se entender que a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências

---

<sup>17</sup> "Derivado da palavra latina 'aptitude' e do italiano 'atto' (latim = actus), seu significado raiz, no entanto, parece ser 'aptidão para a ação'. Ou seja, tendo uma tendência a certas ações" (ALLPORT, 1935, p. 798, tradução nossa).

<sup>18</sup> "Por seu uso no campo da arte, no entanto, o termo passou a ter um significado bastante independente; referia-se à postura externa ou visível (a posição corporal) de uma figura na estátua ou na pintura" (ALLPORT, 1935, p. 798, tradução nossa).

<sup>19</sup> "é um estado mental ou neural de prontidão, organizado através da experiência de todos os objetos e situações com os quais está relacionado" (ALLPORT, 1935, p. 810, tradução nossa).

que o leva a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística.

Gómez Molina (1998), ao desenvolver seu estudo sobre as atitudes linguísticas na região metropolitana de Valença - Espanha, discute o papel desses componentes na manifestação da atitude linguística do falante diante da fala do outro. Para o autor,

o componente cognitivo teria maior peso sobre os demais por conformar, em larga escala, a consciência sociolinguística, uma vez que nele intervêm os conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes: consciência linguística, crenças, estereótipos, expectativas sociais (prestígio, ascensão), grau de bilinguismo, características da personalidade etc. O componente afetivo, por sua vez, está alicerçado em juízos de valor (estima-ódio) acerca das características da fala: variedade dialetal, acento; da associação com traços de identidade; etnicidade, lealdade, valor simbólico, orgulho; e do sentimento de solidariedade com o grupo a que pertence. O componente conativo, por sua vez, reflete a intenção de conduta, o plano de ação sob determinados contextos e circunstâncias. Mostra a tendência a atuar e a reagir com seus interlocutores em diferentes âmbitos ou domínios: rua, casa, escola, loja, trabalho (GÓMEZ MOLINA, 1998, p. 31).

A explicação clássica de atitude com base na teoria platônica segue sendo adotada pelos cientistas, envolvendo o cognitivo, o afetivo e a disposição para a ação. Freire e Fonte (2007) comentam que existem vários modelos para operacionalizar a atitude em torno de três componentes chamados tripartidos. Entre muitos, as autoras salientam o modelo clássico, proposto por Rosenberg e Hovland (1960), que permitiu desde logo a operacionalização dos três componentes de atitude:

o cognitivo, que diz respeito às crenças, conhecimentos, informações e opiniões, sejam eles conscientes ou inconscientes, através das quais a atitude é expressa; o afetivo, que se refere aos sentimentos e às respostas fisiológicas expressas na atitude; e, finalmente, o comportamental que diz respeito aos processos que permitem a estruturação de uma intenção do comportamento e preparam o indivíduo para agir de determinada maneira (FREIRE; FONTE, 2007, p. 81).

Baker (1992), em sua obra *Attitudes and Language*, explica atitude segundo o conceito clássico, distinguindo três componentes: o cognitivo, o afetivo e o conativo.

The cognitive component concerns thoughts and beliefs. A favorable attitude to the Irish language might entail a stated belief in the importance of continuity of the indigenous language, its value in the

transmission of Irish culture and use in immersion bilingual education. The affective component concerns feelings towards the attitude object (e.g. in the Irish language). The feelings may concern love or hate of the language, a passion for Irish poetry, or an anxiety about learning a minority language. The action or conative component of attitudes concerns a readiness for action. It is a behavioral intention or plan of action under defined contexts and circumstance<sup>20</sup> (BAKER, 1992, p. 13-14).

Com relação aos três componentes da atitude, segundo o autor, o cognitivo se refere a uma atitude favorável; o componente afetivo se refere ao sentimento em relação ao objeto; e o componente conativo demonstra prontidão para ação.

A atitude é organizada, segundo Gade (1980), em três componentes: cognoscitivo, afetivo e comportamental. A dimensão cognoscitiva inclui as crenças e conhecimentos a respeito de pessoas, organizações, fatos ou situações; a dimensão afetiva se refere ao sentimento, ao grau de agradabilidade perante as qualidades esperadas dessas pessoas, organizações, fatos ou situações (gostos, preferências); e o componente comportamental é uma combinação de crenças e sentimentos, uma predisposição para uma reação comportamental em relação a uma pessoa, organização, fato ou situação (tendência à ação e intenção). Para Gade (1980), os componentes da atitude estão em constante inter-relação, o que propicia mudanças nas atitudes. As atitudes podem ser modificadas, segundo Siebra (2012). Essa modificação decorre, provavelmente, da mudança – progressão ou regressão – das pessoas, que se desenvolvem, adquirem experiências diversas, variam suas necessidades.

Corbari (2013), em sua tese *Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*, ao desenvolver a análise das falas dos informantes, interpreta os componentes da atitude como índices. Para a autora, são índices porque “refletem a percepção metalinguística e epilinguística dos falantes a respeito da(s) própria(s) variedade(s) e das demais variedades” (CORBARI, 2013, p. 213), que coexistem em determinado ambiente. A autora optou pelo termo índice

---

<sup>20</sup> “O componente cognitivo diz respeito a pensamentos e crenças. Uma atitude favorável à língua irlandesa pode implicar uma crença declarada na importância da continuidade da língua indígena, seu valor na transmissão da cultura irlandesa e uso na educação bilíngue por imersão. O componente afetivo diz respeito a sentimentos em relação ao objeto da atitude (por exemplo, na língua irlandesa). Os sentimentos podem estar relacionados ao amor ou ódio do idioma, à paixão pela poesia irlandesa ou à ansiedade de aprender um idioma minoritário. A ação ou componente conativo das atitudes diz respeito à prontidão para a ação. É uma intenção ou plano de ação comportamental em contextos e circunstâncias definidos” (BAKER, 1992, p. 13-14, tradução nossa).

porque entende que dados levantados, conforme abordagem mentalista, representam apenas referências dos componentes da atitude. Esses índices abrangem “as crenças, os estereótipos e pré-julgamentos, as opiniões ou convicções, a consciência linguística dos informantes, bem como o conhecimento a respeito da própria bilinguagem e a designação das variedades que falam e ouvem” (CORBARI, 2013, p. 213). Continuando o pensamento, a autora esclarece que o ponto de vista cognitivo “representa os modos de conceber e interpretar o mundo e seus fenômenos, coconstruídos no conjunto de experiências dos sujeitos e resultantes de um processo interativo de interpretações e (re)significações” (CORBARI, 2013, p. 213).

O componente afetivo, para Corbari (2013, p. 229), é “uma resposta emocional ao objeto atitudinal, estando assentado, portanto, no componente cognitivo”. A autora explicita que a

avaliação social e cultural em relação a determinado grupo geralmente se pauta em pontos de referência, que são os estereótipos atribuídos àquele grupo, cujos valores estão localizados no domínio da memória das crenças sociais e, nesse sentido, podem ser compreendidas como objetos mentais compartilhados de cognição social (CORBARI, 2013, p. 229).

Continuando sua reflexão, Corbari (2013) conclui que atitude é um processo que envolve crenças, juízos de valor, emoções, reações e comportamentos. Sendo assim, a tendência para determinada ação se torna o resultado desse processo. Ao final, as crenças e os valores afetivos se “transformam em intenções comportamentais” (CORBARI, 2013, p. 229).

A visão tridimensional de atitude aparece em muitos trabalhos, os quais mostram que pode ser detectada uma relação entre os três componentes. Fishbein (1963) mostrou que o afeto direcionado a um objeto está ligado ao conjunto total das crenças sobre este objeto e não a uma crença específica sobre ele, bem como ao padrão geral de disposições para agir em relação a esse objeto e não a uma disposição específica (FISHBEIN, 1963).

Para a Sociolinguística, o conceito de atitude é central desde o trabalho de Labov (2008) sobre a estratificação social das comunidades de fala, que trata da mudança linguística impulsionada pelo prestígio e pelo estigma em relação a traços linguísticos específicos existentes nas comunidades.

Para Bem (1973, p. 13), as crenças são “o produto de experiência direta”. O indivíduo constrói suas crenças quando inserido no contexto social, a partir de suas experiências e percepções, que são vinculadas a elementos afetivos.

Lambert e Lambert (1975), psicólogos sociais, entendem que as crenças fazem parte das atitudes e estão vinculadas ao elemento cognitivo, ao lado da memória e do raciocínio.

O sociolinguista William Labov (2008) conclui, com base em Lambert (2003), que as crenças são “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são partilhados por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (LABOV, 2008, p. 176).

Constituída por pensamentos, crenças, afeição e tendências de reação, portanto, “uma atitude se forma quando tais componentes estão de tal modo inter-relacionados que as tendências de reação e os sentimentos específicos se tornam coerentemente associados ao objeto da atitude” (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 100).

Assim, as atitudes linguísticas são, normalmente, reguladas pelos grupos sociais de maior prestígio e cumprem papéis importantes exercidos na construção do comportamento dos indivíduos, porquanto “influem em nossos juízos e percepções de outros; influem na rapidez e eficiência de nossa aprendizagem, ajudam a determinar os grupos a que nos ligamos, as profissões que finalmente escolhemos e até a filosofia que aceitamos” (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 107).

Conforme Gómez Molina (1996), Moreno Fernández (1998) e Blanco Canales (2004), é consenso dividir em duas as abordagens das atitudes, conforme o conceito que se tem de atitude: a behaviorista ou comportamentalista e a mentalista. Na perspectiva comportamentalista, a atitude é interpretada como uma conduta, uma reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua, a uma situação ou a características sociolinguísticas determinadas; é a resposta ou o comportamento de uma pessoa em determinada situação social. As atitudes, portanto, podem ser observadas diretamente a partir do comportamento do indivíduo em certos contextos sociais. Como as atitudes podem ser medidas em termos de dados observáveis, são variáveis dependentes das situações-estímulo em que se observam. Os comportamentalistas utilizam como procedimento de estudo a observação direta das condutas objetivas (GÓMEZ MOLINA, 1996; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; BLANCO CANALES, 2004).

A concepção mentalista, por sua vez, interpreta a atitude como um estado mental, interno do indivíduo, uma disposição mental em relação a condições ou fatos sociolinguísticos concretos; é um estado que medeia o estímulo recebido por uma pessoa e sua resposta a ele. Como se trata de uma disposição de ordem mental, não é possível medi-la ou observá-la diretamente, mas apenas deduzi-la a partir de certa informação psicossociológica. Conforme apontam os psicólogos canadenses Lambert e Lambert (1996):

Como as atitudes não são diretamente observáveis, têm de ser inferidas, seja da cuidadosa observação do comportamento das pessoas em situações sociais, seja dos padrões de respostas a questionários que foram especialmente elaborados para refletirem prováveis modos de pensar, sentir e reagir a ambientes sociais concretos e reais (LAMBERT; LAMBERT, 1996, p. 104-105).

Para a análise das atitudes na perspectiva mentalista, portanto, é necessário recorrer a técnicas indiretas, mais complexas, que permitam desvelar algo tão intangível como um estado mental. Muitos trabalhos sobre atitudes linguísticas se baseiam na perspectiva mentalista e medem essa variável como a relação entre um estímulo que afeta um sujeito e a resposta valorativa desse sujeito. O Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (AGUILERA, 2009), cujos dados ensejaram este estudo, adotou metodologia baseada na teoria mentalista, na perspectiva de que, conforme Blanco Canales (2004), apesar das evidentes desvantagens da proposta mentalista, que demanda um mecanismo que permita inferir e medir as atitudes, ela é a mais bem aceita graças à sua capacidade de prever o comportamento verbal e, portanto, converter-se em modelos sistemáticos.

O questionário utilizado para a realização dos inquéritos que compõem o *corpus* deste estudo foi elaborado com base em Bergamaschi (2006) e adaptado à realidade sociolinguística e cultural das comunidades de fala investigadas, com 46 perguntas específicas para avaliar atitudes linguísticas em relação às línguas em contato e ao português (e, por extensão, aos seus falantes) de cada localidade. As perguntas, basicamente, buscam verificar: a) a(s) língua(s) falada(s) pelo informante na infância com os familiares, e no presente; b) a percepção do informante com relação às diferentes línguas faladas em sua comunidade; c) a avaliação do informante com relação a essas línguas (quem fala melhor ou pior, qual língua é mais

bonita ou mais feia); d) o posicionamento do informante com relação ao seu uso em lugares públicos ou à sua aprendizagem na escola; e) a avaliação do informante com relação à sinceridade ou falsidade de amigos falantes dessas línguas (caso os tenha); e f) a aceitação ou não do informante de manter relacionamento afetivo, profissional e de vizinhança com membros das diversas etnias.

López Morales (1989) considera a atitude como a própria ação ou reação, a aceitação ou rejeição de um fato linguístico – uso ou desuso de uma variante, de uma variedade ou de uma língua –, que se produz pelas crenças, favoráveis ou adversas, em relação ao fato em questão; tais crenças provêm do conhecimento linguístico e sociolinguístico do falante, isto é, de sua consciência sociolinguística – dimensão cognitiva – ou de percepções e considerações relacionadas à própria afetividade e comunidade da fala. Com base nessa perspectiva, o equipamento sociolinguístico pode ser explicado da seguinte forma: conhecimento do funcionamento do uso linguístico, bem como percepções afetivas em relação a ele pelos membros de uma comunidade, que produz certas crenças sobre esse uso, que, se positivas, conferem-lhe *status* e podem provocar atitudes positivas no indivíduo que, portanto, aceita-a e a usa, mas, se forem negativos, estigmatizam, resultando no aparecimento de atitudes negativas.

## 2.6 ESTEREÓTIPO, PRECONCEITO E ESTIGMA

O falante está em constante processo de avaliação da língua, seja de forma consciente ou não. No processo da variação, embora tenham o mesmo valor de verdade ou representacional, às formas linguísticas diferentes podem ser atribuídas avaliações ou valorações sociais igualmente diferentes, o que se dá por conta das pressões sociais que operam constantemente sobre a língua. No processo de avaliação, estão os conceitos de estereótipo, preconceito e estigma. Esses três conceitos muitas vezes estão tão estreitamente ligados que se torna difícil determiná-los, embora tentativas sejam constantes.

Labov (2008) vê os estereótipos como rótulos atribuídos a determinados indivíduos ou grupos. Para ele, estereótipos “são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade” (LABOV, 2008, p. 360). São julgamentos sobre uma pessoa ou um grupo envolvendo sua cultura e sua língua.

O estereótipo é entendido como uma generalização englobando características idênticas de membros de determinado grupo. Segundo Padilha (1999), as avaliações que fazemos do comportamento dos outros formam as nossas atitudes em relação aos membros de nosso grupo e de outro grupo social. Os estereótipos são avaliados ora de maneira negativa ora como processo mental, comum ao ser humano.

Para Bem (1973), a maioria dos estereótipos não é um processo negativo, mas ato necessário para generalizar um conjunto de experiências de determinado grupo.

Generalizar um conjunto limitado de experiências e tratar indivíduos como membros de um grupo, além de atos cognitivos comuns, são atos necessários. São “recursos do pensamento” que possibilitam evitar o caos conceptual, ‘empacotando’ nosso mundo em um número razoável de categorias (BEM, 1973, p. 18).

Siebra (2005) analisa o lado negativo do estereótipo e resume o conceito como uma forma de se identificar um indivíduo ou a si mesmo de acordo com a sua aparência, raça, crença religiosa, ideologia, idade, papéis sociais e de gênero, condição socioeconômica, cultural, enfim, usando, frequentemente, essa identificação para rechaçar alguém que não corresponda ao ideal pretendido, ou para privilegiar quem se enquadre no referido ideal. A autora considera que o estereótipo pode ser entendido como uma generalização desfavorável, exagerada e simplista, porque não tem base para sustentar tal rótulo, sobre um grupo ou uma categoria de pessoas. São quase sempre impressões sem fundamento, expressas a respeito do diferente, de algo que incomoda por ser parte de outra realidade linguística, social, cultural.

Para Siebra (2005), o estereótipo também pode ser definido como uma tendência à padronização, com a eliminação das qualidades e diferenças individuais, mediante uma generalização abusiva e uma simplificação extremada, as quais implicam uma distorção da realidade.

Estereótipos, como traços associados às categorias sociais, são representações multifacetadas utilizadas consoante ideologias, convicções, crenças, atitudes, ideias pré-concebidas, políticas ou até interesses escusos, que revelam o que se pensa e em que se acredita (SIEBRA, 2005).

O informante **Ms1** do Projeto CAL, da Faixa 1, expressa um comportamento negativo, rotulando negativamente o povo paraguaio no quesito higiene, conforme e recorte a seguir:

**Ms1** - Não [consultaria médico paraguaio] Não que a gente queira disfazê do paraguaio, tem que sê bem claro, né, que todo brasileiro pelo menos, que eu conheço, em questão de...em relação a matérias de higiene, medicina, essas coisa, acho que eles deixam a desejá.

O informante **Ms3**, da Faixa 3, atribui rótulo de preconceituoso e racista ao povo alemão. Por esse motivo não moraria em um bairro de alemães:

**Ms3** - Os alemães também...eles são um poco preconceituoso, eu sô negro pra eles, eu sô preto, alemão se não for branquelo, eles falam. Mas isso já acabô também. Mas se fosse puro alemão, acho que não gostaria não.

Em contextos multilíngues, podem ocorrer avaliações comparativas entre as línguas em contato. Certas línguas serão consideradas esteticamente mais agradáveis do que outras. Nesses casos, trata-se de estereótipos linguísticos.

Informantes do Projeto CAL expressam avaliações das línguas conhecidas identificadas na comunidade. Os recortes a seguir mostram essa atitude dos falantes:

**Mf1** - Paraguaia acho mais feia. Agora a língua americana acho mais bonita.

**Ms3** - Ah, eu acho que entre essas línguas todas, o italiano e o inglês, né. Italiano tem uma pronúncia muito bonita, a expressão da fala.

**Ms3** - o alemão (inint) arrasta muito, tem muitas letras...como é que fala? Tem palavras compridas demais, né. A língua alemã pra o nosso ouvido é a língua que menos agrada mesmo.

O estereótipo como construção social tem relação com preconceito, ambos decorrem da atitude de avaliação e internalização dos conceitos formados.

O preconceito é descrito como uma atitude de predisposição para reagir negativa ou positivamente com relação a certos objetos, instituições, conceitos ou outras pessoas.

Amaral (1998) afirma, a respeito do preconceito:

Como a própria construção da palavra indica, é um conceito que formamos aprioristicamente, anterior, portanto, à nossa experiência. Dois são seus componentes básicos: uma atitude (predisposições psíquicas favoráveis ou desfavoráveis em relação a algo ou alguém - no caso aqui discutido, desfavorável por excelência) e o

desconhecimento concreto e vivencial desse algo ou alguém, assim como de nossas próprias reações diante deles (AMARAL, 1998, p. 17).

A definição mais adotada de preconceito na psicologia social foi formulada por Gordon Allport (1954), psicólogo norte-americano pioneiro nas teorias da personalidade. Em seu livro *The nature of prejudice*, Allport (1954) desenvolveu uma análise muito sistemática e detalhada do preconceito, ainda reconhecida. Segundo o pesquisador, o preconceito é uma atitude hostil em relação a uma pessoa, baseada na crença que ela tem das características negativas atribuídas a um grupo. Essa atitude é composta por dois componentes: um cognitivo, a generalização categorial, e um disposicional, a hostilidade, que influenciaria componentes discriminatórios. No mesmo texto, Allport (1954) aprimora sua definição, situando-a exclusivamente para o preconceito étnico, entendido como uma antipatia baseada numa generalização falha e inflexível, que pode ser sentida ou expressa e que se dirige a todo um grupo ou a um indivíduo porque este faz parte do grupo. Nesta última definição, destacam-se dois aspectos principais: o preconceito como defeito cognitivo (uma generalização falha e inflexível) e o preconceito como uma emoção (antipatia).

O estigma é outra externalização de impressões emitidas por um indivíduo. Ele pode ser definido como rotulagem em um contexto no qual o poder é exercido. Os estigmas sociais são avaliações que envolvem comportamentos, vestimentas e hábitos que definem as atitudes de um grupo social sobre outro.

O termo estigma, entre os antigos gregos, designava sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário de quem os apresentava. O conceito atual considera estigmatizante qualquer característica física ou social que não se coaduna com o quadro de expectativas sociais acerca de determinado indivíduo. O indivíduo estigmatizado é aquele cuja identidade inclui um atributo que frustra as expectativas de normalidade.

Goffman (1988) distingue três tipos de estigma: as deformações físicas, os desvios de carácter, e estigmas tribais.

Amaral (2002), complementando as noções, explica que o estigma não se refere a determinadas características (etnia, classe social, origem, orientação sexual, deficiência etc.), mas sim à leitura social que delas é feita no contexto das relações interpessoais, envolvendo: o estigmatizador e o estigmatizado. As consequências

quando o estigma está presente é a desumanização daquele que o recebe e a potencialização daquele que o impinge.

Em alguns inquéritos do Projeto CAL, observou-se a presença do estigma com relação à religião de outra etnia e seu estilo de vida:

**Ms3** - Olha, num bairro onde tivesse só árabes, eu não gostaria de morá porque eles são muito, primero por causa da religiosidade, né, eles se fecham naquele coisa de religião, né.

**Mm3** - Aqui, hoje, nós temos aqui, predomina mais os, nós chamamos o...o (?=varjeiro).

Os exemplos ilustram como uma etnia é estigmatizada pelo grupo que se considera detentor do estilo correto de vida e de costumes.

## 2.7 LINGUAGEM E FAIXAS ETÁRIAS

A Sociolinguística prioriza a abordagem da língua em uso. Como a natureza da língua é ser dinâmica e heterogênea, apresenta-se em constante variação e mudança. Assim, a sociolinguística propõe-se a descrever a relação entre o linguístico e o social.

Como ciência da linguagem, portanto, a sociolinguística ocupa-se da relação entre linguagem e sociedade. A linguagem como fenômeno social é heterogênea, plural e sofre mudanças. Labov (1972) lembra que a mudança linguística ocorre na interação social. Para o autor, “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008, p. 21).

A Sociolinguística, tendo como preocupação a variação e a mudança, surge com os estudos de Labov e os postulados de Weinreich, Labov e Herzog (1968). O principal objetivo dessa nova ciência era descrever a variação e a mudança linguística, observando a linguagem em seu contexto social, isto é, o uso da língua dentro da comunidade de fala.

A língua se modifica sob a influência de variáveis de natureza externa, concernente a fatos sociais e estilísticos ou de natureza interna ao sistema.

Por social entendo aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea; e por estilística, as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto

imediatamente do ato de fala. Ambas estão incluídas no comportamento expressivo – o modo como o falante diz ao ouvinte algo sobre si mesmo e seu estado mental, além de dar informação representacional sobre o mundo (LABOV, 2008, p. 313).

Labov (2008), por reconhecer a fala como concreta e heterogênea, realiza uma série de estudos sobre as variações linguísticas, levando em conta a produção linguística e a estratificação social por meio da análise da variação em grupos, observando as variáveis gênero, idade, escolaridade, classe social e formalidade na fala.

A partir dos estudos de Labov, pesquisadores de diversas partes do mundo dedicaram-se a investigar a relação entre a língua e a estratificação social. Freitag (2011) reconhece a pertinência da realização de estudos que considerem os “fatores sociais clássicos” em fenômenos de variação e mudança linguística. A idade, segundo Freitag (2011), é uma das categorias sociais que, junto com a classe e o sexo, correlaciona-se com a mudança linguística.

Intuitivamente, percebemos a influência da idade nos processos de variação e mudança linguística: uso de uma expressão “fora de moda”, gírias desatualizadas, enfim, percebemos que o tempo passou e ainda guardamos traços daquela época em nosso repertório linguístico (FREITAG, 2011, p. 46).

Para Freitag (2011), ao se constituir uma amostra, é preciso definir as faixas etárias que possam ser controladas para a compreensão real do fenômeno de variação e de mudança linguística. Ela apresenta a divisão feita por alguns pesquisadores:

Labov (1994) propõe duas faixas extremas: a dos mais velhos e a dos mais jovens. Chambers (2003) propõe três: crianças, adolescentes e adultos. Eckert (1997), por sua vez, propõe que as faixas etárias representem o curso da vida linguística: infância, adolescência, vida adulta e velhice (FREITAG, 2011, p. 48).

Labov (2008), em seu estudo na ilha de Martha's Vineyard, onde observou a maneira como seus informantes pronunciavam algumas palavras com os ditongos /ay/ e /aw/, centralizados no aparelho fonador bucal, utilizou a variável faixa etária na seleção de seus informantes, a partir do seguinte recorte: “14-30a, 31-45a, 46-60a, 61-75a e 75 acima” (LABOV, 2008, p. 41). Segundo o autor, a maioria da população

(incluindo jovens, adultos e idosos) era afetada pela invasão dos veranistas, mas os jovens aproximam-se mais do vernáculo da ilha do que os adultos, especialmente os do sexo masculino.

Os estudos de Labov (2008) comprovaram que é possível identificar a mudança de uma língua, a partir da observação das faixas etárias, o que ele definiu como o estudo da mudança em tempo aparente.

Gauchat (1905), ao analisar seis traços fonológicos do dialeto de Charmey, na Suíça de língua francesa, dividiu a idade dos informantes em três gerações, entre falantes: “com até 30a, de 30-60a, e acima de 60a” (GAUCHAT, 1905, p. 15). Gauchat (1905) demonstrou que variáveis oscilavam de acordo com a idade.

Labov (2008) estudou a pronúncia do /r/ por pessoas que trabalhavam em lojas de departamento e dividiu os informantes com idade entre 15-30a, 35-50a, e 55-70a. O autor também estudou a pronúncia do /r/ por falantes da região de Lower East Side com idade entre 20-29a, 30-39a, 40-49a, e 50 anos acima. Os resultados mostraram que a pronúncia do /r/ para as faixas etárias mais altas tem pouca relevância social, enquanto, nas faixas etárias abaixo de quarenta anos, é um marcador de prestígio.

Souza (2011), para explicar a variação na concordância verbal no português falado em Salvador, dividiu o grupo de informantes em quatro faixas etárias (15 - 24 anos; 25 - 35 anos; 45 - 55 anos; e acima de 65 anos) e em gênero (masculino e feminino). A autora observou que os falantes mais jovens apresentam pouca concordância, ao passo que os mais velhos apresentam mais concordância verbal em suas falas.

Araújo (2004) observou a variação entre as formas *nós* e *a gente*, dividindo o grupo de informantes em três faixas etárias: 20 a 40 anos; 41 a 60 anos; e mais de 60 anos. A autora observou que a forma inovadora *a gente* encontra-se entre os falantes mais jovens.

Ainda segundo Araújo (2004), a variável faixa etária possibilita projetar historicamente o processo de difusão e propagação da mudança, o que torna possível observar os processos de variação linguística na comunidade de fala, comprovada por meio de verificação no chamado tempo aparente (cf. LABOV, 2008).

A proposta feita por Labov (2008 *apud* TAVARES, 2011) é de que diferenças linguísticas existentes entre gerações distintas de falantes de uma mesma comunidade – diferenças em tempo aparente – refletem desenvolvimentos diacrônicos da língua – mudanças em tempo real. O esperado é que a recorrência das

variantes inovadoras aumente à proporção que diminua a idade dos informantes, do que resulta uma distribuição linear crescente: de um lado da escala, tem-se a faixa etária mais velha, com as frequências de uso mais baixas ou mesmo com frequência zero; e, do outro, a faixa etária mais jovem, com as frequências de uso mais elevadas.

Labov (2008) destaca que os indivíduos tendem a preservar seus padrões de fala à medida que avançam ao longo da vida útil. O estudo da linguagem específica de geração envolve necessariamente o estudo da mudança de linguagem.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Dos procedimentos metodológicos utilizados para a elaboração desta tese, fazem parte a seleção e descrição da localidade pesquisada, os sujeitos informantes, o instrumento de coleta de dados e a metodologia empregada para o tratamento dos dados. Ressalta-se sempre que o *corpus* aqui analisado provém dos *corpora* obtidos pelo Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*, desenvolvido e orientado por Aguilera (2009), cujos dados foram obtidos nas cidades paranaenses de Foz do Iguaçu, Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita, Capanema, Marechal Cândido Rondon, Guaíra, Irati e Ponta Grossa.

Faz parte, também, dos procedimentos metodológicos uma retomada do histórico do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (CAL). O resgate desse trabalho mostrou-se necessário, uma vez que os dados coletados pelo Projeto serviram de ponto de partida para este estudo.

#### 3.1 HISTÓRICO DO PROJETO CAL

O Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato no interior paranaense* (AGUILERA, 2009) foi desenvolvido pela professora Vanderci de Andrade Aguilera, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), durante os anos de 2008 e 2009. Participou do projeto uma equipe de colaboradores de cinco universidades estaduais paranaenses. Os dados foram coletados em oito municípios do estado do Paraná, dos quais seis localizam-se na fronteira do Brasil com o Paraguai e/ou a Argentina (Foz do Iguaçu, Pranchita, Capanema, Santo Antônio do Sudoeste, Marechal Cândido Rondon e Guaíra), e dois (Irati e Ponta Grossa), na região central do Estado, em uma região de imigração, especialmente de alemães, italianos, poloneses e ucranianos. O Projeto teve como objetivo produzir um *corpus* sobre crenças e atitudes linguísticas em cidades paranaenses.

A metodologia do Projeto CAL consistiu na realização de inquéritos dirigidos a informantes em cada município. Os inquéritos foram estruturados em forma de questionário dirigido, que continha questões relacionadas à língua do falante, às línguas faladas na cidade, à sua interação com o outro e à maneira como ele vê o

outro. Buscou-se avaliar as atitudes linguísticas em relação às línguas em contato e ao português (e, por extensão, aos seus falantes) de cada localidade.

### **3.1.1 Número e perfil dos informantes**

A pesquisa desenvolvida pelo projeto CAL contou com a participação de dezoito informantes selecionados em cada cidade, de acordo com as variáveis escolhidas. A escolaridade, definida em três níveis, foi assim organizada: seis participantes do Ensino Fundamental (f), seis participantes do Ensino Médio (m) e seis participantes do Ensino Superior (s); quanto às faixas etárias, distribuídas em três grupos, foram assim definidas: seis participantes para o Faixa 1 (entre 18 e 30 anos), seis para o Faixa 2 (entre 31 e 45 anos) e seis para o Faixa 3 (entre 46 e 65 anos); e quanto à variável sexo: nove informantes do sexo masculino (M) e nove informantes do sexo feminino (F). Em Foz do Iguaçu, devido ao maior número de habitantes e de grupos étnicos, foram entrevistados 36 informantes.

### **3.1.2 Instrumento para a coleta de dados**

O levantamento dos dados foi realizado por meio de inquéritos, com vistas à análise qualitativa, organizada em forma de questionário dirigido, que foi aplicado por membros do Projeto CAL.

Os inquéritos constavam de mais de quarenta perguntas, conforme o caso, com base em orientações sobre questionários, apresentadas por Bergamaschi (2006). Em Foz do Iguaçu, foram realizadas 57 questões, enquanto nas demais cidades foram realizadas entre 41 e 48 questões.

Buscou-se, com o instrumento, apresentar tópicos de modo a estimular o informante a apresentar informações que indicassem crenças e atitudes linguísticas. As perguntas, basicamente, buscavam verificar:

- a) a(s) língua(s) falada(s) pelo informante na infância com os familiares, e no presente;
- b) a percepção do informante com relação às diferentes línguas faladas em sua comunidade;
- c) a avaliação do informante com relação a essas línguas (quem fala melhor ou pior, qual língua é mais bonita ou mais feia);

d) o posicionamento do informante com relação ao seu uso em lugares públicos ou à sua aprendizagem na escola;

e) a avaliação do informante com relação à sinceridade ou falsidade de amigos falantes dessas línguas (caso os tenha); e

f) a aceitação ou não do informante de manter relacionamento afetivo, profissional e de vizinhança com membros das diversas etnias.

### **3.1.3 Tratamento dos dados**

Os pesquisadores participantes do Projeto CAL realizaram os inquéritos nas cidades selecionadas, e os resultados foram arquivados em áudios salvos no formato mp3. Posteriormente, os áudios foram transcritos e revistos, gerando um *corpus* que se encontra em forma de CD-ROM. Os arquivos de áudios, as fichas de informações de cada um dos informantes e as transcrições de cada inquérito se encontram em ambas as Universidades (UEL e UNIOESTE) disponíveis para consulta. Os dados levantados, com base em um corpo teórico sobre crenças e atitudes linguísticas, possibilitam levantar informações reveladas por meio da fala de cada informante e chegar a conclusões sobre crenças e atitudes linguísticas dos falantes pesquisados.

### **3.1.4 Pesquisas realizadas a partir do *corpus* do Projeto CAL**

O Projeto CAL teve como objetivo geral “fomentar ações conjuntas de análise e descrição linguísticas com vistas ao desenvolvimento de grupos de pesquisa vinculados aos cursos e programas de pós-graduação stricto sensu” (SELLA; CORBARI; AGUILERA, 2019, p. 31). Os trabalhos de pesquisa contaram com uma equipe de pesquisadores das universidades UNIOESTE, UEL, UEPG e UEM, auxiliados por alunos de pós-graduação. Os objetivos que nortearam os trabalhos da equipe de pesquisa tinham como meta: (i) compor um banco de dados orais, compartilhado, relativos à consciência, crenças e atitudes linguísticas; (ii) descrever a crença e as atitudes linguísticas de falantes brasileiros naturais de comunidades fronteiriças e de imigração em relação às línguas materna, à segunda língua e/ou à língua de contato; (iii) analisar dados sobre manifestações linguísticas indicativas da cultura da região de fronteira e de contato; (iv) identificar fatores decorrentes da crença linguística que conduzem a atitudes negativas em relação à língua e ao grupo do outro

(AGUILERA *et al.*, 2009). Para desenvolver os trabalhos, foram selecionadas localidades seguindo determinados critérios, como: (i) fazer fronteira com o Paraná; (ii) ser uma localidade de contatos linguísticos e intercâmbios comerciais e culturais regulares; (iii) ter uma população formada por autóctones (brasileiros) e alóctones (imigrantes, migrantes); (iv) haver uma distância de aproximadamente 50 km entre cada uma delas (SELLA; CORBARI; AGUILERA, 2019). Assim, para a composição do *corpus*, os dados foram coletados *in loco*, em três municípios que fazem fronteira com a Argentina: Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita e Capanema; em dois municípios que fazem fronteira com o Paraguai: Marechal Cândido Rondon e Guaíra; em um município que faz fronteira com Argentina e Paraguai: Foz do Iguaçu; e em dois municípios do interior: Ponta Grossa e Irati.

O perfil dos informantes que participaram da pesquisa foi determinado pelas variáveis escolaridade, faixa etária e sexo. O número de informantes para cada localidade foi de dezoito. Para a cidade de Foz do Iguaçu, por ser mais populosa, o número de informantes foi de 36. A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevista estruturada, com uma média de 47 perguntas, com vistas à análise qualitativa.

O material coletado foi utilizado como *corpus* para teses, dissertações e comunicações em eventos científicos. Dentre estes trabalhos, destacam-se o de Busse e Sella (2012) e o de Sella, Aguilera e Corbari (2016). Outros estudos voltados à discussão de crenças e atitudes linguísticas utilizaram o *corpus* do Projeto CAL como fonte de dados para desenvolver teses e dissertações, como as dissertações de Silva-Porelli (2010), Pastorelli (2011), Santana (2012) e Pizzatto (2020); e as teses de Corbari (2013), Lamb Fenner (2013) e Santana (2016), apresentados no Quadro 1, a seguir:

**Quadro 1:** Dissertações e teses de 2010-2020 Projeto CAL

2010 <b>DISSERTAÇÃO</b>	Crenças e atitudes Linguísticas na cidade de Pranchita-Pr: um estudo das relações do português com línguas em contato	
<b>Autora</b>	<b>Orientadora</b>	<b>Universidade</b>
Greize Alves da Silva Poreli	Dra. Vanderci de Andrade Aguilera	Universidade Estadual de Londrina (UEL) Mestrado em Estudos da Linguagem

2011 <b>DISSERTAÇÃO</b>	Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato		
<b>Autora</b>	<b>Orientadora</b>	<b>Universidade</b>	
Daniele Silva Pastorelli	Dra. Vanderci de Andrade Aguilera	Universidade Estadual de Londrina (UEL) Mestrado em Estudos da Linguagem	
2012 <b>DISSERTAÇÃO</b>	Crenças e atitudes de falantes de Foz do Iguaçu		
<b>Autora</b>	<b>Orientadora</b>	<b>Universidade</b>	
Vanessa Raini de Santana	Dra. Aparecida Feola Sella	Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) Mestrado em Letras	
2013 <b>TESE</b>	Crenças e atitudes linguísticas: um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do Oeste paranaense		
<b>Autora</b>	<b>Orientadora</b>	<b>Universidade</b>	
Any Lamb Fenner	Dra. Jacira de Andrade Mota Coorientadora: Dra. Vanderci de Andrade Aguilera	Universidade Federal da Bahia (UFBA) Doutorado em Língua e Cultura	
2013 <b>TESE</b>	Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste		
<b>Autora</b>	<b>Orientadora</b>	<b>Universidade</b>	
Clarice Cristina Corbari	Dra. Jacira de Andrade Mota	Universidade Federal da Bahia (UFBA) Doutorado em Língua e Cultura	
2016 <b>TESE</b>	O papel dos operadores argumentativos na demarcação de crenças e atitudes em Foz do Iguaçu		
<b>Autora</b>	<b>Orientadora</b>	<b>Universidade</b>	
Vanessa Raini de Santana	Dra. Aparecida Feola Sella	Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) Doutorado em Letras	
2019 <b>TESE</b>	Crenças e atitudes linguísticas: estudo na aldeia guarani Tekoha Añetete em Diamante d'Oeste/PR		
<b>Autora</b>	<b>Orientadora</b>	<b>Universidade</b>	
Sônia Cristina Poltronieri Mendonça	Dra. Aparecida Feola Sella	Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) Doutorado em Letras	
2020 <b>DISSERTAÇÃO</b>	Indícios de atitudes linguísticas de falantes brasileiros na localidade de Capanema-PR: o falar diferente na fronteira		
<b>Autora</b>	<b>Orientadora</b>	<b>Universidade</b>	
Solange G. M. Pizzatto	Dra. Aparecida Feola Sella	Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) Mestrado em Letras	

Fonte: Elaborado pela autora

Em 2010, Greize Alves da Silva-Poreli defendeu a dissertação *Crenças e atitudes Linguísticas na cidade de Pranchita-Pr: um estudo das relações do português com línguas em contato*. O estudo analisou as atitudes dos moradores de Pranchita em relação às diferentes línguas ouvidas na comunidade e, também, em relação à língua espanhola falada na Argentina. Os resultados mostraram algumas atitudes positivas com relação ao espanhol e uma avaliação positiva com relação ao português, tido como a língua mais bonita de todas. A avaliação negativa está

relacionada ao alemão, língua considerada de difícil compreensão e povo falante de difícil relacionamento.

No ano de 2011, Daniele Silva Pastorelli defendeu a dissertação de mestrado *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato*. A pesquisadora investigou a fala dos moradores de Capanema. O objetivo era verificar se os informantes viam de maneira positiva ou negativa as várias línguas e variedades conhecidas e com as quais convivem na comunidade. Os resultados revelaram que a atitude dos capanemenses era positiva com relação aos argentinos. Mas, quanto aos paraguaios, demonstravam atitudes negativas em relação às pessoas e à língua que falavam. Essa demonstração se deve ao tipo de cultura, falta de escolaridade, origem indígena e uso de línguas consideradas estranhas, como o guarani e o jopará. Em relação aos descendentes de alemães, as atitudes se apresentam positivas, mesmo que estes falantes sejam considerados introvertidos e falem uma língua difícil e esquisita. As atitudes demonstradas em relação aos italianos foram positivas, devido à alegação de que a cultura italiana é parecida com a do Brasil e a língua italiana, parecida com o português.

Em 2013, Any Lamb Fenner defendeu a tese *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do Oeste paranaense*. A tese investiga as crenças e atitudes linguísticas de informantes de duas comunidades, localizadas na região Oeste do Paraná: Guaíra e Marechal Cândido Rondon. O estudo buscou verificar se havia preconceito ou estigmatização em relação à língua de herança dos diferentes grupos étnicos presentes nas comunidades, bem como em relação aos próprios usuários. A investigadora procurou também observar se as crenças e atitudes linguísticas eram diferentes entre as duas comunidades. Os resultados mostraram que, em Marechal Cândido Rondon, a presença de traços linguísticos é típica da fala do colonizador alemão, e, em Guaíra, verificou-se a existência de interação com falantes de espanhol e de guarani.

Também em 2013, a tese intitulada *Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste* foi defendida por Clarice Cristina Corbari. A autora investigou as atitudes linguísticas de falantes de duas localidades paranaenses: Santo Antônio do Sudoeste, situada na fronteira com a Argentina, e Irati, localizada na região Sudeste. As duas localidades apresentam cenário sociolinguístico complexo: uma com cenário de fronteira e, outra, com cenário

de imigração. Assim, a pesquisa investigou a possibilidade de atitudes linguísticas diferenciadas nas duas comunidades. Os dados foram levantados por meio de inquéritos realizados com dezoito informantes em cada localidade, selecionados de acordo com as variáveis: faixa etária, nível de escolaridade e sexo. Os resultados mostraram atitudes linguísticas contingenciadas por fatores geográficos e sócio-históricos na formação das comunidades.

Em 2012, Vanessa Raini de Santana defendeu a dissertação intitulada *Crenças e atitudes de falantes de Foz do Iguaçu* e, em 2016, a tese *O papel dos operadores argumentativos na demarcação de crenças e atitudes em Foz do Iguaçu*. Para desenvolver a pesquisa de mestrado, a autora buscou identificar as crenças e atitudes linguísticas de informantes de Foz do Iguaçu. Foi identificada, por parte dos informantes, uma visão negativa com relação aos falantes paraguaios e positiva com relação aos argentinos. Na tese, desenvolveu os estudos no intuito de identificar processos linguísticos que orientavam as crenças e atitudes dos informantes. A análise partiu de elementos linguísticos demarcadores de argumentação. Assim, foram escolhidos recortes em que ocorriam os elementos “já”, “até” e “então”, responsáveis por demarcar crenças e atitudes. A análise realizada destaca o uso de “já” como demarcador de comparação, frequente na fala de homens pertencentes à segunda e terceira faixa etária. A pesquisa também identificou que informantes demonstram ter conhecimento de línguas, falantes e culturas distintas e informantes de mais idade mostraram ter mais experiência de convívio com grupos de outras línguas.

Em 2020, Solange G. M. Pizzatto apresentou a dissertação intitulada *Indícios de atitudes linguísticas de falantes brasileiros na localidade de Capanema-PR: o falar diferente na fronteira*. A pesquisa objetivou identificar atitudes linguísticas em relação às variedades faladas na localidade paranaense de Capanema, bem como averiguar de que modo essas atitudes se manifestam, tendo em vista o perfil de fronteira. A localidade sob pesquisa abriga grupos étnicos minoritários, que falam variedades linguísticas distintas da língua portuguesa, que é majoritária. Os resultados indicaram, de modo geral, que, em relação ao falar espanhol argentino, há recorrência dos componentes cognoscitivo e afetivo. Em relação ao português, há acionamento do índice afetivo. Sobre as demais variedades presentes na localidade, houve também acionamento do componente afetivo com relação ao alemão, principalmente pela dificuldade de entendimento.

Além dos trabalhos realizados a partir do Projeto CAL, outros estudos sociolinguísticos na região Oeste do Paraná foram concluídos. Em 2013, Marlene Neri Sabadin apresentou a tese *Crenças e atitudes Linguísticas: aspectos da realidade na Tríplice Fronteira*, que investigou as crenças e atitudes linguísticas em três municípios fronteiriços: Foz do Iguaçu (Brasil), Puerto Iguazú (Argentina) e Ciudad del Este (Paraguai). Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas com vinte e quatro informantes residentes há mais de vinte anos em cada comunidade, distribuídos quanto ao grau de escolaridade (universitários e não universitários). A autora analisou as crenças e atitudes linguísticas dos falantes, os usos linguísticos na fronteira e o espaço plurilíngue, compartilhado por práticas resultantes de seu cruzamento. Os resultados da pesquisa comprovam um intercâmbio entre as línguas das comunidades estudadas, gerando uma situação de diglossia do contato entre Português e Espanhol, e produzindo uma interlíngua conhecida como portunhol. As atitudes linguísticas dos informantes mostram que há uma absorção da língua do outro por parte das duas comunidades.

Em 2019, Sônia Cristina Poltronieri Mendonça defendeu a tese *Crenças e atitudes linguísticas: estudo na aldeia guarani tekoha añetete em Diamante d'Oeste/PR*. A Tese é uma investigação sobre crenças e atitudes linguísticas, com enfoque em falas de indígenas da aldeia Tekoha Añetete, município de Diamante d'Oeste, região Oeste do Paraná. Segundo Poltronieri Mendonça (2019), a hipótese inicial foi a de desprestígio do guarani e valorização do PB. Outra hipótese levantada se refere à existência de diferença na atitude linguística de acordo com o sexo do falante e os papéis que homens e mulheres desempenham na família, na comunidade indígena e fora dela. Para a composição do *corpus*, foram entrevistados, por meio de questionário semiestruturado, doze informantes bilíngues, selecionados por sexo (homem e mulher) e faixa etária (de 20 a 35 anos, de 36 a 55 anos e mais de 55 anos), com base nos componentes cognoscitivo, conativo e afetivo, que revelam, nas atitudes linguísticas, formas de conceber o outro, sua cultura, seu falar. As perguntas foram organizadas em blocos com o objetivo de que as respostas fossem reveladoras das atitudes. Os resultados apontam para o prestígio da língua e da cultura Guarani. O PB é visto como uma espécie de passaporte para facilitar a vida cotidiana na escola e no posto de saúde da aldeia, bem como o contato com falantes do português e de outra etnia indígena (POLTRONIERI MENDONÇA, 2019).

## 3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DESTA PESQUISA

### 3.2.1 A localidade selecionada

A localidade escolhida para esta tese foi Guaíra, cuja comunidade se caracteriza pela presença de diversos grupos étnicos com seus costumes e línguas, pelo contato com falantes do espanhol, do guarani e da língua “paraguaia” usadas no Paraguai. Inclui-se também o contato e intercâmbio com as localidades paranaenses de Mercedes, Terra Roxa e Altônia, e com a localidade mato-grossense de Mundo Novo. Com todos esses contatos, a comunidade apresenta características de plurilinguismo tanto pelo uso de diversas línguas como também pelo reconhecimento da existência dessa complexa realidade sociolinguística.

### 3.2.2 Número e perfil dos informantes

O grupo de informantes foi escolhido levando-se em conta a busca de uma amostra representativa, de acordo com o que aponta Silva-Corvalán (1989). Segundo o autor, para a amostra ser representativa, os informantes devem ser selecionados de acordo com um método que assegure a representatividade. A seleção dos informantes para esta pesquisa segue os parâmetros da Dialetologia Pluridimensional, assim, elegeram-se, como variáveis a serem observadas, as dimensões diageracional, diastrática e diassexual, conforme o que segue:

a) **a dimensão diageracional:** pelo fato de que o léxico de uma língua apresenta uma relação bastante forte com a história cultural da comunidade. A partir dessa variável, o resultado levantado pelos pesquisadores do CAL apresenta três faixas assim definidas:

- Faixa 1: de 18 a 30 anos;
- Faixa 2: de 31 a 50 anos;
- Faixa 3: de 51 a 70 anos.

Para esta pesquisa, foi escolhido comparar a Faixa 1, de 18 a 30 anos, e a Faixa 3, de 51 a 70 anos.

A escolha da variável Faixa etária deve-se à constatação de que outras pesquisas sobre crenças e atitudes linguísticas, utilizando dados coletados pelo Projeto CAL, não contemplaram essa variável de maneira específica. E a escolha das

Faixas 1 e 3 se deve à decisão de estabelecer uma comparação entre as respostas dos falantes, e o distanciamento favorece a visualização dos comportamentos.

b) **a dimensão diastrática:** a escolaridade pode ser considerada como um fator responsável pelo conservadorismo ou pela inovação linguística. Em vista desse parâmetro, tem-se como resultado três níveis de escolaridade: fundamental, médio e superior. Essa dimensão é levada em conta nesta pesquisa quando são analisadas as respostas de informantes das três faixas de escolaridade mencionadas.

c) **a dimensão diassexual:** contemplando sujeitos do sexo masculino, uma vez que os processos de implementação, inovação e conservação podem estar relacionados ao sexo do falante e aos papéis dos homens na sociedade.

A escolha de informantes do sexo masculino deve-se à constatação de que esse gênero representa o grupo que mais se envolve na comunidade, ora pela atuação profissional no ramo do comércio, realizando contatos com maior número de pessoas, ora pela tendência de maior deslocamento na busca de negócios e oportunidades.

As variáveis apresentadas resultaram na seleção de seis informantes do sexo masculino, dentre o total dos dezoito informantes, considerando especialmente as faixas etárias 1 e 3 e a escolaridade 'f' (fundamental), 'm' (médio) e 's' (superior). Um esquema resumido do perfil da totalidade dos informantes é apresentado a seguir, conforme as seguintes notações para sexo, escolaridade, faixa etária: a) para sexo: 'M' (masculino) e 'F' (feminino); b) para escolaridade: 'f' (fundamental), 'm' (médio) e 's' (superior); c) para faixa etária: '1', '2' e '3'. Dessa forma, por exemplo, o informante 1 é representado pela sigla 'Mf1', ou seja, trata-se de um homem de escolaridade nível fundamental, da faixa etária 1 (18 a 30 anos).

Os dezoito informantes da localidade de Guaíra selecionados pelo Projeto CAL podem ser assim identificados:

- Informante 1: Mf1
- Informante 2: Ff1
- Informante 3: Mf2
- Informante 4: Ff2
- Informante 5: Mf3
- Informante 6: Mf3
- Informante 7: Mm1
- Informante 8: Fm1
- Informante 9: Mm2
- Informante 10: Fm2
- Informante 11: Mm3

Informante 12: Fm3

Informante 13: Ms1

Informante 14: Fs1

Informante 15: Ms2

Informante 16: Fs2

Informante 17: Ms3

Informante 18: Fs3

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

O perfil de todos os informantes de Guaíra, incluindo dados como gênero, escolaridade, idade, faixa etária, língua materna e língua(s) que fala, está descrito no Quadro 2, a seguir.

**Quadro 2:** Informantes de Guaíra

Nº	Gênero	Esc.	Idade	Faixa etária	Naturalidade	Naturalidade dos pais	Língua materna	Língua(s) que fala
1	M	f	27	1	Guaíra-PR	Guaíra-PR	Português	Português
2	F	f	21	1	Guaíra-PR	Guaíra-PR	Brasileiro	Brasileiro
3	M	f	47	2	Céu Azul-PR	Céu Azul-PR	Português	Português
4	F	f	32	2	L. do Sul-PR	L. do Sul-PR	Português	Português
5	M	f	59	3	Lajinha-MG	Lajinha-MG	Português	Português
6	F	f	52	3	Araruna-PR	Ouro Fino-MG Itapetininga-SP	Português	Português
7	M	m	19	1	Londrina-PR	Jaú/Potiguá-SP	Português	Português
8	F	s	18	1	Guaíra-PR	Guaíra-PR	Brasileiro	Português /Espanhol
9	M	m	53	3	Porto Alegre-RS	ni		
10	F	m	43	2	Guaíra-PR	ni		
11	M	m	69	3	Passo Fundo-RS	Guaíra-PR	Português	Espanhol /Português
12	F	m	54	3	Sant. da Parn.	Guaíra-PR	Português	Português
13	M	s	24	1	Guaíra-PR	MG e San Dorvalina-SP	Português (avós falavam com ele em espanhol)	Português /Espanhol
14	F	s	32	2	Guaíra-PR	Bituruna-PR e Rio Grande do Sul	Português (avós falavam em italiano entre eles)	Português
15	M	s	38	2	Miradouro - MG	SC e MG	Português	Espanhol /Inglês /Português
16	F	s	49	2	Guaíra-PR	Argentina/Não Me Toque-RS	Portunhol (mãe e avós falavam com ele em espanhol/castelhano)	Português
17	M	s	56	3	Igarapava-SP	Guaíra-PR	Português	Português /Espanhol
18	F	s	56	3	Jaú-SP	Jaú-SP	Português (avós maternos falavam italiano entre eles e avós paternos falavam português de Portugal entre eles)	Português

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

Para esta pesquisa, foram selecionados seis informantes do sexo masculino, retirados do quadro total de dezoito informantes da cidade de Guaíra. Assim, os informantes escolhidos foram 1, 7 e 13, constantes da Faixa 1, com nível de escolaridade 'f', 'm' e 's', respectivamente, e os informantes 5, 11 e 17, constantes da Faixa 3, com nível de escolaridade 'f', 'm' e 's', respectivamente.

Doravante, eles são assim denominados: Faixa 1: Mf1, Mm1, Ms1 e Faixa 3: Mf3, Mm3, Ms3. O grupo de informantes final, cujas respostas serão analisadas, consta do Quadro 3.

**Quadro 3:** Informantes selecionados para esta pesquisa

Nº	Gênero	Esc.	Idade	Faixa etária	Naturalidade	Naturalidade dos pais	Língua materna	Língua(s) que fala
1	M	f	27	1	Guaíra-PR	Guaíra-	Português	Português
7	M	m	19	1	Londrina-PR	Jaú/Potiguá-SP	Português	Português
13	M	s	24	1	Guaíra-PR	MG e San Dorvalina-SP	Português (avós falavam com ele em espanhol)	Português /Espanhol
5	M	f	59	3	Lajinha-MG	Lajinha-MG	Português	Português
11	M	m	69	3	Passo Fundo-RS	Guaíra-PR	Português	Espanhol /Português
17	M	s	56	3	Igarapava-SP	Guaíra-PR	Português	Português /Espanhol

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

A seguir, uma rápida descrição física e histórico familiar dos seis informantes, por faixa etária, servirá para identificar o perfil de cada participante.

#### a) Faixa 1

Fazem parte da Faixa 1 os seguintes informantes:

O informante 1 é um indivíduo do sexo masculino, cursou o ensino fundamental, tem 27 anos e é natural de Guaíra-PR. Seus pais também são naturais de Guaíra-PR. Ele fala a língua portuguesa, adquirida na família. Trabalha como pedreiro na construção civil e já trabalhou em outras atividades ligadas ao comércio, como vendedor. Doravante será identificado como Mf1.

O informante 7 é um indivíduo do sexo masculino, cursou o ensino médio, tem 19 anos, é natural de Londrina-PR e foi para Guaíra com 5 anos. Seu pai é natural de Jaú-SP e a mãe, de Potiguá-SP. Ele não trabalha e iniciou o Curso de Direito. O informante 7 fala a língua portuguesa, adquirida na família. Doravante será identificado como Mm1.

O informante 13 é um indivíduo do sexo masculino, cursou o ensino superior, tem 24 anos e é natural de Guaíra-PR. Seu pai é natural de Minas Gerais e a mãe, de

Sandovalina-SP. Ele fala a língua portuguesa, adquirida na família, e informa que ouvia seus avós falando o espanhol. Ele é formado em Gestão de Empresa. Atualmente, trabalha como gerente de vendas, mas já trabalhou como vendedor e representante. Doravante será identificado como Ms1.

b) Faixa 3

Fazem parte da Faixa 3 os seguintes informantes:

O informante 5 é um indivíduo do sexo masculino, cursou o ensino fundamental, tem 59 anos e é natural de Lajinha-MG. Seus pais também são naturais de Lajinha-MG. Ele fala a língua portuguesa, adquirida na família. Atua como empresário de pequeno comércio, mas já foi comerciante, serralheiro. Doravante será identificado como Mf3.

O informante 11 é um indivíduo do sexo masculino, cursou o ensino médio, tem 69 anos e é natural de Passo Fundo-RS. Seus pais são naturais de Taquari-RS e Soledade-RS. Mora em Guaíra há 40 anos e trabalha como comerciante na exploração e beneficiamento de madeira. Ele fala a língua portuguesa, adquirida na família e, também, o espanhol, aprendido no dia a dia do comércio. Doravante será identificado como Mm3.

O informante 17 é um indivíduo do sexo masculino, cursou o ensino superior, tem 56 anos e é natural de Igarapava-SP. Seus pais também são naturais de Igarapava-SP. Ele fala a língua portuguesa, adquirida na família e, também, o espanhol. Mora há 42 anos em Guaíra, é Bacharel em Direito e trabalha com consultoria jurídica. Doravante será identificado como Ms3.

### **3.2.3 Instrumento da coleta de dados**

O instrumento para a coleta de dados sobre crenças e atitudes linguísticas de informantes de Guaíra foi uma entrevista estruturada de cinquenta e três questões. O questionário foi elaborado pelo Projeto CAL. A equipe do Projeto tomou como modelo o questionário de Bergamaschi (2006), adaptando-o para a situação. As autoras partiram de conhecimentos da Psicologia Social, da Sociolinguística e da Sociologia da Linguagem, áreas que dão suporte para o estudo das crenças e atitudes linguísticas.

### 3.2.4 *Corpus* da pesquisa

Para esta análise, foram selecionadas dezesseis questões retiradas do *corpus* de cinquenta e três questões, que se encontram registradas no banco de dados levantado pelo Projeto CAL, arquivado na UNIOESTE. As dezesseis questões escolhidas direcionam para quatro temáticas conforme especificadas no Quadro 4 (ANEXO 01).

### 3.2.5 Apresentação dos dados

A partir da escolha metodológica, as respostas dos informantes às questões escolhidas foram agrupadas em 4 temáticas, conforme Quadro 4 (ANEXO 01).

Para cada temática, foram escolhidas determinadas questões que melhor explicitassem o tema de cada uma, envolvendo as crenças e atitudes linguísticas dos informantes. Assim, para a Temática 1, foram escolhidas as questões 01, 02, 03, 04; para a Temática 2, as questões 05, 06; para a Temática 3, as questões 12, 13, 20, 21, 39, 40, 41; e, para a Temática 4, as questões 25, 26, 27.

Embora se tenha priorizado as questões especificadas, a análise será complementada, quando se fizer necessário, também com as outras questões respondidas pelos informantes.

Para o desenvolvimento do estudo, as questões selecionadas foram assim agrupadas:

- a) a(s) língua(s) falada(s) pelo informante na infância com os familiares, e no presente;
- b) a percepção do informante com relação às diferentes línguas faladas em sua comunidade;
- c) a avaliação do informante com relação a essas línguas (quem fala melhor ou pior, qual língua é mais bonita ou mais feia);
- d) o posicionamento do informante com relação ao uso das línguas citadas em lugares públicos ou ao ensino dessas línguas na escola.

A análise dessas dezesseis questões, respondidas por falantes da cidade de Guaíra, dentro das temáticas estabelecidas, ajudou na reflexão sobre as crenças e atitudes linguísticas dos falantes da comunidade estudada, envolvendo os componentes afetivo, cognoscitivo e conativo.

## 4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1 TRATAMENTO DOS DADOS

#### 4.1.1 Reflexão sobre as abordagens quantitativa e qualitativa

Ao iniciar este estudo, buscou-se analisar tipos de abordagens para escolher a que melhor correspondesse aos propósitos desta pesquisa. Conforme Gamboa (1995), a discussão em torno do dualismo das abordagens quantitativa e qualitativa preocupa os novos pesquisadores. Santos Filho (1995) explica que existe um embate histórico entre as duas visões de mundo, a realista-objetivista e a idealista-subjetivista. Para Gamboa (1995), os diferentes posicionamentos mostram, por um lado, a ideia da unidade das ciências, o que justifica o uso de um mesmo método para todas, defendida, segundo ele, por Comte, Mill e Durkheim e, por outro lado, a singularidade das ciências sociais, o que exigiria um método que considerasse as particularidades das ciências, defendida por Dilthey, Rickert, Weber e Husserl.

Para Gamboa (1995), o positivismo busca assegurar a objetividade e neutralidade na ciência, por isso, recorre a técnicas e instrumentos de coleta e tratamento dos dados tipicamente quantitativos. Nele, o subjetivo não é válido como dado científico. O rigor científico se sustenta pela objetividade e exatidão do objeto. Portanto, “o que não é quantificável é cientificamente irrelevante” (SANTOS, 2004, p. 28).

A pesquisa quantitativa está baseada em uma filosofia positivista que supõe a existência de fatos sociais com uma realidade objetiva independente das crenças dos indivíduos, enquanto que a qualitativa tem raízes em um paradigma segundo o qual a realidade é socialmente construída [...] A pesquisa quantitativa procura explicar as causas de mudanças em fatos sociais, primordialmente através de medição objetiva e análise quantitativa (FIRESTONE, 1987, p. 16-17).

Firestone (1987) considera que a abordagem quantitativa procura explicar as causas de mudanças em fatos sociais, principalmente por meio de medição objetiva e análise quantitativa. Para Eisner (1981), a abordagem quantitativa focaliza comportamento de grupos ou indivíduos. Erickson (1986), por sua vez, entende a abordagem quantitativa como um controle de eventos, algoritmos, verdades,

universais abstratos, aos quais se chega por meio de generalizações estatísticas de amostras para populações.

Bauer, Gaskell e Allum (2008) entendem que as investigações com enfoque qualitativo possibilitam a interpretação de determinado fenômeno social. Para os autores, os fenômenos sociais não podem ser explicados por dados matemáticos. É importante, para o pesquisador, “compreender as interpretações que os atores sociais possuem do mundo, pois são estes que motivam o comportamento que cria o próprio mundo social” (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2008, p. 32-33). Conforme os autores, a abordagem qualitativa representa um marco frente à influência do positivismo.

Na abordagem qualitativa, busca-se a compreensão do fenômeno social segundo a perspectiva dos atores por meio de participação em suas vidas (FIRESTONE, 1987). Para Eisner (1981), a abordagem qualitativa focaliza significados e experiências; ação ao invés de comportamento. Essa abordagem procura a explicação interpretativa; heurística ao invés de algoritmos; universais concretos atingidos por meio do estudo detalhado de um caso e da comparação com outros estudados com igual detalhe (ERICKSON, 1986).

Os críticos ao positivismo defendem que a particularidade da vida social, o gama de interações entre os indivíduos e as constantes alterações ao longo do tempo não podem ser definidos por leis positivas que se apliquem em todo o tempo e lugar. A cientificidade não poderia estar vinculada a generalizações universais, embasadas pelos métodos das ciências naturais. Isso implica que os fatos que estão circunscritos à ação humana não podem ser quantificáveis, mas, sim, devem ser interpretados a partir de sua singularidade, de acordo com a particularidade de cada contexto (SANTOS FILHO, 1995).

O debate sobre as abordagens quantitativas e qualitativas tem suscitado discussões sobre a possibilidade de delimitá-las a partir de suas especificidades. Por isso, defende-se a complementaridade. Estudiosos defendem que as diferentes abordagens são igualmente legítimas e não estão em conflito. Devem ser considerados os variados enfoques de uma pesquisa e a possibilidade de alcançar os objetivos, não por uma única abordagem.

A partir dessas discussões, surgem diferentes formas de combinação de metodologias, denominando essa vertente da seguinte forma: pesquisa quanti-qualitativa ou quali-quantitativa, métodos mistos, métodos múltiplos e estudos triangulados. Para Creswell (2007, p. 3), “um estudo tende a ser mais qualitativo do

que quantitativo ou vice versa. A pesquisa de métodos mistos se encontra no meio deste continuum porque incorpora elementos de ambas abordagens qualitativa e quantitativa”.

A pesquisa quanti-qualitativa/quali-quantitativa, ou métodos mistos, como denominam Creswell e Clark (2007), apresenta uma tipologia voltada para as ciências sociais. Para sistematizar a utilização da pesquisa quanti-qualitativa/quali-quantitativa, os autores apresentam quatro tipos de abordagens: *triangulação*, que busca comparar e contrastar dados estatísticos com dados qualitativos obtidos simultaneamente; *embutido*, no qual um conjunto de dados (quantitativos) apoia os outros dados (qualitativos) ou vice-versa; *explicatório*, no qual dados qualitativos são utilizados para explicar resultados quantitativos ou vice-versa; e *exploratório*, cujos resultados qualitativos contribuem para o desenvolvimento do subsequente método quantitativo.

A conclusão a que se chega, diante do exposto, é a de que não existe uma disputa entre os métodos, mas a convergência de abordagens, de modo a levar em conta que os fenômenos investigados são multifacetados. Nenhuma das abordagens é mais científica que a outra; elas são de natureza diferente.

A relação entre a quantitativa (objetividade) e a qualitativa (subjetividade) não pode ser compreendida como de oposição, como também não se reduz a uma continuação. As duas realidades permitem que as relações sociais possam ser analisadas nos seus diferentes aspectos (BRÜGGEMANN; PARPINELLI, 2008, p. 564).

A partir do estudo apresentado, concluiu-se que a melhor escolha é uma abordagem qualitativa para a realização desta pesquisa pelo fato de que o comportamento linguístico de indivíduos não pode ser quantificado.

#### **4.1.2 Primeira visão dos dados**

Os dados apresentados em tabelas oferecem melhor visualização para proceder-se à interpretação qualitativa das respostas dos informantes e comentários de pontos relevantes para esta pesquisa.

A partir da escolha metodológica, as respostas dos informantes às questões apresentadas foram agrupadas em quatro blocos, de acordo com as quatro temáticas escolhidas para desenvolver este estudo (conforme Quadro 4 (ANEXO 01)).

A Temática 1 busca identificar a(s) língua(s) falada(s) pelos informantes e usadas na relação com seus familiares mais próximos (pais, avós). A Temática 2 busca levantar o que o informante conhece com relação às línguas ou variedades linguísticas existentes em sua comunidade. A Temática 3 busca avaliar o parecer do informante em relação às interferências entre as línguas ou variedades de sua comunidade devido ao contato linguístico. E, finalmente, a Temática 4 busca entender as reações do informante com relação às línguas ou variedades linguísticas usadas por falantes de sua comunidade.

Os seis informantes escolhidos para esta pesquisa serão identificados por sexo, grau de escolaridade e faixa etária. Assim, os informantes da Faixa 1 são: informante 1: Mf1, informante 7: Mm1 e informante 13: Ms1. E os informantes da Faixa 3 são: informante 5: Mf3, informante 11: Mm3 e informante 17: Ms3.

Fazendo parte do tratamento dos dados, propõe-se a apresentação do resultado exposto em tabelas para favorecer uma primeira visualização.

Considerando que a divisão das questões em temáticas favorece a análise a partir de um ponto de observação, o estudo tomará como foco as quatro temáticas apresentadas em tabelas a partir das quais se farão as análises.

#### 4.1.2.1 Temática 1 - Língua ou línguas de aquisição e de uso do informante

As quatro primeiras perguntas: (001) *Que língua você fala?*, (002) *Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?*, (003) *Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?* e (004) *Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?* buscam conhecer a língua ou as línguas utilizadas na infância pelos informantes na interação com familiares próximos, como os pais e avós.

A primeira pergunta (001) “*Que língua você fala?*” buscou verificar a consciência linguística do informante quanto à língua usada por ele. A maioria dos informantes declarou usar o português e, em segundo lugar, o espanhol.

Dois informantes da Faixa 1 (Mf1 e Mm1) declararam usar o português e um declarou usar, também, o espanhol (Ms1).

**Ms1** fala que o português é sua língua de uso, pois entende que essa é a língua de sua nação. Mas também aponta que fala o espanhol, mais por necessidade de contatos com falantes na fronteira.

**Ms1** - Eu falo o português, né, natural da nossa nacionalidade, e um pouquinho o espanhol, né.

**Mf3** afirmou usar o português, e os outros dois informantes da Faixa 3 declararam usar também o espanhol (Mm3) e o espanhol de fronteira (Ms3).

Os informantes dessa faixa demonstram maior criticidade; analisam a própria competência linguística. **Mf3** analisa negativamente seu desempenho no uso do português.

**Mf3** - Tento falar o português, mas é tudo pela metade, né.

**Mm3** reconhece que fala uma variação de espanhol de fronteira que especifica como “um dialeto da região”, que aprendeu a usar pelo contato de muito anos com falantes do espanhol do Paraguai.

**Mm3** - Espanhol....espanhol assim, a gente forçado pela necessidade, né, trabalhando, trabalho mais de trinta anos no Paraguai, então a gente fala, assim, esse espanhol que se pratica na fronteira aí, né. Dialeto da região.

**Ms3** reforça a necessidade do uso do espanhol por causa dos contatos de comércio, mas reconhece não dominar todas as habilidades da língua espanhola.

**Ms3** - Português, espanhol a gente lida aí com o contato aí com a fronteira. Eu leio espanhol e traduzo simultaneamente, tenho dificuldade pra falar. Pra conversação, tenho dificuldade.

Esse informante relata um pouco da história da formação de Guaíra e como comunidades falantes do espanhol ainda permanecem na região. Explica que aprendeu o espanhol no contato com esses paraguaios.

**Ms3** - Foram os paraguaios e os argentinos que trabalharam aqui na fundação da nossa cidade, então, existe uma colônia de famílias de filhos de paraguaios que moram aqui e pela facilidade da gente ter contato com as pessoas do Salto del Guairá, a gente acaba aprendendo.

No entanto, o informante reforça que a língua que melhor domina é o português, embora reconheça que o português não é uma língua fácil.

**Ms3** - Mas a língua que a gente fala com certa naturalidade, com fluência não, que o português é muito difícil, mas é o português mesmo e um pouco de espanhol.

A partir das respostas, observa-se que informantes da Faixa 1 apresentam menos preocupação com o uso do espanhol, enquanto os informantes da Faixa 3 apresentam maior preocupação, porque sentem a necessidade de estabelecer comunicação em situação de trabalho. Os informantes dessa faixa também se autoanalisam como falantes do português; consideram que falam pela metade, com pouca fluência, porque o português é muito difícil.

Esses resultados aparecem na Tabela 1, na sequência, que mostra que um informante da Faixa 1 usa o português, um usa o português e o espanhol e um usa o português e o inglês. Em relação aos informantes da Faixa 3, um usa somente o português, dois usam o português e o espanhol e um usa português e espanhol de fronteira.

**Tabela 1:** Língua falada pelo informante

(001) Que língua você fala?				
Informantes	Línguas			
	Português	Português/ Espanhol	Português/Espanhol de fronteira	Português/Inglês
Faixa 1	1	1		1
Faixa 3	1	2	1	

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

A segunda pergunta, (002) “*Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?*”, tinha o objetivo de identificar a língua ou línguas que os pais falavam com o informante durante a infância.

Os informantes da Faixa 1 (Mf1, Mm1 e Ms1) declararam que seus pais usavam somente o português quando se dirigiam a eles. Os informantes da Faixa 3 declararam, também, que os pais falavam com eles em português, mas especificam que era um português “caboclado”, ou português europeu, ou mesmo o português caipira. Um dos informantes disse ouvir de seus pais também o libanês. Dois desses informantes apresentaram uma análise de seu desempenho linguístico.

**Mf3** - A mesma linguagem, o mesmo português caboclado mesmo, né.

**Mm3** avalia que o português que ouvia de seus pais, quando criança, era o “caboclo”, e apresenta uma descrição depreciativa.

**Mm3** - Português, somente o português. Até mesmo por que os meus pais são descendentes de português, né. Na época chamava-se caboclo, né. E também, lá na minha região lá no (?=Miquiriqui) tem uma região de muita colônia italiana quem não é de origem italiana, é caboclo.

**Ms3** destaca que ouvia de seus pais o libanês, e, também, o português caipira brasileiro verdadeiro, do interior paulista, e que ele mesmo falava assim. Ele também faz uma reflexão de que no Brasil não há dialeto. Portanto, o português caipira é uma variação.

**Ms3** - Em português. Minha mãe é de origem libanesa, meus avós maternos são libaneses, mas eles não falavam. Nós falamos mesmo só a língua portuguesa, no Brasil não tem dialeto né, mas o nosso linguajar é do interior paulista. É o caipira brasileiro verdadeiro mesmo que fala “nóis vai, nóis foi, mais arriba”. Quando era criança, falava desse estilo aí.

Os resultados dessa questão aparecem na Tabela 2, mostrando que todos os informantes ouviam de seus pais o português, em diferentes variações, e um informante ouvia também o libanês.

**Tabela 2:** Língua usada pelos pais ao dirigir-se ao informante, na infância

(002) Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?					
Informantes	Línguas / Dialectos				
	Português	Português caboclado	Português europeu	Português Caipira	Libanês
Faixa 1	3				
Faixa 3	1	1	1	1	1

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

A terceira questão, (003) “Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?”, tinha o objetivo de identificar em que língua ou línguas os avós se comunicavam com o informante quando este era criança.

Nessa questão, os informantes da Faixa 1 (Mf1, Mm1 e Ms1) disseram que seus avós falavam com eles em português e um informante (Ms1) disse que falavam em português e em espanhol.

**Ms1** - Um pouco de espanhol, um pouco brasileiro, português, né.

Os informantes Mf3, Mm3 e Ms3, da Faixa 3, disseram que os avós falavam com eles em português.

Os resultados dessa Temática aparecem na Tabela 3, a seguir, que mostra que todos os informantes ouviam de seus avós o português, mas também o espanhol, o caipira e o libanês.

**Tabela 3:** Língua usada pelos avós ao dirigir-se ao informante, na infância

(003) Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?				
Informantes	Línguas / Dialectos			
	Português	Espanhol	Caipira	Libanês
Faixa 1	3	1		
Faixa 3	3		1	1

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

A quarta questão, (004) “*Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?*”, tinha o objetivo de identificar a língua ou línguas que os informantes usavam na interação com seus pais e avós.

Os informantes da Faixa 1 disseram que falavam com os pais e avós em português. Os informantes da Faixa 3 disseram também que falavam com os pais e avós em português, em português caboclado.

Um informante refere-se ao seu modo de falar como “meio caboclada”, uma língua “misturada”.

**Mf3** - Na mesma língua, né, uma língua meio português, meio caboclada e misturada, né.

Os resultados dessa Temática aparecem na Tabela 4, que mostra que todos os informantes falavam em português ou português caboclado ao se dirigir aos pais e avós, mas também tinham contato com o castelhano e o árabe.

**Tabela 4:** Língua usada pelo informante ao dirigir-se aos pais e avós, na infância

(004) Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?				
Informantes	Línguas / Dialectos			
	Português	Castelhano	Português caboclado	Árabe
Faixa 1	3	1		
Faixa 3	3		1	1

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

#### 4.1.2.2 Temática 2 - Percepção da diversidade de línguas ou dialetos na comunidade

Fazem parte desta Temática as questões (005) *Aqui em Guaíra existem pessoas que falam diferente de você?* e (006) *Que língua(s) ele(s) fala(m) os que falam diferente aqui? (espanhol paraguaio, árabe, chinês ou mandarim, guarani, jopará)*. Essas questões visavam a identificar o grau de conhecimento do informante com relação à diversidade de línguas na localidade, bem como o grau de conhecimento ou fluência no uso dessas línguas.

A questão (005) “*Aqui em Guaíra existem pessoas que falam diferente de você?*” tinha o objetivo de identificar as diferentes línguas faladas em Guaíra.

**Mf1** identifica que o falar guairense é diferente, “uma língua diferente”.

**Mf1** - Aqui em Guaíra tem uma língua diferente, quando vai em outra cidade, outra língua, uma palavra mais puxada...ele vai, né, meio que uma língua é diferente da outra. (?)

**Ms1** destaca que o falar do povo de Guaíra é “bem miscigenado”.

**Ms1** - Ah, tem, tá bem miscigenado agora. Veio bastante pessoas de fora, né, o próprio pessoal do Paraguai tá constante aqui, né.

**Mm1** verifica, apenas, que existem outras línguas faladas pelas pessoas em Guaíra.

**Mm1** - Sim, o guarani, as outras línguas seriam o espanhol e o inglês, mas o guarani é o que mais falam aqui, às vezes.

Os informantes da Faixa 3 verificam que existem muitas línguas faladas em Guaíra. **Ms3** fala em variante local, um “sotaque muito carregado na língua portuguesa por causa dos descendentes de paraguaio”.

**Ms3** - Aqui, hoje nem tanto, mas quando eu cheguei, que eu cheguei há quarenta anos, a gente sentiu um sotaque muito carregado na língua portuguesa por causa dos descendentes de paraguaio. Paraguaio sempre tem aquele sotaque carregado.

Além disso, **Ms3** também compara o modo de falar em Guaíra com o de Marechal Cândido Rondon e chega à conclusão de que em Guaíra ainda não é perceptível um falar próprio.

**Ms3** - Então aqui acabou ficando uma região paranaense assim, sem muito sotaque, nós não temos assim, guairense não tem, você conversar com alguém de Rondon, você sabe que é de Rondon, por que fala muito alemão lá, né. Aqui tem alemão, tem japonês, então a gente acaba, Guaíra deve ter assim, um estilo próprio que a gente ainda não definiu por causa dessa mistura toda.

Os resultados dessa Temática estão indicados na Tabela 5, mostrando o que os informantes sabem sobre as diferentes línguas faladas em Guaíra.

**Tabela 5:** Diferentes línguas faladas em Guaíra

(005) Aqui em Guaíra existem pessoas que falam diferente de você?							
Informantes	Línguas/dialetos/variações						
	Alemão	Árabe	Espanhol	Guarani	Italiano	Japonês	Paraguaio
Faixa 1	1	1	1	1	1	1	1
Faixa 3	2	1	1	1	1	2	2

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

Quanto à questão (006) “*Que língua(s) eles fala(m) os que falam diferente aqui? (espanhol paraguaio, árabe, chinês ou mandarim, guarani, jopará)*”, os informantes da Faixa 1 reconhecem que, na sua comunidade, é possível ouvir pessoas falando em japonês, alemão, espanhol, árabe, guarani, italiano, paraguaio e holandês.

**Mf1** lembra da língua paraguaia, mistura de espanhol e guarani, e considera uma língua “enrolada”, difícil de entender.

**Mf1** - Um pouco a paraguaia, tem uns paraguaio fala enrolado, não dá pra entender nada.

Os informantes da Faixa 3 reconheceram o japonês, o alemão, o espanhol, o árabe, o guarani e o italiano. **Mf3** considera que, na cidade, praticamente todos os idiomas são falados.

**Mf3** - Na cidade aqui é tudo misturado, né, tem japonês, tem tudo idioma que se fala.

**Mm3** aponta que os paraguaios falam espanhol, mas que, entre eles, utilizam o guarani, principalmente a geração mais velha, e que, no lado brasileiro, não se fala o guarani.

**Mm3** - O espanhol. Entre eles, eles falam o guarani, aqui com nós e lá os brasiguaios, nós só falamos o espanhol. Então o guarani não se usa aqui, lá do outro lado, no Paraguai sim, né. Entre os mais, essa geração mais antiga, né, os novos...

**Ms3** lembra que os paraguaios falam o guarani, especialmente os mais velhos.

**Ms3** - Japonês, em alemão. Em... japonês e alemão, é o que tem mais, né, e o espanhol e o guarani. Que a cidade mesmo, a nossa Vila Velha aqui, os filhos dos paraguaios, falam muito em guarani ainda, os mais velhos, os mais novos então não aprenderam.

Os resultados dessa questão aparecem na Tabela 6, a seguir, que mostra que os informantes reconhecem a presença de diferentes línguas faladas em sua comunidade.

**Tabela 6:** Diferentes línguas faladas em Guaíra

(006) Que língua(s) eles fala(m) os que falam diferente aqui? (espanhol paraguaio, árabe, chinês ou mandarim, guarani, jopará)

Informantes	Línguas / variantes						
	Japonês	Alemão	Espanhol	Árabe	Guarani	Italiano	Paraguaia
Faixa 1	3	3		2	1	2	2
Faixa 3	3	1	2	1	1	1	2

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

#### 4.1.2.3 Temática 3 - Identificação e avaliação de contatos e interferências entre línguas e dialetos da comunidade

Essa temática foi analisada a partir das questões (012) *Comparando essas línguas: espanhol paraguaio, árabe, japonês, guarani, italiano, alemão, quem fala melhor? Por quê?*, (013) *E quem fala pior? Por quê?*, (020) *Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas de que falamos? por quê?*, (021) *Essas línguas são feias ou bonitas?*, (039) *Dessas culturas que a gente já falou aqui, tem algum desses daí que você teve algum desentendimento?*, (040) *Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?* e (041) *Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?*

O objetivo dessas questões foi avaliar a habilidade dos informantes em analisar o resultado do contato entre línguas e sua avaliação quanto aos atributos dados às variedades e ao desempenho linguístico dos usuários dessas línguas. Outro fator importante foi avaliar as práticas de intercâmbios sociais nessa comunidade, suas crenças e atitudes em relação às línguas usadas e à interação com os indivíduos falantes dessas línguas.

Ao analisar a questão (012) “*Comparando essas línguas: espanhol paraguaio, árabe, japonês, guarani, italiano, alemão, quem fala melhor? Por quê?*”, verificou-se que os informantes da Faixa 1 avaliam que as línguas mais bem faladas são a paraguaia, o alemão e o espanhol.

**Mf1** considera que o povo paraguaio fala melhor a língua paraguaia.

**Mf1** - Fala melhor? Acho que a paraguaia, né, Paraguai tem três tipo de língua, né.

**Mm1** entende que o alemão, por se tratar de um povo mais politizado, mais estudado, fala melhor.

**Mm1** - Eu acho que o povo alemão é mais politizado que o paraguaio, que nós mesmos aqui, acho que prega mais estudos, lê, mais leitura, então ele falaria melhor.

**Ms1** considera que o espanhol tem uma pronúncia perfeita e é parecido com o brasileiro.

**Ms1** - Ah, eu creio...que assim, a... pronúncia perfeita, por que o espanhol ele aproxima do brasileiro, né. Então não creio que seja um idioma muito difícil de se aprender.

Já os informantes da Faixa 3 entendem que as línguas mais bem faladas são o guarani, o espanhol e o italiano.

**Mf3** indica que observa os falantes do guarani, e considera que eles falam melhor.

**Mf3** - Agora o que é mais, mais completo que eu vejo, num sei (inint) assim, que eu não tenho muito contato, o que eu vejo que eles falam melhor mesmo, é o... guarani entre eles lá. Dá pra você vê que eles falam bem.

**Mm3** reconhece que a beleza de uma língua tem a ver com a facilidade de aprendê-la.

**Mm3** - Eu creio que o mais fácil pra se aprender, assim, na prática, pra não ter que....ir pra um banco de escola, eu acho que o espanhol e o italiano.

Para **Ms3**, a beleza da língua está relacionada à facilidade de pronúncia dessa língua.

**Ms3** - Ah, eu acho que entre essas línguas todas, o italiano e o inglês, né. Italiano tem uma pronúncia muito bonita, a expressão da fala.

Os resultados dessa questão aparecem na Tabela 7, a seguir, que mostra que os informantes avaliam a beleza das línguas pela pronúncia, mas também pelo desenvolvimento do povo que a utiliza.

**Tabela 7:** Comparando as línguas estrangeiras

(012) Comparando essas línguas: espanhol paraguaio, árabe, japonês, guarani, italiano, alemão, quem fala melhor? Por quê?

Informantes	Línguas / variantes				
	espanhol	alemão	Paraguaia	Guarani	Italiano
Faixa 1	1	1	1		
Faixa 3	1			1	2

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

Com relação à questão (013) “*E quem fala pior? Por quê?*”, os informantes da Faixa 1 consideram que o português e o paraguaio são as piores línguas, porque o português que se fala é “tudo errado” (Mf1), e o paraguaio, porque seus falantes indígenas não tiveram o “privilegio de tá lendo” (Mm1). **Mf1** comenta que os brasileiros falam tudo errado.

**Mf1** - Nós mesmo fala tudo errado.

**Mm1** acha que quem fala errado são os paraguaios, porque não são alfabetizados, não sabem ler.

**Mm1** - Acho que... o paraguaio é um povo descendente de indígenas, né, eles não têm muito o privilégio de tá lendo, tem que sempre tá trabalhando pra corre atrás, então, acho que eles fariam pior de todos.

**Ms1** considera que se fala mal o português por falta de cultura e porque nas escolas não se ensina.

**Ms1** - Ah, acho que a questão mais de cultura, né, cultura do nosso país, é, os meios, os modos que as escolas nos ensinaram de base, né.

Os informantes da Faixa 3 entendem que as piores línguas são: o brasileiro “português misturado” (Mf3); o guarani, que é “bem mais complicado” (Mm3), o japonês, porque “fala um pouquinho fechado e mais rápido” (Mm3) e o alemão, porque é “até mais feio que o japonês para os nossos ouvidos” (Mm3).

**Mf3** - Acho que o pior é o brasileiro.

**Mf3** - Depende de setor, de região, né. Por que você chega aqui, em Guaíra, você vê um português misturado...

**Mm3** - O guarani. Eu tenho visto eles falar lá, os espanhóis ali, a gente percebe que o guarani é bem mais complicado, né. Mais difícil até que o...japonês.

**Ms3** - A língua alemã pra o nosso ouvido é a língua que menos agrada mesmo.

A partir da avaliação feita pelos entrevistados à questão de quem fala pior, é possível conhecer que alguns tópicos foram avaliados por eles: miscelânea de palavras, pronúncia, dificuldade de compreensão, tamanho das palavras, número de letras em uma palavra e velocidade de pronúncia.

Os resultados dessa questão aparecem na Tabela 8, a seguir, em que se mostram quais línguas os informantes avaliam como piores.

**Tabela 8:** Quem fala pior

(013) E quem fala pior? Por quê?					
Informantes	Línguas / variantes				
	Português	Paraguaio	guarani	japonês	alemão
Faixa 1	2	1			
Faixa 3	1		1	1	1

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

Ao analisar a questão (020) “*Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas de que falamos? Por quê?*”, verifica-se que os informantes da Faixa 1 entendem que falam melhor os que falam português (Mf1). Também consideram que os que falam alemão “falam melhor que nós”, porque a “cultura europeia está bem avançada” (Mm1). Ou, ainda, consideram que em “uma língua diferente a pessoa se esforça mais” (Ms1).

**Mm1** - Pelo mesmo que falei dos paraguaios, cultura europeia está bem mais avançada que a nossa, então eles tem o costume mais de ler, de aprender, de se estruturar melhor para vida.

Os informantes da Faixa 3 entendem que “o estrangeiro fala melhor” (Mf3). Um informante entende que “o que fala português” pratica melhor aqui (Mm3). Outro considera que “o que fala o português... fala melhor”, “o português tem clareza” (Ms3).

**Mf3** - É duro de eu dizer pra você que o estrangeiro fala melhor por que a gente não.

**Mm3** - Eu acho que o que fala o português. Até por que a gente não, não tem condições assim, de analisar, né, por que a gente não estudou aquela língua.

**Ms3** - O que fala o português, eu acho que fala melhor. Porque é aquilo que eu disse, o português tem clareza, né.

Os resultados dessa questão aparecem na Tabela 9, a seguir, na qual se mostram as línguas que os informantes comparam com o português.

**Tabela 9:** Quem fala melhor

(020) Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas de que falamos? por quê?			
Informantes	Línguas / variantes		
	Português	alemão	Língua estrangeira
Faixa 1	1	1	1
Faixa 3	2		1

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

Com relação à questão (021) “*Essas línguas são feias ou bonitas?*”, os informantes da Faixa 1 consideram línguas diferentes do português como feias e “esquisita” (Mf1), mas outros também consideram “bonitas” (Mm1 e Ms1).

**Mf1** - Eu prefiro mais o português. Mais língua portuguesa, aquela língua, outras línguas é mais esquisita.

**Mf1** - Paraguaia acho mais feia. Agora a língua americana acho mais bonita.

Os informantes da Faixa 3 consideram que as línguas diferentes do português são bonitas quando “bem faladas” (Mf3). Outras línguas, como o guarani, são citadas como bonitas, apesar de, no caso do guarani, usar poucas letras (Mm3). Outras línguas, ainda, são avaliadas pela pronúncia: bonita, no caso do inglês, italiano e japonês (Ms3).

**Mf3** - Eu acho bonita. Eu acho muito bonito o inglês e o espanhol, bem falado eu acho muito bonito.

**Mm3** - Olha, eu acho que o guarani, pra quem escuta, parece sê mais bonita, apesar de que é a maneira deles acentuarem, por exemplo “Itaipu” é guarani, né, quer dizer em guarani, eles usam com pouca letra, eles consegue eh, completar o raciocínio deles.

**Ms3** - Eu acho que as línguas são, é questão só de adaptação de costumes, né.

Os resultados dessa questão aparecem na Tabela 10, a seguir, em que se mostra a avaliação dos informantes, do ponto de vista da beleza, sobre outras línguas que conhecem.

**Tabela 10:** Comparando línguas: feias ou bonitas

(021) Essas línguas são feias ou bonitas?		
Informantes	Feias	Bonitas
Faixa 1	1	2
Faixa 3		3

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

Na questão (039) “*Dessas culturas que a gente já falou aqui, tem algum desses daí que você teve algum desentendimento?*”, os informantes da Faixa 1 demonstram que não têm nenhum desentendimento com as demais culturas (Mf1, Mm1 e Ms1).

**Mf3** alegou que já teve desentendimento com o brasileiro. **Mm3** e **Ms3** nunca tiveram desentendimento com outros.

**Mf3** - Hoje mudou muito, né, mas o japonês de mais antigamente, de uns vinte anos atrás, eh, os japoneses mais velhos, o que eles falam, você pode acreditar. Agora, já os mais novos, já mudou a época, então entrou naquele ritmo mais malandrão, né, e então...

**Mf3** - ... ah, eu acho que com japonês, japonês olha, nunca tive problema de negócio olha, com nenhum deles. Os outros já me deram pra trás...

**Mf3** - Não, paraguaio também não, nunca tive, nunca tivemos problemas, agora com as outras raças...

**Mm3** - Não, a gente que é político, é natural, é normal que tenha algum desentendimento, oposição. Isso aí é... quando a oposição é sadia, ela ajuda, né, mas às vezes ela é maldosa, ela quer denegrir, né.

Os resultados relativos a essa questão aparecem na Tabela 11, em que se mostra a avaliação da relação dos informantes com falantes de outras línguas conhecidas.

**Tabela 11:** Quanto à interação com falantes de outras culturas

(039) Dessas culturas que a gente já falou aqui, tem algum desses daí que você teve algum desentendimento?

Informantes	Línguas / variantes		
	Brasileiro	Japonês	Ninguém
Faixa 1			3
Faixa 3	1	1	

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

Com relação à questão (040) “*Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?*”, os informantes da Faixa 1 entendem que a amizade mais sincera se dá com os brasileiros (Mf1), com o paraguaio (Mm1) e com o japonês (Ms1).

**Mf1** - A brasileira.

**Mm1** - Acho que o paraguaio.

**Ms1** - Eu acho que mais o japonês, né porque quando eles fazem amizade, eles levam a sério mesmo. Você pode confiar cem por cento, né.

Os informantes da Faixa 3 entendem que a maior amizade se dá com os paraguaios (Mf3) e com os japoneses (Mm3 e Ms3).

**Mf3** - É duro de dizer, o paraguaio ele é muito bom, ele é muito honesto, só que o paraguaio, ele faz um, uma coisa pra você sempre com a intenção de recebe algo em troca.

**Mm3** - Japonês. Japonês

**Ms3** - eu acho que o japonês é mais leal, sincero, mais coisa numa amizade do que as outra raça.

Os resultados dessa questão aparecem na Tabela 12, que apresenta a avaliação da amizade dos informantes com falantes de outras línguas conhecidas.

**Tabela 12:** Quanto à amizade ser sincera

(040) Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?

Informantes	Línguas / variantes			
	Brasileiro	Italiano	Japonês	Paraguaio
Faixa 1	1	1	1	
Faixa 3			2	1

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

Sobre a questão (041) “*Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?*”, os informantes da Faixa 1 comentam que a amizade interesseira ou falsa ocorre na relação com os paraguaios (Mf1), mas também que não encontram muita dificuldade de relacionamento (Mm1 e Ms1).

Os informantes da Faixa 3 relatam dificuldade com os italianos (Mm3) e com os árabes (Ms3).

**Mm3** - Ah, porque pessoa a gente sente, né, porque italiano ele é muito apegado no que é dele só, né, e quando ele procura alguém por interesse, interesse em levar vantagem.

**Ms3** - Ah, esse os árabes, né.

Os resultados dessa questão aparecem na Tabela 13, que mostra a avaliação feita da amizade interesseira por parte dos informantes com relação a falantes de outras línguas conhecidas.

**Tabela 13:** Quanto à amizade ser falsa

(041) Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?				
Informantes	Línguas / variantes			
	Paraguaio	Italiano	Árabe	Ninguém
Faixa 1	1			2
Faixa 3		1	1	1

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

#### 4.1.2.4 Temática 4 - O posicionamento do informante com relação ao uso das diferentes línguas em lugares públicos ou à sua aprendizagem na escola

As questões para análise desta temática são: (025) *Na igreja, no templo religioso, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)?*, (026) *A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?* e (027) *Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?*

O objetivo dessas questões foi verificar a reação dos informantes com relação ao uso dessas línguas na comunidade, tanto no âmbito institucional (escola, igreja)

como no uso em interações sociais, bem como a importância de sua aprendizagem e o ensino nas escolas.

Na questão (025) “*Na igreja, no templo religioso, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)?*”, os informantes da Faixa 1 entendem que a língua estrangeira não deveria ser utilizada nessas situações (Mf1, Mm1 e Ms1).

**Mf1** - Ah, eu acho que não, né, (inint) na igreja evangélica, que o pastor sempre (inint) outra língua, né, começa a falar, né, a língua do espírito santo, né, mas uma língua diferente, você não entende.

**Mm1** - Depende do...se tiver pessoas que, assim, fosse de outra cultura, não soubessem o que fala o português.

**Ms1** - Eu acho que ficaria difícil por que as nossas próprias cultura são junta.... Então acho que estamos aqui no Brasil seria normal a língua do país, né.

Os informantes da Faixa 3 entendem que não deveriam ser usadas línguas estrangeiras nessas situações (Mf3, Mm3 e Ms3).

**Mf3** - Não, eu acho que só se tivesse um grupo grande, na igreja.

**Mm3** - Eu acho que tinha que ir de acordo com os fiéis que ele tá trabalhando, né

**Ms3** - Eu sô contra de no Brasil, em oficia um culto religioso em outra língua que não seja a nacional.

Os resultados dessa questão aparecem na Tabela 14, em que se encontra a avaliação sobre a conveniência ou não do uso de línguas estrangeiras em atos públicos.

**Tabela 14:** Quanto ao uso de línguas estrangeiras

Informantes	Posicionamento		
	Sim	Não	Depende das circunstâncias
Faixa 1		1	2
Faixa 3		2	1

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

Com relação à questão (026) “A escola deveria ensinar essas línguas que você ouviu aqui? Qual delas? Por quê?”, os Informantes da Faixa 1 entendem que seria interessante ensinar o paraguaio (Mf1), o alemão, o guarani e o japonês (Mm1), o inglês, o espanhol e o alemão (Ms1).

**Mf1** - A paraguaia, estamos perto, a língua argentina também, né, é bem mais perto. Agora outras língua é muito longe, os país muito longe, pra quê, nós mesmo que é nós, num vai pra outros países, né, tinha que aprender os país que tá perto, país muito longe, pra quê?

**Mm1** - Olha, o alemão, o próprio guarani, por que é do lado aqui o país né, então devia prestigiar eles, né.

**Ms1** - Eh, seria interessante pela nossa região, né, aqui em Guaíra, mas o básico mesmo que acho que toda escola deveria ter, seria o inglês, o espanhol, lá o alemão ou uma outra língua, né.

Os informantes da Faixa 3 entendem que seria interessante ensinar o alemão, o japonês e o guarani (Mf3), o guarani e o japonês (Mm3 e Ms3).

**Mf3** - Ainda mais o... alemão e o português e japonês

**Mm3** - Eu acho que até é uma necessidade, eu acho que até deveria se inclui no currículo escolar, o espanhol, por que hoje, nós sabemos que o espanhol é a segunda língua do mundo.

**Ms3** - Então, acho que o espanhol deveria sê uma língua oficial no convívio escolar porque é fácil de aprender, acho que até ajudaria a melhorar o ensino do português, porque o espanhol é muito bonito a pronúncia.

Os resultados dessa questão aparecem na Tabela 15, em que se apresenta a avaliação da conveniência do ensino de línguas estrangeiras nas escolas brasileiras.

**Tabela 15:** Quanto ao ensino de línguas estrangeiras

Informantes	(026) A escola deveria ensinar essas línguas que você ouviu aqui? Qual delas? Por quê?					
	Inglês	Paraguaio	guarani	japonês	alemão	Espanhol
Faixa 1	1	1	1	1	2	1
Faixa 3	1		2	1	1	1

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

Na questão (027) “*Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?*”, os informantes da Faixa 1 disseram que gostariam de aprender o inglês e o alemão.

**Mf1** - Americana. Eu acho que a língua mais, mais bonita, né

**Mm1** - Eu gosto bastante do alemão.

**Ms1** - Que nem eu digo, aperfeiçoar, né, falar, a gente fala um pouco de tudo, mais aperfeiçoa mesmo eu gostaria mesmo na parte de inglês.

Os informantes da Faixa 3 mostraram-se interessados pelo espanhol e pelo árabe.

**Mf3** - O espanhol... Por que sei lá, eu me dou muito certo com essa língua.

**Mm3** - Não, eu, na verdade eu gostaria de melhorar o espanhol, né.

**Ms3** - Ah, eu gostaria, assim, gostaria de ter aprendido o árabe por causa das raízes... Mas acho que o que me iria me satisfazer minha frustração era saber falar fluentemente o espanhol.

Os resultados dessa questão aparecem na Tabela 16, em que se apresenta a avaliação sobre a tendência para aprender outras línguas.

**Tabela 16:** Quanto à aprendizagem de línguas estrangeiras

Informantes	(027) Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?					
	Línguas / variantes					
	Inglês	Paraguaio	guarani	Árabe	alemão	Espanhol
Faixa 1	2	1	1		1	1
Faixa 3				1		3

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

## 5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Apresenta-se, nesta seção, a análise das respostas fornecidas pelos informantes selecionados para esta pesquisa, de duas faixas etárias, 1 e 3. O desenvolvimento da discussão tem como base a escolha de quatro temáticas estabelecidas para servir de ponto de observação para a análise, envolvendo: a) a avaliação do falante sobre o próprio desempenho linguístico e a aquisição da língua na infância na inter-relação com familiares próximos; b) o conhecimento sobre as diferentes línguas existentes na comunidade; c) a capacidade de avaliar comparativamente as diferentes línguas observadas na comunidade; e d) o posicionamento do informante sobre o uso dessas línguas em situação pública.

A análise foi realizada a partir dos componentes cognoscitivo, afetivo e conativo da atitude linguística de falantes residentes em Guaíra, a partir de uma interpretação mentalista. Moreno Fernández (1998) propõe que as atitudes linguísticas implicam a presença de vários elementos, como: uma valoração (componente afetivo), um saber ou crença (componente cognitivo) e uma conduta (componente conativo).

Gómez Molina (1998), em seu estudo com indivíduos da região de Valença, na Espanha, discute os três componentes na manifestação das atitudes linguísticas de falantes:

o componente cognoscitivo teria o maior peso sobre os demais por conformar, em larga escala, a consciência sociolinguística, uma vez que nele intervêm os conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes: consciência linguística, crenças, estereótipos, expectativas sociais (prestígio, ascensão), grau de bilinguismo, características da personalidade, etc. O componente afetivo, por sua vez, está alicerçado em juízos de valor (estima-ódio) acerca das características da fala: variedade dialetal, acento; da associação com traços de identidade; etnicidade, lealdade, valor simbólico, orgulho; e do sentimento de solidariedade com o grupo a que pertence. O componente conativo, por sua vez, reflete a intenção de conduta, o plano de ação sob determinados contextos e circunstâncias. Mostra a tendência a atuar e a reagir com seus interlocutores em diferentes âmbitos ou domínios: rua, casa, escola, loja, trabalho (GÓMEZ MOLINA, 1998, p. 31).

Corbari (2013), em sua tese *Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*, ao desenvolver a análise das falas dos informantes, interpreta os componentes da atitude como índices. Para a autora, são índices porque “refletem a percepção metalinguística e epilinguística dos falantes

a respeito da(s) própria(s) variedade(s) e das demais variedades” (CORBARI, 2013, p. 213) que coexistem em determinado ambiente.

A partir desse suporte teórico apresentado por Gomez Molina (1998), Moreno Fernández (1998) e Corbari (2013), analisaram-se as falas dos informantes da Faixa 1 e da Faixa 3. Para desenvolvimento da análise, considera-se o que segue:

#### **Informantes da Faixa Etária 1:**

**Mf1** (masculino, ensino fundamental, faixa etária 1, 27 anos);

**Mm1** (masculino, ensino médio, faixa etária 1, 19 anos);

**Ms1** (masculino, ensino superior, faixa etária 1, 24 anos).

#### **Informantes da Faixa Etária 3:**

**Mf3** (masculino, ensino fundamental, faixa etária 3, 59 anos);

**Mm3** (masculino, ensino médio, faixa etária 3, 69 anos);

**Ms3** (masculino, ensino médio, faixa etária 3, 56 anos).

Ressalta-se que as respostas foram expressas por meio de questionários estruturados, tendo sempre como meta um estudo comparativo entre essas duas faixas etárias. A análise foi realizada por temática, considerando os informantes por faixa etária e por nível de escolaridade.

### 5.1 TEMÁTICA 1 - LÍNGUA OU LÍNGUAS DE AQUISIÇÃO E DE USO DO INFORMANTE

Na Temática 1, analisaram-se as atitudes linguísticas dos falantes das Faixas 1 e 3 com relação à língua de uso do informante e à língua de aquisição na infância.

As quatro primeiras perguntas são: (001) *Que língua você fala?*, (002) *Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?*, (003) *Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?* e (004) *Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?*

Essas perguntas buscam identificar a língua ou as línguas de infância usadas pelos informantes na interação com familiares próximos, como os pais e avós. Com essas questões, buscou-se levantar, junto ao informante, a aquisição, e uso de língua(s) na infância, sua inserção nas práticas sociais familiares e interação com

esses interlocutores e sua atitude em relação à língua ou línguas usadas por meio dos componentes cognoscitivo, afetivo e conativo.

### 5.1.1 Questão (001) Que língua você fala?

#### 5.1.1.1 Faixa etária 1

A primeira pergunta da Temática 1, (001) “*Que língua você fala?*”, tem como objetivo avaliar a consciência linguística do informante quanto à língua utilizada por ele. Os três informantes da Faixa 1 declaram usar a língua portuguesa e os informantes do ensino médio e superior declaram-se bilíngues em português e espanhol, mas que sua competência linguística é elementar para o espanhol. As respostas a seguir dão a dimensão da informação prestada. Na resposta à primeira questão, verifica-se a prevalência do componente cognoscitivo quando todos informam que falam o português.

**Mf1** - A língua? Língua portuguesa.

Como é possível verificar, **Mf1** informa usar a língua portuguesa, mas não se estende na resposta. Mostra-se surpreso pelo questionamento.

Por outro lado, **Mm1** aciona o componente cognoscitivo ao informar sobre o bilinguismo:

**Mm1** - Eu falo o português, né, natural da nossa nacionalidade e um poquinho o espanhol, né.

Verifica-se a ausência de proficiência em língua espanhola, ou habilidade elementar (“pouco”, um “pouquinho” o espanhol). Por outro lado, a demonstração de prestígio é apresentada com relação ao português. O componente afetivo pode ser identificado no uso da expressão “nossa nacionalidade”, que demonstra um traço de lealdade ao grupo a que pertence.

**Ms1** indica o termo “brasileiro”, depois retifica com “português”, assumindo ser essa a denominação mais apropriada.

**Ms1** - Um poco de espanhol, um poco brasileiro, português, né.

Observa-se a flutuação entre a escolha dos termos “língua portuguesa”, “português” e “brasileiro” com nuances específicas. O uso de “brasileiro”, assim como “castelhano”, que será comentado mais adiante, denota uma língua mais informal, podendo ser uma variante de menor prestígio. **M<sub>s1</sub>** corrige-se: “um pouco brasileiro, português”.

As respostas à primeira questão desses falantes não se estendem e podem representar que não houve no contexto familiar identificação com língua de herança. **M<sub>m1</sub>** e **M<sub>s1</sub>**, porém, relatam o pouco uso do espanhol relacionado a contatos de negócios.

#### 5.1.1.2 Faixa etária 3

As respostas dos três informantes da Faixa 3 à pergunta (001) “*Que língua você fala?*” mostram maior consciência linguística dessa faixa etária em avaliar o próprio desempenho linguístico.

**M<sub>f3</sub>** - Tento falá o português, mas é tudo pela metade, né.

**M<sub>f3</sub>** demonstra tentativa de falar corretamente o próprio idioma. Essa atitude é indicativa da crença na existência de uma língua padrão, regida por regras de bem falar. Ocorre, nessa resposta, uma avaliação afetiva negativa com relação ao português, pois utiliza a expressão falar “tudo pela metade”, isto é, com desempenho linguístico precário.

**M<sub>m3</sub>** especifica o espanhol como “dialeto de fronteira”. Essa avaliação afetiva classifica esse falar como uma variedade de menor prestígio, aprendida informalmente, o que pode ser identificado no uso da expressão “forçado pela necessidade”.

**M<sub>m3</sub>** - Espanhol....espanhol assim, a gente forçado, pela necessidade, né, trabalhando, trabalho mais de trinta anos no Paraguai, então a gente fala, assim, esse espanhol que se pratica na fronteira aí, né. Dialeto da região.

As atividades desempenhadas por esses falantes na fronteira geram o contato linguístico e propiciam o surgimento de variedades linguísticas que só existem em tais ambientes.

**Mm3** dá um exemplo de como se expressam falantes que vivem em situação de línguas em contato, produzindo textos nos quais a mistura de sentenças de duas línguas, no caso espanhol e português, é bem característica. O componente cognoscitivo transparece no conhecimento linguístico que o falante demonstra ao explicar como vai aprendendo palavra por palavra:

**Mm3** - “Yo no soy dueño del mundo, pero soy “fijo” del dueño.”  
 “Nosotros hablamos poco” mas como havia dito há “necesidad de se hablar español por que se trabaja num pais onde se habla somente español”. Então eu vô decorando as palavra, né, que se tiene que hablar, né.

Esse falante, por outro lado, pode indicar que sua experiência com a língua está centrada no escopo do comércio. O trecho “há necesidad de se hablar español por que se trabaja num pais onde se habla somente español” pode ser esse indicativo, pois a alusão a “falar somente o español” não recobre o guarani e nem o jopará.

Para Grosjean (1982), a alternância de língua em um mesmo enunciado é uma das características mais interessantes do bilinguismo, pelo fato de destacar o contato de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo. Esse autor ainda aponta que essas mudanças linguísticas podem ocorrer por vários fatores, sendo o perfil do participante da interação o fator determinante. Entre esses fatores, o autor destaca: etnia, idade e sexo do falante, o contexto (escola, casa, igreja etc.), o tópico (profissional, acadêmico, afetivo etc.) e a função da interação.

**Mm3** compara as variações do espanhol, falado em países da América do Sul e que as diferenças no inventário lexical de cada variedade se devem a fator sócio-histórico e geográfico:

**Mm3** - É porque paraguaio, uruguaio, argentino, eles têm diferenças de algumas palavras que é por causa do costume da região, né, mas na verdade a origem é a mesma.

**Ms3** reforça a situação de interferência entre as línguas. Relata que trabalha no país vizinho há mais de trinta anos.

**Ms3** - Português, espanhol a gente lida aí com o contato aí com a fronteira.

Esse falante descreve suas habilidades como falante da língua espanhola, demonstrando possuir algum conhecimento linguístico. Considera que lê e entende o espanhol, mas sente dificuldade em falar. Das habilidades na aquisição de uma língua estrangeira, o falar é a habilidade mais complexa e facilmente esquecida, se não praticada. Ele assim comenta:

**Ms3** - Eu leio espanhol e traduzo simultaneamente, tenho dificuldade pra falá. Pra conversação, tenho dificuldade.

O falante relata que aprendeu e aprende o espanhol com falantes paraguaios e argentinos, estabelecidos em colônias, em Guaíra. Presume-se que seu espanhol seja uma variedade que mescla as três línguas: o espanhol do Paraguai, o espanhol da Argentina e o português. Essas interferências são comentadas por mais de um informante. **Ms3** analisa os contatos com falantes de outras línguas:

**Ms3** - Foram os paraguaios e os argentinos que trabalharam aqui na fundação da nossa cidade, então, existe uma colônia de famílias de filhos de paraguaios que moram aqui e pela facilidade da gente tê contato com as pessoas do Salto de Guairá, a gente acaba aprendendo.

Os informantes da Faixa 3 relatam que falam o espanhol por necessidade, uma vez que atuam no país vizinho. Mas esclarecem que o espanhol por eles usado é uma variedade de fronteira. O componente cognoscitivo pode ser percebido pela referência a empréstimos mútuos entre línguas que entram em contato.

**Ms3** também demonstra habilidade cognoscitiva ao reconhecer o significado de alguns itens lexicais do espanhol e a habilidade em usá-los em frases, intercalando o espanhol com o português. O parecer desse informante levanta também a questão de línguas em contato em que uma tem mais primazia sobre a outra. Na fala desse informante, verifica-se que os falantes do português assumem essa crença de que há superioridade no uso do português: “eles aprenderam a falar o português pra nos atende”:

**Ms3** - Ah, espanhol “como estás” “tudo bien” “buenos dias” “como te pasa”. Mas se eu chegar lá no Paraguai, numa loja e for falá

em espanhol, primero que eles aprenderam a falá o português pra nos atendê, né. Melancia, melancia no Paraguai, chamam “sandia” é diferente. Alface, por exemplo, chama “lechuga”. A banana, eles nem tem uma tradução, porque eles falam banana ainda em guarani “pacová”.

**Ms3** ativa o componente cognoscitivo quando analisa os intercâmbios linguísticos entre espanhol e guarani. Identifica palavras espanholas inseridas na língua guarani quando esta não possui o vocábulo adequado para nomear algo ou seja, a língua de menor prestígio recebe vocábulos da língua dominante. O informante demonstra perceber que esse fato interfere na aprendizagem da língua dominada, a qual, aos poucos, pode também perder sua identidade:

**Ms3** - Não....por que tem palavras que o guarani não tem tradução, então eles usam o espanhol para falar, mas nós aprendemos muito poca coisa... Mesmo os brasileiros que moram lá, tem dificuldade de falá.

Outros informantes do Projeto CAL também reforçam a noção de intercâmbio<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> **Fs3** é informante feminina do Projeto CAL, mas que não faz parte desta pesquisa. Ela demonstra ter consciência do contato linguístico do espanhol com o guarani na fronteira. Reconhece o jopará ou espanhol paraguaio, já identificado em pesquisas sociolinguísticas. Navarro (2004) explica que jopará seria o guarani paraguaio com interferência do castelhano.

**Fs3** - Eh, a gente sabê que nem eu já trabalhei dentro do Paraguai, tive quinze ano, só que o espanhol da frontera aqui, não é bem o espanhol, ele é... é um espanhol misturado com o guarani, então num... num tem jeito do cê dizê o que é um espanhol e o que é um guarani, né.

**Ff3** e **Fs3** contribuem com comentários sobre a fonética e o léxico da língua espanhola falada por argentinos e paraguaios. Esse fato levanta a possibilidade de empréstimos entre mais de duas línguas que entram em contato. A partir da análise de alguns itens lexicais, essas informantes são capazes de identificá-los como pertencentes ao espanhol falado na Argentina e ao espanhol falado no Paraguai. A produção de certas letras ou conjuntos de letras em determinados vocábulos também identificam a língua a que pertencem:

**Ff3** - É praticamente a mesma coisa, mas lá pra Assunção eles falam assim também, como *martijo*, e aqui na fronteira, eles misturam o “ele” com o “agá” *martilho*, mais ou menos assim, né. Então... o argentino e o paraguaio falam praticamente a mesma língua... a não ser o guarani, que é só no Paraguai.

**Fs3** - Por exemplo, o espanhol real *calle*, né. E no argentino *caje* [= *calle*], né, o ‘ele ele’ passa ter um som de ‘jota’, né, ou ‘gê’, se for o caso. Então isso é uma terminologia quase que regional, explicar por quê a gente não sabe, né. Uma outra coisa interessante com relação ao espanhol é... o pneu em... no espanhol é *pneumáticos*, né, e a gente conhece aqui como *cubiertas*. (Inint.) *las cubiertas*, não é ‘cobertores’ e sim ‘pneu’.

As interferências de uma língua sobre outra são ocorrências comuns entre línguas próximas. **Ms3** demonstra ter consciência linguística e identifica essas influências entre o espanhol e o italiano:

**Ms3** - Italiano... “tute bona gente”. Na verdade, nós que estamos aqui na fronteira, se vamos conversar com um italiano, a nossa tendência é falá o espanhol.

**Ms3**, após esses relatos, demonstra avaliação positiva da própria língua, o português. Afirma que fala o português com certa propriedade, mas não com fluência, porque o considera uma língua muito difícil:

**Ms3** - Mas a língua que a gente fala com certa naturalidade, com fluência não, que o português é muito difícil, mas é o português mesmo e um pouco de espanhol.

**Ms3** estabelece avaliação subjetiva no recorte a seguir, uma vez que descreve a língua portuguesa como “mais bonita”, “bem falada”, “maravilhosa”, qualificativos intensificados pelos termos “mais” e “bem”. Neste caso, é preciso considerar que há certo prestígio relacionado à norma culta ou mesmo à norma padrão da língua portuguesa.

**Ms3** - Mais bonita é o português (risos). Língua portuguesa bem falada, quando cê ouve um discurso ou mesmo uma palestra de pessoas preparada que sabe falá o português, que sabe colocá as palavra no seu devido lugar, não precisa falá palavras difíceis, né, mas que sabe colocá, eu acho o português maravilhoso.

No recorte seguinte, esse informante estabelece comparação com o falar japonês que é realizado na comunidade, a fim de demonstrar que a língua portuguesa seria mais clara; no entanto, concorda que é possível fazer-se não entender quando se quer. **Ms3** aciona os componentes cognoscitivo e afetivo, pois refere-se a questões de ordem pragmática a partir do exemplo que estabelece.

**Ms3** - O que fala o português, eu acho que fala melhor. Porque é aquilo que eu disse, o português tem clareza, né, mesmo o japonês que fala o japonês e hoje convive aqui e fala o português, eles entende muito melhor a nossa conversa. O português é uma língua clara, desde que se queira falar com

clareza, por que também se quiser falar disfarçado na frente do japonês, ele também não vai entendê nada.

### 5.1.2 Questão (002) Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?

#### 5.1.2.1 Faixa etária 1

A segunda questão da Temática 1, (002) “*Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?*”, enfoca a língua de herança. Verifica-se que os informantes da Faixa 1 continuam não se estendendo em suas respostas e, portanto, não realizam nenhuma análise com relação à aquisição de sua língua primeira. Somente a identificam, conforme as respostas: “**Mf1** - Língua portuguesa também.”; “**Mm1** - Em português.”; “**Ms1** - Português mesmo, né.” O informante do ensino superior estabelece ênfase, o que pode ser comprovação de que em Guaíra não há contato linguístico suficiente para o estabelecimento do jopará, por exemplo.

#### 5.1.2.2 Faixa etária 3

Os informantes da Faixa 3, ao responderem à questão (002) “*Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?*”, preocupam-se com informar não só a língua de aquisição, mas também as características desse falar, a especificidade dessa língua.

**Mf3** reforça a avaliação que fez de seu modo de falar no relacionamento com familiares: trata-se de um português “caboclado”, portanto, fora da modalidade padrão.

**Mf3** - A mesma language, o mesmo português caboclado mesmo, né.

Para Wagley (1957), caboclo é um termo depreciativo usado para indicar pessoas que pertenciam à escala mais baixa da sociedade colonial amazônica ou de estratificação social menos favorecida, sempre prevalecendo uma identificação negativa ao designativo “caboclo”. Assim, o modo de falar do caboclo é também uma linguagem considerada incorreta, deficitária. Para Barros e Araújo (2017),

A língua representa as particularidades geográficas de cada lugar, suas expressões, seus vocábulos e lexias, estando também aliada a outros processos, tais como o histórico e o econômico — todos ajudando a formar a cultura de uma comunidade (BARROS; ARAÚJO, 2017, p. 2).

**Mm3** aciona o componente cognoscitivo e afetivo ao expressar seu modo de falar e ter consciência do contato entre uma língua de etnia europeia e uma variante do português brasileiro:

**Mm3** - Português, somente o português. Até mesmo por que os meus pais são descendentes de português, né. Na época chamava-se caboclo, né. E também, lá na minha região lá no (?=Miquiriqui) tem uma região de muita colônia italiana quem não é de origem italiana, é caboclo.

Um dado importante reside na sensação do informante com relação a sua naturalidade (“minha região”), o que pode indicar deslocamento da identidade com Guaíra, ou ainda que não há na localidade indicativos linguísticos únicos de identidade regional no espaço fronteiro brasileiro.

**Ms3** menciona que seu falar era o caipira brasileiro. Para Martins (2003), o falar caipira, considerado um falar errado para a maioria, é uma língua dialetal derivada da interação entre o português e o nheengatu (o nheengatu pertence à família linguística tupi-guarani).

**Ms3** - Nós falamos mesmo só a língua portuguesa, no Brasil não tem dialeto né, mas o nosso linguajar é do interior paulista. É o caipira brasileiro verdadeiro mesmo que fala “nóis vai, nóis foi, mais arriba”. Quando era criança, falava nesse estilo aí.

Embora a conclusão do informante seja a inexistência de dialeto no Brasil, ele se considera falante de uma variedade do português, o caipira. Além disso, acrescenta o termo “verdadeiro” e isso denota certo orgulho do próprio modo de falar. Para esse falante, a noção de dialeto e variante remete ao mesmo significado.

### 5.1.3 Questão (003) Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?

#### 5.1.3.1 Faixa etária 1

A terceira questão da Temática 1 aborda a relação do informante com os avós: (003) “*Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?*”. Os informantes do ensino fundamental e médio da Faixa 1 são de opinião de que seus avós falavam também português quando se dirigiam a eles.

**Mf1** - Eh, também.

**Mm1** - Eh, também.

**Ms1** esclarece que seus avós falavam com ele especialmente em português, mas também um pouco de espanhol. O componente cognoscitivo é acionado quando esse informante deixa entrever que seus avós falavam o espanhol. Supõe-se que eram de descendência espanhola ou mantinham contato com falantes do espanhol do país vizinho:

**Ms1** - Um poco de espanhol, um poco brasileiro, português, né.

**Ms1** - Ah, predominantemente mesmo é português mesmo.

Sua tentativa de corrigir o termo “brasileiro” denota que separa seu falar do que seria o “português”.

#### 5.1.3.2 Faixa etária 3

Os informantes do ensino fundamental e médio da Faixa 3, ao responderem à pergunta (003) “*Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?*”, indicam que seus avós interagiam em português:

**Mf3** - Mesma coisa.

**Mm3** - Também, somente o português.

**Ms3** relata que seus avós falavam com ele em português; embora fossem de origem libanesa, seus avós não falavam em libanês com eles.

**Ms3** - Em português. Minha mãe é de origem libanesa, meus avós maternos são libaneses, mas eles não falavam.

A partir dessa resposta, há indícios de que esse falante ouviu a língua libanesa falada por seus avós quando criança e talvez entendia, ao menos, o básico da língua, como comprova o seguinte enunciado: “a gente ouvia eles falando, aí sabia”.

#### **5.1.4 Questão (004) Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?**

##### 5.1.4.1 Faixa etária 1

A última pergunta da Temática 1, (004) “*Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?*”, busca saber a atuação linguística desse falante na relação com familiares.

**Mf1** relata que ouvia seus familiares conversar em português, mas seu pai sabia o castelhano.

**Mf1** - Não, não, ouvia eles sempre conversá mais o português, mas que nem meu pai, meu pai entende um pouco o castelhano, ele entende um pouco.

Esse informante menciona contato com o castelhano. Talvez se refira ao termo castelhano para distinguir do falar de fronteira.

**Mm1** disse que interagia com os pais e avós em português:

**Mm1** - Português mesmo.

As respostas desses informantes referendam a hipótese de que não há reflexo do contato linguístico da fronteira de Guaira com Salto del Guairá, no Paraguai, que movimentem o jopará.

#### 5.1.4.2 Faixa etária 3

A questão quatro respondida pelos informantes da Faixa 3, (004) “*Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?*”, apresenta a seguinte informação:

**Mf3** recorre à expressão “português caboclado”, o que pode indicar uma avaliação negativa, uma vez que se refere a uma variedade de menor prestígio da língua portuguesa que, segundo esse falante, é uma língua misturada “meio português, meio caboclada”.

**Mf3** - Na mesma língua, né, uma língua meio português, meio caboclada e misturada, né.

**Mm3** aciona o componente cognoscitivo ao informar que iniciou a alfabetização aos sete anos e que o português era a única língua utilizada.

**Mm3** - Portuguesa, na época não existia o...eu comecei estudá com sete anos. Sempre, na região só se fala o português, né.

**Ms3** não responde diretamente à pergunta que lhe foi dirigida, mas aciona o componente cognoscitivo quando informa conhecer o árabe, língua de herança, pois seus avós eram libaneses.

**Ms3** - Meus avós maternos falavam em árabe.

**Ms3** - Falavam, não, na verdade com a mãe não e meu avô, ele veio do Líbano e ele resolveu sê brasileiro, então criô doze filhos no Brasil e não ensinou a falar uma palavra. A gente ouvia muito porque tinha muito parente, os irmão dela, os filho, então entre eles falavam em árabe. (os mais velhos)

O libanês é um dialeto do árabe, mas, no Brasil, e na região em que os inquiridos foram coletados, as pessoas muitas vezes não fazem distinção entre língua árabe e língua libanesa. O informante demonstra que a língua-mãe de seus descendentes não era cultuada com as gerações mais novas. Informa que ouvia os irmãos da mãe dirigindo-se em árabe a ela. Há indícios de que ele também fizesse uso dessa língua na infância.

O componente afetivo pode ser percebido na declaração de “ressentimento” por não ter aprendido o árabe.

**Ms3** - Exatamente. Então hoje, a gente tem até um ressentimento de não ter aprendido, mas eles não quiseram ensinar. E hoje faz uma falta danada. Hoje tenho vontade de visitá o Líbano e não sei falá nada em árabe.

Resumindo a Temática 1, ao sondar as atitudes dos falantes de Guaíra com relação ao seu falar, observa-se que, na Faixa 1, **Mf1** e **Mm1** falam o português, que é a língua-mãe, e com a qual interagiram com os familiares. Porém, **Ms1** fala português e espanhol, a língua-mãe é o português, mas interagiu com os familiares em português e espanhol.

No caso dos três informantes, o componente cognoscitivo é acionado em partes de repostas sobre noções de uso na fronteira, enquanto o componente afetivo expressa-se por meio de um sentimento de orgulho nacional sobre a língua de uso.

Entre os falantes da Faixa 3, os componentes afetivo e cognoscitivo encontram-se mais presentes. **Mf3** entende que fala um português menos formal. **Mm3** demonstra que fala o português e o espanhol “de fronteira”, mas a aquisição foi de português informal. **Ms3** explica que fala o português e o espanhol, mas adquiriu português informal.

Verifica-se, nesses informantes, o componente afetivo, de caráter depreciativo, em relação às variantes do português: “tudo pela metade”, “caboclado”, “caipira” e “difícil”, e em relação ao espanhol o desprestígio ocorre pelo fato de ser uma linguagem de “fronteira”. O componente cognoscitivo desses falantes pode também ser identificado quando analisam o próprio modo de falar na infância: “Quando era criança falava nesse estilo aí: nós vai, nós foi, mais arriba” (Ms3). É possível identificar na fala desse informante uma avaliação envolvendo usos linguísticos inadequados.

## 5.2 TEMÁTICA 2 – PERCEPÇÃO DA DIVERSIDADE DE LÍNGUAS OU DIALETOS NA COMUNIDADE

A Temática 2 se refere à percepção do informante com relação à existência de diferentes línguas e variedades faladas em sua comunidade.

Fazem parte desta Temática as questões (005) *Aqui em Guaíra existem pessoas que falam diferente de você?* e (006) *Que língua(s) ele(s) fala(m) os que falam diferente aqui? (espanhol paraguaio, árabe, chinês ou mandarim, guarani, jopará)*. Essas questões visavam a identificar o grau de conhecimento do informante com relação à diversidade de línguas na localidade, bem como o grau de conhecimento ou fluência no uso dessas línguas.

### 5.2.1 Questão (005) *Aqui em Guaíra existem pessoas que falam diferente de você?*

#### 5.2.1.1 Faixa etária 1

Analisando a questão (005) “*Aqui em Guaíra existem pessoas que falam diferente de você?*”, observam-se, nos participantes, atitudes afetivas e cognoscitivas.

**Mf1** se detém a analisar a variedade de língua falada em Guaíra e não o número de diferentes línguas observadas na comunidade. A partir de sua consciência sociolinguística, da percepção de que as línguas são diferentes, o informante identifica a existência de uma variante ou modo de falar o português em Guaíra ao comparar com a maneira de falar dos rondonenses, descendentes de alemães, por exemplo, que se expressam com sotaque alemão. Essa postura demonstra a consciência sociolinguística desse indivíduo, que é capaz de identificar traços específicos na variável linguística do falante e emitir uma avaliação social da variável.

**Mf1** - Aqui em Guaíra tem uma língua diferente, quando vai em ota cidade, ota língua uma palavra mais puxada...ele vai, né, meio que uma língua é diferente da ota.

**Mm1** relata ter observado a existência, em sua comunidade, de outras línguas, como o espanhol e o guarani. Informa que, entre as línguas de outras etnias, o guarani

é a língua que mais se fala em Guaíra. Essa postura demonstra a consciência sociolinguística desse indivíduo.

**Mm1** - Sim, o guarani, as outras língua seria o espanhol e o inglês, mas o guarani é o que mais falam aqui, às vezes.

**Ms1** demonstra consciência sociolinguística ao considerar que o número de línguas em Guaíra tem aumentado em decorrência da vinda de pessoas de diferentes localidades. Esse informante observa o movimento de imigrantes, vindos de diferentes localidades, especialmente do próprio país, o que gera diferentes línguas ou variedades de falar que se mesclam a partir do contato com a modalidade falada em Guaíra. Situações de monitoramento no plano da produção linguística controlam o monitoramento sociolinguístico no relato desse informante, que se mostra atento e capaz de avaliar o fluxo migratório de Guaíra. Ele observa um fluxo constante de imigrantes (japoneses, italianos, alemães, paraguaios).

**Ms1** - Ah, tem, tá bem miscigenado agora. Veio bastante pessoas de fora, né, o próprio pessoal do Paraguai tá constante aqui, né.

**Ms1** - De fora tem bastante aqui do Salto, né, o Paraguai aqui, tem Curitiba.

**Ms1** - Japonês vem, não com muita frequência, mas vem, por que tem bastante parente também, né.

**Ms1** - Italiano...alemão, tem bastante.

**Ms1** - Paraguai tá começando agora, tem bastante gente vindo embora morá aqui, os paraguaios, né.

Nota-se que o fluxo de migração e imigração parece trazer um contato mais cultural, vinculado mais diretamente ao comércio. E ainda parece que a formação de colônias de paraguaios pode ser recente.

### 5.2.1.2 Faixa etária 3

Os informantes da Faixa 3, ao responderem à pergunta (005) “*Aqui em Guaíra existem pessoas que falam diferente de você?*”, demonstram observar os grupos que já estão instalados na comunidade de Guaíra. O componente cognoscitivo é

recorrente nas falas dos três informantes quando eles falam em colônias de diversas etnias, na situação bilíngue do Paraguai, no perigo do desaparecimento da língua guarani.

**Mf3** explica que a mescla entre línguas pode ser identificada até na própria família, pois sua esposa fala o alemão e conhece o suíço, por ser descendente de falantes dessas duas etnias. É a consciência sociolinguística orientando a observação desse falante.

**Mf3** - Tem bastante. Na minha casa mesmo, a minha esposa memo fala alemão, ela fala um pouco do suíço. Minha esposa, porque ela é filha de alemão, a mãe dela é filha de alemão e o pai dela é suíço.

**Mm3** expressa consciência sociolinguística quando comenta sobre grupos instalados na comunidade, que denomina “colônias”. Os grupos de imigrantes, com suas língua e cultura, exerceram influência na comunidade local.

**Mm3** - Tem, pouco, mas tem. Nós temos a colônia japonesa, né. É a segunda do Brasil que fala japonesa aqui... Nós temos a colônia paraguaia é aqui na Vila Velha, que nós chamamos. Temos bastante descendentes de paraguaio, e temos alguns paraguaio que mora aqui, mas a maioria são descendente paraguaio. Então se fala também o espanhol aqui, né. O espanhol e o japonês.

**Mm3** identifica uma situação de uso de línguas diferentes em determinadas situações, quando relata que habitantes do Paraguai usam a língua guarani para falar entre si e, ao se dirigirem aos brasileiros, usam o espanhol.

**Mm3** - O espanhol. Entre eles, eles falam o guarani, aqui com nós e lá, os brasiguaios, nós só falamos o espanhol.

**Mm3** menciona que a língua guarani é falada no Paraguai, mas é pouco ouvida em Guaíra. Além disso, ele relata uma preocupação de que o guarani está desaparecendo aos poucos no Paraguai, uma vez que só é falado por uma geração antiga. Os mais jovens não falam mais a língua guarani. O componente cognoscitivo, aqui, expressa uma preocupação sociolinguística com o desaparecimento de línguas quando relata que só a “geração mais antiga” ainda fala o guarani. A morte de um idioma começa com um trauma envolvendo a perda de território ou mudanças

forçadas na cultura tradicional. Há indícios de que o povo guarani se sente mais grupo étnico no lado paraguaio. Lá, eles mantêm a língua e costumes. Ao imigrarem de um país para outro, o povo guarani vem perdendo sua língua e sua cultura, sufocados por grupos dominantes.

**Mm3** - Então o guarani não se usa aqui, lá do outro lado, no Paraguai sim, né. Entre os mais, essa geração mais antiga, né, os novos...

**Mm3** demonstra preocupação com o desaparecimento do guarani. Segundo ele, ocorre o ensino do guarani nas escolas paraguaias, e isso, de acordo com o informante, serve para preservar a língua e cultura do povo guarani. Essa narrativa é questionável, uma vez que a língua guarani é subalternizada pela língua do colonizador, o castelhano. Sabe-se que assumir a língua do dominador tem uma função social de sobrevivência, uma vez que manter a língua de origem traz poucas perspectivas.

**Mm3** - Até porque agora que o Paraguai começou a adotá no currículo escolar a exigência de se...estudá o guarani pra preservá a cultura. Até poco...essa nova geração não fala.

**Mm3**, ao referir-se aos imigrantes árabes, faz um histórico desses indivíduos. Acionando o componente afetivo, rotula o imigrante árabe de “varjeiro”. Esse termo denota menosprezo indicativo de uma situação de marginalizados em que se encontram esses indivíduos.

**Mm3** - Aí, olha, aqui em Guaíra é muito poco, tem um dois ou três. Eles vinheram pro comércio até quando Guaíra começou a se desenvolve, eles vinham praticá o comércio. E os descendentes de árabe procuram mais áreas que estão se iniciando, né, que estão se desenvolvendo. Aqui, hoje, nós temos aqui, predomina mais os, nós chamamos (varjeiro).

**Mm3**, ao comentar sobre o espanhol, estabelece comparação entre modalidades de espanhol que ele conhece: o “currentino” falado na fronteira do Uruguai, que é idêntico ao do Paraguai, e o espanhol falado em Assunção, com interferências do italiano. O informante ativa o componente cognoscitivo quando denomina essas variedades de dialeto e entende que são “mistura” de duas línguas.

Por outro lado, entende que se está falando de uma variação influenciada por questões geográficas.

**Mm3** - Tem um pouco de diferença no dialeto, mas não é muito. Até poucos dias, nós tivemos lá em Buenos Aires, eu tive percebendo inclusive, que a diferença é pouca. Nós temos “currentino” que eles fala, que é lá aquele argentino que ele vive mais na fronteira com o Uruguai, né, ele tem um dialeto bem idêntico com o do Paraguai, né. Parecido com o guarani. E em Assunção já é um espanhol misto com o italiano né, então eles mistura um pouco o espanhol com o italiano.

**Mm3** menciona que a língua italiana pode ser ouvida em Guaíra, em uma pequena comunidade, mas que está desaparecendo porque a nova geração não fala mais italiano. O informante aciona o componente cognoscitivo quando reconhece a tendência da nova geração em não cultivar a língua de herança e o desaparecimento das línguas, vinculado ao desaparecimento dos falantes.

**Mm3** - E o espanhol, nós não temos, o italiano aqui uma pequena colônia de italianos aqui, acho que também eles tão aos pouco, a nova geração tá abandonando, num se fala mais a língua italiana.

**Mm3** - Não, não se pode. Até por que os pioneiros, os italianos mais antigos foram desaparecendo.

**Ms3** ativa a consciência sociolinguística ao relatar a percepção de um sotaque influenciado pela língua paraguaia. O componente afetivo é ativado pelo significado do termo “carregado”, significando uma variante com pronúncia e léxico estranhos ao interlocutor.

**Ms3** - Aqui, hoje nem tanto, mas quando eu cheguei, que eu cheguei há quarenta anos, a gente sentiu um sotaque muito carregado na língua portuguesa por causa dos descendentes de paraguaio. Paraguaio sempre tem aquele sotaque carregado.

**Ms3** aciona o componente cognoscitivo ao relatar que percebe haver em Guaíra interferências linguísticas entre línguas nacionais e estrangeiras responsáveis pela variedade característica do linguajar do local.

**Ms3** - E como nós temos uma miscelânea de gente de todos os lugares do Brasil, a gente tem gente de todos os Estados brasileiros. Aqui tem gente de todas as regiões do Nordeste, de Minas, sem contá que nós temos aqui portugueses, japoneses, alemães, mas o único sotaque carregado é o “erre”, né, “porta” ((referindo-se ao retroflexo)).

**Ms3**, embora admita haver um sotaque específico em Guaíra, considera não perceber o modo de falar do guairense. Ele é capaz de distinguir a variação linguística em cidades próximas; mas, em Guaíra, não. O informante avalia que Guaíra deve ter seu próprio estilo de linguagem.

**Ms3** - Então aqui acabô ficando uma região paranaense assim, sem muito sotaque, nós não temos assim, guairense não tem, você conversá com alguém de Rondon, você sabe que é de Rondon, por que fala muito alemão lá, né. Aqui tem alemão, tem japonês, então a gente acaba, Guaíra deve tê assim, um estilo próprio que a gente ainda não definiu por causa dessa mistura toda.

Os informantes, ao responder a essa questão, demonstraram consciência sociolinguística ao identificar as diferentes línguas existentes na comunidade e mostrarem-se capazes de identificar e emitir uma avaliação da língua falada pelos guairenses.

## 5.2.2 Questão (006) Que língua(s) ele(s) fala(m) os que falam diferente aqui?

### 5.2.2.1 Faixa etária 1

A segunda questão da Temática 2, (006) “*Que língua(s) eles fala(m) os que falam diferente aqui? (espanhol paraguaio, árabe, chinês ou mandarim, guarani, jopará)*”, busca mais uma vez discorrer sobre a presença de várias línguas na comunidade.

Os informantes da Faixa 1 citam as línguas paraguaia, guarani, alemão e japonesa.

**Mf1** considera o paraguaio uma língua difícil de entender, porque, segundo ele, é uma linguagem complicada, enrolada. O componente afetivo é responsável pelo modo de julgar depreciativamente o falar paraguaio.

**Mf1** - Um pouco a paraguaia, tem uns paraguaio fala enrolado, não dá pa entendê nada.

**Mf1** aciona o componente cognoscitivo apenas identificando as línguas estrangeiras faladas por indivíduos vindos de outros países. Demonstra ter consciência de que os falares diferentes do português, presentes em Guaíra, não constituem a inter-relação linguística, mesmo que seja em nível lexical:

**Mf1** - Alemão? Só numa igreja, uma igreja que um dia eu fui, só tinha alemão, falava em alemão.

**Mf1** - Na igreja, um alemão veio de fora, da Alemanha, ele tava aí, única pessoa que vi fala em alemão, né.

**Mf1** - Já vi pessoa italiana, mas falá, falá tamém, eles era italiano, mas falá, num falava.

**Mf1** - Japonês sim, olha aqui tem bastante japonês, vixe. Muito heim.

**Mm1** comenta que os alemães são reservados e “conversam entre eles só”. Essa informação indica que essa etnia forma um grupo reservado, não se relacionando com os demais componentes da comunidade, e por isso são rotulados como preconceituosos.

**Mm1** - É raro, né, só quem é da cultura mesmo, quem é descendente de alemão, tem avós que vieram de lá que conversam. Entre eles só.

**Ms1** percebe que existem muitos falantes de outras línguas em Guaíra, japoneses, árabes, italianos, alemães, os próprios paraguaios e argentinos. Embora reconheça a existência de diferentes línguas, o informante não comenta sobre a possibilidade de empréstimos mútuos dessas línguas em contato com o português.

**Ms1** - Que moram aqui, tem bastante.

**Ms1** - Paraguai tá começando agora, tem bastante gente vindo embora morá aqui, os paraguaios, né.

Os informantes da Faixa 1 não percebem a possibilidade de influências das línguas estrangeiras no português falado em Guaíra.

### 5.2.2.2 Faixa etária 3

Os informantes da Faixa 3, respondendo à questão (006) “*Que língua(s) eles fala(m) os que falam diferente aqui? (espanhol paraguaio, árabe, chinês ou mandarim, guarani, jopará)*”, consideram que em Guaíra existem muitos idiomas porque existem falantes de diversas línguas.

**Mf3** recorre ao componente cognoscitivo, ao perceber a grande quantidade de línguas diferentes faladas em Guaíra, devido à diversidade de grupos étnicos que se instalaram na cidade.

**Mf3** - Na cidade aqui é tudo misturado, né, tem japonês, tem tudo idioma que falá.

**Ms3** aciona o componente cognoscitivo ao relatar que os paraguaios residentes em Guaíra, na Vila Velha, falam o guarani, principalmente os mais velhos. Segundo seu relato, a língua guarani é oficial no Paraguai e é ensinada nas escolas. As crianças paraguaias e os filhos de brasileiros aprendem a língua guarani na escola. A questão do ensino do guarani traz à tona uma reflexão sobre a relação entre língua e poder, segundo relato de pesquisadores. A importância do ensino dessa língua<sup>22</sup> é indiscutível, pois permite o contato desses indivíduos com a língua-mãe.

**Ms3** - Que a cidade mesmo, a nossa Vila Velha aqui, os filhos dos paraguaios, falam muito em guarani ainda, os mais velhos, os mais novos então não aprenderam.

**Ms3** - Por que o guarani na verdade, é uma língua oficial no Paraguai, então hoje as criança estuda o guarani na escola.

**Ms3** - Tem muito brasileiro, né, que mora no Paraguai, então os filhos estão nascendo e estudando no Paraguai, então eles vão aprender.

**Ms3**, ao falar dos árabes, relata que eles vieram por causa do comércio de Salto del Guairá, no Paraguai, mas residem em Guaíra. Nessa fala, ele aciona o componente cognoscitivo, uma vez que enfoca movimentos migratórios que

---

<sup>22</sup> O guarani é subalternizado pela língua do colonizador, o castelhano (CHAMORRO, 2010). A consequência é o aumento da desigualdade social entre os que falam guarani apenas e o falante bilíngue.

compunham a população guairense. Aciona a consciência sociolinguística ao observar que os indivíduos são reservados, conversando mais entre si.

**Ms3** - Vê também por que apesar de ter poucas famílias descendentes de árabes aqui, deve ter umas quinze famílias, mas os árabes começaram a vir por causa do comércio de Salto del Guairá e eles tão, uma grande parte deles tão residindo aqui. Então, volta e meia a gente depara com eles conversando em árabe.

Concluindo a análise da Temática 2, é possível apresentar alguns pontos indicativos das atitudes dos falantes das duas faixas, especialmente com evidências afetivas e cognoscitivas em relação às diferentes línguas em Guaíra.

Com base nas falas do grupo da Faixa 1, verifica-se que esse grupo se ocupa em citar a ocorrência de determinado número de diferentes línguas na comunidade. Não há uma preocupação, nessa faixa etária, em analisar ou comparar essas línguas e identificar empréstimos ao falar guairense.

Os informantes da Faixa 3, ao citarem as línguas identificadas na comunidade, acionam componente cognoscitivo em relação às línguas observadas. **Mf3** avalia que ocorre em sua própria casa um exemplo de língua em contato. **Mm3** fala em colônias, uma expressão muito usada no início da formação das comunidades paranaenses. Ele informa existir, em Guaíra, colônias de japoneses, de paraguaios, de espanhóis e de italianos.

Outra informação relevante é sobre o uso das línguas em situações distintas. Os paraguaios, segundo **Mm3**, têm o costume de falar o guarani entre eles, mas, quando falam com brasileiros ou brasiguaios, usam o espanhol. **Mm3** reconhece que o ensino da língua guarani está relacionado com a preservação da cultura dessa etnia. Com relação aos árabes, **Mm3** indica uma atitude afetiva negativa, com uma avaliação depreciativa de grupos que são marginalizados socialmente. Quanto aos imigrantes da colônia italiana, **Mm3** comenta que não se ouve mais falar o italiano porque a nova geração está abandonando a língua e os italianos antigos estão desaparecendo. **Ms3** traça a própria trajetória como integrante da comunidade guairense e percebe a presença de imigrantes alemães, mas é incapaz de analisar-se como falante de determinada variedade.

### 5.3 TEMÁTICA 3 - PENSAMENTOS E CRENÇAS SOBRE O COMPORTAMENTO SOCIAL DOS FALANTES

A Temática 3 trata da avaliação comparativa dos informantes em relação às diferentes línguas e variedades existentes na comunidade. Os relatos dos falantes emitem um juízo de valor a partir da comparação de quem fala melhor ou pior, qual língua é mais bonita ou mais feia.

Essa Temática foi analisada com base nas questões (012) “*Comparando essas línguas: espanhol paraguaio, árabe, japonês, guarani, italiano, alemão, quem fala melhor? Por quê?*”, (013) “*E quem fala pior? Por quê?*”, (020) “*Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas de que falamos? Por quê?*”, (021) “*Essas línguas são feias ou bonitas?*”, (039) “*Dessas culturas que a gente já falou aqui, tem algum desses daí que você teve algum desentendimento?*”, (040) “*Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?*” e (041) “*Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?*”.

O enfoque dessa temática foi analisar como os informantes percebem as interferências das línguas em contato na comunidade e verificar a avaliação que eles fazem de cada língua usada na localidade e seus falantes.

#### 5.3.1 Questão (012) “Comparando essas línguas: espanhol paraguaio, árabe, japonês, guarani, italiano, alemão, quem fala melhor? Por quê?”

##### 5.3.1.1 Faixa etária 1

Os informantes da Faixa 1, ao responderem à questão (012) “*Comparando essas línguas: espanhol paraguaio, árabe, japonês, guarani, italiano, alemão, quem fala melhor? Por quê?*”, são de opinião de que as línguas mais bem faladas são a língua paraguaia, a alemã e a espanhola.

**Mf1** considera que o Paraguai tem três línguas, mas não as identifica. Segundo Velásquez e Pereira (2011, p. 200), “O guarani, como primeira língua, cede o lugar para língua castelhana em determinados momentos de comunicação, e isto vai depender de fatores como interlocutor, tema, tópico e interações específicas de comunicação”. Além disso, segundo os autores, no Paraguai, fala-se o “jopará” (uma hibridização do castelhano com o guarani). O informante do ensino fundamental

considera que fala melhor quem fala a língua paraguaia, conhecida como jopará. Esse informante destaca que tem amizade com indivíduos paraguaios.

**Mf1** - Fala melhor? Acho que a paraguaia, né, Paraguai tem três tipo de língua.

**Mm1** aciona o componente cognoscitivo ao argumentar que o povo alemão fala melhor porque é um povo mais instruído. Esse informante faz uma comparação entre o povo paraguaio, o povo brasileiro e o povo alemão. Para ele, o alemão fala melhor em decorrência de uma melhor formação acadêmica, demonstração de que aceita o estereótipo de *status* de um povo sobre outro e, também, de que aceita que esse *status* seja manifestado pela língua ou variedade falada pelo povo em questão.

**Mm1** - Eu acho que o povo alemão é mais politizado que o paraguaio, que nós mesmos aqui, acho que prega mais estudos, lê, mais leitura, então ele falaria melhor.

**Mm1** - Pelo mesmo que falei dos paraguaios, cultura europeia está bem mais avançada que a nossa, então eles têm o costume mais de ler, de aprender, de se estruturar melhor para vida.

O informante recorre aos componentes cognoscitivo e afetivo, de modo quase simultâneo. Primeiramente, é preciso considerar que estabelece clara comparação, em que ocorre o rebaixamento tanto do falar paraguaio quanto do falar do português brasileiro (este falante já havia se referido ao falar português como “brasileiro”). Em especial, em sua fala perpassa uma concepção de que o alemão e sua correlata cultura europeia são superiores, o que demonstra certo preconceito. Esse preconceito sugere um tom afetivo, principalmente quando anuncia expressões como “cultura europeia está bem mais avançada que a nossa”, em que “a nossa” movimenta uma proximidade, pois poderia ter dito apenas “falar português”.

Na fala em questão, parece que o componente afetivo está mais vinculado a sua experiência de falante do português brasileiro, talvez um falar local que ele perceba em Guaíra (esta questão deve ser considerada na perspectiva de uma fala local, o que os informantes expressaram em outras respostas). Por outro lado, movimenta uma crença de que o falar paraguaio seria menos culto do que o próprio falar brasileiro de fronteira (“Eu acho que o povo alemão é mais politizado que o

paraguaio, que nós mesmos aqui”). Há, nesse trecho da fala, uma espécie de gradação, em que o falar paraguaio seria considerado inferior no geral.

**Ms1** opina que o espanhol é a língua mais bem falada porque não é difícil e aproxima-se do português.

**Ms1** - Ah, eu creio...que assim, a...pronúncia perfeita, por que o espanhol ele aproxima do brasileiro, né. Então não creio que seja um idioma muito difícil de se aprendê.

Esse informante leva em consideração a estrutura fonética da língua e reconhece-a como semelhante ao português, o que, na avaliação dele, ajudaria a ter uma boa pronúncia.

### 5.3.1.2 Faixa etária 3

Os informantes da Faixa 3, ao responderem à questão (012) “*Comparando essas línguas: espanhol paraguaio, árabe, japonês, guarani, italiano, alemão, quem fala melhor? Por quê?*”, consideram que as línguas mais bem faladas são o guarani, o espanhol e o italiano. Eles consideram línguas difíceis o alemão, por ser misturado, e o japonês, por ser complicado.

**Mf3** avalia negativamente o alemão, porque entende tratar-se de uma língua híbrida. Percebe que a língua alemã tem dialetos porque “um não entende o outro”. Essas formas de falar o alemão, segundo Tornquist (1997), identificam a língua como marcadora de pertença e identidade étnica. Ainda, de acordo com Seyferth (1996), a língua alemã é um identificador de etnicidade e não perdeu seu sentido étnico para aqueles que o utilizam no cotidiano, principalmente no círculo familiar e de amizade.

**Mf3** - Olha, isso é duro de dizê. Na minha opinião, se o...por que o alemão aqui, por que o alemão tem um pobrema, que nem...tem a parte mais do sul que fala o alemão misturado também, um alemão com alemão, eles falam uma coisa um si entende o outro, são meio misturado.

**Mf3** - Agora o que é mais, mais completo que eu vejo, num sei (inint) assim, que eu não tenho muito contato, o que eu vejo que eles falam melhor mesmo, é o...guarani entre eles lá. Dá pra você vê que eles falam bem.

Assim, esse informante, ao acionar a consciência linguística, depara-se com diferentes dialetos e diferentes grupos étnicos que podem ter dificuldades de comunicação. Já a língua guarani é avaliada por ele positivamente, ao observar a postura dos falantes.

**Mm3** considera mais fáceis o espanhol e o italiano. Aciona o componente cognoscitivo ao demonstrar conhecimento sobre estruturas de línguas.

**Mm3** - Eu creio que o mais fácil pra se aprendê, assim, na prática, pra não tê que....i prum banco de escolar, eu acho que o espanhol e o italiano. E até o italiano, eu falo alguma coisa no italiano também.

**Mm3** - Acho que o espanhol, né, o mais fácil de nós que somos descendentes de portugueses, até por que tem muitas palavras que são as mesmas, né. Tudo que termina com “de” é a mesma, “cidade, felicidade” só é mudo, o “d” mudo.

Ele comenta que essas línguas são semelhantes ao português e é esse fato que as tornam fáceis de aprender, especialmente em situação informal, sem necessidade de escolaridade, confirmando a crença de que a aprendizagem informal é mais agradável que a formal, o informante opta pelo ensino informal “pra não tê que....i prum banco de escolar”.

**Ms3** avalia o aspecto fonético do italiano e considera uma pronúncia agradável, “clara”, “bonita”, enquanto o japonês é considerado uma língua “complicada”. Línguas com estruturas diferentes da língua dos informantes soam estranhas e desagradáveis.

**Ms3** - Ah, eu acho que entre essas línguas todas, o italiano e o inglês, né. Italiano tem uma pronúncia muito bonita, a expressão da fala.

**Ms3** - Japonês não, japonês, começam a falá, eles fazem muito, gesticulam, então, acho complicado.

**Ms3** - O italiano é mais claro, né, pra nós é mais claro porque é uma língua bem latina, né, e eles, se conversá devagar, a gente consegue entendê melhor. Acho uma língua, né, tô vendo a beleza da fala.

O informante observa, além da emissão linguística, a postura corporal dos falantes. A linguagem não verbal emitida por meio de expressões corporais é característica em diferentes etnias. Todas as culturas possuem os seus gestos

característicos. O informante avalia que os japoneses “gesticulam” de maneira típica enquanto falam, e isso não o agrada.

### 5.3.2 Questão (013) E quem fala pior? Por quê?

#### 5.3.2.1 Faixa etária 1

A pergunta (013) “*E quem fala pior? Por quê?*” é respondida pelos informantes da Faixa 1, indicando o português e o paraguaio como as piores línguas quando se analisa o desempenho de seus falantes. Essas duas línguas são, na verdade, as línguas usadas pelos guairenses. Verifica-se, assim, certa depreciação do próprio modo de falar por esses falantes.

**Mf1** considera que quem fala mais errado são os falantes do português. Esse informante admite a crença de que existe modelo padrão de língua.

**Mf1** - Ah, português.

**Mf1** - Nós memo fala tudo errado.

Nessa visão, as variações de um idioma seriam consideradas desvios passíveis de rejeição pela norma padrão. Esse falante considera que existe um modelo que deve ser alcançado.

**Mm1** argumenta que os paraguaios falam errado porque são descendentes de indígenas e não possuem escolarização.

**Mm1** - Acho que... o paraguaio é um povo descendente de indígenas, né, eles não têm muito o privilégio de tá lendo, tem que sempre tá trabalhando pra corre atrás, então, acho que eles falariam pior de todos.

Isso se justifica, segundo ele, porque são pessoas sem formação escolar, cuja sobrevivência exige muito empenho deles, não sobrando tempo para a própria aprendizagem, no caso, a escolaridade. Na avaliação desse informante, fica exposto o estereótipo de que existem povos inferiores e por isso suas línguas são de menor prestígio.

**Ms1** aciona os componentes cognoscitivo e afetivo ao considerar que os brasileiros são os que falam mais errado por falta de cultura e precária escolarização.

**Ms1** - Acho que o que mais falha mesmo, acho que o próprio português, né.

**Ms1** - Ah, acho que a questão mais de cultura, né, cultura do nosso país, é, os meios, os modos que as escolas nos ensinaram de base, né. Não tem tanto como os países mais desenvolvidos tem essa preocupação, né, de desenvolvê mais idiomas, tê mais idiomas, pessoa fica um pouco mais culta, né.

O informante apresenta uma comparação de cunho pejorativo, comparando o próprio país com países mais desenvolvidos, onde, segundo ele, a preocupação com a aprendizagem de idiomas é incentivada. Para esse informante, existe uma relação entre linguagem e cultura.

#### 5.3.2.2 Faixa etária 3

Os informantes da Faixa 3, ao responderem à questão (013) “*E quem fala pior? Por quê?*”, concluem que quem fala pior são o brasileiro e o guarani.

**Mf3** argumenta que quem fala pior é o brasileiro. Ele chega a essa conclusão porque percebe que há variações de região para região. Segundo esse informante, as pessoas falam de maneira diferente e até não se entendem, dependendo da região. Isso ocorre principalmente com o léxico.

**Mf3** - Acho que o pior é o brasileiro.

**Mf3** - Depende de setor, de região, né. Por que você chega aqui, em Guaíra, você vê um português misturado que a pessoa pronuncia uma coisa, você chega na parte do Norte lá, Nordeste ali, na nossa região, Minas Gerais, que nem esses dia memo, nós tava comentano em casa, muita coisa que cê fala ali, lá em Minas Gerais, é que nem meu filho que é criado, a mesma coisa que fala lá, eles não entende e eles conhece por o nome, então é deferente, pelo jeito eu pronuncí as palavra corretamente.

Esse falante associa diversidade a desempenho linguístico deficitário, apresentando preconceito linguístico contra o próprio modo de falar e não sendo capaz de aceitar a existência de variedades linguísticas.

**Mm3** considera que quem fala pior é o guarani. Ele avalia que se trata de uma língua complicada.

**Mm3** - O guarani. Eu tenho visto eles falá lá, os espanhóis ali, a gente percebe que o guarani é bem mais complicado, né.

O componente afetivo, nesse caso, é acionado no sentido de menosprezar a língua de um grupo de menor prestígio. Verifica-se, nesta atitude, a discriminação de uma língua minoritária.

**Ms3** aciona os componentes cognoscitivo e afetivo, ao mesmo tempo, quando descreve e avalia as línguas por ele conhecidas.

**Ms3** - Pior? Poxa vida, que fala pior acho que é japonês, japonês é complicado. Se japonês falá um poquinho fechado e mais rápido...

**Ms3** - Eu acho que as línguas são, é questão só de adaptação de costumes, né. Mas o brasileiro, o guairense não gosta muito da língua alemã. O alemão é muito, acho que é até mais feio que o japonês para os nossos ouvidos, entendeu?

**Ms3** - o alemão (inint) arrasta muito, tem muitas letras...como é que fala? Tem palavras compridas demais, né. A língua alemã pra o nosso ouvido é a língua que menos agrada mesmo.

**Ms3** - Mais bonita é o português (risos). Língua portuguesa bem falada, quando cê ouve um discurso ou mesmo uma palestra de pessoas preparada que sabe falá o português, que sabe coloca as palavra no seu devido lugar, não precisa falá palavras difíceis, né, mas que sabe coloca, eu acho o português maravilhoso.

Assim, o japonês “é complicado” porque fala fechado e rápido, o alemão é “feio” porque não agrada aos ouvidos e o português é “maravilhoso” para quem sabe “colocar as palavras no seu devido lugar”. Mesmo avaliando de maneira depreciativa as línguas citadas, ele considera que a beleza tem a ver com a capacidade de adaptação do ouvinte.

### 5.3.3 Questão (020) Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas de que falamos? Por quê?

#### 5.3.3.1 Faixa etária 1

Ao responder à questão (020) “*Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas de que falamos?*”, os informantes da Faixa 1 argumentam que os que falam português falam melhor. Mas também os alemães falam melhor a língua deles por causa do grau de desenvolvimento cultural dessa etnia. **Mf1** considera que os brasileiros falam melhor:

**Mf1** - Acho que o português.

**Mm1** pondera que os alemães falam melhor. Ele chega a essa conclusão porque faz relação entre cultura e bem falar. Esse informante entende que a língua de um grupo social é parte de sua cultura.

**Mm1** - Bom, que falam alemão, eles são alemães, né, então eles vão sabê a língua deles, né, só que acho que falam melhor que nós.

**Mm1** - Pelo mesmo que falei dos paraguaios, cultura europeia está bem mais avançada que a nossa, então eles tem o costume mais de ler, de aprender, de se estruturar melhor para vida.

Verifica-se que o falante aciona uma avaliação negativa com relação à cultura paraguaia, e ressalta a questão intelectual.

**Ms1** considera as línguas estrangeiras melhores porque as pessoas se esforçam mais.

**Ms1** - Eu acho que devido a ser uma língua diferente, a pessoa se esforça mais, né, ela busca aperfeiçoá melhor, tanto o sotaque, como aperfeiçoá o melhor que pode, né.

Esse falante também aciona uma avaliação negativa com relação ao esforço para falar corretamente.

### 5.3.3.2 Faixa etária 3

Os informantes da Faixa 3, ao responder à questão (020) “*Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas de que falamos?*”, entendem que os estrangeiros falam melhor.

**Mf3**, mesmo não analisando a linguagem, mas a postura do falante, emite uma opinião de que o estrangeiro fala melhor. Essa postura denuncia uma avaliação que leva em consideração o poder do dominador sobre os dominados.

**Mf3** - É duro de eu dizê pra você que o estrangeiro fala melhor por que a gente não, não entende, né, então, às vezes ele tá falando uma coisa errada e você acha que tá certo.

**Mf3** considera que o alemão fala com mais dificuldade. Os que falam pior são os alemães, porque não praticam em casa, não costumam falar em família. Esse informante demonstra a percepção de que as línguas de herança já não estão mais sendo praticadas por seus descendentes.

**Mf3** - Eu acho que o alemão que...que tem alguma descendência alemã, descendente de alemão tem aí, me parece que... assim, a grosso modo, os que falam mais dificuldade, né. Até por que eu acho que eles quase não usam falá a língua alemã na casa, né.

**Ms3** considera que quem fala melhor é quem fala o português. Ele aciona o componente cognitivo ao explicar que o português é uma língua clara, mas, se alguém não quer ser entendido, também pode usar a língua com esse objetivo.

**Ms3** - O que fala o português, eu acho que fala melhor. Porque é aquilo que eu disse, o português tem clareza, né, mesmo o japonês que fala o japonês e hoje convive aqui e fala o português, eles entende muito melhor a nossa conversa.

**Ms3** - O português é uma língua clara, desde que se queira falar com clareza, por que também se quiser falar disfarçado na frente do japonês, ele também não vai entendê nada.

O informante demonstra conhecimento de língua quando julga possível usar a própria língua como meio de ocultar-se. Segundo o entendimento do informante, o falante pode usar estratégias para “falar disfarçado” como meio de fazer-se não

entender pelos interlocutores, quando o objetivo é permanecer oculto ou não entendido.

### 5.3.4 Questão (021) Essas línguas são feias ou bonitas?

#### 5.3.4.1 Faixa etária 1

Os informantes da Faixa 1, ao responder à questão (021) “*Essas línguas são feias ou bonitas?*”, expressam a opinião de que as línguas em si são bonitas.

**Mf1** comenta que prefere o português porque acha as outras línguas esquisitas. Pondera, ainda, que a língua paraguaia é feia, enquanto a língua americana é bonita.

**Mf1** - Eu prefiro mais o português. Mais língua portuguesa, aquela língua, otas língua é mais esquisita.

**Mf1** - Paraguaia acho mais feia. Agora a língua americana acho mais bonita.

**Mf1** aciona o componente afetivo ao depreciar a língua paraguaia e enaltecer a língua americana. Identifica-se uma avaliação positiva em relação à língua do dominador e depreciativa em relação à língua do povo que tem uma relação de dominado com o informante. A afirmação positiva com relação às línguas não convence o interlocutor.

**Mm1** considera bonitas todas as línguas.

**Mm1** - Bonitas.

**Ms1** considera as línguas bonitas e, sempre que pode, procura aprender alguma língua diferente.

**Ms1** - Pra mim, eu me interesso, eu sempre busco tá conhecendo alguma coisa.

**Ms1** aciona o componente conativo ao demonstrar uma atitude intencional de conhecer e fazer uso de outras línguas.

**Ms1** - São bonitas.

É possível identificar, da parte dos informantes da Faixa 1, pouca disposição para aprofundar ou estender-se nos questionamentos em relação às línguas que eles admitem existir na comunidade. Eles respondem que acham as línguas bonitas, mas não se vislumbra uma capacidade de análise dessas línguas ou uma intenção em aprendê-las.

#### 5.3.4.2 Faixa etária 3

Os informantes da Faixa 3, ao responder à questão (021) “*Essas línguas são feias ou bonitas?*”, são de parecer de que todas as línguas são bonitas.

**Mf1** considera o espanhol e o inglês bonitos.

**Mf1** - Eu acho bonita. Eu acho muito bonito o inglês e o espanhol, bem falado eu acho muito bonito.

**Mm1** considera o guarani bonito. E comenta que o guarani usa poucas letras e tem uma musicalidade agradável.

**Mm1** - Olha, eu acho que o guarani, pra quem escuta, parece sê mais bonita, apesar de que é a maneira deles acentuarem, por exemplo “Itaipu” é guarani, né, qué dizê em guarani, eles usam com pouca letra, eles consegue eh, completá o raciocínio deles. “Itaipu” em guarani, qué dizê a pedra que canta.

**Ms3** avalia como bonita a língua italiana por causa da pronúncia.

**Ms3** - Ah, eu acho que entre essas línguas todas, o italiano e o inglês, né. Italiano tem uma pronúncia muito bonita, a expressão da fala.

**Ms3** - O italiano é mais claro, né, pra nós é mais claro porque é uma língua bem latina, né, e eles, se conversá devagar, a gente consegue entendê melhor.

A sonoridade da língua é o componente mais perceptivo e fácil de ser avaliado. Com isso, **Ms3** compara os sons das línguas próximas do português e consegue fazer uma avaliação. Acionando o componente cognitivo, ele faz uso do conhecimento de que essas línguas são de origem “latina”.

### 5.3.5 Questão (039) Dessas culturas que a gente já falou aqui, tem algum desses daí que você teve algum desentendimento?

#### 5.3.5.1 Faixa etária 1

Ao responder à questão (039) “*Dessas culturas que a gente já falou aqui, tem algum desses daí que você teve algum desentendimento?*”, os informantes da Faixa 1 alegam não ter desentendimento com nenhuma outra etnia.

**Mf1** - Não, de jeito nenhum.

Informantes da Faixa 1 insistem na alegação de que eles mantêm uma relação de plena amizade com outras etnias da comunidade. Ao serem inqueridos sobre se há desentendimentos, a resposta é peremptória: “de jeito nenhum”. **Mf1** explica: “eu sou fácil de fazer amizade”. Há indícios de que os mais jovens se adaptam melhor aos grupos de diferentes etnias existentes na localidade. Verifica-se que a relação de amizade é mais evidente em relação aos paraguaios, cujas amizades iniciam mais “em serviço” (Mf1) ou “numa festa” (Mf1).

#### 5.3.5.2 Faixa etária 3

Os informantes da Faixa 3, ao responder à questão (039) “*Dessas culturas que a gente já falou aqui, tem algum desses daí que você teve algum desentendimento?*”, comentam a respeito da relação de amizade com diferentes etnias.

**Mf3** considera que os japoneses mais velhos são de confiança, mas os mais novos, não. Também destaca que nunca teve problemas com os paraguaios.

**Mf3** - Hoje mudô muito, né, mas o japonês de mais antigamente, de uns vinte anos atrás, eh, os japonês mais velho, o que eles falô, cê pode acreditá. Agora, já os mais novo, já mudô a época, então entrô naquele ritmo mais malandrão, né, e então...

**Mf3** - Não, paraguai também não, nunca tive, nunca tivemo pobrema, agora com as ota raça...

**Mm3** considera normal algum desentendimento, que uma “oposição sadia ajuda”. Não depende de etnia ter desentendimento.

**Mm3** - Não, a gente que é político, é natural, é normal que tenha algum desentendimento, oposição. Isso aí é...quando a oposição é sadia, ela ajuda, né, mas às vezes ela é maldosa, ela quer denegrir, né.

**Mm3** aciona o componente cognitivo ao demonstrar a própria posição em relação à amizade entre os membros de um grupo. Segundo ele, desentendimentos são normais e ajudam a crescer.

### 5.3.6 Questão (040) Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?

#### 5.3.6.1 Faixa etária 1

Com relação à questão (040) “*Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?*”, **Mf1** considera que a amizade é mais sincera com brasileiros. Segundo o informante, indivíduos de outras etnias são traiçoeiros.

**Mf1** - A brasileira.

**Mf1** - Eu acho que não por que a maioria dos povos assim, se você caça confusão com um, é meio traiçoeiro, né, você conhece um aqui, o to vai “ah, vô pegá ele”. brasileiro não, se ele fô pegá ocê, ele pega na cara, né. “Vô pegá ele” pega na cara.

**Mm1** considera que a amizade mais sincera pode ser observada por parte dos paraguaios, porque eles sempre estão dispostos a prestar favores.

**Mm1** - Acho que o paraguaio.

**Mm1** - Ah, por ele sempre tá me ajudando, né, ele, particularmente ele, sempre tá me ajudando, eu também, sempre ligo pra fazê alguma coisa.

**Ms3** comenta que os japoneses e os espanhóis oferecem melhor amizade.

**Ms3** - Eu acho que mais o japonês, né por que quando eles fazem amizade, eles levam a sério mesmo. Você pode confiá cem por cento, né.

**Ms3** demonstra que admira o povo japonês pela lealdade. Esse sentimento é o resultado do estereótipo de qualifica o povo japonês como leal e o informante assume essa mesma postura.

#### 5.3.6.2 Faixa etária 3

Ao responder à questão (040) “*Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?*”, **Mf3** entende que o paraguaio é bom, mas ele sempre espera recompensa.

**Mf3** - É duro de dizê, o paraguaio ele é muito bom, ele é muito honesto, só que o paraguaio, ele faz um, uma coisa pra você sempre com a intenção de recebe algo em troca... ele te faz, ele te carrega hoje, você, a vontade, só que ele depois, ele não procura, mas ele faz com a intenção de recebe algo depois...eles faz pra você, pensando lá na frente.

A avaliação emitida pelo informante demonstra menosprezo pelo modo de ser e da cultura do povo paraguaio.

**Mm3** argumenta que os japoneses oferecem amizade mais sincera.

**Mm3** - Japonês. Japonês...

**Ms3** é de parecer de que os japoneses oferecem amizade mais sincera, mas que não se deve desrespeitá-los.

**Ms3** - Será que o japonês? O japonês quando gosta de você pode...você não pode pisa na bola com ele, mas acho que com qualquer pessoa, né, então eu acho que o japonês é mais leal, sincero, mais coisa numa amizade do que as outra raça.

**Ms3** admite o estereótipo de que os japoneses são leais, mas também exigem lealdade da outra parte.

### 5.3.7 Questão (041) Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?

#### 5.3.7.1 Faixa etária 1

Em resposta à questão (041) “*Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?*”, **Mf1** considera que os paraguaios são indivíduos falsos e traiçoeiros.

**Mf1** - Paraguai.

**Mf1** - Trabalhei...vô fala po ce, traiçoeiro por que, paraguaio é assim, se você caçá confusão com um e ce é brasileiro, ce caça confusão com todos.

**Mm1** defende que ninguém dos que conhece oferece uma amizade falsa.

**Mm1** - Acho que desses meus amigos, acho que nenhuma.

**Ms1** nunca observou falsidade em qualquer indivíduo com quem convive.

**Ms1** - Bom, que a gente saiba assim não, mas a gente nunca sabe.

**Mf1** aciona o componente afetivo ao considerar negativamente a relação com pessoas paraguaias. Essa avaliação provém de uma situação conflitante de proximidade do informante com indivíduos paraguaios em trabalho. Quando ele relata “trabalhei”, tem-se a ideia de que a experiência não foi positiva.

#### 5.3.7.2 Faixa etária 3

Ao responder à questão (041) “*Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?*”, os informantes da Faixa 3 consideram falsos os italianos e os árabes.

**Mf3** comenta que nunca brigou com ninguém.

**Mf3** - Não, com nenhum, nunca briguei com nenhum.

**Mm3** considera os italianos gente interesseira que busca levar vantagens.

**Mm3** - Italiano.

**Mm3** - Ah, porque pessoa a gente sente, né, porque italiano ele é muito apegado no que é dele só, né, e quando ele procura alguém por interesse, interesse em levar vantagem.

**Ms3** considera que os árabes são os mais falsos.

**Ms3** - Ah, esse os árabes, né.

O componente afetivo é acionado pelos informantes por meio de estereótipos:

**Mm3** considera o povo italiano como gente interesseira e **Ms3** avalia depreciativamente o povo árabe.

### **5.3.8 Maneira de ser, cultura religiosa, história de imigração e formação de grupos**

Os resultados das avaliações das respostas dos informantes dentro da Temática 3 mostraram quais crenças e atitudes esses falantes têm em relação às línguas em contato. O componente atitudinal mais relevante foi o cognoscitivo, seguido do componente afetivo. Ambos se mostram ora individualmente, ora compartilhando informações.

Observou-se também que os informantes mostraram-se atentos em relação à maneira de ser dos grupos étnicos, sua cultura religiosa, sua história de imigração e a formação de grupos, como clubes, encontros religiosos e de lazer, em que a língua de herança era revitalizada e aspectos culturais, rememorados. Na atitude desses informantes, foi possível a externalização de estereótipos e preconceitos em relação a grupos étnicos e suas línguas.

#### **5.3.8.1 Faixa etária 1**

O aspecto cognoscitivo da atitude dos informantes da Faixa 1 é exteriorizado quando eles observaram o modo de ser e de se reunir de algumas etnias:

**Mm1**, ao analisar os paraguaios, considera que eles têm costumes diferentes, por exemplo, ir contra as normas do sossego noturno. O informante considera que não gostaria de morar entre eles por esse motivo.

**Mm1** - Os costumes são diferentes, né, pode acontece briga, alguma coisa por pouca coisa, né, às vezes eles têm o costume de fazê alguma coisa de noite, eu não tenho. Pode acontece alguma coisa, eu não compraria.

**Ms1**, com relação aos japoneses, observa que eles são precavidos ao falar diante de outras etnias. O estereótipo que rotula a etnia japonesa a identifica como um povo confiável:

**Ms1** - Eh, o japonês, na verdade ele é um pouco mais...cauteloso, né, ele interrompe e deixa pra terminar em outra ocasião.

**Ms1** - Eu acho que mais o japonês, né por que quando eles fazem amizade, eles levam a sério mesmo. Você pode confiá cem por cento, né.

**Ms1** comenta que os guarani, enquanto falam, fazem gestos que, aos outros, soa estranho, conforme aponta o informante:

**Ms1** - O guarani é uma coisa assim que...o modo, a pronúncia assim, eu acho esquisita assim. O jeito que eles fala, a postura facial.

Quanto à cultura religiosa, outro momento de encontro e de reafirmação de etnias, os informantes da Faixa 1 observam que existem crenças que às vezes não são entendidas por eles, principalmente citam os guarani (paraguaio) e os japoneses, cujas culturas são bem diferentes, e, também, os alemães. Eles percebem que cultura e religião estão sempre juntas.

**Ms1** - Acho que também pelos costumes, as crenças deles, né. Em termos de religião é bem diferente da gente, né, em relação a crenças, essas coisas assim, né. Paraguaios.

**Ms1** - Eu acho que ficaria difícil por que as nossas próprias cultura são junta, né, num, então japonês já tem lá suas igrejas, né, os próprios alemães procuram frequenta a que agrada mais.

### 5.3.8.2 Faixa etária 3

Os informantes da Faixa 3 se mostram mais observadores. Eles conseguem estabelecer a diferença entre os grupos de etnias conhecidas ao externar estereótipos e preconceitos conhecidos. Estes são alguns dos estereótipos levantados: os japoneses são leais; os italianos são alegres, mas gananciosos e gostam de progredir; os alemães são preconceituosos; os guaranis são acomodados; e os paraguaios têm pouco interesse em se desenvolver.

Ao analisar os japoneses, os informantes os avaliam como pessoas prestativas, colaborativas, amáveis e leais.

**Mm3** aciona o componente afetivo, emitindo uma avaliação em relação ao modo de ser dos japoneses. Verifica-se, na fala deste e de outros informantes desta pesquisa, a demonstração de um sentimento de admiração pela cultura desse povo, exteriorizada pelo seu modo de se adaptar ao grupo, colaborando em atividades características da comunidade, como festas típicas, e, ao mesmo tempo, dando segurança aos membros da própria colônia. Assim, quando alguém do grupo tem alguma necessidade, é ajudado pelos compatriotas.

**Mm3** avalia que o japonês é um povo que procura ser prestativo.

**Mm3** - Japonês,... é um povo assim que procura sempre ser útil, na maneira de sê, na maneira de vê, é um povo que geralmente se propõe a ajudá.

Os japoneses procuram colaborar com o grupo no qual estão inseridos. Eles contribuem com o grupo e são acessíveis.

**Mm3** - Política, o japonês... procuram,... colaborá, né, eles são muito colaboradores. Reservados em parte, mas quando são procurados, eles se dispõem a ajudá, né. O descendente japonês aqui, eles procuram contribuí,... nós temos a festa das Nações aqui, são SETE colônias que são representadas aqui. E as barracas,... a japonesa são sempre a mais fácil de se trabalhar junto com eles...

**Mm3** observou que os japoneses têm como princípio ajudar os membros de seus grupos quando algum se encontra em dificuldades. As reuniões dos membros em clubes têm como objetivo, além de manter a língua e a cultura, um auxílio mútuo.

**Mm3** - tem associação cultural deles, o clube japonês, quando tem alguém da colônia que tem uma necessidade, eles seguram e resolvem, né. Então eles colaboram.

**Ms3** também aciona o componente afetivo, expressando-se ora de modo positivo, ora de modo negativo. Estabelece uma avaliação positiva ao referir-se à amizade, à confiança e às tradições. O informante relata também que observou que os japoneses apresentam muitas semelhanças com os brasileiros no que se refere a folclore e culinária.

**Ms3** - Japonês é muito amável, né, as tradições deles são bem coisa com nossa, de folclore, de comida, né.  
O japonês, você conquista o japonês, você tem um amigo para sempre. Ah, sim, japonês é na confiança.

**Ms3** - O japonês quando gosta de você... o japonês é mais leal, sincero, mais coisa numa amizade do que as outra raça.

Com relação à língua japonesa, no entanto, **Ms3** manifesta uma avaliação negativa. O falante foi bem enfático ao demonstrar certa rejeição ao modo de falar, por ser complicado e pela estranha linguagem corporal que o acompanha.

**Ms3** - Japonês não, japonês, começam a falá, eles fazem muito, gesticulam, então, acho complicado.

Ao referir-se à etnia italiana, os informantes da Faixa 3 os consideram alegres, mas também invejosos e interesseiros.

**Mm3** aciona o componente afetivo, expresso tanto negativa quanto positivamente. Avalia o povo italiano como boas pessoas, mas acrescenta um componente afetivo negativo, qualificando-os como invejosos e interesseiros.

**Mm3** - Ah, sim, italiano... Italiano é "tutti bonna gente" mas...(risos) mas é muito invejoso. Não qué vê ninguém que saia bem, né.

**Mm3** - Ah, porque pessoa a gente sente, né, porque italiano ele é muito apegado no que é dele só, né, e quando ele procura alguém por interesse, interesse em levar vantagem.

**Ms3** aciona o componente afetivo, demonstrando uma atitude positiva, ao descrever os italianos como uma comunidade alegre e festeira.

**Ms3** - Com os italiano moraria bem, primero que italiano é alegre, é festero.

Os alemães são considerados um povo preconceituoso, com quem os informantes não gostariam de conviver. Por esse motivo, o componente afetivo é acionado de modo negativo. A insistência fica por conta da avaliação das atitudes dos alemães com relação às demais etnias, que ocorre de modo depreciativo, fazendo-os receber a qualificação de preconceituosos.

**Ms3** - Só com o alemão por causa do preconceito que eles tem com as otras raças.

**Ms3** - Os alemães também...eles são um poco preconceituoso, eu sô negro pra eles, eu sô preto, alemão se não for branquelo, eles falam. Mas isso já acabô também.

O povo paraguaio é analisado depreciativamente. Os informantes referem-se a eles como um povo que não procura o desenvolvimento. E, também, o povo paraguaio procura se esconder por meio do uso da linguagem. Velásquez e Pereira (2011), ao se referirem às atitudes com relação à língua, argumentam que, “Quanto às relações do indivíduo paraguaio com sua língua, a função fática (intencional) da língua nos momentos de utilização das línguas determina o uso dela, pois o bilíngue utiliza esta estratégia para que a comunicação surta o efeito esperado” (VELÁSQUEZ; PEREIRA, 2011, p. 203).

**Ms3** - Quando o paraguaio não qué mais conversa com você, ele fala em guarani “I pue namguetá bocu (inint)” por que é muito cultural “não quero mais conversa com você”.... quando eles querem falar alguma coisa que nós não podemos sabê, eles misturam o espanhol com o guarani. Aí fica uma mistura complicada.

**Mm3** concorda com outros informantes, reforçando certa antipatia com relação ao povo paraguaio. A preocupação ocorre por conta de um hábito observado entre os paraguaios de falar em guarani quando não querem ser entendidos por outras etnias, pois sabem que os outros não dominam a língua guarani. É uma atitude de esconder-se atrás da língua que revela ser parte da cultura dos paraguaios para resguardar a própria dignidade.

**Mm3** - Aqui, até quando a gente percebe esses mais antigo do Paraguai, quando eles não querem que a gente eh...saiba o que eles tão falando, eles mudam do espanhol pro guarani, por que eles sabem que é difícil a gente entendê o guarani.

Além de resguardar-se pela linguagem, o informante acrescenta um comentário sobre o desenvolvimento. Ele comenta que percebe que eles demonstram certa rejeição ao desenvolvimento.

**Mm3** - o paraguaio eles têm assim, poco interesse de se desenvolvê, né.

Aos guaranis, **Mm3** se refere como um povo preguiçoso, mas, a seguir, emite uma avaliação afetiva positiva, reconhecendo-os como pessoas desprendidas dos bens materiais.

**Mm3** - O guarani, até mesmo por que o guarani é muito acomodado...o guarani não tem interesse de progredi.

**Ms3** - Essa ganância que nós temos. Eu me dô bem com os guaranis. O guarani já te chama pra i pra casa e fazê um "puchero", "puchero" é uma comida feita com garrão de boi, as pata de boi cozida e vai milho, vai verdura. Guarani eu me dou bem porque eu convivo com essas famílias mais antigas dos paraguaio e pra mim são guaranis, né, porque eles falam guarani fechado em casa ainda, né.

O povo árabe também é vítima de preconceito. **Mm3** dirige-se à etnia árabe com uma avaliação de menosprezo. A denominação de varjeiros, pessoas que vivem às margens, usada pelo informante, remete a um qualificativo depreciativo.

**Mm3** - Aqui, hoje, nós temos aqui, predomina mais os, nós chamamos o...o (?=varjeiro).

A comunidade árabe, ou colônia árabe, não é considerada um bom grupo para se conviver. **Ms3** rejeita a possibilidade de viver entre eles, mesmo sendo de origem árabe, pois seus avós vieram do Líbano. O que mais o afasta dessa etnia é o estigma dos ritos religiosos que parecem estranhos para esse informante.

**Ms3** - Olha, num bairro onde tivesse só árabes, eu não gostaria de morá porque eles são muito, primero por causa da religiosidade, né, eles se fecham naquele coisa de religião, né.

A língua portuguesa também é avaliada sob a ótica afetiva, bem como seus falantes. Ao mesmo tempo em que se consideram maus falantes, os informantes avaliam a língua portuguesa como a mais bonita.

**Ms3** enaltece a língua portuguesa. O componente afetivo é acionado no momento de exaltação da língua materna, embora anteponha exigências: colocar as palavras nos devidos lugares.

**Ms3** - Mais bonita é o português (risos). Língua portuguesa bem falada, quando cê ouve um discurso ou mesmo uma palestra de pessoas preparada que sabe falá o português, que sabe coloca as palavra no seu devido lugar, não precisa falá palavras difíceis, né, mas que sabe coloca, eu acho o português maravilhoso.

**Ms3**, ao comentar sobre a clareza do português, aciona o componente cognitivo para explicar o que entende por clareza: usar palavras fáceis. O informante também demonstra certo conhecimento de língua ao julgar possível usar a própria língua como meio de ocultar-se. Segundo ele, o falante pode usar estratégias de fala como meio de fazer-se não entender pelos interlocutores, quando o objetivo é permanecer oculto ou não entendido.

**Ms3** - O que fala o português, eu acho que fala melhor. Porque é aquilo que eu disse, o português tem clareza, né, mesmo o japonês que fala o japonês e hoje convive aqui e fala o português, eles entende muito melhor a nossa conversa. O português é uma língua clara, desde que se queira falar com clareza, por que também se quiser falar disfarçado na frente do japonês, ele também não vai entendê nada.

Entre imigrantes, a formação de grupos com diversas finalidades é muito apreciada porque esses agrupamentos propiciam a manutenção da língua e cultura, uma vez que favorecem o uso das línguas de herança e a demonstração de tópicos da cultura em tais contextos migratórios. Entre os imigrantes das regiões paranaenses de todas as etnias, a formação de colônias, de clubes de lazer, de associações e de feiras sempre serviram para incentivar o convívio entre os imigrantes. Nesses

momentos de convivência, o contato entre línguas favorece os intercâmbios entre as línguas do local e as línguas dos imigrantes.

**Ms3** relata a formação das colônias italiana, alemã, árabe e japonesa. Esses agrupamentos fazem parte da história da colonização da região, rememorada em momentos festivos, como a Festa das Nações na cidade de Guaíra, responsável por proporcionar a esses imigrantes ocasião de reviver a língua e cultura, especialmente na culinária.

**Ms3** - Muito poco também, nós temos colônias italianas, por que nós temos aqui festa das nações que congrega alemão, japonês e tal, são sete colônias que promove uma festa aqui na cidade, português, japonês, alemão, árabe, italiano, mas...os italianos aqui tem uma colônia chamada “maracajume gauche” que é uma área rural que foi colonizada pelos gaúcho italiano, então eles falam o italiano deles, aquela italianada, mas muito difícil.

**Mm3** dá uma amostra de como os guairenses tentam se enturmar com outras etnias por meio de tentativas de falar a línguas deles. São tentativas de erros e acertos com o objetivo de participar do grupo.

**Mm3** - E até o italiano, eu falo alguma coisa no italiano também. Às vezes se junta, começa a quere falá, e às vezes enrola, pra brinca, eu digo: “Me paralo tanto, capiso mi niente”.

**Mm3** aciona o componente cognoscitivo, historicizando sobre como se dá o contato com o povo japonês. Eles são considerados a segunda colônia do Brasil e praticam a feira aos sábados. Nesse ambiente, o informante os ouve falar e conclui que eles falam bem. Observa-se que a conclusão do informante é tirada em apenas observar o ato dos japoneses de se expressarem pela linguagem. O informante emite um parecer sobre o falar dos japoneses, apoiado apenas em suposições.

**Mm3** - Tem, poco, mas tem. Nós temos a colônia japonesa, né. É a segunda do Brasil que fala japonesa aqui...

**Mm3** - Japonês, nós temos a feira todo sábado e os japoneses trabalha, fazem a feira, né. Então a gente percebe um grupinho às vezes falando em japonês, e fala bem.

Ao referir-se à etnia japonesa, **Ms3** relata que possui bom entendimento com essa etnia. Observa proximidade da culinária japonesa com a brasileira. Com relação

à língua, observa que os jovens não cultivam mais a língua, utilizando-a apenas quando obrigados para comunicar-se com parentes mais velhos na família.

**Ms3** - eu gosto da japonesada. Japonês é muito amável, né, as tradições deles são bem coisa com a nossa, de folclore, de comida, né. Hoje mesmo vô fazê uma comida pra trezentas pessoas, vô fazê sukiaki...

**Ms3** - Na rua...Guaíra já foi mais assim, que a gente ouvia mais, mais os filhos dos japoneses, os filhos dos alemães, os filhos dos...já vão crescendo, aperfeiçoando mais a língua portuguesa memo. Dificilmente você vê um filho, um neto de japonês, falando em japonês, eles falam mais quando tão em casa que são obrigados a falá com a vizinha e tal.

Com relação à etnia alemã, **Ms3** observa o sotaque alemão influenciando a língua portuguesa. Nesse caso, o contato é mais direto, mais próximo, em momento de desempenhar uma atividade, envolvendo a culinária típica alemã. A falante observada por **Ms3** fala tanto o alemão como o português com sotaque alemão.

**Ms3** - No nosso caso aqui, nós ouvimos muito na rua, né. Hoje mesmo vai trabalhá comigo, nós vamos fazê uma comida do encontro da igreja, vai trabalhá comigo a dona Judith ela é descendente de alemão. Se ela tivé sozinha lá, ela fala com sotaque, o alemão tem sotaque carregado, mas se tivé outra pessoa junto, daqui a pouco ela tá lá falando em alemão.

Os informantes comentam sobre encontros religiosos. Eles entendem que a cultura religiosa é também um momento de manutenção da cultura e da língua dos grupos imigrantes, além de favorecer o contato com outras etnias, permitindo as trocas. Em Guaíra, há grupos religiosos de católicos, luteranos e, também, foi citada a messiânica.

Ao falar da celebração da missa católica, **Ms3** se refere a um fato típico na fronteira de Guaíra com o Paraguai, quando fiéis do país vizinho frequentam a celebração. Por isso, segundo ele, seria interessante o uso da língua espanhola na cerimônia. Já em Palotina, esse fato não ocorreria, segundo o informante, porque aquela comunidade não entenderia o espanhol.

**Mm3** - Ah, eu acho que dependendo da população que ele tá, que ele tá convivendo, né, se na hora da missa ele soubé que tem uma parte que participa da missa ali e é descendente de espanhol,

acho que seria interessante, mas pelo contrário não, nós temos essa particularidade aqui, nós temos na fronteira com países espanhol, mas isso aí na, em Palotina, por exemplo, é só italiano e alemão, então cê vai falá em espanhol, ele não vai entendê nada. Eu acho que tinha que i de acordo com os fiéis que ele tá trabalhando, né. (inint) que é certeza que toda missa que se celebra aqui, tem descendente de espanhol, isso daí é certeza.

**Mm3** relata as atividades desempenhadas no início da formação da comunidade, quando trabalhavam com extração e venda de madeira retirada para dar lugar à mecanização, as quais eram negociadas com compradores por ocasião das festas na igreja, provavelmente pela aglomeração de pessoas no evento.

**Mm3** - Quando a gente veio pra Guairá, extraía madeira, né, tora, madeira tava mecanizando, então a gente negociava com eles e principalmente em festas, né, a igreja católica é, costuma, festera, faz festa em todas comunidade, tá sempre todo mundo junto.

**Ms3** relata ter conhecido a igreja messiânica dos japoneses e até sabia recitar algumas orações em japonês e aprendeu a falar algumas frases.

**Ms3** - Eu frequentei a igreja messiânica, e a igreja messiânica é fundada no Japão e fala no japonês. Aprendi muitas orações em japonês, aprendi a falá bom dia, como vai, muito obrigado, por favor, em japonês se fala “negacimasho”.

Esse informante também relata ter conhecimento da igreja luterana. Lembra que os cultos são em português carregado de sotaque alemão.

**Ms3** - Tem uma igreja Luterana que é mais famílias alemãs, mas já assisti culto deles, mas é tudo falado em português, sotaque carregado, mas em português.

Ao relatar a língua em cultos religiosos, **Ms3** aciona o componente cognitivo, lembrando que a missa era oficiada em latim no passado e os fiéis não entendiam. Por isso ele faz um questionamento para justificar o uso, no Brasil, da língua oficial em cultos religiosos: “Ce vai participa dum culto sem sabe nada que tá falando?”. Por esse motivo, ele aciona o componente conativo e se posiciona contra o uso de outras

línguas que não a nacional em ocasiões de cultos. Essa posição se relaciona especialmente à missa na igreja católica.

**Ms3** - Ah, não. Pelo seguinte, a missa ela é oficiada em latim em antigamente, e o fiel católico aceitava, mesmo sem entendê nada. Cê vai participá dum culto sem sabê nada que tá falando? Eu sô contra de no Brasil, em oficia um culto religioso em ota língua que não seja a nacional. A não ser se tivé um culto fechado pra membros, só pra membros japoneses ou alemães.

O uso das línguas em contexto de cultura religiosa também tem seu valor defendido em decorrência da facilidade de intercâmbio e com isso valor agregado ao fator utilitário.

#### 5.4 TEMÁTICA 4 - O POSICIONAMENTO DO INFORMANTE COM RELAÇÃO AO USO DAS DIFERENTES LÍNGUAS EM LUGARES PÚBLICOS OU À SUA APRENDIZAGEM NA ESCOLA

As questões para análise desta temática são: (025) *“Na igreja, no templo religioso, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)?”*, (026) *“A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?”* e (027) *“Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?”*

O objetivo dessas questões foi verificar a reação dos informantes com relação ao uso dessas línguas na comunidade, tanto em interações sociais e cultos religiosos como no seu ensino nas escolas.

##### 5.4.1 Questão (025) Na igreja, no templo religioso, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)?

###### 5.4.1.1 Faixa etária 1

Na questão (025) *“Na igreja, no templo religioso, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)?”*, os informantes da Faixa 1

entendem que língua estrangeira não deveria ser utilizada em celebrações religiosas ou ensinadas nas escolas.

**Mf1** considera que, em ofícios religiosos (culto, missa), não se deveria falar língua diferente, que não se entende:

**Mf1** - Ah, eu acho que não, né.

**Mm1** entende que não deveria ser usada na igreja outra língua, a não ser que a celebração fosse oficiada para determinado grupo étnico, se os membros não soubessem falar o português.

**Mm1** - Depende do...se tivé pessoas que, assim, fosse de outra cultura, não soubessem o que fala o português, como fica, aí poderia até falá, não necessariamente ele, um intérprete, né.

Esse informante expressa uma conduta de aceitação condicionada às circunstâncias do evento. **Ms1** também se posiciona contra o uso de outra língua em ofícios religiosos.

**Ms1** - Eu acho que ficaria difícil por que as nossas próprias cultura são junta, né, num, então japonês já tem lá suas igrejas, né, os próprios alemães procuram frequenta a que agrada mais. Então acho que estamos aqui no Brasil seria normal a língua do país, né.

Ele argumenta que os grupos étnicos, em celebrações religiosas, usam as próprias línguas. Assim também, no Brasil, o correto seria usar o português.

#### 5.4.1.2 Faixa etária 3

Os informantes da Faixa 3, ao responder à questão (025) "*Na igreja, no templo religioso, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)?*", não concordam com o uso de uma língua estrangeira em ofícios religiosos.

**Mf3** argumenta que não se deve usar línguas estrangeiras em ofícios religiosos, a não ser quando o grupo celebrante da outra língua for grande.

**Mf3** - Não, eu acho que só se tivesse um grupo grande, na igreja, que tivesse, vamo supô uns cinqüenta por cento que...

**Mf3** - muitos que nem na, na parte do alemão mesmo, que nem agora, de uns dez ano pra cá, que nem na igreja que minha esposa fazia parte, eh....os trabalho tinha uma parte de manhã, que era só em alemão. Por que tinha muito as pessoa mais de idade que eles não conseguia entendê o português. Eles só entendia o português por que o filho sabia o português, conversava com ele em alemão explicando, então eles não sabiam, o pastor falava lá na igreja, eles não conseguia aprendê, então tinha essa parte que eu tô dizendo. Tinha o culto de manhã, era só aqueles alemão mais de idade, da igreja que não entendia o português. Mas depois que foram morrendo ou aprendendo, aí acabou. Hoje a igreja é normal no português.

Esse informante faz uma retrospectiva histórica na formação da região. Em tempos passados, os ofícios religiosos eram realizados na língua do grupo imigrante, mas hoje não há essa necessidade porque as pessoas antigas já não existem mais e os mais novos aprenderam o português. Esse fato lembra a integração dos imigrantes quando se incorporam à cultura e línguas dos grupos locais. Nesse caso, a língua de origem é esquecida ou até rejeitada. A informação sobre as celebrações religiosas (os cultos) remete ao histórico do povoamento de Guaíra. Alemães trazendo suas tradições, entre elas a religião, estabeleceram-se no Oeste do Paraná. Segundo Colognese e Schallenberger (1994), no desenvolvimento da colonização no Oeste do Paraná, a formação de comunidades favorecia a aproximação das famílias e as integrava em torno de valores comuns. Um desses valores era a vivência da mesma fé, uma vez que partes dessas comunidades eram formadas, na grande maioria, por evangélicos. Os evangélicos luteranos do Oeste do Paraná têm tradições religiosas e comunitárias muito intensas.

**Mm3** argumenta que a celebração deveria ser oficiada na língua nacional. Ele explica que, por ser região de fronteira, falantes do espanhol podem participar de celebrações religiosas em Guaíra.

**Mm3** - Ah, eu acho que dependendo da população que ele tá, que ele tá convivendo, né, se na hora da missa ele soubé que tem uma parte que participa da missa ali e é descendente de espanhol, acho que seria interessante, mas pelo contrário não, nós temos essa particularidade aqui, nós tamos na frontera com países espanhol, mas isso aí, na,

**Mm3** - em Palotina, por exemplo, é só italiano e alemão, então cê vai falá em espanhol, ele não vai entendê nada. Eu acho que tinha que i de acordo com os fiéis que ele tá trabalhando, né. (inint) que é certeza que toda missa que se celebra aqui, tem descendente de espanhol, isso daí é certeza.

**Ms3** argumenta que uma celebração religiosa não deveria ser oficiada em outra língua.

**Ms3** - Eu sô contra de no Brasil, em oficia um culto religioso em ota língua que não seja a nacional. A não ser se tivé um culto fechado pra membros, só pra membros japoneses ou alemães.

**Ms3** - Nós fomos membros de uma cooperativa japonesa, da Cooperativa Agrícola de Cotia, predominante os associados japoneses, eles falavam o tempo inteiro em japonês e só traduzia em português, aquilo que interessava pra eles, pra que o brasileiro pudesse entendê. Então, os brasileiro não gostavam disso.

**Ms3** - Aqui tem essa AVEB que é uma empresa holandesa e que o diretor era alemão, a maior preocupação dele era falá o português, ele fazia questão de falá português. Então as empresas estrangeiras que lida com o brasileiro, tem que falá a língua portuguesa.

**Ms3** - mas nos cultos religiosos, tem é que sê o português, porque a maioria dos membros hoje, são brasileiros, então não teria nem razão de tá lá falando lá metade dum culto em japonês, metade do culto em português só pra complica o raciocínio.

Mas ele é de parecer que em alguns casos, como celebrações para grupos de outras etnias, suas línguas poderiam usadas. Falando no uso da língua nacional, ele lembra que empresas estrangeiras que lidam com brasileiros devem primar pelo uso da língua nacional, assim como em ofícios religiosos. O informante dá o exemplo de uma cooperativa agrícola que costumava falar em japonês e os brasileiros não gostavam. Mas outra empresa holandesa já fazia questão de falar em português. A conduta sociolinguística desse falante prioriza o uso da língua nacional.

Nos argumentos dos falantes, verifica-se uma conduta de rejeição das línguas estrangeiras, especialmente em situações que envolvem a religiosidade. Em suas falas, transparece uma preocupação com a preservação do maior bem nacional: a língua.

### 5.4.2 Questão (026) A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?

#### 5.4.2.1 Faixa etária 1

O foco das respostas dos informantes da Faixa 1 para a questão (026) “A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?” está direcionado para a necessidade de aprender o espanhol e o guarani, línguas do país vizinho, o alemão, língua dos colonizadores da cidade vizinha, e o japonês, por questão de trabalho.

Segundo **Mf1**, a língua paraguaia (jopará) e a língua argentina (espanhol) deveriam ser aprendidas por causa da proximidade com países vizinhos que usam essas línguas.

**Mf1** - A paraguaia, tamo perto, a língua argentina também, né, é bem mais perto. Agora otas língua é muito longe, os país muito longe, pra quê, nós memo que é nós, num vai pa otos países, né, tinha que aprendê os país que tá perto, país muito longe, pra quê?

A conduta do informante leva em conta o contexto geográfico. Para ele, o conhecimento das línguas dos habitantes de países vizinhos facilitaria o intercâmbio, tanto no aspecto social e cultural quanto o fortalecimento dos intercâmbios comerciais e de emprego. No entanto, as línguas de países distantes não interessam porque, segundo ele, não há possibilidade de viajar para esses países. Na visão do informante, é impossível o contato com países distantes.

**Mm1** entende que seria bom ensinar o alemão, o guarani e o japonês.

**Mm1** - Olha, o alemão, o próprio guarani, por que é do lado aqui o país né, então devia prestigiá eles, né. O alemão, o guarani, o japonês, acho que principalmente japonês que são daqui, né, a maioria muita gente vai pro Japão trabalha, né, vai sem sabê nada, né.

O guarani, por ser língua do país vizinho; o japonês, para quem quer ir trabalhar no Japão. Mais uma vez, o fator “utilidade” transparece na conduta desse informante.

**Ms1** aciona o componente cognoscitivo ao considerar que línguas que favorecem a globalização, como a língua inglesa e a espanhola, deveriam fazer parte

do ensino formal. E seria interessante também que o alemão fizesse parte dessa lista, pela posição de contato de Guaíra. Fica subentendido o ensino do guarani, pela pergunta que lhe foi dirigida, mas o informante não a menciona.

**Ms1** - Aí, devido a...até mesmo a globalização obriga, né, até mesmo alguns colégios aqui já incluíram até a disciplina, né.

**Ms1** - Eh, seria interessante pela nossa região, né, aqui em Guaíra, mas o básico mesmo que acho que toda escola deveria tê, seria o inglês, o espanhol, lá o alemão ou uma outra língua, né. Três línguas eu acho que já seria ideal.

Para os informantes da Faixa 1, o que pesa na aprendizagem de segundas línguas é a necessidade de intercâmbio, principalmente comerciais e culturais. Com isso, a escolha recai com mais ênfase sobre as línguas espanhola e inglesa, usadas nos países que favorecem trocas comerciais com o Brasil. Neste caso, o que pesa é o fator utilitário. Além disso, a defesa do ensino dessas línguas na instituição escolar mostra a crença desses informantes na aprendizagem institucionalizada. A língua guarani recebe uma pequena aceitação por ser do país vizinho. Não se percebe maior valorização da língua guarani.

#### 5.4.2.2 Faixa etária 3

Transparece, na visão dos informantes da Faixa 3, ao responder à questão (027) “*A escola deveria ensinar essas línguas que você ouviu aqui? Qual delas? Por quê?*”, uma tendência a valorizar o aprendizado do espanhol e do guarani para intercâmbio com o país vizinho, e o alemão e o japonês por uma questão utilitária, pois essas línguas ajudariam na busca de emprego.

**Mf3** defende o ensino do alemão e do japonês.

**Mf3** - Ainda mais o... alemão e o português e japonês, por que você pega a parte do Sul aqui, (inint) Rondon, (inint) pra lá pego a parte do Sul, você forma praticamente, sessenta por cento são de origem de alemão, essas coisa assim. Então eu acho que devia de falá. E num ponto eu acho que era bom por causa de, a pessoa que i trabalha lá fora, ele tê a facilidade de...podê entrá em qualqué lugar e trabalhá, né.

**Mf3** - Eu acho que a fronteira era muito bom, todo mundo sabê, (o guarani) viu.

O alemão é uma língua falada em Marechal Cândido Rondon, e seu conhecimento facilitaria a busca de emprego. O guarani seria bom por causa dos intercâmbios comerciais com o Paraguai. A conduta de valorização do aspecto utilitário da aprendizagem da língua se sobrepõe ao aspecto cultural.

**Mm1** argumenta que não é útil aprender línguas na escola. E, ao menos segundo o informante, não seria aproveitável aprender línguas que não servem para intercâmbios comerciais.

**Mm1** - Eu acho que não. Isso aí é um tempo que vai se perde sem (?=serventia). Eu acho que se a pessoa tá na escola, ele não deveria perdê tempo...a não ser que ele tenha interesse em morá ou trabalha num país, aí teria que procurá uma escola particular, aí seria mais fácil até pra ele aprendê. Interesse de í pro Japão por exemplo. E acho que o professor não deveria (inint) pra estudá uma língua que comercialmente não tem muita, o inglês a gente sabe que o país que a gente mais comercializa.

**Mm1** - deveria se incluí no currículo escolar, o espanhol, por que hoje, nós sabemos que o espanhol é a segunda língua do mundo.... a gente sabendo espanhol, se defende em qualquer lugar do mundo, até por que os espanhóis que dominava tudo essas regiões, né.

A escola deveria priorizar o ensino de línguas consideradas de valor para o comércio. O informante ainda considera importante aprender o espanhol por ser uma língua universal. Na fala desse informante, é possível detectar uma predominância do aspecto utilitário na aprendizagem de uma língua.

**Ms3** considera que existe um intercâmbio abrangente que envolve países membros da comunidade latino-americana e isso exigiria o aprendizado do espanhol. Demonstra que tem conhecimento sobre a importância do espanhol, uma vez que é a língua mais falada na América do Sul, e, ainda, que tem conhecimento de história.

**Ms3** - O espanhol e o inglês. Ah, o espanhol porque hoje, primero que nós tamos na América do Sul, onde só o Brasil fala português, as demais...países da América do Sul, só o Brasil que fala português.

**Ms3** - Então, acho que o espanhol deveria sê uma língua oficial no convívio escolar porque é fácil de aprendê, acho que até ajudaria a melhorá o ensino do português.

**Ms3** - E mesmo nós que tamos aqui, na frontera do Paraguai. Então, acho que o espanhol deveria sê incluído como oficial no currículo escolar. Recebemos gente desses países todos vizinhos nossos, Argentina, Bolívia, Chile.

**Ms3** - agora que nós somos um país do tratado do Mercosul e isso precisa ser cada vez mais ampliado e expandido.

**Ms3** - o guarani. Primero que o guarani, é o tupi guarani é a nossa língua nativa que o Brasil também devia não dexá morre. Acho que uma língua que podia sê implantado no currículo brasileiro é o guarani, é o tupi.

A conduta desse informante em relação às línguas que deveriam ser aprendidas demonstra o pouco apresso pela cultura veiculada pelas línguas. O valor mais apregoadado é novamente o utilitário. As línguas, para esse informante, têm seu valor agregado à possibilidade de favorecer intercâmbios, especialmente comerciais. O guarani, como língua nativa, é a única que, na visão do informante, pode identificar orgulho nacional. O componente cognoscitivo é acionado quando o informante discorrer sobre o que sabe informar sobre a língua guarani. E o componente afetivo é acionado como demonstração de orgulho de etnia, quando declara ser o guarani “nossa língua nativa” e que não se deveria “deixar morrer”.

### **5.4.3 Questão (027) Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?**

#### 5.4.3.1 Faixa etária 1

A questão (027) “*Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?*” permite constatar que **Mf1** e **Mm1** não se interessam em aprender nenhuma língua.

**Ms1** gostaria de aperfeiçoar o inglês. Com relação ao guarani, considera o modo de falar feio.

**Ms1** - Que nem eu digo, aperfeiçoá, né, falá, a gente fala um poco de tudo, mais aperfeiçoa mesmo eu gostaria mesmo na parte de inglês.

Esse informante aciona os três componentes, pois recorre aos termos “gostaria”, “Que nem eu digo” e “na parte do inglês”, o que corresponde, respectivamente, a conativo, afetivo e cognitivo.

#### 5.4.3.2 Faixa etária 3

Respondendo à questão (027) “*Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?*”, **Mf3** admite que gostaria de aprender o espanhol porque gosta dessa língua.

**Mf3** - O espanhol.

**Mf3** - Por que sei lá, eu me dô muito certo com essa língua.

**Mf3** - Entendê, eu entendo alguma coisa, agora pronuncia, se eu tivé no meio deles, se eles tivé conversando, aí eu entro no meio e consigo, agora eu particular chegá e começá. Começa é difícil, mas depois que você entrô no meio, aí vai embora.

Esse informante não tem um objetivo específico para a aprendizagem da língua espanhola e a pratica em grupos de falantes de maneira amadora.

**Mm3** aponta que gostaria de melhorar o espanhol, mas não teria interesse pelo italiano, mesmo sendo língua de origem de sua esposa.

**Mm3** - Não, eu, na verdade eu gostaria de melhorá o espanhol, né.

Esse informante aciona o componente conativo, com indicativo de que seria um objetivo, um desejo.

**Ms3** afirma que gostaria de aprender árabe por ser de descendência libanesa, e que gostaria, também, de aperfeiçoar o espanhol.

**Ms3** - Ah, eu gostaria, assim, gostaria de tê aprendido o árabe por causa das raízes e hoje eu tenho muita amizade com os árabes comerciantes aqui no Paraguai e eu só sei dizer “salan maleico”. Não sei falá nada.

**Ms3** - Mas acho que o que me iria me satisfaz minha frustração era sabê falá fluentemente o espanhol. Falá espanhol, porque com o espanhol, cê se vira na América do Sul intera, até nos Estados Unidos, se você falá em espanhol com eles, eles te entendem. Na Europa, na Itália, na Espanha, na França...

Esse informante revela tendência a aprender o espanhol e ainda os componentes afetivo e cognoscitivo, uma vez que fala, respectivamente, em “minha frustração” e expressa conhecimento de um falar localizado em espaços geográficos distintos.

O componente conativo da atitude aparece nas respostas dos informantes nesta quarta temática. Tanto os informantes da Faixa 1 quanto os informantes da Faixa 3 se posicionaram contra o uso de línguas de imigração em cerimônias religiosas (cultos e missas), a não ser se oficiadas para um número reduzido de fiéis, em algum momento especial. Os informantes foram reticentes também quanto ao ensino de línguas estrangeiras nas escolas. Em primeiro lugar, não se deve perder tempo com o ensino de línguas que podem ser aprendidas em cursos particulares, por aqueles que delas necessitam. Em segundo lugar, os informantes consideram que se deve aprender línguas que tenham um valor comercial, isto é, que servem para intercâmbios comerciais entre países. A língua espanhola é avaliada como uma língua de contatos imediatos no intercâmbio com os vizinhos paraguaios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese ocupou-se da análise e da avaliação de crenças e atitudes linguísticas de falantes do sexo masculino residentes em Guaíra, cidade localizada na região Oeste do Paraná. O estudo partiu da realidade dessa localidade, na qual se observa a ocorrência de grupos utentes de línguas com as quais os guairenses entram em contato. Observou-se também que os habitantes de Guaíra demonstram consciência dessas diversidades e conseguem avaliar o intercâmbio linguístico a partir de relações sociais e comerciais.

A história do povoamento dessa localidade, por diferentes grupos étnicos, a divisa com cidade mato-grossense e cidades paranaenses e a fronteira com o Paraguai, país vizinho, oportunizaram a ocorrência de contatos entre diferentes línguas, o que favoreceu campo para estudo em contexto de línguas em contato. Em Guaíra, são identificadas diferentes colônias minoritárias, formando pequenas comunidades e mantendo sua cultura e línguas. Os habitantes de Guaíra identificam colônias em que se fala o paraguaio, o espanhol, o guarani, o japonês, o italiano, o árabe, o alemão.

Com base nas entrevistas analisadas, essas línguas podem ter influenciado mais o comportamento dos falantes de Guaíra do que propriamente a constituição de um dialeto próprio da localidade. Além dessas línguas identificadas, pode ser percebido um dialeto muito conhecido na região, que é o “paraguaio”, conhecido como Jopará, ou guarani paraguaio, formado por contribuições do espanhol e do guarani. Esse dialeto pode ter emprestado um sotaque “carregado” ao falar guairense, conforme apontamento de um informante. Essa característica é citada como percebida por **Ms3**: “quando eu cheguei, há quarenta anos, a gente sentiu um sotaque muito carregado na língua portuguesa por causa dos descendentes de paraguaios”.

Esse mesmo informante entende tratar-se de “miscelânea de gente de todos os lugares do Brasil”. Mesmo percebendo que o guairense tem uma fala própria, os informantes não sabem como defini-la. Os aspectos fonéticos/fonológicos da língua guairense é o que mais chama a atenção e ela é comentada na comparação com outras variantes conhecidas em localidades vizinhas. Uns consideram uma “palavra mais puxada”, a exemplo de **Mf1**, se comparado com a fala de “outra cidade”. **Ms3** identifica-se quem é de Rondon “porque fala muito alemão lá”. Mas Guaíra deve ter

um estilo próprio, “que a gente ainda não definiu por causa dessa mistura toda”, conclui outro informante.

Com base na história da formação da localidade, é preciso considerar que as línguas trazidas pelos primeiros exploradores espanhóis e portugueses e as línguas dos povos indígenas sofreram, no início da colonização, os primeiros contatos e intercâmbios. Soma-se, posteriormente, a essa realidade, as línguas dos colonizadores vindos de além-mar e do próprio continente que escrevem a história mais recente dessa miscigenação. E os contatos vão se sucedendo formando uma expressão linguística, cuja característica é única. Esse ambiente que foi se formando ao longo de uma história pode ser visualizado no desempenho linguístico dos habitantes de Guaíra.

O posicionamento dos informantes desta pesquisa e as exteriorizações de atitudes linguísticas direcionaram o enfoque da pesquisa para alguns pontos que orientaram as reflexões. O ponto de maior relevância deste estudo é a expectativa da diferença de crenças e atitudes linguísticas por sujeitos do sexo masculino de faixas etárias diferentes. O segundo ponto é a consciência dos falantes do sexo masculino da interferência linguística a partir do contato entre diferentes línguas. O último ponto busca observar a possibilidade de atitudes estigmatizantes em relação às línguas de grupos minoritários.

Esses pontos de relevância foram considerados na análise dos dados fornecidos por falantes guairenses masculinos dentro de duas faixas (Faixas 1 e 3), com base em quatro agrupamentos de dados, de acordo com quatro temáticas envolvendo as línguas identificadas na comunidade: a(s) língua(s) falada(s) de uso do informante na infância e hoje, o conhecimento das línguas ou variedades existentes na comunidade, a interferência entre as línguas ou variedades na comunidade e as reações do informante frente ao uso ou ensino das línguas ou variedades.

Bases teóricas da psicologia social, relativa à atitude como o modo de pensar e sentir frente a qualquer acontecimento (LAMBERT; LAMBERT, 1975), guiaram a elaboração dos questionários aplicados pelo Projeto CAL. Esta pesquisa reagrupou parte das respostas em quatro temáticas, o que proporcionou traçar um perfil dos informantes em questão.

Ao analisar o posicionamento dos informantes com relação à língua ou línguas faladas na infância, no convívio com familiares próximos e a língua utilizada por ele hoje, verifica-se uma avaliação diferente entre os dois grupos. Os informantes mais

jovens, da Faixa 1, restringem-se a informar que utilizavam e ainda utilizam a língua portuguesa. Esses informantes não demonstram disposição em se aprofundar no assunto. Já os informantes da Faixa 3 não se restringem a informar a língua, o português, mas discorrem sobre as qualidades desse português, que é uma variante que se desvia do padrão. Trata-se de um português caboclo, visto como uma variante de menor prestígio porque é “tudo pela metade”, “misturado”, “meio português, meio caboclo”. A gente falava “nóis vai, nóis foi, mais arriba”.

O grupo da Faixa 3 se mostra mais consciente, mais apto a uma análise do ponto de vista cognoscitivo. Informantes do grupo não se restringem à análise da língua, mas a contextualizam do ponto de vista geográfico e histórico: “na minha região quem não é italiano, é caboclo”. Eles também informam que dominam algumas habilidades do espanhol, pois a língua foi ouvida na infância e é usada agora por necessidade de trabalho. Trata-se de uma variante do espanhol de fronteira visto como de menor prestígio, que denominam “espanhol da lida na fronteira”.

Percebe-se a consciência de que não dominam todas as habilidades: “leio espanhol e traduzo, tenho dificuldade pra falar”. O espanhol está vinculado ao contato com “paraguaios e argentinos” em situação de comércio e, em especial, no intercâmbio com falantes do espanhol paraguaio de cidade de Salto del Guairá. Os falantes da Faixa 3 demonstram vontade de aprender outras línguas. Um informante que é descendente de árabes, por exemplo, demonstra interesse em aprender o árabe.

A análise da Temática 2, que trata do conhecimento das línguas ou variedades existentes na comunidade, proporcionou perceber que os dois grupos apresentam diferenças de avaliação do falar de Guaíra. Falantes da Faixa 1 mostraram perceber uma linguagem diferente, “mais puxada”. Consideram que, na comunidade, há uma miscigenação de línguas e identificam um número grande delas, como a paraguaia, a guarani, a alemã, a japonesa, a espanhola, a italiana. E destacam a língua paraguaia como uma fala enrolada que “não dá para entender”.

Na avaliação da Temática 2, os falantes da Faixa 3 mostram, mais uma vez, habilidade em analisar e uma preocupação em conhecer diferentes línguas. Comentam que, em Guaíra, é “tudo misturado”. Ouve-se japonês, paraguaio, árabe, espanhol. Comentam que essas línguas são faladas pelas gerações mais antigas. Eles identificam grupos de falantes, os quais denominam de “colônias”, em que a cultura e a língua ainda são mantidas. Mas os jovens vão esquecendo as línguas de

herança. Comentam sobre as línguas do lado paraguaio, onde se fala o guarani e o espanhol. Os informantes fazem uma análise das línguas do país vizinho.

O espanhol do Paraguai é idêntico a uma variante argentina conhecida como “currentino”, falada na fronteira com o Uruguai. Por outro lado, o espanhol falado em Assunção assemelha-se ao italiano. Ao falar do guarani, os informantes lembram que, no Paraguai, essa língua está sendo ensinada nas escolas com o objetivo de conservar a cultura e a língua dos guaranis, povos indígenas dos primórdios da colonização paraguaia.

A língua árabe também é ouvida no contato com pessoas da colônia árabe ou no comércio em que eles atuam. Os árabes são conhecidos como “varjeiros”. Na Amazônia, indivíduos conhecidos como “varjeiros ou varzeiros são consideradas aquelas populações tradicionais que vivem às margens dos rios e várzeas” (DIEGUES, 2002, p. 9). Esse termo indica uma atitude afetiva negativa, como uma avaliação depreciativa de grupos que são marginalizados da sociedade. Os árabes preferem atuar em pequenos comércios populares. Por essa informação, pode-se concluir que na comunidade ocorrem fatos e conceitos que discriminam esses grupos, e conseqüentemente a língua usada por eles. Foi possível verificar, pelas respostas, certa animosidade com relação à língua e indivíduos árabes.

A Temática 3 volta-se para as diferentes línguas e variedades existentes na comunidade e para a comparação de quem fala melhor ou pior, e qual língua é mais bonita ou mais feia. Os informantes da Faixa 1 avaliam que as línguas estrangeiras são melhores e mais bonitas. A língua alemã é considerada mais perfeita porque o povo é politizado, estuda e lê mais. A língua espanhola é considerada a mais bonita, pois apresenta uma pronúncia agradável. Por outro lado, a língua portuguesa e a língua paraguaia foram avaliadas como línguas deficitárias em virtude da precária educação escolar do povo. A língua paraguaia é falada por um povo descendente de indígenas que se ocupa mais com a sobrevivência do que com a escolarização.

Com relação à amizade, informantes da Faixa 1 consideram verdadeiro o relacionamento com brasileiros e japoneses, mas sentem dificuldade no relacionamento com os paraguaios, que são considerados traiçoeiros. Na avaliação com relação à beleza das línguas, os informantes da Faixa 3 apontam que o espanhol e o italiano são línguas mais perfeitas e fáceis de aprender em virtude de serem próximas ao português. As piores são o guarani e o japonês, por serem complicadas e muito diferentes do português. O relacionamento com falantes de outras línguas

também foi comentado. Esses informantes demonstram certa admiração pela sinceridade e lealdade do povo japonês. Por outro lado, comentam sobre a amizade falsa e interesseira dos paraguaios e dos árabes.

A Temática 4 aborda a conveniência ou não do uso em público e do ensino das línguas faladas na localidade. A tendência dos informantes da Faixa 1 é não aceitar o uso de línguas estrangeiras em eventos religiosos e sociais. E as línguas que gostariam que fossem ensinadas nas escolas são indicadas devido ao contato com grupos falantes, como é o caso do alemão e do guarani, para manter a cultura, como o japonês, ou para viagens e intercâmbio, como é o caso do espanhol e do inglês. A tendência a aprender outras línguas é fraca. Apenas um informante demonstrou interesse em aprender o alemão, que foi uma língua ouvida na infância.

Os informantes da Faixa 3 também não aceitam o uso de línguas estrangeiras em cultos religiosos ou eventos sociais. Quanto à aprendizagem, mostraram-se favoráveis ao ensino, nas escolas, das línguas alemã, japonesa e espanhola, porque seu conhecimento facilitaria a busca por emprego internamente e, também, no exterior. Os falantes dessa faixa mostram-se mais interessados na aprendizagem de outras línguas, como o espanhol, que facilitaria intercâmbios, e o árabe, por ser uma língua de herança de um dos informantes. Avaliando os dois grupos a partir dessa temática, verifica-se uma maior preocupação dos informantes da Faixa 3 com relação à valorização do uso e aprendizagem de outras línguas.

Esta pesquisa referenda que os falantes podem ter posicionamento “favorável ou desfavorável” (SARNOFF, 1970) frente aos fatos com os quais se depara. Essa reação é a exteriorização da atitude em relação à realidade e à busca de novos saberes. Uma visão tridimensional de atitude, em que ela abrange as crenças (elemento cognitivo), os sentimentos (elemento afetivo) e tendências para ação (elemento conativo) de uma pessoa em relação a determinado objeto surge na década de 1950 (ROSENBERG; HOVLAND, 1960). No campo da linguagem, a noção tridimensional de atitude torna-se valiosa para a explicação da consciência sociolinguística.

Portanto, os informantes que participaram dos inquéritos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa têm consciência linguística, são capazes de se analisar como utentes de determinada língua ou variante, conseguem avaliar o desempenho linguístico dos membros das diferentes etnias existentes na localidade

de Guaíra e conseguem avaliar positiva ou negativamente as línguas que reconhecem na comunidade.

Esses sujeitos não podem ser considerados bilíngues no estrito sentido do termo, uma vez que fazem uso, em poucas ocasiões, de outras línguas, mais especificamente o espanhol, que talvez pode ser mais bem identificado como espanhol paraguaio. O desempenho linguístico desses sujeitos, provavelmente, pode espelhar o desempenho linguístico dos habitantes de Guaíra e, com isso, podem ser os detentores do linguajar guairense.

Uma análise a partir do estudo da variável faixa etária mostrou-se de grande valor, pois evidenciou na variação das línguas que os falantes mais jovens estão se distanciando das línguas de herança, criando, talvez, a identidade linguística guairense, enquanto os de mais idade conservam, além da história do desenvolvimento do lugar, a história da variação da língua ao longo dos anos.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. Os tupinismos na linguagem rural paranaense. **Línguas & Letras**, Cascavel, v. 4, n. 13, p. 99-125, jan./jun. 2006.
- AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 105-112, maio-ago. 2008. Disponível em: [http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/37/EL\\_V37N2\\_11.pdf](http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf). Acesso em: 8 nov. 2020.
- AGUILERA, V. A.; SELLA, A. F.; BOTASSINI, J. O. M.; SILVA-PASTORELI, G. A.; ALTINO, F. C.; PASTORELLI, D. S.; JACUMASSO, T. D.; BUSSE, S.; ROMAN, E. C. Projeto crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ – CELLIP, 19., 2009, Cascavel. **Anais** [...]. Cascavel: Edunioeste, 2009.
- ALEKSIEJUK, O. F. **Esta Terra Tem dono** - Guayrá, 100 Anos de Guaíra - Edição Comemorativa. Curitiba: Copi Batel, 2008.
- ALKMIM, T. M. Língua e discriminação. **GTNM – Jornal do Grupo de Tortura Nunca Mais**, Rio de Janeiro, ano 17, n. 43, dez. 2001.
- ALLPORT, G. W. Atitudes. In: MURCHISON, C. (Ed.). **A handbook of social psychology** (vol II). Worcester: Clark University Press, 1935. p. 67-68.
- ALLPORT, G. W. Atitudes. In: FISHBEIN, M. (Org.). **Readings in attitude theory and measurement**. New York: John Wiley & Sons, 1967. p. 1-13.
- ALTINO, F. C. **Atlas linguístico do Paraná: ALPR II**. 2007. 187 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- ALTINO, F. C. Estudos Dialetológicos no Paraná: convite a um passeio pela história. **Signum**: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 12, n. 1, p. 33-63, jul. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/4176/4594>. Acesso em: 8 nov. 2020.
- AMARAL, L. A. Diferenças, Estigma e Preconceito: o desafio da inclusão. In: OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C.; SOUZA, D. T. R. (Orgs.). **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002. p. 233-248.
- ARAGÃO, M. S. S. **Linguística Aplicada aos Falares Regionais**. João Pessoa: A União Cia, 1983.
- ARAUJO, S. S. F. A Expressão de posse referente à primeira pessoa do plural no dialeto afro-brasileiro de Helvécia - BA. In: JORNADA DE ESTUDOS

LINGUÍSTICOS, 20., 2004, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: GELNE, 2004. p. 2333-2347.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.

BAKER, C. **Attitudes and language**. Clevedon: Multilingual Matters, 1992.

Disponível em:

[https://books.google.com.br/books?id=uC24FqNcfXYC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=true](https://books.google.com.br/books?id=uC24FqNcfXYC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=true). Acesso em: 8 jan. 2019.

BEM, D. J. **Convicções, atitudes e assuntos humanos**. Tradução de Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: EPU, 1973. (Coleção Ciências do Comportamento).

BERGAMASCHI, M. C. Z. **Bilinguismo de dialeto italiano-português: atitudes linguísticas**. 2006. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2006. Disponível em: <https://repositorio.uces.br/xmlui/handle/11338/180>. Acesso em: 12 fev. 2018.

BERNIERI, S. R. **Crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias: alemão em São Carlos/SC e italiano em Coronel Freitas/SC**. 2017. 185 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1765/1/BERNIERI.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BIDERMAN, M. T. C. A Estrutura do Léxico e a Organização do Conhecimento. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, n. 4, p. 81-96, 1987.

BIDERMAN, M. T. O léxico testemunha de uma cultura. *In*: HOINKES, U.; DIETRICH, W. (Orgs.). **Kaleidoskop der lexikalischen semantik**. Tübingen: Narr, 1997. p. 308-399.

BLANCO CANALES, A. **Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares**. Alcalá de Henares, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.

BLOCH, B.; TRAGER, G. L. **Outline of Linguistic Analysis**. Baltimore: Linguistic Society of America at the Waverly Press, 1942.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, 1933.

BORBA, L. R. **Língua e mestiçagem: uma leitura das reflexões linguísticas de Gilberto Freyre**. 2006. 147 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

BORSTEL, C. N. **Aspectos do bilinguismo: alemão/português em Marechal Cândido Rondon – Paraná – Brasil**. 1992. 185 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

BRASIL. **Decreto nº 50.655, de 30 de maio de 1961**. Cria o Parque Nacional de Sete Quedas e dá outras providências. Brasília, 30 maio 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-50665-30-maio-1961-390248-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 5 jan. 2019.

BRASIL. **Decreto Legislativo nº 23, de 1973**. Aprova os textos do Tratado para o aproveitamento hidroelétrico dos recursos hídricos do Rio Paraná. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleg/1970-1979/decretolegislativo-23-30-maio-1973-346403-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 5 jan. 2019.

BRÜGGEMANN, O. M.; PARPINELLI, M. Â. Utilizando as abordagens quantitativa e qualitativa na produção do conhecimento. **Revista Escola Enfermagem USP**, n. 42, p. 563-568, mar. 2008.

BRUN, A. Parler régional; france dialectale et unité française. Paris, Toulouse, Didier, 1946. In: HAUGEN, E. **Dialect, Language, Nation**. Seminar on Sociolinguistics, Indiana University Linguistic Institute no verão de 1964. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1525/aa.1966.68.4.02a00040>. Acesso em: 5 jan. 2019.

BUCHE, P. **O caminho de Peabiru**. 2017. Disponível em: <https://100fronteiras.com/foz-do-iguacu/noticia/o-caminho-de-peabiru/>. Acesso em: 5 mar. 2019.

BUENO, K. **Fragilidade ambiental do município de Guaíra-Pr**. 2015. 103 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2015.

BUSSE, S. Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná/ALERO: uma descrição preliminar do movimento diatópico e diastrático da fala. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 123-144, jul. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4452/4598>. Acesso em: 5 mar. 2019.

BUSSE, S.; SELLA, A. F. Uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do oeste do Paraná. **Signum: Estudo da Linguagem**, Londrina, v. 15, n. 1, p. 77-93, jun. 2012.

CALVET, L. **A guerra das línguas e as políticas linguísticas** (Galiza) – 1 abril 1995 - La guerre des langues et les politiques linguistiques. Paris: Payot, 1987.

CALVET, L. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CALVO, A. P. Pluralismos lingüísticos y sus regulaciones. **Revista Jurídica de Navarra**, n. 51, p. 89-121, jan./jun. 2011.

CHAGAS, N. M. **Europeus e indígenas** – relações interculturais no Guairá nos séculos XVI e XVII. 2010. 221 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade

Estadual de Maringá, Maringá, 2010. Disponível em:  
<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/2976/1/000186005.pdf>. Acesso em:  
 05 out. 2018.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistics**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 2003.

CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. Paris: Mouton, 1986 [1957].

COLODEL, J. A. Cinco séculos de história. *In*: PERIS, A. F. (Org.). **Estratégias de desenvolvimento regional**: região oeste do Paraná. Cascavel: Edunioeste, 2008.

COLOGNESE, S. A.; SCHALLENBERGER, E. **Migrações e comunidades cristãs**: o modo de ser evangélico-luterano no Oeste do Paraná. Toledo: Edt, 1994.

CORBARI, C. C. **Atitudes linguísticas**: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste. 2013. 259 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativos e mistos. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUBILLOS, J.; HENAO, L.; GIL, M.; VÁSQUEZ, M. **Educar para pensar la actitud filosófica**: un concepto en formación. Cali: Artes Gráficas del Valle, 2001.

DUARTE, P. Prefácio. *In*: AMARAL, A. **O dialeto caipira-gramática e vocabulário**. 3. ed. São Paulo, 1976. p. 37.

ECKERT, P. Ages as a sociolinguistic variable. *In*: COULMAS, F. (Org.). **The handbook of sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 1997. p. 151-167.

EISNER, E. W. On the differences between scientific and artistic approaches to qualitative research. **Educational Researcher**, v. 10, n. 4, p. 5-9, 1981.

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. *In*: WITTROCK, M. C. (Ed.). **Handbook of research on teaching**. 3. ed. New York: Macmillan, 1986. p. 119-161.

FAGUNDES, E. D.; LOREGIAN-PENKAL, L.; MENON, O. P. S. (Orgs.). **O falar paranaense**. Curitiba: Editora UTFPR, 2015.

FENNER, A. L. **Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do oeste paranaense. 2013. 266 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

FERGUSON, C. 1959/1972. **Diglossia**. – Gigliolo, P.P. (ed.) 1972. Language and social context. Selected readings. Harmondsworth: 232–251.

FIRESTONE, W. A. Meaning in method: the rethoric of quantitative and qualitative research. **Educational Researcher**, v. 16, n. 7, p. 16-21, 1987.

FISHBEIN, M. An investigation of the relationship between beliefs about an object and the attitude toward that object. **Human Relations**, v. 16, p. 233-240, 1963.

FISHBEIN, M. The relationship of the behavioral differential to other attitude instruments. **American Psychologist**, v. 19, n. 540, 1964.

FISHMAN, J. A. **The sociology of language**: an interdisciplinary social science approach to language in society. Rowley, Massachusetts: Newbury, 1972.

FISHMAN, J. A. Sociolinguistics. *In*: FISHMAN, J. A. (Ed.). **Handbook of language and ethnic identity**. New York: Oxford University Press, 1999. p. 152-163.

FREIRE, T.; FONTE, C. Escala de atitudes face ao lazer em adolescentes e jovens adultos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a08.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2019.

FREITAG, R. M. K. Idade: uma variável sociolinguística complexa. **Revista Línguas e Letras**, v. 6, n. 2, p. 105-121, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/875>. Acesso em: 7 jan. 2019.

FREITAG, R. M. K. Problemas teórico-metodológicos para o estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos. **Matraga**, v. 16, n. 24, p. 115-132, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27799/19920>. Acesso em: 8 jan. 2019.

FREITAG, R. M. K. O “social” da sociolinguística: o controle de fatores sociais. **Diadorim**, v. 8, p. 43-58, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/7958/15689>. Acesso em: 8 jan. 2019.

GADE, C. **Psicologia do consumidor**. São Paulo: EPU, 1980. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/12780/1/Tese%20final.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2021.

GAMBOA, S. S. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. *In*: SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. (Orgs.). **Pesquisa Educacional**: quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 1995. p. 84-111.

GAUCHAT, L. **L'Unité Phonétique Dans Le Patois D'Une Commune**. Halle: Max Niemeyer, 1905. p. 175-232. Disponível em: <https://archive.org/details/lunitphontiqued00gaucgoog/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 3 fev. 2019.

GLEASON JR., H. A. **Introdução à linguística descritiva**. Tradução de João Pinguelo. Lisboa: Calouste Gulbekian, 1978.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GÓMEZ MOLINA, J. R. Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales. *In*: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMÉRICA LATINA – ALFAL, 11., 1996, Las Palmas de Gran Canaria. **Actas** [...]. Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996. v. 2, p. 1027-1042.

GÓMEZ MOLINA, J. R. Actitudes lingüísticas en una comunidad bilingüe y multidialectal: area metropolitana de Valencia. **Revista Cuadernos de Filología**, Valencia, Universitat de Valencia, Anejo XXVIII, 1998.

GREGORY, V.; SCHALLENBERGER, E. **Guaíra** - Um mundo de Águas e Histórias. Marechal Cândido Rondon: Germânica, 2008.

GROSJEAN, F. Bilingualism: A Short Introduction. *In*: GROSJEAN, F.; LI, P. (Eds.). **The psycholinguistics of bilingualism**. Hoboken: John Wiley & Sons, 1982. Disponível em: [https://www.francoisgrosjean.ch/bilin\\_bicult/25%20Grosjean.pdf](https://www.francoisgrosjean.ch/bilin_bicult/25%20Grosjean.pdf). Acesso em: 8 jan. 2019.

GROSJEAN, F. **Life with two languages**: an introduction to bilingualism. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GROSJEAN, F. The bilingual individual. **Interpreting**, v. 2, n. 1-2, p. 163-187, 1997. Disponível em: [https://pdfs.semanticscholar.org/2586/033151ba7fad8975d299e2ce399811dafccd.pdf?\\_ga=2.247230084.1608164064.1594687981-5288933.1560998349](https://pdfs.semanticscholar.org/2586/033151ba7fad8975d299e2ce399811dafccd.pdf?_ga=2.247230084.1608164064.1594687981-5288933.1560998349). Acesso em: 8 mar. 2019.

GROSJEAN, F. Bilinguismo individual. Tradução de Heloísa Augusta Brito de Mello e Dilys Karen Rees. **Revista UFG**, ano X, n. 5, dez. 2008. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/694/o/05\\_17\\_Traducao.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/694/o/05_17_Traducao.pdf). Acesso em: 18 jan. 2019.

GUMPERZ, J. **Language in social groups**. Stanford: Stanford University Press, 1971.

HALL, R. A. **An Essay on Language**. Philadelphia: New York: Chilton Books, 1968.

HAMEL, R. E. La política del lenguaje y el conflicto interétnico: problemas de investigación sociolingüística. *In*: ORLANDI, E. P. **Política Lingüística na América Latina**. Campinas: Pontes, 1988. p. 41-73.

HAUGEN, E. Dialect, Language, Nation. **American Anthropologist**, v. 68, n. 4, p. 922-935, 1964. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1525/aa.1966.68.4.02a00040>. Acesso em: 7 jan. 2019.

HAUGEN, E. **Language Conflicts and Language Planning**. The case of Modern Norwegian. Cambridge: Harvard University Press, 1966.

HAUGEN, E. **The Ecology of Language**. Stanford: Stanford University Press, 1972.

HOLANDA, S. B. **Visão do Paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

HORA, D. Atitude: um conceito teórico, um conceito de vida. **Revista do GELNE**, Natal, v. 14, n. 1-2, p. 367-386, 2012.

HYMES, D. The Ethnography of Speaking. *In*: GLADWIN, T.; STURTEVANT, W. C. (Orgs.). **Anthropology and Human Behavior**. Washington: The Anthropology Society of Washington, 1962.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Guaira**: História & Fotos. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/guaira/historico>. Acesso em: 8 mar. 2019.

JESPERSEN, O. **Mankind, Nation and Individual from a Linguistic Point of View**. Bloomington: Indiana University Press, 1946.

JOHANSEN-TOFT, J. H. **Actitudes lingüísticas de los hablantes de Las Palmas de Gran Canaria hacia su propia habla**. November 2007. Disponível em: <https://bora.uib.no/bora-xmlui/handle/1956/7052>. Acesso em: 14 mar. 2019.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Internal Factors. v. 1. Oxford: Cambridge: Blackwell Publishers Inc., 1994.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, W. E. A Social Psychology of Bilingualism. *In*: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Orgs.). **Sociolinguistics**: the essential readings. Malden: Blackwell Publishing, 2003 [1967].

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. 4. ed. revista e ampliada. Tradução de Dante Moreira Leite. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística**. Madrid: Gredos, 1989.

MANÉ, D. As concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolinguístico. **Via Litterae**, Anápolis, v. 4, n. 1. p. 39-51, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/5335/3596>. Acesso em: 8 jan. 2019.

MARTINS, W. **Um Brasil diferente**. Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: La Societé Linguistique de Paris, 1921.

MENDONÇA, S. C. P. **Crenças e atitudes linguísticas**: estudo na aldeia guarani tekoha aňetete em Diamante d'Oeste/Pr. 2020. 207 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2020.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del Lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

MOTA, L. T. **História do Paraná**: ocupação humana e relações interculturais. Formação de professores – EAD, nº 28. Maringá: EDUEM, 2005.

MOTA, L. T.; NOELLI, F. S. A pré história da região onde se encontra Maringá, Paraná. **Boletim**. A Pré-História de Maringá, Maringá, ano 4, n. 1, set. 2000. Disponível em:  
[https://www.academia.edu/27029556/A\\_pr%C3%A9\\_hist%C3%B3ria\\_da\\_regi%C3%A3o\\_onde\\_se\\_encontra\\_Maringa\\_Paran%C3%A1](https://www.academia.edu/27029556/A_pr%C3%A9_hist%C3%B3ria_da_regi%C3%A3o_onde_se_encontra_Maringa_Paran%C3%A1). Acesso em: 8 abr. 2019.

PADIS, P. C. **Formação de uma economia periférica**: o caso do Paraná. São Paulo: Hucitec, 1970.

PASTORELLI, D. S. **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema**: um estudo da relação do português com línguas em contato. 2011. 204 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

PEREIRA, M. E. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo: EPU, 2002.

PIZZATTO, S. G. M. **Indícios de atitudes linguísticas de falantes brasileiros na localidade de Capanema-PR**: o falar diferente na fronteira. 2020. 2013 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2020.

PONSO, L. Situação minoritária, população minorizada, língua menor: uma reflexão sobre a valoração do estatuto das línguas na situação de contato linguístico. **Gragoatá**, Niterói, v. 22, n. 42, p. 184-207, jan./abr. 2017.

PORELI, G. A. S. **Crenças e atitudes Linguísticas na cidade de Pranchita-Pr**: um estudo das relações do português com línguas em contato. 2010. 114 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

PRIORI, A. *et al.* A emancipação política do Paraná. *In*: PRIORI, A.; POMARI, L. R.; AMÂNCIO, S. M.; IPÓLITO, V. K. **História do Paraná**: séculos XIX e XX [online]. Maringá: Eduem, 2012. p. 15-22. Disponível em:  
<https://static.scielo.org/scielobooks/k4vrh/pdf/priori-9788576285878.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2019.

RODRIGUES, R. E. S. B. **Para um glossário da fala popular rural paranaense**. 2000. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2000.

- RODRIGUES, R. E. S. B. **Em busca de uma história para o léxico rural paranaense**. 2007. 180 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- RODRIGUES, R. M. **Um debate sobre Sete Quedas**. São Paulo: CECISP, 1982.
- ROMAINE, S. **Language in Society: An Introduction to Sociolinguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- ROMAINE, S. **Bilingualism**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1995.
- ROMAINE, S. The Bilingual and Multilingual Community. *In*: BHATIA, T. K.; RITCHIE, W. C. **The Handbook of Bilingualism**. Maiden: Blackwell, 2006. p. 385-405.
- ROSENBERG, M. J. A structural theory of attitudes dynamics. **Public Opinion Quarterly**, v. 24, n. 2, p. 319-340, 1960.
- ROSENBERG, M. J.; HOVLAND, C. I. Cognitive, affective and behavioral components of attitudes. *In*: ROSENBERG, M. J. (Ed.). **Attitude organization and change**. New Haven: Yale University Press, 1960. p. 1-14.
- RUBIN, J. **National Bilingualism in Paraguay**. The Hague: Mouton, 1968.
- SABADIN, M. N. **Crenças e atitudes linguísticas: aspectos da realidade na tríplice fronteira**. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- SALOMÃO, A. C. B. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011.
- SANTANA, V. R. **Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Foz do Iguaçu**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2012.
- SANTANA, V. R. **O papel dos operadores argumentativos na demarcação de crenças e atitudes em Foz do Iguaçu**. 2016. 121 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.
- SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- SARNOFF, I. (1970). Social Attitudes and the Resolution of Motivational Conflict. *In*: JAHODA, M.; WARREN, N. (Eds.). **Attitudes**. 1970. p. 279-284.
- SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

SAVEDRA, M. M. G. Bilinguismo e bilinguagem: uma nova proposta conceitual. *In*: SAVEDRA, M. M. G.; SALGADO, A. C. P. (Orgs.). **Sociolinguística no Brasil**: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 121-140.

SCHLIEBEN-LANGE, B. **História do falar e história da linguística**. Tradução de Fernando Tarallo *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

SELLA, A. F., AGUILERA, V. A.; CORBARI, C. C. Reflexões sobre atitudes linguísticas em espaço de línguas em contato: o contexto de fronteira. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 3170-3179, jul./set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2018v15n3p3170>. Acesso em: 18 jan. 2019.

SIEBRA, G. B. A. **Cognição, linguagem e estereótipos acerca de pessoas deprimidas**: estudo em três categorias profissionais. 2012. 361 f. Tese (Doutorado em Neuropsiquiatria e Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SILVA, D. M. **Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov**. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras e linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/26/o/daniel.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2019.

SILVA, E. O. **Desbravadores de Guaíra**: a História da 5ª Companhia de Fronteira. Guaíra: Gráfica Lex, 2011.

SILVA, H. C.; AGUILERA, V. A. O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. **Alfa**, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 703-723, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v58n3/1981-5794-alfa-58-03-00703.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2019.

SILVA, M. D. S. **Guaíra**: a cidade em tempos de ditadura civil-militar (1964-1985). 2016. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2016.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística**: teoria y analisis. Madrid: Alhambra, 1989.

SOUZA, C. M. B. Variáveis estruturais: efeitos na concordância verbal do português falado em Salvador. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2011. v. 2, n. 2. Uberlândia. **Anais [...]**. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/2572.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SOUZA, E. B. C.; SILVA, J. F. M. A (re)organização do espaço em Guaíra após o fim das Sete Quedas. **Revista RA'E GA**, Curitiba, n. 14, p. 85-95, 2007.

STURZA, E. R. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 47-50, abr./jun. 2005.

- STURZA, E. R. **Línguas de fronteiras e política de línguas**: uma história das ideias linguísticas. 2006. 168 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270606/1/Sturza\\_ElianaRosa\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270606/1/Sturza_ElianaRosa_D.pdf). Acesso em: 6 jan. 2019.
- TABOURET-KELLER, A. À propos de la notion de diglossie. La malencontreuse opposition entre “haute” et “basse”: ses sources et ses effets. **Langage et société**, v. 4, n. 118, p. 109-128, 2006.
- TAVARES, M. A. Mudança em dois períodos do século XX: inter-relacionando análises em tempo aparente. **Alfa**, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 393-421, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4734/4039>. Acesso em: 8 fev. 2019.
- TONIOLO, E. J. **Vocabulário de Tibagi**. Apucarana: Fundação Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana, 1981.
- VELÁSQUEZ, P. P.; PEREIRA, M. C. Atitudes com referência às línguas Castelhana e Guaraní. **Acta Scientiarum**. Language and Culture, Maringá, v. 33, n. 2, p. 199-206. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3074/307426648003.pdf>. Acesso em: 4 mai. 2021.
- VENDRYES, J. **Le Langage**: Introduction Linguistique a L’Histoire. Paris: La Renaissance du Livre, 1921 [1914]. Disponível em: <https://archive.org/details/lalangageintrodu00venduoft/page/206>. Acesso em: 12 jan. 2019.
- VENDRYES, J. **El lenguaje**. Introducción lingüística a la Historia. Ciudad de México: UTEHA, Unión Tipográfica Editorial Hispano-Americana, 1966.
- WAGLEY, C. **Uma comunidade amazônica**: estudo do homem nos trópicos. Tradução de Clotilde da Silva Costa. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- WANKE, E. T. **Vocabulário paranista**: brasileirismos do Paraná. Rio de Janeiro: Plaquette, 1995.
- WEINREICH, U. **Languages in Contact**. The Hague: Mouton, 1953.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.
- WHITNEY, W. D. Language and the study of language. In: SILVERSTEIN, M. (Ed.). **Whitney on language**: selected writings of William Dwight Whitney. Cambridge, Massachusetts, London: The MIT Press, 1971 [1867].

## ANEXOS

## ANEXO 01 - ORGANIZAÇÃO DAS QUESTÕES

Quadro 4: Organização das questões por temática

<b>Temática 1: <i>Identificação da língua ou línguas de aquisição e uso do informante</i></b>	
A(s) língua(s) falada(s) pelo informante na infância com os familiares, e no presente	
Questão 1	Que língua você fala?
Questão 2	Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?
Questão 3	Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?
Questão 4	Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?
<b>Temática 2: <i>Consciência da diversidade e nível de conhecimento das línguas faladas na localidade</i></b>	
A percepção do informante com relação à existência de diferentes línguas e variedades faladas em sua comunidade.	
Questão 5	Aqui em Guaíra existem pessoas que falam diferente de você?
Questão 6	Que língua(s) ele(s) fala(m) os que falam diferente aqui? (espanhol paraguaio, árabe, chinês ou mandarim, guarani, jopará).
<b>Temática 3: <i>Pensamentos e crenças a respeito do comportamento social dos falantes</i></b>	
A avaliação do informante com relação a essas línguas (quem fala melhor ou pior, qual língua é mais bonita ou mais feia)	
Questão 12	Comparando essas línguas: espanhol paraguaio, árabe, japonês, guarani, italiano, alemão, quem fala melhor? Por quê?
Questão 13	E quem fala pior? Por quê?
Questão 20	Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas de que falamos?
Questão 21	Essas línguas são feias ou bonitas?
Questão 39	Dessas culturas que a gente já falou aqui, tem algum desses daí que você teve algum desentendimento?
Questão 40	Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?
Questão 41	Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?

<b>Temática 4: <i>Da conveniência ou não do uso em público e do ensino das línguas faladas na localidade</i></b>	
O posicionamento do informante com relação ao seu uso em lugares públicos ou à sua aprendizagem na escola	
Questão 25	Na igreja, no templo religioso, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)?
Questão 26	A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?
Questão 27	Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

## ANEXO 02 - APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS

**Quadro 5:** Respostas apresentadas pelos informantes

<b>Temática 1 - Identificação da língua ou línguas de aquisição e uso do informante</b>	
	<b>(001) Que língua você fala?</b>
INF	<b>FAIXA 1</b>
1	<b>INF.- A língua? Língua portuguesa.</b>
7	<b>INF.- Português e um pouco do inglês. INQ.- Você já é formado? INF.- Não, estou no segundo ano de direito.</b>
13	<b>INF.- Eu falo o português, né, natural da nossa nacionalidade e um pouquinho o espanhol, né. INQ.- Esse espanhol que você fala é o guarani ou é o espanhol mesmo? INF.- Espanhol mesmo.</b>
	<b>FAIXA 3</b>
5	<b>INF.- Tento falar o português, mas é tudo pela metade, né. (P)</b>
11	<b>INF.- Espanhol....espanhol assim, a gente forçado pela necessidade, né, trabalhando, trabalho mais de trinta anos no Paraguai, então a gente fala, assim, esse espanhol que se pratica na fronteira aí, né. Dialeto da região. INQ.- E aqui o senhor fala... INF.- Português.</b>
17	<b>INF.- Português, espanhol a gente lida aí com o contato aí com a fronteira. Eu leio espanhol e traduzo simultaneamente, tenho dificuldade pra falar. Pra conversação, tenho dificuldade. Foram os paraguaios e os argentinos que trabalharam aqui na fundação da nossa cidade, então, existe uma colônia de famílias de filhos de paraguaios que moram aqui e pela facilidade da gente ter contato com as pessoas do Salto de Guairá, a gente acaba aprendendo. Mas a língua que a gente fala com certa naturalidade, com fluência não, que o português é muito difícil, mas é o português mesmo e um pouco de espanhol.</b>

<b>(002) Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?</b>	
INF	<b>FAIXA 1</b>
1	<b>INF.- Língua portuguesa também.</b>
7	<b>INF.- Em português.</b>
13	<b>INF.- Português mesmo, né.</b>
	<b>FAIXA 3</b>
5	<b>INF.- A mesma linguagem, o mesmo português caboclado mesmo, né.</b>
11	<b>INF.- Português, somente o português. Até mesmo por que os meus pais são descendentes de português, né. Na época chamava-se caboclo, né. E também, lá na minha região lá no (?=Miquiriqui) tem uma região de muita colônia italiana quem não é de origem italiana, é caboclo.</b>
17	<b>INF.- Em português. Minha mãe é de origem libanesa, meus avós maternos são libaneses, mas eles não falavam. Nós falamos mesmo só a língua portuguesa, no Brasil não tem dialeto né, mas o nosso linguajar é do interior paulista. É o caipira brasileiro verdadeiro mesmo que fala “nóis vai, nóis foi, mais arriba”. Quando era criança, falava desse estilo aí.</b>

	<b>(003) Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?</b>
INF	<b>FAIXA 1</b>
1	<b>INF.- Eh, também.</b>
7	<b>INF.- Eh, também.</b>
13	<b>INQ.- E os seus avós?</b> <b>INF.- Um pouco de espanhol, um pouco brasileiro, português, né.</b> <b>INQ.- E você falava em que língua com eles?</b> <b>INF.- Ah, predominantemente mesmo é português mesmo.</b> <b>INQ.- Você chegou a falar alguma coisinha com eles em espanhol ou... praticamente nada?</b> <b>INF.- Alguma, algum “bom dia” assim, a gente sempre...</b>
	<b>FAIXA 3</b>
5	INF.- Mesma coisa.
11	INF.- Também, somente o português. (P)
17	(A propósito da questão 002: INF.- Em português. Minha mãe é de origem libanesa, meus avós maternos são libaneses, mas eles não falavam. Nós falamos mesmo só a língua portuguesa, no Brasil não tem dialeto né, mas o nosso linguajar é do interior paulista. É o caipira brasileiro verdadeiro mesmo que fala “nóis vai, nóis foi, mais arriba”. Quando era criança, falava desse estilo aí.) ((A propósito da questão 004: INQ.- Então com os netos, os avós também não falavam em outra língua. INF.- Não, só português.))

	<b>(004) Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?</b>
INF	<b>FAIXA 1</b>
1	<b>INF.- Não, não, ouvia eles sempre conversa mais o, mas que nem meu pai, meu pai entende um pouco o castelhano, ele entende um pouco.</b> <b>INQ.- Ele entende, mas entre eles...</b> <b>INF.- Não, não, só o português mesmo.</b>
7	<b>INF.- Português mesmo.</b>
13	<b>((INF)) ---</b>
	<b>FAIXA 3</b>
5	INF.- Na mesma língua, né, uma língua meio português, meio caboclada e misturada, né.
11	INF.- Portuguesa, na época não existia o...eu comecei estudar com sete anos. Sempre, na região só se fala o português, né.
17	INF.- Meus avós maternos falavam em árabe. INQ.- E eles falavam em árabe com a sua mãe? INF.- Falavam, não, na verdade com a mãe não e meu avô, ele veio do Líbano e ele resolveu sê brasileiro, então criou doze filhos no Brasil e não ensinou a falar uma palavra. A gente ouvia muito porque tinha muito parente, os irmãos dela, os filhos, então entre eles falavam em árabe. INQ.- Entre os mais velhos. INF.- Exatamente. Então hoje, a gente tem até um ressentimento de não ter aprendido, mas eles não quiseram ensinar. E hoje faz uma falta danada. Hoje tenho vontade de visitar o Líbano e não sei falar nada em árabe. A única coisa que se aprende nesse caso é falar algum palavrão, às vezes um como vai, mas palavras, palavras isoladas. INQ.- Então com os netos, os avós também não falavam em outra língua. INF.- Não, só português.

<b>TEMÁTICA 2 - Consciência da diversidade e nível de conhecimento das línguas faladas na localidade</b>	
	(005) Aqui em Guaíra existem pessoas que falam diferente de você?
<b>INF</b>	<b>FAIXA 1</b>
1	INF.- Aqui em Guaíra tem uma língua diferente, quando vai em outra cidade, outra língua uma palavra mais puxada...ele vai, né, meio que uma língua é diferente da outra. (?)
7	INF.- Sim, o guarani, as outras línguas seriam o espanhol e o inglês, mas o guarani é o que mais falam aqui, às vezes.
13	<p>INF.- Ah, tem, tá bem miscigenado agora. Veio bastante pessoas de fora, né, o próprio pessoal do Paraguai tá constante aqui, né.</p> <p>INQ.- Essas pessoas de fora seriam de onde?</p> <p>INF.- De fora tem bastante aqui do Salto, né, o Paraguai aqui, tem Curitiba, de vez em quando até holandês tem turismo aqui. Agora deu uma parada devido a esse alta do dólar, mas sempre tem aqui alguns holandeses, né. Eh...mais frequentemente mesmo é mais o pessoal do Paraguai, né.</p> <p>INQ.- Japoneses tem, ou árabes?</p> <p>INF.- Japonês vem, não com muita frequência, mas vem, por que tem bastante parente também, né.</p> <p>INQ.- Que mora tem também?</p> <p>INF.- Que moram aqui, tem bastante.</p> <p>INQ.- Árabes também?</p> <p>INF.- Árabes também.</p> <p>INQ.- Italianos...</p> <p>INF.- Italiano...alemão, tem bastante.</p> <p>INQ.- Os próprios paraguaios, argentinos, aqui na região tem também?</p> <p>INF.- Paraguai tá começando agora, tem bastante gente vindo embora morar aqui, os paraguaios, né.</p>
	<b>FAIXA 3</b>
5	<p>INF.- Tem bastante. Na minha casa mesmo, a minha esposa mesmo fala alemão, ela fala um pouco do suíço. Minha esposa, porque ela é filha de alemão, a mãe dela é filha de alemão e o pai dela é suíço.</p> <p>INQ.- Outras línguas, outras pessoas que falam diferente, seus familiares....</p> <p>INF.- Não, só esse mesmo.</p>
11	<p>INF.- Tem, pouco, mas tem. Nós temos a colônia japonesa, né. É a segunda do Brasil que fala japonesa aqui. Então é japonês e paraguaio. Nós temos a colônia paraguaia é aqui na Vila Velha, que nós chamamos. Temos bastante descendentes de paraguaio, e temos alguns paraguaios que moram aqui, mas a maioria são descendente paraguaio. Então se fala também o espanhol aqui, né. O espanhol e o japonês.</p> <p>INQ.- E os paraguaios, eles falam o espanhol ou falam o guarani?</p> <p>INF.- O espanhol. Entre eles, eles falam o guarani, aqui com nós e lá os brasiguaios, nós só falamos o espanhol. Então o guarani não se usa aqui, lá do outro lado, no Paraguai sim, né. Entre os mais, essa geração mais antiga, né, os novos...</p> <p>INQ.- Não falam?</p> <p>INF.- Até por que agora que o Paraguai começou a adotar no currículo escolar a exigência de se...estudar o guarani pra preservar a cultura. Até pouco...essa nova geração não fala.</p> <p>INQ.- E em árabe, aqui tem bastante árabes e mulçumanos?</p> <p>INF.- Ai, olha, aqui em Guaíra é muito pouco, tem um dois ou três. Eles vieram pro comércio até quando Guaíra começou a se desenvolver, eles vinham praticar o</p>

	<p>comércio. E depois, na medida que foi mecanizando, foi mecanizando a lavoura, foi diminuindo a população. Os grandes foram comprando as pequenas, as pequenas foram pro Mato Grosso outras regiões. E os descendentes de árabe procuram mais áreas que estão se iniciando, né, que estão se desenvolvendo. Aqui, hoje, nós temos aqui, predomina mais os, nós chamamos o...o (?=vengeiro). = varjeiro</p> <p>INQ.- Os árabes não são (inint)?</p> <p>INF.- Não são, eles preferem um comércio que ofereça uma mercadoria, sempre o pequeno, né. Procuram na área que está começando a desenvolver.</p> <p>INQ.- Pensei que aqui tivesse bastante árabe, então não tem.</p> <p>INF.- Não tem. A senhora vai encontrar aí talvez umas duas ou três famílias.</p> <p>INQ.- Esse pessoal que fala o espanhol aqui, fala um espanhol diferente daquele falado na argentina? O senhor percebe alguma diferença?</p> <p>INF.- Tem um pouco de diferença no dialeto, mas não é muito. Até poucos dias, nós tivemos lá em Buenos Aires, eu tive percebendo inclusive, que a diferença é pouca. Nós temos “currentino” que eles falam, que é lá aquele argentino que ele vive mais na fronteira com o Uruguai, né, ele tem um dialeto bem idêntico com o do Paraguai, né. Parecido com o guarani. E em Assunção já é um espanhol misto com o italiano né, então eles misturam um pouco o espanhol com o italiano.</p> <p>INQ.- Então que língua falam esses que falam diferente? O senhor me disse que tem o japonês e o espanhol.</p> <p>INF.- E o espanhol, nós não temos, o italiano aqui uma pequena colônia de italianos aqui, acho que também eles tão aos pouco, a nova geração tá abandonando, num se fala mais a língua italiana.</p> <p>INQ.- Mas aqui em Guaira eu posso encontrar ainda pessoas falando em italiano ou não?</p> <p>INF.- Não, não se pode. Até por que os pioneiros, os italianos mais antigos foram desaparecendo.</p>
17	<p>INF.- Aqui, hoje nem tanto, mas quando eu cheguei, que eu cheguei há quarenta anos, a gente sentiu um sotaque muito carregado na língua portuguesa por causa dos descendentes de paraguaio. Paraguaio sempre tem aquele sotaque carregado. É “otro dia” que o paraguaio fala “otro”, mas só esse sotaque paraguaio que nós temos o descendente paraguaio. E como nós temos uma miscelânea de gente de todos os lugares do Brasil, a gente tem gente de todos os Estados brasileiros. Aqui tem gente de todas as regiões do Nordeste, de Minas, sem conta que nós temos aqui portugueses, japoneses, alemães, mas o único sotaque carregado é o “erre”, né, “porta” ((referindo-se ao retroflexo)). Então aqui acabou ficando uma região paranaense assim, sem muito sotaque, nós não temos assim, guairense não tem, você conversar com alguém de Rondon, você sabe que é de Rondon, por que fala muito alemão lá, né. Aqui tem alemão, tem japonês, então a gente acaba, Guaira deve ter assim, um estilo próprio que a gente ainda não definiu por causa dessa mistura toda.</p>

<b>(006) Que língua(s) eles fala(m) os que falam diferente aqui? (espanhol paraguaio, árabe, chinês ou mandarim, guarani, jopará).</b>	
INF	<b>FAIXA 1</b>
1	<p>INF.- Um pouco a paraguaia, tem uns paraguaios falam enrolado, não dá pra entender nada.</p> <p>INQ.- Guarani também?</p> <p>INF.- Escuta também.</p> <p>INQ.- Tem gente que fala alemão?</p> <p>INF.- Alemão? Só numa igreja, uma igreja que um dia eu fui, só tinha alemão, falava em alemão.</p> <p>INQ.- Na igreja mesmo?</p>

	<p>INF.- Na igreja, um alemão veio de fora, da Alemanha, ele tava aí, única pessoa que vi fala em alemão, né.          INQ.- E italiano?          INF.- Italiano não.          INQ.- Nunca ouviu falar em italiano?          INF.- Já vi pessoa italiana, mas falar, falar também, eles era italiano, mas falar, num falava.          INQ.- Japonês...          INF.- Japonês sim, olha aqui tem bastante japonês, vixe. Muito, heim.          INQ.- E você escuta eles conversando?          INF.- Uhum.</p>
7	<p>INQ.- Tem alguma outra língua além do guarani e do espanhol?          INF.- O japonês.          INQ.- E você os vê conversando entre si?          INF.- Sim.          INQ.- Aqui também tem alemão?          INF.- Tem.          INQ.- E eles também conversam...          INF.- É raro, né, só quem é da cultura mesmo, quem é descendente de alemão, tem avós que vieram de lá que conversam. Entre eles só.          INQ.- Italiano tem também?          INF.- Eu nunca vi.          ((A propósito da questão 14: INQ.- <u>Árabe</u> você vê também, conversando?          INF.- Aqui não, já vi no Paraguai.          INQ.- Mas aqui não?          INF.- Não.          INQ.- Alguma palavrinha você guardou?          INF.- Não, nada.          INQ.- Então aqui, você não vê árabe conversando em lugar nenhum.          INF.- Conversando, não.</p>
13	<p>((A propósito da questão 005: INQ.- Essas pessoas de fora seriam de onde?          INF.- De fora tem bastante aqui do Salto, né, o Paraguai aqui, tem Curitiba, de vez em quando até holandês tem turismo aqui. Agora deu uma parada devido a esse alta do dólar, mas sempre tem aqui alguns holandeses, né. Eh...mais frequentemente mesmo é mais o pessoal do Paraguai, né.          INQ.- Japoneses tem, ou árabes?          INF.- Japonês vem, não com muita frequência, mas vem, por que tem bastante parente também, né.          INQ.- Que mora tem também?          INF.- Que moram aqui, tem bastante.          INQ.- Árabes também?          INF.- Árabes também.          INQ.- Italianos...          INF.- Italiano...alemão, tem bastante.          INQ.- Os próprios paraguaios, argentinos, aqui na região tem também?          INF.- Paraguai tá começando agora, tem bastante gente vindo embora morar aqui, os paraguaios, né.</p>
<b>FAIXA 3</b>	
5	<p>INF.- Na cidade aqui é tudo misturado, né, tem japonês, tem tudo idioma que falar.          INQ.- Tem paraguaio, né? (inint) tem americano também?          INF.- Tem.</p>

11	<p>((A propósito da questão 005: INF.- Tem, pouco, mas tem. Nós temos a colônia japonesa, né. É a segunda do Brasil que fala japonesa aqui. Então é japonês e paraguaio. Nós temos a colônia paraguaia é aqui na Vila Velha, que nós chamamos. Temos bastante descendentes de paraguaio, e temos alguns paraguaio que mora aqui, mas a maioria são descendente paraguaio. Então se fala também o espanhol aqui, né. O espanhol e o japonês.</p> <p>INQ.- E os paraguaios, eles falam o espanhol ou falam o guarani?</p> <p>INF.- O espanhol. Entre eles, eles falam o guarani, aqui com nós e lá os brasiguaios, nós só falamos o espanhol. Então o guarani não se usa aqui, lá do outro lado, no Paraguai sim, né. Entre os mais, essa geração mais antiga, né, os novos...</p> <p>INQ.- Não falam?</p> <p>INF.- Até por que agora que o Paraguai começar a adotar no currículo escolar a exigência de se...estudar o guarani pra preservar a cultura. Até pouco...essa nova geração não fala.</p> <p>INQ.- E em árabe, aqui tem bastante árabes e mulçumanos?</p> <p>INF.- Ai, olha, aqui em Guaíra é muito pouco, tem um dois ou três. Eles vieram pro comércio até quando Guaíra começou a se desenvolver, eles vinham praticar o comércio.</p> <p>E depois, na medida que foi mecanizando, foi mecanizando a lavoura, foi diminuindo a população. Os grandes foram comprando as pequenas, as pequenas foram pro Mato Grosso outras regiões. E os descendentes de árabe procuram mais áreas que estão se iniciando, né, que estão se desenvolvendo. Aqui, hoje, nós temos aqui, predomina mais os, nós chamamos o...o (?=vergueiro).</p> <p>INQ.- Os árabes não são (inint)?</p> <p>INF.- Não são, eles preferem um comércio que ofereça uma mercadoria, sempre o pequeno, né. Procuram na área que está começando a desenvolver.</p> <p>INQ.- Pensei que aqui tivesse bastante árabe, então não tem.</p> <p>INF.- Não tem. A senhora vai encontrar aí talvez umas duas ou três famílias.</p> <p>INQ.- Esse pessoal que fala o espanhol aqui, fala um espanhol diferente daquele falado na argentina? O senhor percebe alguma diferença?</p> <p>INF.- Tem um pouco de diferença no dialeto, mas não é muito. Até poucos dias, nós tivemos lá em Buenos Aires, eu tive percebendo inclusive, que a diferença é pouca. Nós temos "currentino" que eles fala, que é lá aquele argentino que ele vive mais na fronteira com o Uruguai, né, ele tem um dialeto bem idêntico com o do Paraguai, né. Parecido com o guarani. E em Assunção já é um espanhol misto com o italiano né, então eles mistura um pouco o espanhol com o italiano.</p> <p>INQ.- Então que língua falam esses que falam diferente? O senhor me disse que tem o japonês e o espanhol.</p> <p>INF.- E o espanhol, nós não temos, o italiano aqui uma pequena colônia de italianos aqui, acho que também eles tão aos pouco, a nova geração tá abandonando, num se fala mais a língua italiana.</p> <p>INQ.- Mas aqui em Guaíra eu posso encontrar ainda pessoas falando em italiano ou não?</p> <p>INF.- Não, não se pode. Até por que os pioneiros, os italianos mais antigos foram desaparecendo.))</p>
17	<p>INF.- Japonês, em alemão. Em... japonês e alemão, é o que tem mais, né, e o espanhol e o guarani. Que a cidade mesmo, a nossa Vila Velha aqui, os filhos dos paraguaios, falam muito em guarani ainda, os mais velhos, os mais novos então não aprenderam. Por que o guarani na verdade, é uma língua oficial no Paraguai, então hoje as crianças estudam o guarani na escola. Tem muito brasileiro, né, que mora no Paraguai, então os filhos estão nascendo e estudando no Paraguai, então eles vão aprender.</p>

	<p>INQ.- Aprende lá.</p> <p>INF.- Lá. Então aqui a gente ouve muito o guarani entre as famílias mais antigas de filhos de paraguaios.</p> <p>INQ.- A gente vê as pessoas falando em árabe aqui também?</p> <p>INF.- Vê também por que apesar de ter poucas famílias descendentes de árabes aqui, deve ter umas quinze famílias, mas os árabes começaram a vir por causa do comércio de Salto de Guairá e eles tão, uma grande parte deles tão residindo aqui. Então, volta e meia a gente depara com eles conversando em árabe.</p>
--	---

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

<b>TEMÁTICA 3 - Pensamentos e crenças a respeito do comportamento social dos falantes</b>	
	<b>(012) Comparando essas línguas: espanhol paraguaio, árabe, japonês, guarani, italiano, alemão, quem fala melhor? Por quê?</b>
INF	<b>FAIXA 1</b>
1	<p>INF.- Fala melhor? Acho que a paraguaia, né, Paraguai tem três tipo de língua, né.</p> <p>INQ.- Eles falam melhor?</p> <p>INF.- Fala melhor.</p>
7	<p>INF.- Ah, o alemão.</p> <p>INQ.- Por que você acha que ele falaria melhor?</p> <p>INF.- Eu acho que o povo alemão é mais politizado que o paraguaio, que nós mesmos aqui, acho que prega mais estudos, lê, mais leitura, então ele falaria melhor.</p>
13	<p>INF.- Ah, eu creio...que assim, a...pronúncia perfeita, por que o espanhol ele aproxima do brasileiro, né. Então não creio que seja um idioma muito difícil de se aprender. Agora, na minha opinião, a língua, também a gente (inint) os americanos, né.</p> <p>INQ.- Ah, tem aqui na região também.</p> <p>INF.- Aqui na região tem. Inclusive eu acho que é uma das línguas mais bonitas que eu acho é o...</p> <p>INQ.- O inglês.</p> <p>INF.- O inglês.</p>
	<b>FAIXA 3</b>
5	<p>INF.- Olha, isso é duro de dizer. Na minha opinião, se o...por que o alemão aqui, por que o alemão tem um problema, que nem...tem a parte mais do sul que fala o alemão misturado também, um alemão com alemão, eles falam uma coisa um si entende o outro, são meio misturado. Vejo pela minha esposa, né. Ela conversa o alemão com qualquer um e tem alemão que ela não consegue entender e nem ele consegue entender, são misturado. Agora o que é mais, mais completo que eu vejo, num sei (inint) assim, que eu não tenho muito contato, o que eu vejo que eles falam melhor mesmo, é o...guarani entre eles lá. Dá pra você vê que eles falam bem.</p>
11	<p>INF.- Eu creio que o mais fácil pra se aprender, assim, na prática, pra não ter que.... ir prum banco de escola, eu acho que o espanhol e o italiano. E até o italiano, eu falo alguma coisa no italiano também. Às vezes se junta, começa a quere falar, e às vezes enrola, pra brinca, eu digo: "Me paralo tanto, capiso mi iente". Acho que o espanhol, né, o mais fácil de nós que somos descendentes de portugueses, até por que tem muita palavras que são as mesmas, né. Tudo que termina com "de" é a mesma, "cidade, felicidade" só é mudo, o "d" mudo.</p>
17	<p>INF.- Ah, eu acho que entre essas línguas todas, o italiano e o inglês, né. Italiano tem uma pronúncia muito bonita, a expressão da fala. Japonês não, japonês, começam a falar, eles fazem muito, gesticulam, então, acho complicado. O italiano é mais claro, né, pra nós é mais claro porque é uma língua bem latina, né, e eles, se conversar devagar, a gente consegue entender melhor. Acho uma língua, né, tô vendo a beleza da fala. O inglês a gente tem paixão pelo inglês, desde moleque a gente assiste filme no cinema</p>

	e...mesmo com legenda a gente morre de... toda criança, mesmo não sabendo falar inglês, começa a enrolar a língua pra fazer que tá falando inglês, então o inglês dominou mesmo a coisa e é uma língua bonita, né, eu acho.
--	---

<b>(013) E quem fala pior? Por quê?</b>	
INF	FAIXA 1
1	<p><b>INF.- Ah, português.</b>  <b>INQ.- Você acha que quem fala português fala pior.</b>  <b>INF.- Nós mesmo fala tudo errado.</b>  <b>INQ.- Ah, mas conseguindo se comunicar está bom, né.</b>  <b>INF.- Eh, isso é.</b></p>
7	<p><b>INF.- O paraguaio.</b>  <b>INQ.- Por quê?</b>  <b>INF.- Acho que... o paraguaio é um povo descendente de indígenas, né, eles não têm muito o privilégio de tá lendo, tem que sempre tá trabalhando pra corre atrás, então, acho que eles fariam pior de todos.</b></p>
13	<p><b>INF.- Acho que o que mais falha mesmo, acho que o próprio português, né.</b>  <b>INQ.- Tem alguma razão pra isso?</b>  <b>INF.- Ah, acho que a questão mais de cultura, né, cultura do nosso país, é, os meios, os modos que as escolas nos ensinaram de base,né. Não tem tanto, como os países mais desenvolvidos têm essa preocupação, né, de desenvolver mais idiomas, ter mais idiomas, a pessoa fica um pouco mais culta, né.</b></p>
FAIXA 3	
5	<p><b>INF.- Acho que o pior é o brasileiro.</b>  <b>INQ.- Tem alguma razão pela qual o senhor acha?</b>  <b>INF.- Depende de setor, de região, né. Por que você chega aqui, em Guaira, você vê um português misturado que a pessoa pronuncia uma coisa, você chega na parte do Norte lá, Nordeste ali, na nossa região, Minas Gerais, que nem esses dias mesmo, nós tava comentando em casa, muita coisa que cê fala ali, lá em Minas Gerais, é que nem meus filho que é criado, a mesma coisa que fala lá, eles não entende e eles conhece por outro nome, então é diferente, pelo jeito de pronunciar as palavra corretamente.</b>  <b>INQ.- Às vezes usa até palavra diferente.</b>  <b>INF.- Diferente. Tudo deferente.</b>  <b>INQ.- Então o senhor acha que num conjunto então, quem fala pior são os brasileiros.</b>  <b>INF.- Os brasileiros.</b></p>
11	<p><b>INF.- O guarani. Eu tenho visto eles falar lá, os espanhóis ali, a gente percebe que o guarani é bem mais complicado, né. Mais difícil até que o...japonês.</b></p>
17	<p><b>INF.- Pior? Poxa vida, quem fala pior acho que é japonês, japonês é complicado. Se japonês falar um pouquinho fechado e mais rápido...</b>  <b>INQ.- O senhor acha que essas línguas são bonitas?</b>  <b>INF.- Eu acho que as línguas são, é questão só de adaptação de costumes, né. Mas o brasileiro, o guairense não gosta muito da língua alemã. O alemão é muito, acho que é até mais feio que o japonês para os nossos ouvidos, entendeu? O japonês é aquilo (inint), o alemão (inint) arrasta muito, tem muitas letras....como é que fala? Tem palavras compridas demais, né. A língua alemã pra o nosso ouvido é a língua que menos agrada mesmo.</b>  <b>INQ.- E qual que o senhor acha mais bonita?</b>  <b>INF.- Mais bonita é o português (risos). Língua portuguesa bem falada, quando cê ouve um discurso ou mesmo uma palestra de pessoas preparadas que sabem falar o português, que sabe coloca as palavra no seu devido lugar, não precisa falar palavras difíceis, né, mas que sabe colocar, eu acho o português maravilhoso.</b></p>

<b>(020) Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas de que falamos? -</b>	
INF	FAIXA 1
1	<b>INF.- Acho que o português.</b>
7	<p><b>INF.- Bom, que falam alemão, eles são alemães, né, então eles vão saber a língua deles, né, só que acho que falam melhor que nós.</b>  <b>INQ.- Por que você acha isso?</b></p>

	<b>INF.- Pelo mesmo que falei dos paraguaios, cultura europeia está bem mais avançada que a nossa, então eles têm o costume mais de ler, de aprender, de se estruturar melhor para vida.</b>
13	<b>INF.- Eu acho que devido a ser uma língua diferente, a pessoa se esforça mais, né, ela busca aperfeiçoar melhor, tanto o sotaque, como aperfeiçoar o melhor que pode, né.</b>
	<b>FAIXA 3</b>
5	<b>INQ.- O senhor acha que fala melhor quem fala o português ou uma língua estrangeira?</b> <b>INF.- É duro de eu dizer pra você que o estrangeiro fala melhor por que a gente não, não entende, né, então, às vezes ele tá falando uma coisa errada e você acha que tá certo.</b>
11	<b>INF.- Eu acho que o que fala o português. Até por que a gente não, não tem condições assim, de analisar, né, por que a gente não estudou aquela língua, a gente fala por que forçada, decora, fala, mas é o português, pratica melhor aqui.</b> <b>INQ.- E quem fala pior?</b> <b>INF.- Eu acho que o alemão que...que tem alguma descendência alemã, descendente de alemão tem aí, me parece que... assim, a grosso modo, os que falam mais dificuldade, né. Até por que eu acho que eles quase não usam falar a língua alemã na casa, né, só quando vão numa festinha, quando se juntam, depois que tomam um pouco de shop, né, daí eles...então parece que eles tem um pouco mais de dificuldade.</b>
17	<b>INF.- O que fala o português, eu acho que fala melhor. Porque é aquilo que eu disse, o português tem clareza, né, mesmo o japonês que fala o japonês e hoje convive aqui e falar o português, eles entendem muito melhor a nossa conversa. O português é uma língua clara, desde que se queira falar com clareza, por que também se quiser falar disfarçado na frente do japonês, ele também não vai entender nada.</b>

	<b>(021) Essas línguas são feias ou bonitas?</b>
INF	<b>FAIXA 1</b>
1	<b>INF.- Eu prefiro mais o português. Mais língua portuguesa, aquela língua, outras língua é mais esquisita.</b> <b>INQ.- Estranha.</b> <b>INF.- Não conhece as língua também, né, eu que era pra ter estudado mais, cabeça num estudou mais.</b> <b>INQ.- Mas ainda dá tempo, você é novo.</b> <b>INF.- Dá tempo.</b> <b>INQ.- Mas dessas línguas desse pessoal que vem de fora, qual língua você acha que seria mais feia?</b> <b>INF.- Mais interessante, você tá falando?</b> <b>INQ.- Mais interessante e também, qual seria mais feia?</b> <b>INF.- Paraguai acho mais feia. Agora a língua americana acho mais bonita. Até as música é mais bonita.</b>
7	<b>INF.- Bonitas.</b>
13	<b>INF.- Pra mim, eu me interesso, eu sempre busco tá conhecendo alguma coisa.</b> <b>INQ.- Mas você acha que são feias ou bonitas?</b> <b>INF.- São bonitas.</b>
	<b>FAIXA 3</b>
5	<b>INF.- Eu acho bonita. Eu acho muito bonito o inglês e o espanhol, bem falado eu acho muito bonito.</b>
11	<b>INF.- Olha, eu acho que o guarani, pra quem escuta, parece sê mais bonita, apesar de que é a maneira deles acentuarem, por exemplo "Itaipu" é guarani, né, quer dizer em guarani, eles usam com pouca letra, eles consegue eh, completar o raciocínio deles. "Itaipu" em guarani, quer dizer a pedra que canta.</b> <b>INQ.- Então o senhor acha que essa é a mais bonita e qual seria a mais feia?</b> <b>INF.- A mais feia é italiana, né.</b> <b>INQ.- Por quê?</b> <b>INF.- Tem algumas coisas que interpretada pelo, pelo sotaque português, né, o italiano tem algumas coisas que dá a impressão assim que são palavras feias, né. Por exemplo "vaca", não, alemão, alemão. Alemão, eu tô confundindo. Alemão, o italiano nasceu (inir</b>
17	<b>((A propósito da questão 12: INF.- Ah, eu acho que entre essas línguas todas, o italiano</b>

	<p>e o inglês, né. Italiano tem uma pronúncia muito bonita, a expressão da fala. Japonês não, japonês, começam a falar, eles fazem muito, gesticulam, então, acho complicado. O italiano é mais claro, né, pra nós é mais claro porque é uma língua bem latina, né, e eles, se conversar devagar, a gente consegue entender melhor. Acho uma língua, né, tô vendo a beleza da fala. O inglês a gente tem paixão pelo inglês, desde moleque a gente assiste filme no cinema e...mesmo com legenda a gente morre de...toda criança mesmo não sabendo falar inglês, começa a enrolar a língua pra fazer que tá falando inglês, então o inglês dominou mesmo a coisa e é uma língua bonita, né, eu acho.))</p> <p>((A propósito da questão 13: INQ.- O senhor acha que essas línguas são bonitas? INF.- Eu acho que as línguas são, é questão só de adaptação de costumes, né. Mas o brasileiro, o guairense não gosta muito da língua alemã. O alemão é muito, acho que é até mais feio que o japonês para os nossos ouvidos, entendeu? O japonês é aquilo (inint) o alemão (inint) arrasta muito, tem muitas letras....como é que fala? Tem palavras compridas demais, né. A língua alemã pra o nosso ouvido é a língua que menos agrada mesmo.</p> <p>INQ.- E qual que o senhor acha mais bonita? INF.- Mais bonita é o português (risos). Língua portuguesa bem falada, quando cê ouve um discurso ou mesmo uma palestra de pessoas preparada que sabe falar o português, que sabe coloca as palavra no seu devido lugar, não precisa falar palavras difíceis, né, mas que sabe colocar, eu acho o português maravilhoso.</p>
--	---

	<b>(039) Dessas culturas que a gente já falou aqui, tem algum desses daí que você teve algum desentendimento?</b>
INF	<b>FAIXA 1</b>
1	<b>INF.- Não, de jeito nenhum.</b>
7	<b>INF.- Não.</b>
13	<b>INF.- Por enquanto não.</b>
	<b>FAIXA 3</b>
5	<p>INQ.- Com qual deles o senhor sente que a amizade é mais sincera? INF.- Hoje mudou muito, né, mas o japonês de mais antigamente, de uns vinte anos atrás, eh, os japonês mais velho, o que eles falou, cê pode acreditar. Agora, já os mais novos, já mudou a época, então entrou naquele ritmo mais malandrão, né, e então... INQ.- Mas então dessas variedades dessas línguas todas aí, o senhor acha que a mais sincera seria... INF.-... ah, eu acho que com japonês, japonês olha, nunca tive problema de negócio olha, com nenhum deles. Os outros já me deram pra trás... INQ.- Paraguai? INF.- Não, paraguai também não, nunca tive, nunca tivemos problema, agora com as outra raça... INQ.- O americano... INF.- Ah, (inint) tudo já aconteceu... INQ.- O brasileiro. INF.- Brasileiro também.</p>
11	<p>INF.- Não, a gente que é político, é natural, é normal que tenha algum desentendimento, oposição. Isso aí é...quando a oposição é sadia, ela ajuda, né, mas às vezes ela é maldosa, ela quer denegrir, né. INQ.- Mas aí não depende da raça deles. INF.- Não.</p>
17	-----

	<b>(040) Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?</b>
INF	<b>FAIXA 1</b>
1	<p>INF.- A brasileira. INQ.- Você acha que o brasileiro ficaria, seria mais sincero, desses outros aí... INF.- Eu acho que não por que a maioria dos povos assim, se você caça confusão com um, é meio traiçoeiro, né, você conhece um aqui, outro vai "ah, vô pegar ele". brasileiro não, se ele for pegar ocê, ele pega na cara, né. "Vô pegar ele" pega na cara.</p>

	INQ.- Não é nas costas. INF.- Não, brasileiro não espera não.
7	<b>INF.-</b> Acho que o paraguaio. INQ.- Por que você acha isso? INF.- Ah, por ele sempre tá me ajudando, né, ele, particularmente ele, sempre tá me ajudando, eu também, sempre ligo pra fazer alguma coisa.
13	<b>INF.- Eu acho que mais o japonês, né por que quando eles fazem amizade, eles levam a sério mesmo. Você pode confiar cem por cento, né. Os espanhol, acho que os dois, o japonês e o espanhol mesmo.</b>
	<b>FAIXA 3</b>
5	INF.- É duro de dizer, o paraguaio ele é muito bom, ele é muito honesto, só que o paraguaio, ele faz um, uma coisa pra você sempre com a intenção de recebe algo em troca. Não é que nem eu faço alguma coisa pra você, mas num tô pensando lá na frente se você vai me retribuir. E o paraguaio não, ele te faz, ele te carrega hoje, você, a vontade, só que ele depois, ele não procura, mas ele faz com a intenção de recebe algo depois. INQ.- A amizade mais interesseira seria o... INF.- O paraguaio, mas são gente boa, se você não retribuí eles também, eles num faz nada pra você, a amizade deles é a mesma coisa, só que a gente sabe como que funciona eles, né, eles faz pra você, pensando lá na frente.
11	INF.- De todos? INQ.- É, de todos eles aí, japonês, guarani, paraguaio, italiano... INF.- Japonês. Japonês ((interrupção para atender o telefone))
17	INF.- Será que o japonês? O japonês quando gosta de você pode...você não pode pisa na bola com ele, mas acho que com qualquer pessoa, né, então eu acho que o japonês mais leal, sincero, mais coisa numa amizade do que as outra raça.

	<b>(041) Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?</b>
INF	<b>FAIXA 1</b>
1	<b>INF.- Paraguaio.</b> <b>INQ.- E por quê?</b> <b>INF.- Trabalhei...vô fala pro ce, traiçoeiro por que, paraguaio é assim, se você caça confusão com um e você é brasileiro, você caça confusão com todos.</b> <b>INQ.- Entendi, então eles são unidos entre eles.</b> <b>INF.- Entre eles.</b> <b>INQ.- Mas então, desses outros povos, fora o brasileiro, tem algum que você acha que ofereça uma amizade mais sincera, mais verdadeira?</b> <b>INF.- A brasileira eu acho.</b> <b>INQ.- Só brasileira, outra então não será sincera?</b> <b>INF.- Não, por que a religião dos outro povo eu não conheço, né.</b>
7	<b>INF.- Acho que desses meus amigos, acho que nenhuma.</b> <b>INQ.- E se viessem dessas culturas que a gente falou. Alguém que mesmo que você não conhece a pessoa, já ficaria desconfiado.</b> <b>INF.- Acho que nenhuma.</b>
13	<b>INF.- Bom, que a gente saiba assim não, mas a gente nunca sabe.</b>
	<b>FAIXA 3</b>
5	INF.- Não, com nenhum, nunca briguei com nenhum.
11	INF.- Italiano. INQ.- E por quê? INF.- Ah, porque pessoa a gente sente, né, porque italiano ele é muito apegado no que é dele só, né, e quando ele procura alguém por interesse, interesse em levar vantagem.
17	INF.- Ah, esse os árabes, né. ((interrupção para atender o telefone))

Fonte: Base de dados do Projeto CAL

<b>TEMÁTICA 4 - Da conveniência ou não do uso em público e do ensino das línguas faladas na localidade</b>	
	<b>(025) Na igreja, no templo religioso, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)?</b>
INF	<b>FAIXA 1</b>
1	<p>INF.- Ah, eu acho que não, né, (inint) na igreja evangélica, que o pastor sempre (inint) outra língua, né, começa a falar, né, a língua do espírito santo, né, mas uma língua diferente, você não entende.</p> <p>INQ.- E dessas línguas que a gente está falando, você acha que eles deveriam também ler e falar nessas outras línguas?</p> <p>INF.- Ah, deveria falar, né, pra gente entender, por que a gente não entende. Pra gente entender também, eu acho certo.</p> <p>INQ.- Então você acha que o padre deveria também rezar a missa em espanhol, alemão...</p> <p>INF.- Acho, acharia....</p>
7	<p>INF.- Depende do...se tiver pessoas que, assim, fosse de outra cultura, não soubessem o que fala o português, como fica, aí poderia até falar, não necessariamente ele, um intérprete, né. Alguma coisa assim.</p>
13	<p>INF.- Eu acho que ficaria difícil por que as nossas próprias cultura são junta, né, num, então japonês já tem lá suas igrejas, né, os próprios alemães procuram frequentar a que agrada mais. Então acho que estamos aqui no Brasil seria normal a língua do país, né</p>
	<b>FAIXA 3</b>
5	<p>INF.- Não, eu acho que só se tivesse um grupo grande, na igreja, que tivesse, vamos supor, uns cinquenta por cento que....muitos que nem na, na parte do alemão mesmo, que nem agora, de uns dez ano pra cá, que nem na igreja que minha esposa fazia parte, eh....os trabalho tinha uma parte de manhã, que era só em alemão. Por que tinha muito as pessoas mais de idade que eles não conseguiam entender o português. Eles só entendiam o português por que o filho sabia o português, conversava com ele, em alemão, explicando, então eles não sabiam, o pastor falava lá na igreja, eles não conseguiam aprender, então tinha essa parte que eu tô dizendo. Tinha o culto de manhã, era só aqueles alemão mais de idade, da igreja que não entendia o português. Mas depois que foram morrendo ou aprendendo, aí acabou. Hoje a igreja é normal no português.</p>
11	<p>INF.- Ah, eu acho que dependendo da população que ele tá, que ele tá convivendo, né, se na hora da missa ele souber que tem uma parte que participa da missa ali e é descendente de espanhol, acho que seria interessante, mas pelo contrário não, nós temos essa particularidade aqui, nós estamos na fronteira com países espanhol, mas isso aí na, em Palotina, por exemplo, é só italiano e alemão, então você vai falar em espanhol, ele não vai entender nada. Eu acho que tinha que ir de acordo com os fiéis que ele tá trabalhando, né. (inint) que é certeza que toda missa que se celebra aqui, tem descendente de espanhol, isso daí é certeza.</p>
17	<p>INF.- Ah, não. Pelo seguinte, a missa ela é oficiada em latim em antigamente, e o fiel católico aceitava, mesmo sem entender nada. Você vai participar dum culto sem saber nada que tá falando? Eu sou contra de no Brasil, em officiar um culto religioso em outra língua que não seja a nacional. A não ser se tiver um culto fechado pra membros, pra membros japoneses ou alemães. Nós fomos membros de uma cooperativa japonesa, da Cooperativa Agrícola de Cotia, predominante os associados japoneses, foi fundada numa cidade do interior de São Paulo, Cotia e é uma colônia de japonês, japonês no Brasil. Meu pai foi delegado dessa cooperativa uma vez, então quando ia nessas reuniões em Londrina, eles falavam o tempo inteiro em japonês e só traduzia em português, aquilo que interessava pra eles, pra que o brasileiro pudesse entender. Então, os brasileiros não gostavam disso. Aqui tem essa AVEB que é uma empresa holandesa e que o diretor era alemão, a maior preocupação dele era falar o português, então sempre ele tinha a menina tradutora do lado dele, ele fazia questão de falar português e às vezes, quando ele sentia dificuldade, ela o ajudava. Então as empresas estrangeiras que lida com o brasileiro, tem que falar a língua portuguesa. A não ser que</p>

	seja uma reunião de trabalho, mas nos cultos religiosos, tem e que sê o português, porque a maioria dos membros hoje, são brasileiros, então não teria nem razão de tá lá falando lá metade dum culto em japonês, metade do culto em português só pra complica o raciocínio.
	<b>(026) A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?</b>
INF	<b>FAIXA 1</b>
1	<b>INF.- A paraguaia, estamos perto, a língua argentina também, né, é bem mais perto. Agora outras língua é muito longe, os país muito longe, pra quê, nós mesmo que é nós, num vai pra outros países, né, tinha que aprender os país que tá perto, país muito longe, pra quê?</b>
7	<b>INF.- Olha, o alemão, o próprio guarani, por que é do lado aqui o país né, então devia prestigiar eles, né. O alemão, o guarani, o japonês, acho que principalmente japonês que são daqui, né, a maioria muita gente vai pro Japão trabalha, né, vai sem saber nada, né. INQ.- Aqui tem muito japonês? INF.- Tem bastante japonês.</b>
13	<b>INF.- Ai, devido a...até mesmo a globalização obriga, né, até mesmo alguns colégios aqui já incluíram até a disciplina, né. INQ.- Quais seriam as línguas? INF.- Seria o inglês e o espanhol. INQ.- A critério da escola... INF.- Do aluno. Já teve, não sei nos colégios particulares, mas no estadual aqui, está sendo assim, então é uma opção a mais pro aluno, interessante. INQ.- Mas das outras línguas, o guarani, o japonês, você acha que alguma delas deveria também ser incluída na escola? INF.- Eh, seria interessante pela nossa região, né, aqui em Guaíra, mas o básico mesmo que acho que toda escola deveria ter, seria o inglês, o espanhol, lá o alemão ou uma outra língua, né. Três línguas eu acho que já seria ideal.</b>
	<b>FAIXA 3</b>
5	<b>INF.- Eu acho que seria muito bom, viu. INQ.- Tem alguma razão... INF.- Ainda mais o... alemão e o português e japonês, por que você pega a parte do Sul aqui, (inint) Rondon, (inint) pra lá pego a parte do Sul, você forma praticamente, sessenta por cento são de origem de alemão, essas coisa assim. Então eu acho que devia de falar. E num ponto eu acho que era bom por causa de, a pessoa querer ir trabalhar lá fora, ele ter a facilidade de...poder entrar em qualquer lugar e trabalhar, né. INQ.- E no caso aqui, da cidade, o senhor acha que melhoraria, as pessoas poderem falar guarani... INF.- Eu acho que a fronteira era muito bom, todo mundo saber, viu.</b>
11	<b>INQ.- A escola deveria ensinar o guarani, o japonês... INF.- Eu acho que não. Isso aí é um tempo que vai se perde sem (?=serventia). Eu acho que se a pessoa tá na escola, ele não deveria perder tempo...a não ser que ele tenha interesse em morar ou trabalhar num país, aí teria que procurar uma escola particular, aí seria mais fácil até pra ele aprender. Interesse de ir pro Japão por exemplo E acho que o professor não deveria (inint) pra estudar uma língua que comercialmente não tem muita, o inglês a gente sabe que o país que a gente mais comercializa. ((A propósito da questão 24: Eu acho que até é uma necessidade, eu acho que até deveria se incluir no currículo escolar, o espanhol, por que hoje, nós sabemos que o espanhol é a segunda língua do mundo. Nos Estados Unidos, ao menos que se comenta, quinze por cento da população são espanhóis, eu eh...tanto que eu tenho filho que viaja muito pros Estados Unidos, fala muito bem o espanhol, que ele se criou aí. Ele tem dificuldade no inglês, né, ele comenta que a gente sabendo espanhol, se defende em qualquer lugar do mundo, até por que os espanhóis que dominava tudo essas regiões, né.))</b>
17	<b>INF.- O espanhol e o inglês. Ah, o espanhol porque hoje, primeiro que nós estamos na América do Sul, onde só o Brasil fala português, as demais...países da América do Sul, só o Brasil que fala português. Então, acho que o espanhol deveria ser uma língua oficial no convívio escolar porque é fácil de aprender, acho que até ajudaria a melhorar</b>

	<p>o ensino do português, porque o espanhol é muito bonito a pronúncia. Eh, você falando qual eu acho mais bonito, o espanhol é muito bonito, a pronúncia. E mesmo nós que estamos aqui, na fronteira do Paraguai. Então, acho que o espanhol deveria ser incluído como oficial no currículo escolar. Recebemos gente desses países todos vizinhos nossos, Argentina, Bolívia, Chile, agora que nós somos um país do tratado do Mercosul e isso precisa ser cada vez mais ampliado e expandido. Inglês deveria ser só pra quem faz a opção de estudar inglês porque olha, é uma tragédia pros nossos alunos fazer uma prova de inglês, né.</p> <p>((A propósito da questão 029: Guarani? Eu adoro o guarani. Primeiro que o guarani, é o tupi guarani é a nossa língua nativa que o Brasil também devia não deixar morrer. Acho que uma língua que podia ser implantada no currículo brasileiro é o guarani, é o tupi.))</p>
--	--

	<b>(027) Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?</b>
INF	<b>FAIXA 1</b>
1	<p>INF.- Fora a paraguaia e a argentina?</p> <p>INQ.- De todas as línguas que a gente falou, do árabe, do alemão, do italiano, do japonês...qual dessas, também do espanhol e guarani....</p> <p>INF.- Americana. Eu acho que a língua mais, mais bonita, né (inint) (ruídos externos).</p> <p>INQ.- Dessas que você tem contato, teria uma outra?</p> <p>INF.- Brasileira.</p> <p>INQ.- Mais alguma? Italiano, espanhol, alemão...</p> <p>INF.- Não, italiano não. Francês é uma língua bonita, né.</p> <p>INQ.- Japonês você não teria interesse?</p> <p>INF.- Não.</p>
7	INF.- Eu gosto bastante do alemão.
13	<p>INF.- Que nem eu digo, aperfeiçoar, né, falar, a gente fala um pouco de tudo, mas aperfeiçoar mesmo eu gostaria mesmo na parte de inglês.</p> <p>INQ.- Guarani você teria interesse...</p> <p>INF.- Teria interesse, mas como eu te disse, a postura facial, eles conversando, eu acho muito estranho.</p> <p>INQ.- Você acha feio?</p> <p>INF.- Eu acho feio, esquisito.</p>
	<b>FAIXA 3</b>
5	<p>INF.- O espanhol.</p> <p>INQ.- Por quê?</p> <p>INF.- Por que sei lá, eu me dou muito certo com essa língua.</p> <p>INQ.- Consegue entender alguma coisa?</p> <p>INF.- Entender, eu entendo alguma coisa, agora pronunciar, se eu tiver no meio deles, se eles tiver conversando, aí eu entro no meio e consigo, agora eu particular chegar e começar. Começa é difícil, mas depois que você entro no meio, aí vai embora.</p>
11	<p>INF.- Não, eu, na verdade eu gostaria de melhorar o espanhol, né.</p> <p>INQ.- Italiano também não gostaria?</p> <p>INF.- Também não. Minha esposa é descendente de italiano, quando era criança, só viemos pra essa região aqui (inint) já deve ter esquecido tudo.</p>
17	<p>INF.- Ah, eu gostaria, assim, gostaria de ter aprendido o árabe por causa das raízes e hoje eu tenho muita amizade com os árabes comerciantes aqui no Paraguai e eu só sei dizer "salan maleico". Não sei falar nada. Mas acho que o que me iria me satisfazer minha frustração era saber falar fluentemente o espanhol. Falar espanhol, porque com o espanhol, você se vira na América do Sul inteira, até nos Estados Unidos, se você fala em espanhol com eles, eles te entendem. Na Europa, na Itália, na Espanha, na França..</p>

Fonte: Base de dados do Projeto CAL